cmi brasil
centro de mídia independente
www.midiaindependente.org
ESCRAVIDÃO 500 ANOS
500
ANOS
GERHARD GRUBE

ÍNDICE

ESCRAVIDÃO: 500 anos - GG

por Gerhard Grube

publicado pela primeira vez em 30/08/2004 no Centro de Mídia Independente: http://www.midiaindependente.org/pt/red/2004/08/289531.shtml

Introdução:

Juros, lucro, neoliberalismo, feminismo, liberdade e democracia são nada mais que ferramentas de um processo social, cuja finalidade é obter o que escravocratas, desde os mais remotos tempos, almejam: Poder e riqueza.

Este livro é sobre os processos, muitas vezes imperceptíveis, que têm por objetivo tornar aceitável a injustiça social, ou seja, a escravidão.

Quando crianças, meu irmão e eu, morávamos em Niterói, Estado do Rio. Perto da praia, infância feliz. Os divertimentos eram muitos, praia, pescarias, pião, bolas de gude, cafifa, figurinhas etc. Estudar que é bom, quase nada e só na pancada.

Nas festas juninas é claro, balões e fogos de artifício. Então, com um caixote velho, colocado em pé, instaladas prateleiras em seu interior, e duas tabuinhas à guisa de telhado, improvisávamos uma barraquinha para venda de fogos de artifício. Coberta com papel de seda colorida e no topo uma lanterninha de papel com um toco de vela em seu interior. Tudo isso era colocado em cima de uma cadeira na calçada. E estava iniciado o negócio.

A parte mais crítica era o financiamento para a compra do estoque. Normalmente a mãe ou o pai, quando de bom humor, eram os investidores. Comprávamos bombinhas, de vários tamanhos, estrelinhas, rodinhas, traques, busca-pés etc. e ficávamos esperando os fregueses que até eram freqüentes. Nas noites quentes viam-se muitas barraquinhas semelhantes, nas ruas do bairro. Com o dinheiro das vendas comprávamos mais fogos para repor o estoque. Divertimento à beça.

O problema era que vendíamos exatamente ao mesmo preço que comprávamos, item por item.

Meu pai explicava que não podia ser assim. Dizia que tínhamos que vender mais caro, para cobrir despesas e para remunerar a nossa mão de obra. Não entendíamos. Estamos nos divertindo e ainda por cima ganhar dinheiro? Se vendêssemos mais caro do que a loja os fregueses comprariam na loja e não de nós, argumentávamos.

Não era só isso, dizia meu pai, teríamos que vender mais caro ainda, na finalidade de obter um lucro. O lucro era para provimento de eventualidades e para, reinvestido, permitir a expansão dos negócios. Poderíamos assim ter, progressivamente, uma segunda ou terceira barraquinha que seriam administradas por amigos nossos, de confiança. Ora, pensávamos, se os nossos amigos quiserem se divertir, eles mesmos

que construam as suas barraquinhas. O que tínhamos a ver com isso? Não ficamos convencidos.

Até que reembolso de despesas era compreensível, mas esse tal de lucro?

Até hoje, nunca fiquei realmente convencido disso.

Ao encerrar os negócios, é claro, sempre sobravam alguns fogos que nós mesmos então soltávamos. Apresentávamos então ao investidor (mãe ou pai) o resultado. Negativo sempre, apesar de toda a honestidade. Mas isto era perdoado e o assunto todo esquecido, rapidamente. A lição da vida real, que deveríamos ter aprendido, não aprendemos.

A vida passa e somos induzidos a acompanhar a grande "boiada" humana que, tangida por uma varinha misteriosa e invisível, nos leva a fazer tudo o que todos fazem. Vai-se a inocência de criança. Seguimos todos, as mesmas trilhas, com os mesmos objetivos, com os mesmos conceitos. São as ações e a mente, globalizadas.

Uma vez ou outra paramos e pensamos para nós mesmos: "Será que tudo não poderia ser diferente? Será que tudo que aprendemos está correto? Será que as verdades que aprendemos, são todas elas verdadeiras?" Por que não questionar assuntos, considerados por todos como líquido e certo, só para ver o que acontece? Por que não ter uma opinião diferente?

Às vezes vemos multidões inteiras fazendo algo, sem nexo, ilógico e até ridículo, e aceitamos, sem pensar muito, argumentando: "Milhões, não podem estar errados".

Tem que ser assim?

Quantos no mundo fazem o que fazem, apenas porque são "Maria vai com as outras"?

Pensando bem, será que aquilo que meu pai falava sobre o lucro, expansão dos negócios e que todo mundo aceita como correto e irrefutável, é realmente verdadeiro?

O lucro, o sagrado lucro, o intocável lucro, está sendo a maior catástrofe para a vida neste planeta, sem dúvida nenhuma.

Por que não questionar e discutir isso um pouco mais?

Todo o sistema, leis, condutas, procedimentos, séculos de evolução da cultura e civilização, a aparente organização, não está levando a um mundo melhor. A escravidão, com nomes vários, continua existindo, nunca foi abolida. Não está sendo "A wonderful world" como afirma Louis Armstrong, em sua música.

Se o resultado é este, por que otimismo?

Os estudiosos, detentores do saber, os entendidos, com toda a sua sabedoria certeza e precisão, falando as coisas certas, não conseguem ou não querem fazer nada, para que o mundo melhore.

Se o resultado é este, por que não falar besteiras, dizer qualquer coisa?

Com toda a complexidade das organizações, códigos, tratados, associações e entidades de todos os tipos e no mundo inteiro, vemos os pobres e miseráveis sendo cada vez mais, esmagados pelos ricos e poderosos. E cada vez mais a natureza sendo devastada.

Qual então a sua validade? Para que servem?

Assim, por enquanto, no estado em que as coisas se encontram, sinto que sou perfeitamente qualificado, a criticar tudo aquilo, que não funciona como devia. Por menos entendido que eu seja, em qualquer dos assuntos. Se não funcionam, minha opinião é tão ruim quanto, ou melhor. Até prova em contrario. Uma tentativa de não ser "Maria vai com as outras".

Não ser "um entendido" dá liberdade. A liberdade da ignorância. Só alguém que desconhece um assunto qualquer pode falar dele, totalmente sem preconceito e como quiser.

Só quem não conhece o princípio da conservação da energia atreve-se a construir uma máquina que fornece mais energia do que recebe. Conhecedores não tentam.

Só quem nunca aprendeu uma profissão está apto a enfrentar, desde o princípio, qualquer tipo de trabalho.

Fui imparcial?

Nem um pouco. Nem poderia. Com tanta decepção acumulada por décadas, fui até complacente. Não usei um palavrão sequer.

Entretanto, não é possível escrever o que bem se entende e como se queira, qualquer coisa. Existem, com toda a "liberdade de expressão" tão apregoada, assuntos que são intocáveis, assuntos que estão fora de moda e assuntos que não são éticos, no conceito atual de "democracia", "liberdade" e no interesse das pessoas em geral.

Quem atrever-se a fazê-lo terá, no mínimo, o castigo de ser ignorado.

Não é permitido comentar-se assuntos desatualizados, desinteressantes e principalmente assuntos sobre os quais, num consenso mundial, "não se fala".

Hoje em dia, pode-se (e deve-se) falar sobre sexo, obesidade, tratamento de beleza, Israel, cirurgia plástica, numerologia, terrorismo, búzios, cantores, presidente dos

Estados Unidos, artistas famosos, procedimentos de auto-ajuda, dinheiro, riqueza fácil e rápida etc.

Tudo isso será absorvido avidamente, muito comentado, discutido e, certamente, rende aos protagonistas, incontáveis milhões.

Mas, não é uma constante, já foi diferente. Nem sempre foi assim.

Há não muito tempo atrás, sexo, por exemplo, era tabu. Podia falar-se muitos assuntos, menos este. Homossexualidade então, muito menos. Tinha-se tanta certeza sobre isso, como hoje em dia tem-se, justamente, ao falar-se constantemente sobre sexo e homossexualismo.

A ética, as leis, a moral, o consenso mundial de então, eram assim. Tudo era neste sentido. Qualquer opinião contrária era execrada, presa, condenada e queimada em fogueira.

E, com toda a certeza que tínhamos na época, estávamos errados.

E certos agora.

Mas, isto tudo, não é uma efemeridade?

Estamos certos agora mas, por quanto tempo?

Qual a durabilidade de estarmos certos sobre qualquer assunto, principalmente aqueles "não exatos", que não podem ser medidos com números, régua, balança e cronômetro? Os que não são química, física e matemática?

Quanto tempo permanece uma afirmação, fundamentada apenas no inconstante modo de pensar do ser humano e sujeito às reviravoltas de interesses variados?

Há alguns séculos, a principal preocupação do ser humano, era a salvação da alma, a religiosidade. Tudo girava em torno disto, quase que exclusivamente. A grande maioria vivia segundo esta idéia. O objetivo do sofrimento terreno era a vida eterna. O grande objetivo.

Quase nada mais importava. Qualquer opinião contrária era execrada condenada e queimada em fogueira. Não acreditar, ser herege, não era permitido, era impensável até.

Poucos não acreditavam. Assim, não sujeitos a uma série de restrições, espertamente, aproveitaram-se da situação. Enriqueciam e viviam nababescamente, mas sempre com aparência de religiosidade, apesar de seus atos ímpios. Reis, nobres, clero, muitos são os exemplos.

Hoje sabemos que estávamos errados. Hoje estamos certos. Será? Por quanto tempo?

Atualmente vivemos em semelhança à Idade Média.

Em toda nossa sapiência, vivemos semelhantemente a ela!

Hoje podemos falar sobre quase qualquer assunto, criticar religiões, governantes, reis, políticos, povos, culturas, amarelos, índios e negros. Apenas não podemos ser ofensivos ou racistas. Podemos contestar o Papa sem "papas na língua". Quase tudo é possível. A "liberdade de expressão" o permite.

Mas não podemos falar mal de israelitas. Isto não é permitido! Impensável! Este é um assunto que "não se fala". Consenso mundial. Nem podemos contestar suas idéias!

Quem o fizer estará mexendo em algo intocável, fora de moda e antiético. Assim como a heresia, a incredulidade, na Idade Média. Quem o fizer não será lido, ouvido, comentado, divulgado, criticado, publicado ou levado em consideração. Será ignorado, simplesmente. Mesmo quando cheio de razão.

Todo aquele que o fizer será execrado, processado, preso, condenado e queimado em fogueira. Por racismo, "danos morais" ou algo que o valha.

Mesmo que ser israelita não signifique pertinência a alguma raça ou país específico. Não existe uma "raça de israelitas", assim como não existe uma "raça brasileira" mas, mesmo assim, você será "enquadrado" por racismo. E condenado.

Estamos na Idade Média! Pouca coisa mudou!

Os Estados Unidos tem um amor todo especial pelos israelitas e israelenses. Realmente, demonstram por eles, uma preocupação excepcional, fora do comum. Por quê?

Por que gostam muito menos dos alemães, irlandeses, ingleses, poloneses, africanos e todos aqueles que formaram a sua grande massa populacional?

Por que protegem, com toda a sua força política, financeira e bélica, as ações terroristas dos israelenses contra os palestinos, tratando-as como de importância mundial e prioritária e são indiferentes a tantos outros assuntos que afligem a humanidade?

Ora, não é dito, não é falado, não é dado "nome aos bois", não é de "bom tom" dizer a verdade:

O mando, o poder, o dinheiro e, principalmente os meios de comunicações, encontram-se quase todo ele, nas mãos de israelitas. Mundialmente mas, enfaticamente, nos Estados Unidos.

Eles apenas estão atuando em causa própria. Usam o povo norte-americano (estadunidense) para atuar em causa própria. Esta é uma das verdades, entre tantas outras, que não se diz!

Tive que decidir minha posição sobre essa questão. Não que fosse escrever apenas sobre israelitas ou pichá-los sem exceção. Nada disso.

Teria que escolher entre dizer o que sinto ou, como todo o mundo o faz, quando o assunto é "intocável", citar apenas o milagre, omitindo o nome do santo correspondente. Falar às escuras. Escrever o que penso significa tocar em assuntos "que não se fala". Escrever mais agradavelmente ao "paladar" do consenso significa perder objetividade.

Consenso e verdade, entretanto, nem sempre são sinônimos.

Quem sabe um dia esta variável mude de significado? Quem sabe um dia a Terra deixe de ser o centro do Universo? Afinal a Idade Média não pode durar para sempre.

Terminei de escrever este livro, um ano após os Estados Unidos mandarem às favas, o que restava de escrúpulos e de preocupação em manter, perante a sociedade mundial, uma aparência de seres humanos. Ser humano, no bom sentido, é claro.

O pretexto foi a queda das torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York. Caminho aberto para fazerem do planeta Terra, o que bem entenderem, muito mais do que antes já faziam.

O mundo verá, e pior, sentirá, como é "American way of life", o verdadeiro, que vem se anunciado, já há algumas centenas de anos.

A máscara caiu!

Deus tenha piedade de nós!

Gerhard Grube

Curitiba, 11 de Setembro de 2002

1 - xxx Como somos

Desde cedo, a humanidade percebeu que dominar a matéria, a forma e também os seres vivos lhe traria muitas vantagens. Teve que organizar-se. Trabalhar em conjunto. Talvez sob a liderança de um chefe.

Surgiu a divisão do trabalho, a especialização, o trabalho em equipe. Cada um faz a sua parte e todos se beneficiam. Essa era a idéia inicial. Muitos animais fazem isso também. É o convívio em sociedade. Deve ser dessa época o surgimento do primeiro escravo. E até hoje é assim.

As formas e aspectos da escravidão são muitos mas, desde então, nunca mais deixamos de escravizar e de ser escravos.

Quando nos tornamos mais inteligentes compreendemos que podíamos dominar (escravizar) também outros seres vivos. Surgiram então os animais domésticos e a agricultura.

Com as máquinas, produção em massa e computadores o trabalho escravo ficou supérfluo. Poderia ter sido abandonado, mas não foi. Apenas mudou de aparência.

Sabemos todos intuitivamente, que escravidão é errado. Sempre soubemos. É errado tudo aquilo que não gostaríamos que acontecesse conosco.

Animais e plantas se pudessem escolher, não seriam meros utilitários, a serviço do homem. Para que não busquem a liberdade são aprisionados, ou convencidos de alguma forma a não fugir, as plantas, nem isso. Jaulas, cercas, alimentação, afagos, recompensas, castigos, seleção genética, força bruta e treinamento moldam vegetais e animais aos interesses humanos. Os tornam submissos escravos.

Igualmente o homem. Ou é submetido à força ou é convencido que o deve ser voluntariamente, sem muito reclamar.

Como forçar e como convencer pessoas? Grilhões, miçangas, salários, leis, bombas H, cesta básica, livre mercado, religião, contratos, tratados e televisão o ópio do povo. Está feito o escravo.

Qual o objetivo dos escravizadores? Talvez, desde o início, tenha sido apenas o que é ainda hoje: Riqueza e poder.

Milhões de índios e negros tiveram que submeter-se a esse anseio do homem "superior", "culto" e "civilizado".

Também o Brasil e todo o seu povo, índios, negros e brancos, sempre foram escravos, desde o início, há quinhentos anos. Simples utilitários das hegemonias mundiais. Continuam sendo até hoje. Apesar da aparente liberdade.

Justiça social e escravidão são antônimos.

São inversamente proporcionais. Por um pode-se medir o outro.

Ausência de escravidão só com igualdade social plena. Escravos só deixarão de existir quando deixarem de existir aqueles que promovem injustiça social: Os ricos e poderosos.

No relacionamento humano, na organização da sociedade, quase tudo que nos é incompreensível, numa visão simplista das coisas, nada mais é que imposição do sistema escravocrata que vivemos.

Alguém, tirado à força de seu meio, obrigado a trabalhar sem remuneração e impedido em sua liberdade é, sem dúvida nenhuma, um escravo. Índios e negros que o digam.

Mas nem sempre isto é tão evidente.

É difícil definir escravidão. A característica mais importante deve ser a coação, explícita ou velada. Mesmo quando não existe impedimento de ir e vir ou de fazer o que quiser.

Muitos trabalhadores recebem paga miserável por seu trabalho, insuficiente até para as mais prementes necessidades. Concordam com isso. Não têm escolha. Deles são descontados os adiantamentos que recebem. Superam em muito o que têm a receber. A dívida, em vez de diminuir, aumenta. Ficam num beco sem saída. Eles têm toda a liberdade de ir e vir e de fazer o que quiser, mas precisam pagar antes o que devem. Se continuarem trabalhando a dívida aumentará e parar não podem. Se tentarem uma fuga serão perseguidos. Pelo patrão credor e até pela lei e pela justiça. A maioria não tem coragem.

Seringueiros, carvoeiros, imigrantes legais e, principalmente os ilegais, bóias-frias e tantos outros, sabem muito bem o que é isso.

É consenso que isto seja também, escravidão.

Se fizermos uma analogia com um trabalhador que, forçado pelo baixo salário que recebe faça dívidas (cheque especial ou cartão de crédito, por exemplo), veremos que a situação não é muito diferente. O trabalhador fica num beco sem saída. A dívida supera em muito, o que tem a receber. É coagido por entidades diversas (que mantém listas de devedores e maus pagadores), pela lei e pela justiça. Só pode ir e vir e fazer o que quiser se antes pagar o que deve.

Isto no entanto, não é considerado escravidão.

Neste caso, o patrão é um (o empregador), e o credor outro (a instituição financeira). Talvez por isso. Mesmo quando, lá em cima, eles possam ser um só, a mesma pessoa.

Por outro lado, não necessariamente, o trabalhador é explorado pelo patrão. Por vezes o que recebe é insuficiente, mas justo, de acordo com o mercado de trabalho. E a dívida crescente do empregado é real e verdadeira. O livre mercado dita as regras. Exige que tudo isso aconteça. Tanto é que nem sempre o patrão fica rico. Ele próprio, muitas vezes, também é explorado. Os empréstimos que faz, os juros que paga, podem muito bem decretar prejuízos e falência. É o que acontecia com os engenhos de açúcar no Brasil. Os senhores de engenho não tinham a última palavra. Nem sobre o preço do

açúcar nem sobre os custos dos empréstimos que faziam. Eram, muitas vezes, escravos também, do sistema.

No final das contas, comerciantes e banqueiros internacionais e o "livre comércio" é que definiam que as coisas fossem desse jeito, no fim da linha. O elo mais fraco "paga a conta". No caso o escravo, ou quase escravo. É o sistema. É assim que funciona. Nada pode ser feito. Até hoje, nada mudou.

Falam sempre que a libertação da Índia foi causada pela atuação de Mahatma Gandhi, com a sua resistência pacífica. Os ingleses tendo sido forçados a devolver o país para os indianos.

Mas, na verdade o que aconteceu foi algo semelhante à libertação dos escravos, que se fez mundialmente, sendo o Brasil um dos últimos, em 1888.

Comprar escravos era custoso, um investimento enorme. E, de tanto trabalhar, morriam logo, sendo sua "vida útil" apenas oito anos. Tinham que ser alimentados e cuidados.

Muito melhor foi dar-lhes a liberdade. E então pagar aos trabalhadores "livres" um salário. Que agora poderia ser até, totalmente insuficiente para sobreviver. Problema que já não é mais do empregador. Os escravos assalariados que morrem ou ficam incapacitados simplesmente são substituídos, sem custo.

Manter uma colônia, como era a Índia, não tinha apenas vantagens. Significava também custos e compromissos. Ferrovias, estradas, hospitais, água, energia, segurança, forças armadas etc. Despesas nada insignificantes.

Nada mais lógico, que transferir essas obrigações para um governo "indiano", que seja favorável aos interesses ingleses. E manter firme em suas mãos as fontes de riquezas: pedras preciosas, minérios, áreas férteis, mão de obra barata etc.

É isso o que aconteceu com a Índia. Não se libertaram coisa nenhuma.

E também com a África do Sul do apartheid. Também "libertou-se", o governo ficou nas mãos de gente do seu próprio povo. Mas é submisso aos interesses econômicos do capital, inglês principalmente. Os sul-africanos ficaram com as despesas, os senhores de escravos com a receita.

As enormes riquezas do país estão firmes nas mãos de estrangeiros, o ouro, diamantes, minérios etc. E a miséria, só aumentou.

Liberdade que é bom, só na aparência.

Muitas atividades, plantações de fumo, criação de aves, porcos, fabricação de autopeças etc. são "cativas". A produção tem destino certo, fixado em contrato.

O produtor, por exemplo, é financiado pelas empresas compradoras, que às vezes fornece também os insumos, obrigando-se, em contrapartida, a vender seus produtos a elas exclusivamente.

Inicialmente fica-se tentado a achar que a idéia é boa, pois que soluciona o maior problema de toda e qualquer empresa: Vender o seu produto.

Isto assegurado, o que mais poderia dar errado?

Na prática, a exclusividade, a definição de preços, as condições contratuais acabam determinando uma servidão total do produtor ao comprador. Ele não sai do "sufoco" nunca, por mais que trabalhe e se esforce. Os riscos são todos do produtor. Se alguma coisa der errado é apenas ele que se "ferra". O comprador só compra.

Quem determina as condições de financiamento, preços, condições etc. é sempre o comprador. Na verdade uma escravidão disfarçada, dificilmente interpretada como tal.

O produto pode ser recusado também, a critério do comprador, se não atender às especificações estabelecidas. Quando isto acontece o produtor fica no prejuízo, não pode vender a terceiros. Nem doar, dar de graça, não é permitido. Tem que destruir e jogar fora.

Assim, alimentos e produtos vão para o lixo ou são reciclados, compulsoriamente.

Um restaurante que resolve fazer caridade, doando as sobras (não restos) de comida, é impedido de fazê-lo. Pela legislação, que enxerga nisso perda de arrecadação, um possível golpe contra o fisco e pelo "livre mercado" pois que, alimentar de graça gente que em princípio poderia pagar, "avilta" o mercado.

A lei "protege" o indigente ou necessitado: Quem ceder gratuitamente alimentos torna-se responsável por eventuais danos decorrentes.

Para não se sujeitar às sanções desta lei os alimentos são descartados. Catados então no lixo pelos indigentes, "protegidos por lei".

Assim, mundialmente, excedentes de produção, que poderiam ser carreados para países pobres, amenizando seus problemas, são dados a animais, usados como adubo, reciclados ou jogados fora, simplesmente.

Gente morre de fome, não porque não existe alimento, mas porque nada pode ser feito. É o sistema.

O Brasil sempre teve a postura de produzir o que não consumimos, soja, minérios, café, borracha, diamantes. E, invariavelmente, em mãos alienígenas, a definição de preços e financiamentos. E trabalho escravo no fim da linha.

As necessidades internas, a subsistência do brasileiro, são de importância secundária. Tratadas sempre com descaso. É muito mais importante produzir para exportar do que produzir para que tenhamos uma vida saudável. Dissimulada, a escravidão está entranhada na sociedade, nas leis e na cultura. Nem temos como reconhecê-la, na maioria das vezes. Utiliza milhares de dispositivos e disfarces.

Continuamos escravos. Apesar da aparência de liberdade. Prova disto é a desigualdade de renda neste país, injusta desde tempos remotos e piorando cada vez mais. Somos escravos, a maioria.

E alguns poucos feitores, que por pequena regalia, executam o serviço sujo, que os senhores de escravos, de delicadas mãos, acham indigno executar.

Negros, mamelucos, policiais, governantes, políticos, jagunços, militares. Investidos de autoridade pelos escravistas, espoliam, torturam e matam sua própria gente. Seu próprio povo. Seu próprio eu. Sem hesitar.

Para agradar ao senhor, mostrar eficiência, o fazem até com gosto. Deliciam-se com isso. Só assim explica-se a extrema crueldade com que tratam seus iguais.

Negros torturando negros impiedosamente, mamelucos caçando índios, policiais batendo em gente humilde, governantes e políticos defendendo apenas interesses capitalistas, jagunços matando sem hesitar a mando do patrão, militares massacrando o povo em defesa de ideologias alienígenas.

Os patrões, os grandes beneficiários, os senhores, são quase sempre pouco conhecidos ou anônimos. Escondem-se atrás de Sociedades Anônimas, entidades financeiras e multinacionais. Na maioria, estrangeiros, levam as riquezas brasileiras para fora do país, pouco se importando como o dinheiro que acumulam é conseguido, desde que seja muito e rapidamente.

Este é o resumo de quinhentos anos de Brasil. É o sistema, nada pode ser feito. Porque aceitamos que é assim que tem que ser.

Maquiavel e Frei Bartolomeu de Las Casas deveriam ser leitura obrigatória, em todas as escolas!

Por volta do ano de 1500, Maquiavel descreve, sem rodeios, como o homem, para obter e manter o poder e a riqueza deve atuar com o seu semelhante e Frei Bartolomeu, descreve o extermínio dos índios americanos, pelos espanhóis, perpetrado pelos mesmos motivos. Isto para citar episódios não muito recentes.

Lendo estes autores os jovens saberiam melhor o que esperar do mundo que irão enfrentar um dia e acreditar menos na bondade, justiça, honestidade e outras bobagens divulgadas como inerente ao ser humano.

Saberiam, desde cedo, que os sagrados objetivos do ser humano inteligente, culto, organizado e civilizado serão sempre: DINHEIRO e PODER. E que, para consegui-los, qualquer coisa é válida. Qualquer coisa mesmo!

O homem organizado domina e explora seu semelhante e, para que este não se revolte, diz-lhe para ter paciência, diz-lhe para ter confiança, como os políticos, ou fé, como os religiosos.

Promessas de campanha eleitoral (em se votando corretamente), de aumentos de salário (assim que a eterna crise passar), de soluções de problemas sociais (assim que forem liberadas verbas), do paraíso eterno (assim que morrermos) etc., levam pessoas insatisfeitas a esperar pacientemente, durante décadas. Quase sempre, inutilmente. Esperam a vida inteira por dias melhores, que nunca acontecem.

Desde pequeno escuto que as coisas não estão boas mas, com esforço, muito esforço, apertando o cinto, bastante e com paciência, muita, as coisas não deixariam de melhorar. Mas nada acontece. Nunca.

Esta técnica de "panos quentes" é aplicada por reis, magnatas, políticos, sacerdotes, industriais, latifundiários, banqueiros etc., desde tempos imemoriais, para que o homem se dobre ao seu intento. E ele ainda acredita nisso!

Quando não dá o resultado esperado, quando os oprimidos não acreditam, contestam, brigam, reclamam, os senhores de escravos radicalizam.

Subornam, corrompem, jogam Napalm, mísseis Cruiser, veneno, "agente laranja", bactérias, marketing, imprensa, propaganda, aplicam leis e choques elétricos, falam em Constituição, competitividade, livre mercado, invadem favelas, batem no MST (Movimento dos Sem Terra), prendem "terroristas", retaliam, embargam etc.

Se não for por bem, vai por mal.

Quando há tempo mais amplamente disponível então, mais sutilmente, fazem com que sejam negligenciadas a saúde, educação, alimentação, habitação, saneamento básico, aposentadoria, segurança, transporte, emprego, meio ambiente etc. conseguindo deste modo, gradativamente, que as pessoas fiquem ocupadas apenas, em não morrer; ou sejam por demais ignorantes e pobres para se rebelarem.

O objetivo é sempre o mesmo: Enriquecer e dominar.

Desaparecem, assim, ao longo do tempo, sem traumas nem alarde os índios, negros, esquimós, "chicanos", pescadores, seringueiros, pequenos agricultores, brasileiros, aborígenes etc. e suas propriedades passam, compulsoriamente e com naturalidade, a pertencer aos financistas, ricos, poderosos e famosos, quase sempre louros de olhos azuis.

Não existem responsáveis pelas tragédias humanas e também pelos desastres ecológicos. Como culpar a "democracia", "competitividade", "redução de custos", "livre mercado" se nem pessoas físicas ou jurídicas são?

Os que fazem isso são bichos, monstros alienígenas ou capetas em pessoa? Nada disso! São gente como nós. Como eu e você. Faríamos o mesmo, tivéssemos a oportunidade. Como não temos, o jeito é reclamar. Assim é o ser humano.

Destruir e matar. Recursos perfeitamente válidos. Para a posteridade, se não for possível ignorar e esquecer os fatos, é só amenizar. Ficções mostrarão como as coisas "realmente" aconteceram. Livros e filmes "educativos" sobre como o "mocinho" se esforça, para defender os mais fracos dos "bandidos", normalmente com a justiça, democracia e o amor triunfando, construirão uma nova verdade histórica. Assim, a História é alterada.

Mas como! A História pode ser construída, deliberadamente, torcendo-se a verdade?! Pode sim, com certeza.

Valorizando alguns fatos e ignorando outros. Infiltrando cuidadosamente adjetivos e mentiras difíceis de comprovar, em verdades evidentes. Repetindo "ad infinitum" mentiras até que elas se tornem verdades etc. etc. O homem é muito inventivo neste aspecto. Exemplo?

Meio século de avalanche de filmes e livros sobre os nazistas da segunda grande guerra, certamente construíram uma "verdade histórica". Foi bom para arrancar dinheiro dos "culpados" e principalmente como cortina de fumaça. Atacar é ótimo na finalidade de se defender. Desvia a atenção.

Dresden, Hiroshima, Nagasaki nada mais que esquecidos detalhes.

Quem, hoje em dia, em sã consciência, tem coragem de acusar os pobres e sofridos israelitas, de qualquer coisa? Eles aproveitam-se disso para cometer as maiores atrocidades bélicas e financeiras, no mundo inteiro. Ninguém tem mais, a coragem de reclamar. Coitados. Anti-semitismo? Cala-te boca. São intocáveis. Estão mais protegidos que os políticos brasileiros com sua imunidade parlamentar.

Falar mal de alemães e nazistas, tudo bem, o quanto se queira, mesmo que seja mentira. A liberdade de expressão garante isso. Entretanto falar mal de israelitas não pode, é racismo, dá cadeia. Mesmo que seja verdade.

Mas, por que judaísmo, islamismo ou cristianismo? O que interessa isso?

São apenas religiões. Cada um deveria poder ter a sua, livremente!

Os homens apegam-se a ela. Fazem o que bem entendem, espoliam, matam e corrompem. Atuam na maioria das vezes em desacordo aos seus preceitos. Porém utilizam-se dela como escudo, para justificar seus atos e se defender de acusações.

Cada um deveria poder escolher a religião e crença que bem entender e viver segundo ela. Faz parte do ser humano, acreditar e ter a sua convicção. O mundo não é apenas materialista. O homem tem alma, ou acredita que tem. Deveria pois existir total liberdade religiosa. E de costumes também. Mesmo quando estranhos e incompreensíveis. Mas não podem interferir, uns com os outros. Se não, a liberdade estaria sendo cerceada. Cada um na sua.

As religiões têm uma influência decisiva, no modo de atuar das pessoas. Direta e indiretamente. Sem dúvida nenhuma. Mesmo aqueles que não são atuantes e se dizem ateus, seguem os conceitos morais e religiosos embutidos na sua sociedade e nas próprias leis. É a nossa norma de procedimento. Atuamos segundo a religião muito mais do que imaginamos.

O branco europeu veio para as Américas e, baseado no seu cristianismo, escravizou e massacrou índios e negros. Suas leis, costumes e religiões, autorizavam isso. Fez e até hoje ainda faz o que se acha no direito fazer. O que a religião permite.

Autor dessas atrocidades, ele é culpado, não por sua cor, origem, religião ou costumes, mas por sua interferência em outros povos e costumes.

Não pode ele alegar estar sofrendo racismo ou perseguição religiosa para rebater críticas, afirmando estar sendo impedido de fazer o que lhe dita sua tradição. Esta argumentação seria apenas uma cortina de fumaça. Não respeitou os costumes, leis, religiões e crenças dos índios e negros, mas quer que os seus sejam válidos e respeitados.

O que interessa são os atos e as conseqüências, não os motivos e as justificativas.

Os cristãos escravizam índios e negros, os muçulmanos aterrorizam cristãos, os índios comem os brancos, os nazistas queimam israelitas e os israelitas açambarcam todas as riquezas da Terra.

Independentemente da veracidade dessas ocorrências, erram todos eles, não por sua convicção motivadora, religiosa ou cultural, mas por estarem interferindo na vida de outros povos, raças, costumes e religiões. Erram por sua intolerância. Erram por considerarem suas convicções mais importantes que a dos outros.

A crítica a seus atos é portanto válida e nada tem a ver com racismo ou perseguição religiosa (tanto alegada pelos israelitas, por exemplo).

Podemos criticar crenças, religiões e costumes quando elas são utilizadas para impor, subjugar e dominar. Como o fizeram os cristãos, católicos e protestantes, nas Américas.

Os israelitas e seu sofrimento não são mais importantes que os negros, índios, zulus, aborígenes, brancos ou amarelos e seus sofrimentos. Afirmando isso, o que é bem demonstrado pela "avalanche" de filmes que existe sobre este assunto, os israelitas estão apenas mostrando que se consideram um povo de mais qualidade, superior. O povo escolhido por Deus.

A morte de israelitas é importante. As dos outros não?

Se aceitarmos isso, temos que aceitar também, que a morte dos índios e negros, pela escravidão, é de importância menor. Temos que aceitar, as mortes em Dresden, Hiroshima e Nagasaki, como secundárias. Temos que aceitar a existência de seres superiores e ricos e também a de seres inferiores e pobres. Temos que aceitar como válida a invasão de áreas pertencentes a seres inferiores, tal como a Palestina, Afeganistão e Iraque, pelos seres superiores como norte-americanos (estadunidenses), ingleses e israelenses.

Evidentemente essa não pode ser a base de atuação!

O princípio tem que ser a liberdade, religiosa e de opiniões, a autodeterminação dos povos e a não interferência! Cada um na sua.

Este deveria ser o critério, é o que seria justo, entretanto, na prática, valem outros conceitos. Principalmente a força, o poder, o veto, o embargo, a retaliação econômica.

Os brancos nunca foram responsabilizados por seus crimes. Nem o serão jamais. São mais fortes. E são eles que escrevem a História. Os israelitas são mais fortes e também são eles que escrevem a História.

O que aconteceu e o que dizem ter acontecido não são necessariamente idênticos.

Assim é que funciona a História.

Onze de Setembro de 2001.

O mundo "caiu de costas"!

O grande Estados Unidos colheu uma leve "brisa" pelas tempestades que vem semeando há séculos! Finalmente uma reação.

Este sentimento porém pouco durou. Apenas alguns instantes.

Logo a tônica, a ênfase, foi a "crueldade" do ato. Coitadinhos dos inocentes norte-americanos!

Imediatamente os países subservientes, Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Paraguai, Brasil, o mundo inteiro, ávidos por "mostrar serviço", prenderam "terroristas". Centenas, milhares deles. Cada um querendo prender mais árabes que os outros. Com ou sem motivo. Apenas ser parecido com árabe era suficiente!

Importante era mostrar aos norte-americanos que eles, definitivamente estavam ao seu lado, com toda certeza. "Mostrar serviço"!

Coitados dos árabes!

A tríplice fronteira, Brasil, Paraguai, Argentina, um antro de terroristas! Até milícia norte-americana veio para cá. Claro sem perguntar se podia ou não. Vieram e pronto. Quem iria preocupar-se com "soberania" de "paisecos" retrógrados, numa hora dessas?

O noticiário falou de remessas de dinheiro de Foz do Iguaçu para grupos terroristas árabes, de "centrais telefônicas" clandestinas pelas quais os "terroristas" daqui comunicavam-se com os de lá. De centenas de ligações para o Afeganistão e outros países árabes. E assim por diante. E dá-lhe paulada nos comerciantes árabes desses três países, apanharam e foram torturados.

Ninguém disse que os muçulmanos, por sua religião, devem fazer caridade, obrigatoriamente e por este motivo muitos enviam dinheiro para entidades assistenciais de lá. Taxada pelos norte-americanos é claro de "grupos terroristas".

As ditas "centrais telefônicas" nada mais é que golpes que pessoas desonestas dão, para não pagar a conta telefônica. Reúnem dezenas de linhas telefônicas em um prédio alugado, vendem as ligações a preço reduzido e depois de algum tempo abandonam tudo, sem pagar as contas telefônicas acumuladas. Nem os aluguéis, também atrasados. Os credores ficam a ver navios.

A polícia e a imprensa escolheram, de milhares de ligações, as que foram feitas para países árabes. E mostraram isso nos noticiários! E dá-lhe pauladas nos comerciantes árabes! O turismo das cataratas foi quase a zero. O "Tio Sam" nem "muito obrigado" disse!

Jornais e notícias são arquivados. Servirão como fonte para futuros historiadores. Assim é construída a História!

Com as torres de 11 de Setembro, o mundo inteiro aceitou sem pestanejar o bombardeamento do Afeganistão, a luta contra o "terror", o massacre dos palestinos e aceitarão passivamente a invasão do Iraque. O mundo "autorizou" a vingança aos Estados Unidos.

Os israelitas, que sofreram muita perseguição ao longo de milhares de anos, justificada ou não, certamente alardeada e agigantada, usam agora o racismo, eficientemente, como escudo. Qualquer crítica à sua atuação na sociedade é taxada por eles, imediatamente, de racismo e anti-semitismo. Tornou-se uma arma poderosa e muito lucrativa. É só falar em racismo e tudo se acalma. Eles têm total liberdade de ação. Estão "autorizados" pela sociedade.

Como são eles os proprietários dos meios de comunicação, em todo o mundo, é essa a idéia que prevalece, é essa a opinião mundial!

Com a intensiva propaganda nos meios de comunicação o holocausto ("holos kaein", do grego, sacrifício pelo fogo) tornou-se o evento mundial mais importante do século, talvez até do milênio.

Napalm (Vietnã), fósforo (Dresden), urânio 235 (Hiroshima e Nagasaki) tornaram-se nada mais que bronzeadores de pele, se comparados com o Zyklon B dos nazistas (que nem pegava fogo).

Bem diferente foram valorizadas as mortes e deformidades de milhares de vítimas do "agente laranja" e seus descendentes (dizem que quinhentas mil pessoas), no Vietnã. Ninguém foi condenado à morte, ninguém foi indenizado e daqui a algum tempo, duvidar-se-á até ter acontecido.

Os militares que, levianamente, ordenaram a utilização deste produto desfolhante de árvores e mutilante de pessoas, estão tranqüilos (como os Estados Unidos fazem questão de mostrar) e certamente foram até condecorados pela tentativa de afastar o ameaçador "perigo amarelo".

Nem os próprios soldados norte-americanos, que manusearam ou foram atingidos por engano por este produto, estão sendo indenizados. Uma indenização seria reconhecer que sua utilização foi um erro. Seria um precedente. Milhares poderiam reclamar. E seus descendentes também. Não indenizado ninguém, nenhum crime de guerra foi cometido.

(Aproveitando a ocasião, lembramos que, em pleno auge da discussão no Brasil sobre soja transgênico, o Round Up, o mata-mato eficientíssimo da Monsanto, empresa norte-americana que criou o soja transgênico e este herbicida, utilizado em seu cultivo, é derivado do "agente laranja" utilizado no Vietnã! Dizem que é inofensivo. Só mata amarelos. O soja é pardo claro. O brasileiro é cor de burro).

Os Estados Unidos, ao jogar as bombas em Hiroshima e Nagasaki e o "agente laranja" no Vietnã, sabiam exatamente o que ia acontecer com os que foram afetados e aos seus descendentes.

Penalizaram, intencionalmente, pessoas que ainda estavam por nascer e portanto, é claro, nada tinham ver com a guerra. Este é o resultado de mentes sádicas e doentias! O prazer não é ganhar a guerra mas sim matar, matar e matar. O mais sadicamente possível. É o "American way of life".

No primeiro milionésimo de segundo da explosão, a população de Hiroshima e Nagasaki já estava morta. Mesmo que nada tenham sentido neste curto intervalo de tempo. Antes mesmo que o calor e a onda de choque os atingissem, os nêutrons já tinham danificado irremediavelmente suas células. Os que sobreviveram ao impacto morreram então, lentamente. Seus descendentes mutilados, deformados e natimortos.

No Brasil também aconteceram muitas coisas deste tipo. O antigo SPI, Serviço de Proteção ao Índio, foi extinto. Alegou-se corrupção, que grilavam as terras dos índios e para tanto matavam, aterrorizavam e distribuíam até alimentos envenenados. Cândido Rondon, deve ter se contorcido, em seu túmulo. O brasileiro não é também, "aquelas maravilhas".

O pior de tudo é que quase não houve punições. A quase totalidade dos funcionários e dirigentes passaram a fazer parte da FUNAI, Fundação Nacional do Índio. Só mudou o nome. Quantos sabem disto ou importa-se com isto?

Com o tempo, o que constará a História, sobre estes eventos?

Afinal como é que funciona a História?

Tiradentes, mártir da independência. Foi o único a sofrer o esquartejamento, punição exemplar. E o único a quem a independência do Brasil não traria benefícios. Os outros inconfidentes, todos eles, ricos e intelectuais tinham interesse direto na separação de Portugal. Não era patriotismo. Apenas vantagem financeira os impulsionava.

O ouro das minas gerais estava ficando escasso. Tornava-se cada vez mais difícil pagar a parte que Portugal exigia. Este, para manter a arrecadação, estabeleceu uma cota anual que, não atendida, teria que ser completada, pelos demais cidadãos, tivessem eles

algo a ver ou não, com a mineração de ouro. Era a derrama, extorsão pura. Os ricos não estavam gostando do andamento das coisas. Insuflaram idéias separatistas.

Quando as coisas deram errado apenas Tiradentes, o idealista, o pobre, foi sacrificado.

Mas não é isto o que, desde pequenos, nos é ensinado. Não é isto o que aprendemos nas escolas. A História é feita e refeita depois, ao critério de interesses vários, mais importantes que a verdade.

De bandido e criminoso condenado à morte, antes da independência, passou a ser herói e mártir, depois dela.

É claro, estudiosos procuram não dobrar-se a este tipo de influência, consideram a História como verdade única e imutável, um relatório fidedigno dos fatos, acompanhado da interpretação correta das motivações destes eventos.

Mas, quantos fazem isso? E destes, quantos são ouvidos?

O grito do Ipiranga foi bem diferente do que nos é dito nas escolas. Não houve luta. Não houve heroísmo. D. João VI, retornando a Portugal, gradativamente recoloca o Brasil em sua posição de "colônia". Isto acirrou os ânimos. Fizeram então um acerto.

Portugal concorda com a independência do Brasil. O Brasil assume a dívida que Portugal tem com a Inglaterra. A Inglaterra continua no comando do país e reconhece D. Pedro I como legítimo governante.

Continua tudo na mesma. Comércio, apenas com a Inglaterra. Dinheiro de impostos, que antes eram recolhidos por Portugal e repassados para a Inglaterra, agora são pagos a ela, diretamente. A exploração e a miséria continuam. A liberdade e a independência, não aconteceram. Os brasileiros ficaram a ver navios. Foram traídos.

Mas não é isto o que nos é ensinado nas escolas!

O Império, a República, o Estado Novo, a revolução de 64, a redemocratização do país, nenhum deles fez o que deveria ter feito: Libertar o Brasil.

O Brasil, até hoje, é apenas escravo.

Ora, sem quebrar a ordem das coisas não existe mudança. Tudo é igual, já há quinhentos anos. Somos um país extremamente estável. Miséria, ignorância, pobreza, inflação, entreguismo, tudo estável.

Esta foi a grande diferença entre o Brasil e os Estados Unidos. Por isso os Estados Unidos é um país forte e o Brasil fraco. Aquele usou e usa até hoje a força e este sempre, apenas o "jeitinho".

A História, porém não fala isso. Ficamos assim, pasmos, sem como explicar, porque os Estados Unidos evoluíram e o Brasil não.

Um escravo para poder melhorar sua vida tem que, em primeiro lugar, obter a liberdade. O Brasil não fez isso.

Continua escravo.

Ninguém comenta os estragos que o embargo norte-americano e conseqüentemente também mundial, está causando a Cuba, Iraque, Líbia etc. os quais, absolutamente, não são constituídos exclusivamente por déspotas tiranos e terroristas. Lá existe gente também. Gente comum, que vive e sobrevive, ama, odeia, luta e se diverte, como nós. São até maioria.

Um embargo fere muito mais ao povo do que aos seus governantes.

É uma arma das mais sujas que se pode usar. Disseminam a miséria entre o povo para que então, ele próprio, destitua o governo. É uma especialidade de anglo-saxônicos. Mentes doentias e sádicas.

Matam um povo para subjugar seus governantes.

Mas, afinal quem se importa com o que não sabe? O que os olhos não vêem o coração não sente, e nada disto passa na TV Globo ou CNN.

Por que nos preocupar então, se não sabemos nem direito onde estes países ficam, o que fazem e como são? Será que eles comem BigMac como nós, ou somente criancinhas inocentes, como afirmam os Estados Unidos?

Será que a História irá registrar a fome, miséria e mortes silenciosas provocadas pelos embargos ou isso não é assunto a ser comentado, não é História?

Ora, não havendo registro não existe História, assim como vida ancestral que não produziu vestígio fóssil, nunca existiu.

Henry Ford, em sua visão prática das coisas, taxou a História como "baboseira". Será que completamente sem razão?

Foi considerado um ignorante e crucificado. É claro. Existem coisas que não se fala. Temos que ser "Maria vai com as outras", obrigatoriamente.

O que sabemos sobre Cuba além de que é uma ilha, Fidel Castro é o seu tirano e que eles gostam de música caribenha? Ah sim, parece que fabricam charutos também. O mais importante é que coitados, não tem eleições diretas como nós brasileiros. Pobres cubanos! Como devem sofrer!

O que o brasileiro pensaria de um país com orgulho nacional, sem corrupção, com eleições bianuais, onde todos têm emprego, todos têm educação gratuita e obrigatória, muitos o segundo grau e curso superior, onde todos têm moradia, onde todos têm saúde gratuita e total, onde a medicina é muito avançada, onde a criminalidade é extremamente baixa, sem favelas, quase sem drogados, sem miseráveis, onde não existe lixo nas ruas,

onde não se vê uma pichação sequer, onde não existem condomínios fechados, com renda pequena mas equilibrada, com democracia, sem racismo, onde muitas doenças, flagelos mundiais, foram erradicadas, sem assaltos em absoluto, com alimentação básica garantida, com muita dedicação aos esportes, onde o povo é livre, honrado e alegre, mas sem eleições diretas do seu Presidente?

Cuba é isso aí. E quem duvida, em vez de ir para Miami este ano, passe uns dias em Cuba e verifique por si mesmo. Verá que não existe repressão de jeito nenhum, a liberdade de ir e vir, é sem restrições, ninguém precisa dar satisfação a ninguém de onde está ou por onde anda. Verá até muitos turistas norte-americanos (mesmo que os Estados Unidos proíbam seus cidadãos de irem a Cuba) e que eles não são hostilizados de jeito nenhum. Tem muitos brasileiros estudando lá também. Verá que o povo, sinceramente, adora Fidel Castro. Não apenas para inglês ver. Verá que não será abordado por nenhum mendigo, flanelinha ou crianças pedintes, mas, estranhamente, transeuntes muitas vezes lhe pedirão bugigangas como canetas Bic, isqueiros, sabonetes etc. Eles tem pouco acesso a esses produtos devido ao embargo e ao preço que tem que pagar.

É claro que, em uma visita de poucos dias, como turista, você nunca, sequer chegará perto, de saber como são e como vivem. Seremos facilmente enganados, pelas aparências. Não veremos as feiúras do país. Turismo é assim mesmo. Em qualquer lugar do mundo. Se ficarmos em resorts ou utilizamos "pacotes turísticos", onde tudo é pré-programado, pior ainda. Acaba-se não conhecendo direito, o lugar visitado. O interesse turístico impõe que vejamos apenas o lado bom das coisas.

Mas, mesmo assim, por detalhes, nas entrelinhas, observando, conversando com as pessoas, poderemos tirar muitas conclusões. É claro, que para isso, temos que ficar atentos e não podemos ser preconceituosos. Temos que ter em mente que medimos as coisas com a régua, a que estamos acostumados. Em outros lugares os padrões são outros. Se não abstrairmos disso, tudo será incompreensível. Temos que deixar as coisas acontecerem. Então, pelo todo e por pequenos detalhes poderemos formar um conceito global, provavelmente correto.

Quando visitei Belém do Pará, mercado Ver-O-Peso, nada menos que três vezes, fomos alertados para precaver-se de assaltos. Percebiam que éramos de fora e, espontaneamente, nos avisavam. Percebi perigo em várias situações e senti medo.

Nos Estados Unidos, por vezes, para fazer um lanche ou pedir informações, entrávamos, sem querer, em um boteco qualquer, que era freqüentado apenas por negros. Sentíamos, imediatamente, a hostilidade, o antagonismo racial. Até que falávamos, que éramos do Brasil. Aí a coisa mudava. Tratavam-nos, então, muito bem. Era como uma luz na escuridão. O sorriso iluminava seus rostos!

Lá, ao conversarmos com brancos, éramos tratados com extrema indiferença, sempre. Tratavam-nos com a frieza dos prédios de aço e vidro de suas megalópoles, sem exceção. Cortesia e amabilidade, apenas quando isso fazia parte de sua obrigação.

Lá fiquei inseguro, senti medo.

Em Cuba, ao contrário, sente-se segurança total. O povo é alegre, cordato e solícito. Assim como o baiano e o carioca eram, antes de serem esmagados pela miséria e

desigualdade social. Não vemos mendicância, não vemos pessoas revirando lixo, não vemos "trombadinhas" nem "cheiradores" de cola. Não sentimos hostilidade. Não sentimos miséria. Não sentimos opressão. O que podemos concluir?

Somos forçados a dizer: São pobres, vivem com extrema simplicidade, os recursos são poucos, mas têm muita qualidade de vida.

Existe oposição severa ao regime de Fidel Castro! Dizem. Isso indica que o regime é ruim. Se fosse bom, ninguém reclamava.

Sim, é claro, todos os que perderam suas terras na reforma agrária, promovida por Castro, na maioria norte-americanos, são opositores, todos aqueles que eram donos de hotéis, cassinos, boates e prostíbulos, são opositores, todos os Fulgêncios Batista e políticos corruptos são opositores, todo o povo norte-americano, todos os capitalistas, bancos e financeiras são opositores. Opositores de peso, com recursos. Mas egoístas. Corrompem, difamam, subornam, incitam, querem de volta o que perderam. Querem mostrar que Cuba não é viável. Fomentam oposição. Assim, muitos cubanos tornaram-se opositores, também. O embargo também é muito adequado para gerar insatisfação e opositores.

A malograda invasão da Baia do Porcos foi feita por "cubanos". Não podemos esquecer que é assim que os Estados Unidos, Inglaterra e Israel modificam o mundo. Sem fazer força, e sem sacrificar sua gente. Usam apenas a "inteligência". Bombardear e invadir Cuba seria facílimo. Mas, e depois? Como enfrentar, cara a cara um Fidel, e cubanos patriotas, olho no olho? Guerra com um país a apenas 150 km de casa? Não dá. Coragem tem limites.

Além disso, eles quase não têm petróleo.

Existem muitos problemas em Cuba, a energia elétrica é escassa, quase não existe combustível, o transporte é um caos, os salários são extremamente baixos, não existem peças de reposição etc. Quase tudo devido ao embargo norte-americano e mundial. Mas socialmente estão bem mais avançados que o sociólogo Fernando Henrique Cardoso e todos seus amigos donos de bancos e de instituições financeiras, juntos.

Se duvidarem que lá existam eleições, liberdade e democracia procurem saber, verifiquem!

Uma das primeiras providências de Fidel Castro foi tornar ilegal o racismo no país. A reforma agrária em Cuba foi feita em dois anos. No Brasil quinhentos anos não é suficiente.

Será que algum brasileiro acreditaria que em Cuba, qualquer um, mesmo até um idoso pode, se assim o desejar, cursar um ensino superior à sua livre escolha, sem pagar absolutamente nada?

Difícil acreditar não é mesmo? Nós que temos tantos problemas com o ensino de terceiro, segundo e primeiro graus? Só pode ser mentira.

Além disso, não é o que dizem a VEJA nem a TV Globo. Como poderia ser verdade?

Brasil e Cuba. O que é melhor?

Vamos desconsiderar ideologias.

Vamos pensar apenas no que realmente interessa, em qualquer sociedade e em qualquer lugar do mundo: Alimentação, habitação, emprego, saúde, educação, segurança, transporte, justiça, igualdade social e, acima de tudo, preservação da natureza.

Em qual deles o Brasil é melhor?

No Brasil sabemos razoavelmente bem como é. Mas e Cuba?

Como não moramos lá, temos que ler. Não romances e não apenas um ou outro artigo, em algum periódico qualquer. Muito menos apenas assistir televisão. Temos que ler diferentes opiniões. Temos que ler principalmente aqueles que dedicaram muito tempo ao assunto. Destes podemos esperar então uma opinião sincera. Quem estuda e se dedica intensamente a um assunto qualquer, acaba destilando a verdade. Não consegue mentir. Estaria mentindo também para si mesmo.

Veremos então que a verdade é bem diferente do que é apresentado superficialmente nos meios de comunicação.

O mundo inteiro conhece Pelé, carnaval, Amazônia e quem sabe ainda, Aírton Senna. Sabemos entretanto que o Brasil não é só isso. Não é verdade?

Igualmente Cuba.

Existem restrições. Não se pode atacar o regime, mas qual país permite, de um modo ou de outro? Os cubanos não podem sair do país com facilidade, mas quantos brasileiros podem sair do Brasil, já por questões financeiras? Quantos brasileiros podem entrar livremente nos Estados Unidos?

Como se diz, na prática a teoria é outra.

Os Estados Unidos insistem em eleições diretas em Cuba para que eles possam, por meio de corrupção, dobrar o regime e colocar como Presidente um Fulgêncio Batista, Fernando Henrique Cardoso, Pinochet, Reza Pahlevi ou um regime militar qualquer, que lhes seja submisso.

Eles não estão preocupados, em absoluto, com o bem estar e a "Liberdade Duradoura" de cubanos, brasileiros, afeganes, iraquianos ou quem quer que seja, podem ter certeza!

2 - xxx Os costumes

É interessante que muitas vezes defendemos com unhas e dentes, um assunto qualquer, mesmo admitindo algumas deficiências, simplesmente porque não conhecemos outra coisa. Desde pequenos somos ensinados e doutrinados sobre o que comer, o que beber, o que vestir, como se comportar, como pensar, o que é bom e o que é ruim e assim por diante. Isso entra fundo na alma. Torna-se então incompreensível, tudo o que for diferente, do que estamos acostumados. Combatemos então, muitas vezes com veemência, as outras opiniões e costumes, sem realmente possuir argumentos para tal. Não entendemos. Só isso. Nós estamos certos, os outros errados. É assim que tem que ser.

Assim como não comemos ninhos de andorinhas deveríamos compreender que tem gente que não come carne bovina. Assim como os norte-americanos insistem que os japoneses não deveriam comer golfinhos e baleias, os japoneses poderiam insistir que os norte-americanos não comessem lagostas e caviar. O esturjão e os crustáceos tem que ser protegidos, tanto quanto os cetáceos.

Não entender como os outros atuam e pensam já matou muita e muita gente neste mundo. Os costumes e religiões dos outros são vistos de cima para baixo. E o que não entendemos, matamos:

"The women were ordered to get their pots and fires ready. I ordered the son of the chief to kill and cook their witch doctor. This he refused to do, I asked through Hayes' boy, did they not kill and eat three of my people? This they denied; they had eaten them but my boys had been killed in battle.

'Right on', said I, 'Da Silva, hang this man', and da Silva with the assistance of some of the carriers hanged him.

I then ordered another man to carry on, and he refused. I ordered him to be hanged, but when he felt himself being pulled up to the limb of the tree, he offered to carry out my orders, and he did so. I then ordered the men to cut off the body, and hand the meat over to the women to be cooked. This was also done. When the meal was ready, I told the men who had been released from neck chains to carry the pots to their friends. They refused to eat. I was determined to give them a dose of their own medicine, and ordered one of the men to start eating. He refused. I ordered him to be hanged. ..."

(trecho da descrição de uma incursão a Nova Guiné por Sidney Spencer Broomfield, publicada em 1930).

Não entendemos o canibalismo, por isso matamos os canibais.

Achamos normal isso. Temos que coibir o que não compreendemos. Escravizar índios e negros, tudo bem. Queimar bruxas, tudo bem. Torturar, cruelmente, por motivos religiosos e políticos, tudo bem. Matar por dinheiro e poder, tudo bem. Mas comer seu semelhante? Não, isso não. Isso é demais. Afinal, de contas, não somos bichos! Temos

que impedir essa barbárie. O melhor é matá-los, de vez. Extirpar essa vergonha da face da Terra!

Além disso, já que vagaram, podemos tomar posse de suas terras e propriedades. O útil ao agradável. Nada mais justo.

Temos que justificar nossos atos. Perante os outros e perante nós mesmos. Matar canibais não é injusto. Ninguém toma o partido de gente que come gente. Assim fica mais fácil.

Com esta motivação, certamente, foi imputado canibalismo a muitos e muitos povos da terra, sem que isso realmente fosse verdade. Testemunhar canibalismo é difícil, muito difícil, sem dúvida nenhuma. Pouquíssimos o fizeram. A regra sempre foi o ouvir falar, o "diz-que-diz-que", a fofoca, a mentira.

E qual seria a motivação dos poucos povos que, comprovadamente, o praticaram? Sadismo, perversão, primitivismo? Será?

Será que somos inteligentes o suficiente para compreender outros costumes? Será que temos a capacidade de abstrair o nosso modo de entender as coisas?

Deveríamos, isto sim, considerar que não é absolutamente indispensável que o mundo inteiro tome Coca-Cola, coma BigMac e adore ouro, drogas, diamantes, iates, sexo, piscinas, bebidas alcoólicas e helicópteros. Não temos que ser iguais, todos, invariavelmente.

Uma "biodiversidade" seria boa também, nas tradições e nos costumes. Mesmo quando estranhos e diferentes.

Quando, há uns vinte anos, um avião de passageiros caiu sobre os Andes, dezenas de sobreviventes, para não perecer, alimentaram-se por várias semanas, dos que tinham morrido neste acidente. Comeram carne humana.

Fizeram-no a contragosto, mas não tinham alternativa. A maioria era católica. Inventaram então um eufemismo, um paralelo com a celebração da Santa Ceia, para tranqüilizar suas almas. Mas tiveram que fazê-lo.

Salvos finalmente, não foram condenados à morte. Nem julgados foram (a não ser pela curiosidade popular). Claro, perfeitamente compreensível os motivos. Além disso, eram brancos. A Igreja Católica não censurou o fato de comerem gente mas repudiou a idéia de similaridade com a Santa Ceia.

Fossem indígenas e seus motivos incompreensíveis, provavelmente seriam presos e condenados. Não por canibalismo, não previsto em nenhum código civilizado, mas por outro motivo inventado qualquer.

Entendemos que temos que sobreviver, mas não compreendemos que, para outros povos, este fato possa ser visto com outros olhos, sendo outros costumes até mais importantes.

De família luterana, lembro que, quando pequeno, o Natal, era festejado por nós, como um evento religioso muito importante: O nascimento do menino Jesus. Nas quatro

semanas precedentes ao Natal, uma vela era acesa, a cada domingo, em uma coroa sobre a mesa da sala, confeccionada com de galhos de pinheiro europeu, o famoso "Tannenbaum". No dia de São Nicolau (3 de dezembro se não me engano) recebíamos pequenas lembranças e guloseimas. No Natal propriamente dito, nada de presentes. A festa era religiosa. Ia-se à igreja. Depois, em casa, acendiam-se as velas na árvore de Natal, rezava-se e entoava-se em alemão (até ser proibido) cantigas de Natal. O jantar era especial.

No dia seguinte íamos conversar com os amigos e víamos que eles tinham recebido de Papai Noel um mundaréu de presentes. E nós nada. Quem era esse Papai Noel que dava tantos e tão caros presentes?

Claro, esta situação era insustentável. Assim gradativamente ganhávamos também presentes e para nós crianças a idéia religiosa perdeu-se. Importante eram os presentes.

Com meus filhos a coisa piorou. Montávamos uma árvore de Natal, ricamente enfeitada, havia um ótimo jantar e presentes e mais presentes! A festa não tinha mais nada de religiosa. A tradição perdeu-se, num piscar de olhos. Adotamos o costume brasileiro local, com naturalidade.

Só que este costume brasileiro, de Papai Noel e presentes, não é um costume brasileiro. Não é proveniente de suas origens índias, africanas, portuguesas ou mesmo de imigrantes europeus. É um procedimento copiado dos norte-americanos, que inventaram o Papai Noel e presentes como forma de vender mais produtos. Assim como os "happy birthday", dia dos pais, dia das mães etc. Nada tem a ver com o Brasil ou com brasileiros.

Acabamos trocando uma tradição religiosa bonita e misteriosa por uma tradição mercantil alienígena. Pena.

Agora recentemente podemos ver, novamente, a introdução de um costume norte-americano: O Haloween.

Festas Haloween, abóboras tipo moranga com olhos e boca recortadas e uma vela no interior, bruxas com nariz comprido e chapéu pontudo, vestidas de preto, "trick or treat" etc. Tudo cópia fidedigna.

Principalmente os adolescentes vibram com a modernidade e atualidade desta "tradição". Até as escolas promovem estas festas, inclusive creches e primeiro grau. As professorinhas, avançadíssimas, com sua criatividade, consolidam tudo.

Mais dez anos e não viveremos sem ela. Fará parte de nossa cultura. Quem sabe até com feriado? Quimera exótica predando nossos costumes. Um gene estranho fixado ao DNA brasileiro.

Nada contra festas do Chope, carneiro no buraco, porco no rolete, frango com polenta, fandango, churrasco, pato no tucupi, carnaval, boitatá, candomblé etc. De algum modo relacionado com etnias existentes no Brasil, sendo aproveitadas comercialmente também.

É a cultura em evolução. Um primata virando gente.

O que não tem cabimento é absorver "cultura" de um país cujos únicos representantes no Brasil são a televisão, filmes, instituições financeiras e multinacionais!

A natureza não é rígida nem mole demais. Inflexível, as espécies não acompanhariam as mudanças ambientais e pereceriam. Volúvel, as espécies deixariam de firmar as coisas boas e também desapareceriam. Consangüinidade é prejudicial assim como espécies exóticas. Descartar idéias ruins e adotar as boas, dentro de um contexto ambiental. Isso tem que ser gradativo e natural. A cultura é semelhante. Tem que evoluir. O tempo deve selecionar as coisas.

Estamos fazendo como os romanos ao adotar a cultura grega, pujante e maravilhosa. Dobraram-se a ela sem pestanejar. Mas, vamos e venhamos, eles tinham motivo! Reconheceram, nem tinham como contestar, a qualidade do que estavam adotando!

Mas nós o que estamos fazendo? Somos como a Geni de Chico Buarque: "Dá para qualquer um". É uma vergonha!

Xenofobia, medo do estranho? Exagero? Talvez.

Os franceses são especialistas. Talvez porque em Paris, o turismo intenso, o maior do mundo, os tenham colocado em defensiva. Ou lutam por suas tradições ou perecem culturalmente. Dysneyworld, fantástico, maravilhoso, cativante, introduzido lá, quase "foi de embrulho". Os franceses não quiseram. Eles estão errados?

Os iranianos de Aiatolá Khomeini, de repente viram em suas ruas, as feministas norte-americanas, Betty Friedan & Cia., fazendo campanha contra o véu muçulmano que cobre o rosto das mulheres. Foram expulsas a socos e pontapés. Os iranianos não quiseram. Eles estão errados?

Os alemães, povo ciente de suas tradições, com características próprias bem definidas, admirados mundialmente por sua meticulosidade e perseverança ao fazer as coisas, inflexíveis quanto ao que acham certo e errado, racistas também, pesquisadores, pensadores, trabalhadores, tiveram sua espinha quebrada. Um povo que se sentiu capaz de desafiar o mundo, nunca mais irá levantar-se.

Não por causa da segunda grande guerra, pelo fato de a terem perdido, com todas as suas conseqüências. Mas por terem abandonado o seu modo de ser, a sua cultura. E é isso o que fizeram no pós guerra, integralmente.

Aí poderia dizer-se: "Mas como, com todos aqueles castelos, Chopes e Liechtensteiner Polka?". Cerveja eles ainda tomam, como sempre o fizeram, mas o restante, mantido a título de preservação da cultura, não é o seu modo de vida. É para o turista ver. Não é o que fazem em casa e não é o que pensam.

Os alemães nunca quiseram brigar com ingleses e norte-americanos. Sempre os respeitaram e admiraram, mas tinham suas idéias próprias das quais não arredavam pé. Inflexíveis. O pós guerra, o pós World War II, mudou tudo isso.

Finda a primeira grande guerra, a intenção do Tratado de Versalhes era sufocar materialmente e financeiramente a Alemanha. Imaginavam desagregar seu povo desta

maneira. Entretanto, a conseqüência, foi apenas acirrar os ânimos, incrementar os sentimentos nacionalistas e unir o povo com mais firmeza ainda. Hitler, o famigerado, disse: "Não cumpriremos mais o Tratado de Versalhes. Assinamos porque tínhamos uma arma encostada em nossas cabeças. O acordo é inválido".

Veio a segunda grande guerra. Não poderia ser diferente.

Depois desta guerra, as coisas foram feitas de outra maneira. O povo alemão estava exausto, enfraquecido e suscetível.

Imediatamente apossaram-se dos meios de comunicação, ofertaram empréstimos para a reconstrução do país e dá-lhe pichação sobre as "atrocidades" cometidas na guerra (só os alemães, eles só, cometeram "atrocidades"), sem folga, incessantemente, minuto a minuto, diariamente, por cinqüenta anos. Sempre os alemães tinham que sentirem-se culpados, sem folga.

Para que isso?

1 - Atacar é a melhor defesa.

2 - Cortina de fumaça.

3 - Exigir indenizações.

4 - Deixar o povo alemão de joelhos.

E assim foi. Quebraram sua espinha.

Hoje, dá até raiva ler um livro ou periódico escrito em alemão. Não todos é claro, mas a maioria excede na utilização de vocábulos ingleses. Excede no pensamento capitalista. São agora exatamente como nós brasileiros: Idolatram os Estados Unidos.

Recentemente, li num livro escrito em alemão, para crianças alemãs, sobre conquistas científicas: "Als wir den Mond erreichten...".

Não disseram: "Quando os NORTE-AMERICANOS alcançaram a lua...", e sim: "Quando NÓS alcançamos a lua...". Sentem-se um só com os norte-americanos! E isto é transmitido às crianças.

No aeroporto de Munique, gigantesco, moderníssimo um avião antigo dependurado no teto. Fomos ver mais de perto. Certamente seria um "Stuka" ou "Messerschmit", qual nada. Era o "Spirit of St. Louis", o primeiro a atravessar o Atlântico, um avião norte-americano!

A campanha difamatória continua, sem parar. O "Goethe Institut" tem a finalidade de, no mundo inteiro, ensinar a língua alemã e divulgar sua cultura, oficialmente, a quem a deseja estudar. Paga-se é claro. Não é de graça. É uma espécie de "Cultura Inglesa", que tão bem conhecemos. Só que, volta e meia apresentam filmes, os mais diversos e entre eles, freqüentemente, filmes israelitas sobre o nazismo. É claro, pichação total.

Uma entidade destinada a divulgar a cultura alemã, pichando os alemães!

Seria como a Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo) mostrar cenas das chacinas de Eldorado do Carajás, Carandirú e Vigário Geral, para atrair turistas.

Alemanha, onde estão seus físicos, químicos, arqueólogos, geólogos, cientistas, pensadores e ganhadores de prêmio Nobel? Não existem mais. Não tem mais tempo. Correm atrás do dinheiro. Na Alemanha de hoje, Time is money!

Quando isso vai parar, qual é o limite? Quando a Alemanha voltará a ser dos alemães? Pior que isso: Será que eles ainda querem?

Certa ONG (Organização Não Governamental), beneficente, foi a um país dos trópicos qualquer ensinar aos nativos, entre outras coisas, como construir casas.

O modo de construção era idêntico ao modo de construir casas de madeira nos Estados Unidos. As paredes são montadas no chão com ripas de 1x2 polegadas, de modo a deixar espaço para isolamento térmico, erguidas a seguir e pregadas no lugar. O revestimento externo é com ripas de madeiras pregadas horizontalmente e, internamente, com chapas de fibra. Os nativos ficaram só olhando.

Este tipo de construção, madeira sobre madeira tem milhares de lugares que permitem acumular água. Não água inofensiva dos países temperados, mas água torrencial e diária dos trópicos, com respingos repletos de fungos e microrganismos. Trópicos, lugar onde uma multidão de artrópodes está doida por uma fresta qualquer para morar. Uma casa construída assim deve durar não mais que cinco anos! As ripas horizontais são beneficiadas o que as encarece sobremaneira e as chapas de fibra, caríssimas. Isolamento para que? E onde consegui-lo? Alegria e tranqüilidade para baratas, aranhas, ratos, formigas, cupins, chupanças e percevejos, ficam protegidos entre duas paredes. Para alcançá-los, só desmontando a casa.

Eram bem intencionados esses da ONG mas, cada lugar tem suas tradições e cultura, desenvolvidas às vezes ao longo de muito tempo, destilando afinal o melhor método para os materiais disponíveis na região.

Qualquer cultura não é adequada para qualquer lugar.

Deveria ficar cada um na sua.

Autodeterminação dos povos, quem lembra, fala ou pensa ainda sobre isso? Ficou tão fora de moda, quanto a proibição de gravações telefônicas. Agora se escuta, fotografa-se e filma-se sem restrições, tudo e todos. Essas micro-câmaras são umas maravilhas!

Hoje temos que ser globalizados. É a moda.

A incompreensão, o não entender outros costumes, tira-nos também a liberdade de pensar. Ficamos restritos ao nosso modo de ver das coisas. Por exemplo:

Aceitamos como normal a existência dos automóveis.

Além da produção em si do automóvel, uma estrutura enorme foi desenvolvida para permitir sua utilização. Pneus, combustíveis, lubrificantes, asfalto, sinalização, ruas,

peças de reposição, estradas, postos de abastecimento e assim por diante. Tudo isto aconteceu gradativamente e foi incorporado ao modo de pensar no mundo inteiro.

Apesar de todos os elogios que se fazem ao automóvel, ele é um dos meios de transporte mais absurdos e ineficientes que o homem já produziu em toda sua existência! São quase duas toneladas que devem se movimentar para transportar apenas 1,3 pessoas (90 quilogramas), em média. Incoerência total. Ocupam 6 ou mais metros quadrados em estradas, estacionamentos, garagens, ruas, meios fios e acostamentos mais os espaços necessários para manobras etc.

O automóvel é uma catástrofe ecológica sob todos os aspectos. É talvez o maior causador de morte violenta e de deficientes físicos que existe. As doenças respiratórias e poluição também são de sua responsabilidade.

Pessoas que nunca fariam mal a uma mosca envolvem-se em acidentes e matam. Às vezes até, intencionalmente, no calor da discussão, em uma briga de transito. O custo de aquisição, operação e manutenção são altíssimos. A natureza é terrivelmente devastada por tudo que o automóvel exige dela.

Quando ocorrem problemas devido ao uso do automóvel, sugerem alterações no motorista: O automóvel pode chegar a 200 km/hora ou mais, mas é o homem que tem que se controlar, para não usar esta velocidade. Essa liberdade, de dirigir como se queira, mata muita gente.

Impensável porém, limitar mecanicamente o automóvel para uma velocidade menor. Onde ficariam os argumentos de venda? "Compre um BMW, Audi ou Ferrari e sinta a emoção de dirigir a 110 km/hora. Como qualquer Fusca". Não tem cabimento.

O automóvel tem que ser tentação, ostentação, emoção e adrenalina. Nem que custe vidas e mais vidas.

Altera-se assim o motorista, ou procura-se fazê-lo. Ele não pode beber, não pode usar celular, não pode dirigir agressivamente, não pode "furar" sinal vermelho, não pode correr. Tudo que ele gosta de fazer, não pode, é proibido. É claro que algumas vezes ele não resiste à tentação, principalmente depois de umas cervejinhas.

Sentem então as conseqüências, principalmente os pedestres (60% das vitimas do trânsito são pedestres). Eles não têm um "air-bag" a protegê-los.

Apesar de todos os problemas, é inconcebível restringir ou impedir, a utilização do automóvel. Acabar com o automóvel seria uma hecatombe. A cultura ocidental deixaria de existir. Como iríamos trabalhar, ir aos shoppings e supermercados? Morreríamos de fome, no mínimo.

Moramos em um lugar e trabalhamos em outro bem diferente e distante. O automóvel possibilitou isto. Não conhecemos outra coisa. Não compreendemos que poderia ser diferente. Ninguém pensa em incentivar um transporte coletivo eficiente e racional. Que seja predominante, que substitua os automóveis.

Poderia ser diferente.

Houve uma época em que era elegante a mulher ostentar chapéus enfeitados com penas de garças e de outras aves. Quase extinguiram (as aves, não as mulheres). Entretanto a moda mudou. Penas em chapéus passaram a ser "cafona". Os pássaros recuperaram-se. Não eram mais caçados. Por este motivo, pelo menos.

Há pouco tempo atrás, caríssimos e elegantérrimos eram os casacos de pele natural, leopardo, mink, tigre, raposa, vison, castor, arminho, qualquer coisa. Toda artista de cinema, mulher de empresário, rainha ou socialite era obrigada a ter. Elogiadíssimos pela mídia eram estes casacos. As pobres ricas, dos climas quentes, coitadas, ficavam a ver navios, com os seus casacos guardados em armários, com pouquíssimas oportunidades de exibi-los, por causa do calor. Mas, era moda. Todo rico tinha que ter.

Ambientalistas então protestaram, reclamaram, jogaram ovos e os "designers" de moda, os estilistas, acabaram cedendo. Mudaram a moda. Muitos animais de pêlo então reviveram.

Por que não fazer o mesmo e colocar os carros fora de moda?

Jogar ovos nos projetistas, nos carros, nos proprietários.

Os arqueólogos do futuro, certamente terão dificuldades enormes para explicar o porquê e o significado dos automóveis. De tão irracionais que são. Talvez as mesmas dificuldades que têm em entender os Moai da Ilha da Páscoa.

Chegarão talvez à conclusão que eram deuses e os ocidentais, por isso, extremamente religiosos, nestes séculos XX e XXI.

Certamente os automóveis são adorados fervorosamente. Tanto que boa parte da vida é dedicada para obter e manter estes deuses. Cada pessoa deve possuir pelo menos um e quanto mais "sofisticado" e caro este seu deus, mais será admirado pelos demais adoradores de automóveis.

Deuses transportados e exibidos orgulhosamente por seus proprietários, quase que diariamente. Deuses exigentes e cruéis. A eles deveriam ser sacrificados constantemente vidas, e pessoas eram mutiladas em sua homenagem.

Deuses que até envenenam os seus adoradores com a dita "poluição atmosférica". Alimentam-se de um líquido extraído das entranhas da terra e sua sede é insaciável. Muitas guerras quentes e frias são travadas para que este néctar dos deuses relativamente raro possa ser obtido, muitas vidas sacrificadas.

Certamente, a única explicação cabível, para este fenômeno inexplicável, é o profundo sentimento religioso da época.

Não entender como os outros pensam, estigmatizaram os índios, negros, caboclos e brasileiros em geral, de preguiçosos. É voz corrente, o Terceiro Mundo é preguiçoso!

Não entende o desinteresse deles em trabalhar intensamente para que o branco culto e evoluído atinja rapidamente seus objetivos. Chama-os então de preguiçosos e improdutivos. É assim que o Primeiro Mundo pensa!

Por isso o incentivo do governo brasileiro, tempos atrás, às imigrações européias. O próprio governo concordava que o brasileiro não presta. O plantel tinha que ser melhorado.

Entretanto, os que pensam assim dos brasileiros, ao fazerem suas expedições científicas e exploratórias nas matas e sertões, contratavam caboclos ou índios para que carregassem toda a sua tralha pesadíssima e eles, apenas com a roupa do corpo, "tiravam os bofes para fora". Mal tinham forças para acompanhá-los.

E chamam-nos de preguiçosos.

Na África colonial e pós-colonial, a madeira, produto nobre, ébano etc. tinha que ser tirada das florestas. Desceria os rios para ser então embarcada. Seu destino era, transformada em móveis e utensílios, enfeitar os clubes, escritórios e residências em toda a Europa.

Mas quem faria este trabalho? Adentrar a floresta, cortar árvores gigantescas, serrar em pedaços, preparar o caminho e rolar os troncos por centenas de metros, até mesmo quilômetros de floresta, até um rio próximo. Quem faria isso?

Os brancos morreriam na primeira tentativa, caso tentassem. Por causa do esforço, calor, umidade, insetos e doenças. Além disso, tarefa indigna de seres superiores.

Entretanto, com toda "pretalhada" que lá havia, a mão de obra era escassa. Dificílimo convencê-los a sair da tranqüilidade de suas aldeias e a matar-se de trabalhar nas florestas ou em qualquer outra atividade. Poucos estavam dispostos. O retorno financeiro era muito pequeno (tinha que ser assim para não encarecer o produto final). Além disso, o que fariam com o dinheiro recebido? Os produtos europeus não lhes interessavam excepcionalmente. Pagariam os adiantamentos recebidos e comprariam algumas bugigangas, nada mais. Não valia a pena. Preguiçosos, no entender dos brancos.

Para mudar esta situação, tentaram muitas coisas.

Duas delas:

- Introdução de bebidas alcoólicas (vindas principalmente dos Estados Unidos). Os negros, acostumando-se ao vício, para consegui-las, tinham que trabalhar. Para o branco, é claro.

- Criação de um imposto anual per capita, a ser recolhido por todos. Não era muito. Não estavam interessados no dinheiro arrecadado. O importante era que o negro, para poder pagar este imposto, tinha que sair de sua aldeia e trabalhar. Para o branco é claro.

Nada os brancos teriam conseguido fazer, nas Américas, sem a ajuda dos índios e dos negros. Quase nada. Entretanto, eles são preguiçosos e improdutivos.

Pagam uma miséria a eles e acham que por este dinheiro devem até arriscar suas vidas. A coisa mais natural do mundo.

Atualmente é moda escalar o Everest, chegar ao topo do mundo.

Centenas de pessoas fazem anualmente a tentativa. É caro, caríssimo. Com o que cada um gasta neste empreendimento, poder-se-ia construir uma casa enorme. É perigoso também. Muitos morrem na tentativa. Por quedas, avalanches e principalmente devido à altitude e suas conseqüências sobre o organismo.

Os escaladores pagam aos sherpas, moradores da região, migalhas para que executem quase todo o serviço preparatório e pesado da escalada. Eles podem então fazer as etapas finais sem estar por demais cansados, o que, mesmo assim, é extremamente difícil e perigoso. Nas emergências esperam ainda que os sherpas arrisquem suas vidas e resgatem os escaladores em dificuldades. Ficam consternados quando, muitas vezes, recusam-se a fazê-lo.

Por que não tentam colocar-se na posição dos sherpas e imaginar o quão idiota é, arriscar a vida, para chegar ao topo de uma montanha?

Mesmo assim, 40% dos que morrem lá, são sherpas. Pelo mísero salário.

Não conseguimos entender outro modo de pensar, que não o nosso.

Certa ocasião uma reportagem mencionava que, em uma reserva indígena, estavam sendo derrubadas árvores e vendidas a madeireiros, pelos índios. Ato ilegal, completamente. Pichado totalmente na reportagem. Incompreensível que os índios façam isto. Justamente eles, homens da natureza.

Um leitor da revista escreveu, indignado, dizendo que índios que não cuidam de suas terras adequadamente, não as merecem, deviam até perder o direito a elas. Para ele, se não existissem índios, certamente as florestas brasileiras estariam salvas, todas elas intactas. Pena que não foram exterminados todos, esses destruidores da natureza. Incrível a lógica ocidental: Os brancos cuidam das florestas e os índios as destroem!

Os índios cortaram árvores por milhares de anos, sem prejuízo para a natureza nem para ninguém, mas agora não podem mais, é proibido. Os brancos acabaram com as florestas e agora proíbem os índios de fazê-lo. Não entendemos as razões dos índios. Derrubar árvores? Que absurdo.

Os índios deveriam isto sim, ter cuidado de suas terras quinhentos anos atrás. Agora, já não adianta mais.

Um amigo, cujo pai e avô foram pescadores, disse que a rotina deles era pescar por vários dias e no retorno vender o pescado, obtendo assim um crédito correspondente no comércio local. E não pescavam mais. Só voltavam a pescar quando este crédito tivesse chegado ao fim. Assim era a vida deles. Bem simples e modesta. Riquezas, nenhuma.

Não dá para entender. No conceito ocidental, infinitamente mais correto, teriam que pescar sem parar, incessantemente. Pesca intensiva, aumentadora do PIB (Produto

Interno Bruto), geradora de riquezas. Quando todos os peixes tivessem sido pescados e extintos, fariam outra coisa. Caçar talvez, intensivamente.

Muito mais lógico.

Não conseguimos compreender os outros. Israelitas não compreendem muçulmanos, norte-americanos não compreendem raças inferiores, franceses não compreendem alemães e vice versa. Talvez compreender nem fosse necessário, apenas respeitar. Respeitar um modo diferente de pensar e de ser.

Autodeterminação dos povos, quem lembra isso?

O brasileiro formou opiniões, das quais não arreda o pé. Não tem o hábito de ler livros. Todo o seu conhecimento, não técnico, é obtido da televisão, em jornais e eventualmente em alguma revista como a VEJA e ISTO É. Qualquer coisa diferente disso é incompreensível.

O problema é que todos estes meios de comunicação falam a mesma coisa, em uníssono. A fonte de informações é uma só. Todas as notícias têm origem comum a não ser umas poucas locais como acidentes automobilísticos, assassinatos etc. As nacionais e internacionais, entretanto provém da mesma fonte, não importa o canal de televisão, jornal ou revista, e o quanto eles são concorrentes entre si. Podemos falar mostrar e escrever o que quisermos, ninguém ousa duvidar disto, mas só escutamos, vemos e lemos o que passa previamente por um GRANDE e MISTERIOSO FILTRO. É só ligar a televisão e mudar os canais, e veremos que as mesmas notícias estão sendo veiculadas, quase que simultaneamente. Os "concorrentes" acertam até os horários em que cada assunto será transmitido.

O noticiário só conhece praticamente três países: Estados Unidos, Inglaterra e Israel.

Os demais países do Primeiro Mundo aparecem apenas quando de ocorrências extraordinárias, e os países pobres apenas nas catástrofes com mais de 500 mortos.

Por que o mundo inteiro, em todos os canais, mostra o salvamento de uma baleia no Alasca, que luta para respirar por um buraco no gelo, e não ficamos sabendo que em algum rio do Amazonas uma criança foi devorada por um jacaré-açu?

Por que aquela é uma notícia mundial e esta nem nacional é, apenas local, que interessa apenas a um lugarejo qualquer? Os noticiários, todos eles, não deveriam ser diferentes uns dos outros e independentes?

Se assuntos triviais como este são dirigidos e orientados, o que não dizer dos assuntos importantes, realmente importantes?

A notícia tornou-se simples mercadoria, comprada e repassada ao consumidor com embalagem e tudo. Deve existir até um sistema de trocas, assim como: Troca-se uma corrupção no governo por dois assassinatos e uma fofoca da Xuxa.

Deve existir alguém que puxa os cordões. Que faz os palhaços dançarem, a seu bel prazer.

Ficam as perguntas:

Quem é este editor todo onipotente, tanto quanto Deus?

Quem disse que uma censura, mundial e opressora, não está em plena atividade?

Que droga de liberdade de imprensa, tão defendida, é esta?

Dá para perceber que, após o Vietnã, mesmo essa fingida liberdade de imprensa, sofreu restrições adicionais e nunca mais será a mesma.

O caminho tomado pelos acontecimentos no Vietnã foi, em parte, causado pela mídia e sua influência na "democracia" norte-americana.

O povo já estava farto da guerra que custava dinheiro em impostos e matava americanos. A mídia entrou nessa e os políticos acabaram restringindo os meios necessários. A conseqüência foi uma desabalada carreira. O grande Estados Unidos perdeu a guerra!

A liberdade de imprensa também perdeu. Não podem mais noticiar o que bem se entende. O interesse nacional prevalece. Como os norte-americanos lêem muito, também as publicações são censuradas, livros inclusive. Na invasão do Afeganistão ficou bem demonstrado isso. Censura total! As notícias são filtradas e, além disso, censuradas.

O filtro e a censura são pouco perceptíveis.

Morre um norte-americano, inglês ou israelense. Em um conflito qualquer, normalmente em "defesa da pátria/liberdade/democracia" ou apenas um inocente.

Um nome, com família, pais e filhos. Um emprego, alegre, trabalhador, com passado e planos para o futuro. Pai carinhoso e marido dedicado. Até o cachorro de estimação é entrevistado. Tudo isso é mostrado, em detalhes. Arrancado da vida! Todos choram sua morte. O mundo inteiro chora sua morte. Abalados ficamos com a notícia, revoltados ficamos.

Quando morrem palestinos (ou outros quaisquer, "do outro lado"), aí a notícia é mais curta: "Israelenses (americanos, ingleses) revidaram o ataque e 20 palestinos (muçulmanos, terroristas, afeganes) morreram". E só.

Inicialmente é dito, que as mortes "do outro lado" foram causadas, em última instância, por eles mesmos ou pela facção política a que pertencem. Trata-se portanto apenas de legítima defesa. Não tivessem eles atacado (ou tomado qualquer atitude considerada ofensiva) ainda estariam vivos. Depois é citado apenas um número e um qualificativo (ou melhor um "desqualificativo"). Nada mais.

Estes mortos não têm sexo, idade, nome, profissão, família, nada. Um número frio e impessoal. Quem tem compaixão com números?

São equivalentes a gado abatido e incinerado por causa de doenças como febre aftosa ou da "vaca louca".

Terroristas palestinos, fanáticos, atacam inocentes israelenses que, a contragosto, revidam. Gostaria que alguém pudesse mostrar uma, apenas uma notícia, que não fosse assim. Uma só! As pedras que os palestinos jogam são sempre mais importantes que os mísseis dos israelenses. Homens bomba então, horripilantes. Esses fanáticos!

"Sonda enviada para Marte pousou com sucesso no planeta vermelho!". Feito extraordinário sem dúvida nenhuma. Correu mundo. Vibraram muitos dos entendidos no assunto.

Por que entretanto, todos os apresentadores de televisão, sem exceção, sorriam de orelha a orelha, ao transmitir essa notícia? Todos eles, alegres e emocionados, sem exceção?

Serão todos eles interessados pessoalmente, sem exceção, na pesquisa espacial e astronomia de modo a não se conter, sorrindo de satisfação, ao transmitir este acontecimento?

Ou será que, atrás da câmara de televisão, são levantadas placas: "SORRIR", "TRISTE", "CONSTERNADO", "INDIGNADO", "ALEGRE", "IRÔNICO", "RIR", "ERGUER SOBROLHOS", "APREENSIVO", "ANGUSTIADO", "BAIXAR CANTOS DO LÁBIOS", "PISCAR UM OLHO", "PISCAR DOIS OLHOS", "RISO SARDÔNICO" etc., indicando como devem se comportar, caso a caso, com naturalidade é claro, como verdadeiros artistas, de modo que o telespectador pense que é espontâneo?

O onipotente FILTRO levanta as placas!

Os telespectadores sabem então, o que devem pensar e como devem se sentir. Sem raciocinar. É como os risos "enlatados" de muitos programas humorísticos. Escutam-se pessoas rindo, como se houvesse uma platéia (que não vemos), assistindo também o programa. Os risos indicam ao telespectador quando ele deve achar a cena ou fala engraçada. E então rir também. Idiota.

Vemos, lemos e ouvimos todos, exatamente as mesmas coisas.

Assim explica-se que os brasileiros, todos eles, acreditem piamente que Aiatolá Khomeini foi um monstro (apesar de milhões de admiradores terem ido ao seu enterro), que a Lady Diana foi uma pessoa caridosa e virtuosa (apesar de ter traído o seu marido, o Príncipe Charles, até pelo cotovelos), que Aírton Senna foi herói nacional (desde quando reflexos rápidos e incrível habilidade no volante são sintomas de heroísmo?), que a única maneira de uma mulher sentir-se feliz, livre e realizada é retirando o véu muçulmano que cobre o seu rosto, que Saddam Hussein é o diabo em pessoa e deveria ser mandado para o inferno, que Fidel Castro é tirano opressor.

Qual o brasileiro que não pensa assim?

Se pensarmos em Aiatolá Khomeini o que vemos? Um rosto carrancudo, facínora, criminoso. Só isto foi veiculado, no mundo inteiro. Será que ele nunca sorriu na vida? Nem um pouquinho? As opiniões são formadas e nem percebemos.

A maioria dos brasileiros tem opiniões idênticas ao que foi mostrado pelas televisões. Pensam exatamente do mesmo modo e nem sequer notam isto. Aceitam o que assistem, sem crítica alguma.

Assim acham que o MST é um movimento apenas para promover a desordem. Não sabe que é um movimento legítimo e que terra é o anseio do homem da terra. Não sabe que eles querem a reforma agrária que o governo deveria fazer e não faz. Que são organizados e suas demonstrações, perfeitamente válidas. Quando todos os recursos resultam infrutíferos, invasão é a última ferramenta disponível para coagir o governo a cumprir com sua obrigação.

É o que desempregados podem fazer. Greve só é possível para quem está trabalhando.

São agricultores. Recusam-se a ir para as cidades engrossar as fileiras dos miseráveis, favelados e traficantes. Cultivam a terra. Não sabem fazer outra coisa. Pedem terra, não para especular, mas para trabalhar duro nela, muito duro, tirar dela o seu sustento e levar uma vida difícil. Querem viver da terra. É só o que estão pedindo. É só olhar em seus rostos, mãos, pés e ver como se vestem. Pele curtida pelo tempo, mãos calejadas, pés marcado pelo contato com a terra, roupas simples, muito simples. É gente sofrida, acostumada ao trabalho duro e sem regalias. Como afirmar que são malandros e baderneiros? Não estão pedindo terra grátis, vão pagar por elas, como todo mundo, recolher impostos e tudo. Não estão pedindo favores e concessões como as que são feitas, generosamente, para fábricas e montadoras de veículos, isenções de impostos, infra-estrutura grátis, nada disso. Querem apenas a liberação de terras. Não vão NUNCA invadir a sua casa ou sua chácara ou terra produtiva, como o noticiário, principalmente a TV Globo quer fazer crer, nunca foi esta a idéia deles. Querem que os latifúndios improdutivos, pequena parte deles, sejam liberados para os camponeses.

Os brasileiros acham que os Sem Terra, em sua reivindicação, estão voltando no tempo, revertendo o processo de evolução da humanidade, fugindo da realidade, retrocedendo. Citam como exemplo os Estados Unidos, onde apenas dois por cento da população vive no campo. Lá imperam os latifúndios. E só isso dá certo. O Brasil tem que fazer o mesmo, se quiser progredir! É o que afirmam.

Só que sempre, sempre mesmo, foi exatamente isso o que o Brasil fez. Quinhentos anos! Latifúndios desde as capitanias hereditárias, até hoje.

E alguém, em sã consciência, pode afirma que o Brasil deu certo?

Os Estados Unidos tem 4% da população mundial e detém 25% de sua riqueza. Os três norte-americanos mais ricos são mais ricos que os sessenta países mais pobres do mundo!

Qual a esperança de um dia, imitando-os, chegarmos a algo semelhante? Sem uma violenta reação dos Estados Unidos, nenhuma.

Temos que seguir nosso próprio caminho. Dentro da realidade brasileira. Temos que ser brasileiros e não norte-americanos.

Ora, uma agricultura familiar, assentada em propriedade suficientemente grande, poderia ser uma ótima ferramenta para evitar o inchamento das cidades, as favelas e a violência citadina. A propriedade entretanto não pode ser muito pequena.

A vida no campo é difícil, principalmente quando não há disponibilidade de máquinas e o serviço é braçal, exclusivamente. Entretanto, cooperativas, possibilitam a utilização de qualquer maquinaria, mesmo por pequenos proprietários.

Por que isso não é incentivado pelo governo?

A resposta é simples. Os grandes proprietários, que são os que mandam nos governos, as oligarquias, não querem! Sempre foi assim. Quinhentos anos! As pequenas propriedades são concorrência! As pequenas propriedades empregam mão de obra! O latifúndio não quer isto.

Querem dominar o mercado sem concorrência e ter à sua disposição milhões de desempregados, ávidos por qualquer remuneração!

O grande argumento que a mídia usa contra o MST, é que eles invadem a propriedade alheia, promovendo badernas. O sagrado direito à propriedade está sendo violado e também a ordem das coisas. É errado. Ficamos inseguros quando isso acontece. Queremos nossa propriedade e que ela seja só nossa. Fomos criados com esse tipo de sentimento e não queremos, nem podemos mudar.

Porém, os Sem Terra, também pensam assim. É exatamente isso, o que eles querem. Direito à propriedade. Como todo mundo. Todos devem ter o direito à propriedade. Inclusive eles. E é por isso que eles lutam. Pelo direito à propriedade. Para todos!

Se o direito à propriedade é exclusividade de uma pequena elite, oligárquica e multinacional, e isso é apoiado e incentivado pelo governo, muita coisa está errada e muita coisa tem que mudar. A propriedade é um direito de todos! Inclusive dos Sem Terra!

Apesar de, hoje em dia, ser considerado contra-senso da ordem mundial, a terra tem que pertencer aos que trabalham nela. O mais possível. Se não o resultado, será sempre, a escravidão. É exatamente isto o que aconteceu no feudalismo e é isto o que acontece com os latifúndios. São geradores de escravos.

Por que não dar terra a quem dela quer viver? É apenas uma opção de vida. E até muito saudável. Viver do que se produz, sem intermediários, que mal há nisso?

Os latifundiários não querem. Gente com terra é produtiva e trabalha. Isto significa concorrência e também utilização de mão de obra. Eles não querem isso.

Ou escravos no campo ou favelados na cidade. Esta é a escolha.

Propriedades, não muito pequenas, nem muito grandes, são mais bem aproveitadas. Sustentam satisfatoriamente os que nela trabalham e geram riquezas, muito mais do que latifúndios. E, o mais importante de tudo: Liberta!

Tornam as pessoas livres, menos dependentes da vontade de outros e de fatores que não podem controlar.

Secas, inundações, pragas, doenças não são brincadeira de criança mas, facílimos de serem administrados, em relação a por exemplo um "livre comércio". Que ninguém enxerga, sabe onde fica ou como irá se comportar em trinta dias ou mesmo amanhã.

Se tudo der errado, poderão não vender nada este ano. Mas de fome não morrerão. Sua propriedade os manterá. Sem precariedades. Verduras, feijão, mandioca, frutas, porcos e galinhas sempre existirão, em suficiência. Não será encargo nunca para a sociedade ou o Estado. Ano que vem, as coisas melhoram. Autarquias, no verdadeiro sentido da palavra.

Seus mercados são as localidades próximas, para não encarecer o transporte. Exportação, apenas dos excedentes.

As soluções para os problemas de fertilidade do solo, produtividade, pragas e doenças são soluções locais, quase caseiras, integradas ao ambiente, específicas. Sob orientação segura de técnicos especializados, in loco. Não soluções continentais, globalizadas, definidas em algum escritório distante. Por multinacionais que desejam vender seus produtos.

O que existe de errado nisto? Nada.

Apenas que não gera riquezas para safados e preguiçosos. Só isso.

A Índia tem a metade do tamanho do Brasil e um bilhão de habitantes. Não é absurdo que no Brasil seja negada terra a quem a pede? Terra de verdade, fértil e com estrutura para escoar seus produtos.

O governo não faz a sua parte. A grande culpa, do êxodo rural galopante e dos problemas sociais nas cidades, que estão inchando cada vez mais, é do governo. Deste governo atual e do governo militar, com seus objetivos megalomaníacos. Não fizeram nada para fixar o homem no campo, pelo contrário.

O governo militar desassentou pequenos proprietários e cedeu suas terras para grandes investidores, para que tornassem o Brasil, o celeiro do mundo, mas eles apenas especularam.

O governo atual é capitalista, apóia bancos e o Fundo Monetário Internacional (FMI) e é incapaz de pensar de outro modo. É um governo de financistas. Odeia o cheiro da terra.

A Suécia, o país com o maior bem estar mundial, tem pequenas propriedades, e muitos outros são assim. Por que achar que o único caminho a ser seguido é como nos Estados Unidos? O caminho dos mega investidores, das multinacionais? Nenhuma máquina agrícola exige áreas do tamanho de latifúndios para que possa operar eficientemente. Por que latifúndios?

A igreja católica e a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) apóiam o MST, consideram seu movimento justo e social. Apesar desta ajuda, o grande problema que o MST

enfrenta é que a oligarquia, proprietária de terras, é também a que comanda diretamente ou nos bastidores o país. Isto sempre foi assim. Já há quinhentos anos. Portanto a reforma agrária não sai do papel nunca. A terra pertence aos ricos e ponto final. Mas, o brasileiro pensa apenas o que vê na TV Globo. Defende a opinião da oligarquia e nem se toca. Defende os interesses dos 0,1%, mais ricos do país, e nem se toca.

Tem viseiras no cérebro.

Na época de D. Pedro II, com o tráfico de escravos em declínio, resolveu-se proibir a doação de terras brasileiras. As aquisições seriam feitas apenas mediante pagamento.

A conseqüência foi que, pessoas sem posses, não tinham como adquiri-las. Não podiam pois dela viver. Eram então obrigados a trabalhar para os latifúndios, garantindo assim a mão de obra barata que estes necessitavam. Os latifúndios ficaram também sem a concorrência que as pequenas propriedades, com seus produtos, representavam.

Este pensar, que tanto prejudica os mais humildes, sempre foi a tônica de nossa economia agrícola. Desde o início, açúcar, café, borracha, quinhentos anos. Poucos ricos e muitos pobres. Atendimento a mercados externos. Produzir o que não consumimos. Exploração de mão de obra escrava e quase escrava.

Terras são adquiridas por quem as pode comprar e registrá-las em seu nome. Sempre foi caro, e é até hoje, o registro de uma propriedade, mesmo que ela seja de pouco valor. Apenas os citadinos, e aqueles com posses e influência, adquirem terras e as registram. Como tem outros afazeres, cobrem as terras adquiridas com naftalina e as engessam. Não as utilizam. Mas são ciumentos, ninguém pode mexer.

Com a República, isso se agravou, com a ditadura militar ficou terrível e com Fernando Henrique Cardoso piorou muito mais.

Nunca foi dada prioridade àqueles que nelas viviam e trabalhavam. Ninguém lembrou que, por nela viverem e nela trabalharem estavam na verdade adquirindo o direito à sua propriedade. De fato e portanto também o deveria ser, de direito.

Desconsiderou-se, quase que completamente, aqueles que viviam, moravam e trabalhavam na terra. Eles nem ficavam sabendo que podiam comprar e, se soubessem, não podiam adquiri-las. Nem apenas registrá-las era possível. Já isto era muito caro. Quem vive da terra normalmente não tem dinheiro. A remuneração do seu trabalho é em produtos. É difícil trocá-los por dinheiro. Os mercados ficam muito longe e as estradas são intransitáveis. Assim, às vezes existe fartura, mas dinheiro nunca.

No interior era, e ainda é, costume aguardar o nascimento de três ou quatro filhos e, somente então, ir até a localidade mais próxima, para registrar essa prole. Sempre foi difícil locomover-se.

Por isso muitos deixaram de registrar as terras em seu nome. Mesmo sendo proprietários. Consideravam isto uma simples formalidade, longe, cara e difícil de executar. Além disso, a tradição indígena, absorvida também por caipiras, caboclos e sertanejos, era a não existência de propriedades. Não é necessário ter "propriedade", para de a terra viver. Por que então registrar?

Sem saber tornaram-se alienígenas em suas terras, mesmo que lá estivessem por várias gerações.

Os índios que o digam. Foram totalmente ignorados. Mas eles, assim como os negros, não eram gente, muito menos cidadãos. Direito nenhum lhes assistia. Aos índios nem hoje. E nem é possível. Poderiam querer de volta, o que lhes foi surrupiado.

Se os índios foram ignorados como proprietários de terras, que direito, ética e moral os atuais proprietários e governo tem de exacerbar-se, bater no peito e dizer: "Esta terra é minha!"?

Com a mesma justificativa, poderia ser lhes subtraído a propriedade. É só uma questão de força. Bruta ou legal. Assim como eles fizeram com os índios.

Ou kykuyus ou esquimós ou papuas ou aborígenes, ou zulús ou havaianos ou bosquímanos ou haitianos ou ...

Os compradores, muitas vezes, nunca sequer viram as terras que compraram. Era, como se faz hoje, apenas para especular. Um investimento. Já que sobrou dinheiro, vamos comprar umas terras.

Assim, áreas imensas, na região Amazônica, por exemplo, tem proprietários. Principalmente as extensas áreas que não inundam nunca, com castanheiras, os seringais, as terras nobres, com pouca malária e pouca febre amarela. Nelas, ninguém pode morar. Elas tem dono. A não ser que trabalhem para os proprietários. Como escravos.

Os donos, para evitar usucapião, para vender, ou quando consideram de conveniência, retiram os moradores de suas terras. Com o apoio da polícia, exército, juízes, desembargadores e sabe mais lá o que. Tudo dentro da lei pois, eles são os proprietários. Tem todo o direito.

O que acontece então com os que têm que sair?

Palafitas, favelas, catadores de papel, flanelinhas e trombadinhas. Tudo isso dentro da lei e da ordem.

Matar, corromper, bombardear, enganar, expulsar, envenenar, invadir, subornar, pressionar e depois, consolidar tudo, com uma legislação adequada e conveniente aos seus interesses. Não é este um resumo do homem inteligente, culto e civilizado e da sociedade organizada?

Não é assim que as terras mudaram de dono nos últimos quinhentos anos?

Os que lutaram no Contestado, Cabanagem, Canudos, Palmares e tantos outros movimentos, tinham por objetivo reivindicar terra que lhes provia sustento, libertar-se do jugo escravista oligárquico/governamental e viver uma vida socialmente autônoma e livre. Luta por justiça social, por um lugar ao sol.

Caracterizou-os a violência da repressão exercida pela classe dominante, precedida sempre por eficiente campanha difamatória, que lançava contra o movimento a opinião pública, a polícia, o governo e as forças militares. Justificava-se assim as mortes, o extermínio. Não estavam matando gente e sim apenas bandidos, baderneiros e salafrários.

Sempre foi assim.

Hoje vemos agigantar-se o MST. Estamos vendo também a oposição manifesta dos grandes proprietários, da UDR e empresariado. Vemos veementes campanhas de difamação em quase todos os meios de comunicação, nos noticiários e embutidas como argumentação até em campanhas eleitorais.

Será que o resultado será o mesmo, o extermínio?

Hoje em dia, em plena virada do milênio, em plena era espacial?

3 - xxx O governo a que estamos acostumados

Qual o brasileiro que não acha que a única forma viável de governo é a democracia no modelo norte-americano, mas que, no Brasil, ainda não deu certo em sua plenitude, pois o brasileiro tem o péssimo hábito de trocar seu voto por uma camiseta?

Acham que eleições diretas e democracia é a mesma coisa.

Ora, se os eleitos diretamente, chegam lá em cima, fazem o que bem entendem, como e quando bem entendem, inclusive garantindo-se com imunidade parlamentar contra reclamações, não pensam em cumprir uma promessa eleitoral sequer, como isto pode ser considerado democracia?

Já pensaram alguma vez que somente quando o povo tem influência nas decisões governamentais é que a democracia (governo pelo povo) está sendo exercida? Quando é que o brasileiro comum, alguma vez, decidiu qualquer coisa?

Antes os reis eram colocados no governo por Deus, todo poderoso. O povo aceitava isto como certo. Só um príncipe podia ser rei. Se o rei era bom, agradeciam a Deus, se ruim, era porque Deus assim o desejava. Em todo caso, o reino era propriedade vitalícia do rei e seus descendentes. Desde cedo, o futuro rei, bem ou mal, era preparado em sua administração, manutenção e defesa. Podia "deitar e rolar" como bem entendesse, mas tinha que se cuidar, pois arriscava perder o seu reino. A grande desvantagem era que, do alto do seu trono não enxergava os que estavam mais "por baixo". Vivia a realidade dele e dos nobres, apenas. Impostos eram recolhidos, os camponeses tinham que trabalhar para os nobres, proprietários de terra e também para o seu próprio sustento, além de serem recrutados para as guerras. A opressão era muito forte.

Surgiram então as democracias. Agora o povo elege o seu Presidente. Qualquer um pode ser Presidente. Os pedreiros podem, os lavradores podem, operários podem, todos podem. Não acontece nunca, mas podem. É só esbanjar fortunas, que eles não têm, em campanha política e corrupções. Se o Presidente é bom, ótimo, se ruim é porque não votaram corretamente. A culpa agora não é mais de Deus, é do próprio povo.

Numa democracia o Presidente não é proprietário do país e, assim como o olho do dono engorda o gado, quando não existe dono, o gado emagrece. O FMI engorda.

O Presidente não necessita ser preparado para governar. Contrário a todas as outras profissões, que só serão bem exercidas mediante preparo prévio e cuidadoso, governar um país não necessita preparo nenhum. Governar democracias é uma dádiva divina, do Deus norte-americano, os Estados Unidos. Sem a sua aprovação, nada feito. Não é uma "democracia". Vai ser derrubada.

O Presidente tem que "deitar e rolar" o mais rapidamente possível, o mandato é curto, depois não dá mais, é a vez de outro. Não arrisca o seu reino, este é propriedade do povo. Aí já é mais fácil "arriscar". Do planalto, do palácio, não enxergam os níveis inferiores. Vivem a realidade deles e dos bancos, apenas.

Impostos são recolhidos tanto quanto antes ou mais, os bóias-frias continuam trabalhando para os proprietários de terra e para o seu sustento, o serviço militar também é obrigatório. A opressão continua muito forte.

Olhando como foi dito acima a democracia não é melhor do que uma monarquia plena, pelo contrário. A democracia, com suas eleições, políticos e funcionalismo público é extremamente cara, ineficiente, inoperante e burocrática. O absolutismo, pela total arbitrariedade é extremamente individualista, injusto e cruel mas, com toda a opulência do reis e nobres, era às vezes menos oneroso do que uma democracia corrupta. E corruptas todas elas são. Podem até legalmente não ser mas, moralmente e eticamente, são. Pensando bem, as monarquias também são.

Aliás, restabelecer a monarquia no Brasil é inviável. Imediatamente, os descendentes de D. Pedro II, entrariam com uma ação de reintegração de posse. Pode?

Imagine então os índios, o que fariam?

O Presidente Collor foi afastado do poder porque P.C.Farias arrecadava dinheiro de empresas e pessoas para a sua campanha eleitoral. Aliás, como todos e quaisquer candidatos fizeram, fazem e farão, de vereador a Presidente. Eternamente.

Estas empresas e pessoas, é claro, consideram estas contribuições como um "investimento" de risco elevado, e que portanto deve ter retorno substancial. Quem não sabe disto? Isto era chamado de corrupção e era ilegal.

Derrubaram, com esta motivação, o Presidente Collor.

Logo após o seu afastamento, os políticos, temerosos que a idéia de "impeachment" pudesse se alastrar, votaram uma lei, ou alteração constitucional, em "surdina", notícia retida pelo grande FILTRO já citado, permitindo oficialmente que pessoas e empresas doassem o que quisessem para campanhas eleitorais, desde que fossem comunicadas ao Tribunal Eleitoral.

O que antes era corrupção agora não é mais. Agora é legal.

É claro que os doadores continuam considerando as doações como "investimento". A corrupção ética e moral portanto continuam. Agora tem força de lei.

Hoje se fala em corrupção, quando as contribuições não são comunicadas ao Tribunal Eleitoral. É a corrupção da corrupção. Existe em larga escala. Certamente envolvendo ilegalidades, as mais diversas, não apenas das leis eleitorais.

Como tem que ser sigilosas, não pode ser feitas por meio de cheques, conta correntes e assemelhados. Usam o velho "cash", guardados em cofres nas empresas da Roseana Sarney (filha do ex-presidente da República) e de outros políticos. Quem não sabe disto?

Entretanto esta corrupção é necessária pois, para evitar o absolutismo, foram inventados os chamados "três poderes": Legislativo, Executivo e Judiciário.

Estes poderes têm que ser independentes, uns dos outros, para que possa existir o equilíbrio de forças, necessário para que o mais fraco não seja apenas marionete do mais forte. Essa é a idéia. O resultado porém é o emperramento total de todas as

decisões. Um discorda do outro. Não importa o assunto, se correto, incorreto, legal, ilegal, coerente, incoerente, benéfico ou maléfico. Um discorda do outro.

Só vai para frente quando os grupos que se formam, situação e oposição, são corrompidos, formando então uma maioria, a favor ou contra determinado assunto. São as negociações nos bastidores, as lideranças dos partidos, as coligações, oficiais ou não, as fidelidades partidárias, o dando é que se recebe etc. Para tudo isso, é necessário dinheiro. E muito.

Pensando bem, se existe no governo apenas situação e oposição, por que não ter também apenas dois vereadores, dois deputados, dois senadores etc.? Um situação e outro oposição?

No fundo, é tudo, um absolutismo disfarçado. Poder concentrado. A oligarquia manda. O FMI manda. Só que com um desperdício enorme, que tem uma única finalidade: Manter as aparências de democracia. Iludir o povo. Escravidão dissimulada.

Normas, códigos, regras, leis e Constituição, formam a base da conduta e os pilares de sustento da sociedade. Deveriam ter, naturalmente, validade por um período de tempo razoável ou até mesmo, indefinidamente. Para que a sociedade seja estável, mude pouco e, principalmente, para que as pessoas possam adaptar-se a elas.

A sociedade é "dinâmica", não pode ficar "engessada" em leis arcaicas, dizem. Por isso fazem alterações. E não são poucas. Até a Constituição é alterada amiúde.

Fernando Henrique Cardoso emitiu uma média de três medidas provisórias por dia em seu governo.

Ora se alterações são por demais freqüentes, tornam-se nada mais que arbitrariedades, com cunho legal. Faz-se hoje, muda-se amanhã. E então se muda novamente.

Muitas vezes, quando a Constituição em si não é modificada, ela é alterada em muitos dos seus significados por leis que, sem serem diretamente conflitantes, torcem sua idéia inicial. As leis por sua vez sofrem interpretações, as mais diversas. Acrescidas de portarias, resoluções etc. o resultado pode muito bem ser o oposto do que reza a Constituição. A saúde, educação, reforma agrária, juros limitados a 12% ao ano, são alguns exemplos.

A idéia da Constituição é uma e a prática dela, totalmente diferente.

Pior que isso ainda. Às vezes as alterações são feitas retroativamente. Altera-se não só o "daqui prá frente" mas também o que já aconteceu, o passado!

Assim como não ficava bem os monarcas voltarem atrás nos privilégios concedidos, nas "democracias" não convém voltar atrás, afrontando diretamente as leis e a Constituição. Como resolver, caso surja o problema?

A correção do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) do trabalhador, denominada plano Collor, Bresser, Verão etc., ganha, para quem entrou na justiça, em todas as instâncias, no Superior Tribunal de Justiça inclusive, ou seja, irrecorrível, decisão imutável, significaria, uma despesa enorme para o governo. O governo, respeitando os pagamentos ao FMI, iria quebrar, até mesmo antes da Argentina. O que fazer?

Um colegiado de juristas, ou mais sei lá quais autoridades judiciais supremas, declararam, apesar de francamente constitucionais, como inconstitucionais algumas das correções. Leram "SIM" e interpretaram "NÃO". Enxergaram vermelho o que era verde. O irrecorrível ficou recorrível. A despesa do governo caiu para um terço do que era. A pátria amada foi salva.

Não se voltou atrás. Apenas leu-se de outro modo.

É permitido alterar, quando e quanto se queira, interpretar como se queira. Até afirmar o oposto do que está escrito é permitido. Para que então escrever?

O trabalhador, lesado na maior parte do seu FGTS, ficou a ver navios e a escutar histórias da carochinha. Por que só no meu?

Fernando Henrique Cardoso mandou para o exterior em pagamento de dívidas, nos últimos anos, 310 bilhões de dólares. Quer dizer que dinheiro tem, isto é, tinha. Afirmar que a previdência está quebrada, depende só do ponto de vista. Dinheiro tem, isto é, tinha.

Só para entender melhor, o que significa a quantia citada, podemos dizer que equivale a um pagamento mensal de meio salário mínimo por cada brasileiro, empregado, desempregado, na ativa, aposentado, mulher, criança, neném de colo etc.

E o governo afirma não ter como incrementar o salário mínimo! Não tem dinheiro, dizem!

Quando emprestamos dinheiro para alguém e ele não nos devolve, o que é que escutamos? Que ele não tem dinheiro, que está quebrado, está difícil, não pode devolver. Aí ele tira um cigarro e fuma e pede mais uma cerveja. Pega então o carro e vai para casa. Para cigarro, bebida, gasolina e muito mais, ele tem dinheiro. Até para o leite das crianças ele tem. Não tem, é para pagar, o que deve a você. Aí falta.

É assim que o governo faz. Não existe nenhuma diferença. Veja se alguma vez faltou dinheiro para pagar salário de político, ou para pagar o FMI. Não tem isto sim, para o trabalhador e o aposentado. Aí falta.

E dizer que a rubrica, a verba, a lei é outra, é conversa. Assim como dinheiro do SUS (Sistema Único de Saúde) pode ser usado para pagar o FMI, o inverso também seria válido.

O pior de tudo é que, a correção do FGTS, não é despesa e sim apenas devolução do que foi subtraído ao trabalhador. Onde foi parar esse dinheiro?

Nesta reduzida devolução, reduzida mais ainda por um acordo, praticamente imposto pelo governo (só aqueles que fazem acordo, receberão, dentro de um prazo previsível qualquer), ele ainda, cinicamente, faz propaganda, dizendo que é um "benefício" que o povo está recebendo.

Desde quando a devolução de dinheiro surrupiado é benefício?! Desde quando?

Mas não é só isso. Na sua ânsia em atender às exigências do FMI o governo faz qualquer coisa.

Seguidamente temos visto nos meios de comunicação, um quadro típico: O fechamento de entidades governamentais, hospitais, entidades psiquiátricas, educacionais, de pesquisa, de apoio a idosos, creches, instituições, qualquer coisa.

Descobrem que uma entidade qualquer não está atuando como devia. Mau atendimento, falta de higiene, corrupção, falcatruas, maus tratos, desvio de verbas. Isso é mostrado pela mídia. Um escândalo. Medida punitiva do governo: Fechamento imediato da entidade!

O povo gosta disso. Ele apóia uma medida enérgica, instantânea. É assim que os problemas devem ser resolvidos: A ferro, fogo e rapidamente.

O caso mais recente foi o da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste). Fechamento imediato!

Só que acabamos ficando sem. Se antes tínhamos pouco, por causa do mau funcionamento da entidade, agora não temos mais nada.

Ora, se algo é necessário mas não funciona bem, corrija-se! Desativando, o governo declara-se incapaz de resolver o assunto. Ficamos sem, porque ele não consegue fazer com que funcione. É absurdo.

Na verdade, o governo, aproveita-se da ocasião para economizar. Não precisa mais repassar as verbas correspondentes. Gasta menos. Sobra mais para o FMI. Este é o motivo.

Quase todos os repasses de verbas para instituições, Estados e Municípios estipulam condições que, não atendidas, resultam na suspensão do repasse. A finalidade é a mesma: Economizar.

Por que não somos radicais com a idéia de abandonar tudo que não funciona e desistimos também do judiciário, do legislativo e executivo? Nunca funcionaram a contento e sempre houve corrupção, por que sempre dar a eles uma nova chance?

O governo, nunca foi satisfatório, nunca foi um representante do povo e nunca trabalhou para tornar este país um lugar digno de se viver, por que dar a ele sempre uma nova oportunidade?

Seria a forma de governo que está errada?

Se pensarmos bem, na verdade, não interessa a forma de governo e sim apenas como ele é executado. Monarquia, despotismo, absolutismo, tirania, comunismo, democracia,

parlamentarismo qualquer um deles pode ser muito bom ou muito ruim. Na verdade a maioria é ruim.

Podemos falar apenas de um punhado de países no mundo inteiro, não importa a forma de governo, em que os homens e a natureza são bem tratados.

Mesmo nestes, muitas vezes, o bem estar do seu povo e da sua natureza é feito à custa do bem estar de povos e da natureza de outros países. Ou seja, genericamente, também não é bom.

Pagamos talvez uns 60% do que recebemos em impostos. Com este custo e com os resultados que estão aí, melhor seria não ter governo nenhum. A vida seria no mínimo 2,5 vezes melhor. Nossa renda seria 2,5 vezes maior. Não poderíamos, bancar cada um, tudo o que o governo promete e não cumpre, apenas finge cumprir?

Rodovias, portos e ferrovias? Servem apenas para escoar os grãos e os minérios brasileiros, aumentando um PIB, que brasileiro nenhum come, nem no almoço, nem no jantar.

Combustíveis? Muitos brasileiros estão empurrando seus carrinhos pelas ruas, não precisam de combustível. E o gás de cozinha, com o preço que está, esqueça, lenha até "bosta" de vaca, é melhor.

Energia elétrica? Para que as montadoras de veículos tenham eletricidade barata, à custa dos consumidores residenciais?

O que seria da televisão? Xuxa e Sílvio Santos que se mudem para Israel, lá têm mais dinheiro do que aqui. Menos trouxas, é verdade.

O governo deveria ser como uma espécie de condomínio. Contribui-se para que uma administração trabalhe pelo bem comum. Se isto não acontece, se não é benéfica, dissolva-se a associação.

Por que Canudos, de Antônio Conselheiro, teve que ser destruída? Eles apenas recusavam-se a pagar impostos. Queriam ser autarquia. Sem a interferência do Estado. E estavam indo bem. O resultado estava sendo muito bom. Sua sociedade, igualitária, estava sendo exemplo. Estava sendo a prova que uma sociedade, sem a interferência de um governo, pode funcionar muito bem. Sua fama "corria mundo". E se a idéia se alastrasse?

Tinha que ser destruída, sem falta! Acusaram-na de imperialistas. Quatro incursões militares foram necessárias para extirpar esse câncer da sociedade civilizada. E tudo voltou ao normal.

Certa vez, fui ao Paraguai, fazer compras. Ônibus de excursão. Este ônibus, apesar de licenciado corretamente e dentro da lei, não é transporte oficial de passageiros. Não é uma concessionária. Era um ônibus de "turismo" que de turismo não tinha nada. Ninguém no ônibus era turista. Ninguém ia visitar as Cataratas do Iguaçu e nem tinha como, pois o ônibus atravessava a fronteira e ia direto à Ciudad del Este, ficava lá aguardando as compras e os seus sacoleiros e, findado o cansativo dia de andanças pela cidade, retornava para Curitiba novamente, sem sequer passar perto das Cataratas. Um "guia turístico" ficava o tempo todo à disposição dos sacoleiros. Tudo corria bem,

bagagem nenhuma no ônibus era revistada por fiscais da Receita Federal, até isto já estava acertado, mas tudo era muito cansativo, para todos.

O mais interessante de tudo é que, custava apenas a metade, do valor da passagem, de um ônibus convencional, de linha, concessionária oficial. E este vai apenas até a rodoviária de Foz do Iguaçu.

O ônibus de excursão, junto com o motorista e um guia, atravessava a fronteira e ficava o dia inteiro a disposição dos sacoleiros. Tudo isso pela metade do preço. Como é possível?

Certamente as concessionárias oficiais de transportes ganham, no mínimo o dobro do que seria justo. Por quê? Só porque é um transporte oficial? O usuário tem que pagar o dobro só por causa da palavra "OFICIAL"? Mais que isso ainda, a fiscalização governamental do transporte coletivo, dá "duro" em cima das não oficiais, dos "piratas", instigadas por reclamações das concessionárias que se dizem prejudicadas pela concorrência desleal destes "piratas".

Assim atuam os governos. Ajudam as transportadoras oficiais a ganhar o dobro do que deviam. Para defender o interesse dos empresários, utilizam-se do dinheiro de impostos.

Isto deve ocorrer também em todas as cidades brasileiras e em todos os transportes estaduais e interestaduais, certamente.

É o que acontece com os "perueiros" na cidade de São Paulo. Se o usuário utiliza esta alternativa de transporte é porque o transporte coletivo oficial está deixando a desejar, e muito. A Prefeitura deveria investigar o que está acontecendo e promover melhorias, de modo que eventuais "perueiros", viessem morrer à míngua, por falta de passageiros, caso desejassem competir com o transporte oficial.

Não é de entender que, a grande despesa alegada pelo transporte oficial (que são os motoristas e cobradores) em ônibus com quarenta, setenta ou mais lugares, venha a sofrer concorrência de "peruas" que transportem apenas uma dúzia de passageiros. Evidentemente, o preço da passagem oficial é muito alto. Não está sendo conveniente para o usuário. Ele prefere os "perueiros".

A Prefeitura deveria ver as coisas deste modo. Entretanto, não é isso que acontece. O transporte oficial coletivo é defendido pela Prefeitura, polícia, fiscalização e outros mais com unhas e dentes, desconsiderando completamente o interesse dos usuários. Por que? Ou algo está podre ou a Prefeitura, simplesmente, não se importa com o usuário. Este tem que desistir desta alternativa, pagar mais caro, esperar mais na fila e andar em ônibus mais lotado. Mas é oficial.

Alegam, entre outras coisas, que os "perueiros" tem que ser coibidos pois entopem, ainda mais, o transito da cidade, já caótico. Ora se o transporte coletivo fosse bom, realmente bom, excelente, muitos deixariam até o carro em casa e, isto sim, com toda certeza, aliviaria o tráfego.

Este deveria ser o objetivo da Prefeitura. Mas não é.

O transporte coletivo não funciona porque a idéia empresarial é cobrar o máximo e oferecer o mínimo. Qualquer empresário pensa assim. Uma linha de ônibus que é ruim,

ou seja com poucos ônibus, onde quase sempre todos tem que viajar em pé, horário insuficiente e inadequado, acaba sendo evitada pelos usuários. Eles compram carros, usam os "perueiros", deixam de sair, fazem suas compras no boteco ao lado, vão a pé, andam algumas quadras para pegar outro ônibus, enfim, "dão um jeito". O lucro da linha diminui. Para compensar a redução de passageiros, as empresas diminuem ainda mais a quantidade de ônibus e a situação piora. No seu modo de entender, ônibus que não estão superlotados, é prejuízo. Muitas linhas chegam assim, até a extinção. Matam a galinha dos ovos de ouro. Apesar de existir potencial. Mas isto, não é feito arbitrariamente não. São elaboradas planilhas de cálculos tarifários, estudos de tráfego e tudo isso é apresentando aos órgãos controladores do governo, que os aprovam. Nunca porém, órgão algum, verifica se estes documentos estão corretos. Poderiam, mas não fazem. Não tem pessoal para isso. Acreditam nas concessionárias. A linha é deficitária. Aumentam a tarifa e autorizam redução de horários. Isso sempre foi assim.

Na maioria dos casos, entretanto, com toda certeza, se as empresas oferecessem um serviço melhor e/ou mais barato, o movimento aumentaria. E o lucro, no final, também seria maior.

Na verdade, o preço de uma passagem de ônibus, não é detalhe sem importância, na vida do brasileiro. Pesa bastante no seu orçamento. Nunca se viajou tanto, de ônibus no Brasil, quando, por força do congelamento, na época do Presidente Sarney, os preços das passagens não podiam ser modificados. As empresas de ônibus reclamaram, como sempre fizeram, mas embolsaram bons lucros e sobreviveram muito bem. Não houve quebradeira. Nem de empresas, nem de ônibus, por usuários descontentes.

Mas não fizeram disso uma lição. Assim que o congelamento desmoronou, voltou tudo às antigas. Preferem explorar mais e ganhar menos. É uma espécie de filosofia.

O governo porém, está do lado dos empresários. Se ônibus são depredados, ele conclui que é ação de baderneiros, que não tem mais o que fazer. Apenas querem desestabilizar o governo. Tocam a polícia em cima. Não procuram saber o que realmente está por trás disso. Não se toca que o usuário está pagando muito caro pelo serviço que recebe. O dobro, pelo menos. Este é o motivo do descontentamento!

Pagamos impostos e o governo defende os interesses dos empresários. Não os nossos. Para que serve então? Governo é escravidão institucionalizada!

Nenhuma forma de governo é sempre melhor.

Seria é claro uma selva. Se observarmos uma favela, um mercado, feira livre ou uma invasão, podemos concluir que uma organização, apesar de tudo, tem que existir. Não necessariamente um governo.

Formar-se-iam pequenas sociedades, autônomas em sua administração. As favelas são um exemplo, a população carcerária do sistema prisional também. Ambos já estão se encaminhando nesse sentido. É o ressurgimento de uma espécie de feudo. É o Canudos de Antônio Conselheiro.

O espírito de pátria deixaria de existir e muitas outras coisas. Mas quem pode afirmar que, abstraindo-se da tecnologia dos brancos, a vida dos índios americanos não era infinitamente melhor?

E não tinham governo.

E isto não significa que não pudessem ter também a tecnologia. Boa parte das conquistas científicas e tecnológicas é decorrente da curiosidade e genialidade de indivíduos. Não é imprescindível a existência de um governo para que a ciência e tecnologia sejam exercidas. Os governos, quando incentivam a tecnologia, muitas vezes o fazem apenas em seu interesse.

Querem dela, apenas incremento de poder e a criação de armas de destruição.

Temos que pensar ainda que, entre pequenas sociedades, a ocorrência de conflitos e guerras seria pouco significativa, pois não existiriam grandes exércitos. Também os generais estariam muito mais perto das frentes de combate, perto do perigo, e isto aumentaria, em muito, as possibilidades de negociação de paz. É mais fácil ser destemido e intrépido a milhares de quilômetros. Bush que o diga.

É claro que estas sociedades, assim como o foram as nações indígenas, seriam extremamente vulneráveis.

Mas o Brasil, que segue o modelo das grandes potências, cobra impostos, tem patriotismo, democracia, leis, forças armadas etc., é ele por isso poderoso, independente e soberano?

Ou apenas, como sempre foi, submisso aos ingleses antes da segunda grande guerra e submisso aos norte-americanos depois?

4 - xxx História e histórias

O brasileiro deveria ler mais para ver que existem opiniões diferentes e para pensar melhor mas, pelo amor de Deus, não leiam apenas romances norte-americanos!

A conquista do Pólo Norte disputada por Cook e Peary mostra bem como a História pode ser construída artificialmente.

Atualmente, parece mais provável que Cook tenha sido o primeiro a alcançar o Polo Norte e que Peary por sua vez, nunca tenha chegado lá.

Na época, entretanto, o decantado e festejado conquistador foi Peary, sendo que Cook foi até preso por alegar ter chegado ao pólo primeiro. Interesses jornalísticos e sensacionalistas da época, estabeleceram a irrefutável "verdade" de então.

Por que Peary, na época, tinha que ser obrigatoriamente o conquistador do Pólo Norte?

Dedicou décadas de sua vida a essa conquista, sempre ajudado e financiado por diversos meios de comunicação que, em troca, vendiam jornais e notícias. Ótimo negócio para todo mundo.

Dezenas de tentativas frustradas, efetuadas pelos mais diversos países, acirravam esta competição. O ibope era extraordinário.

Para os Estados Unidos Peary era o conquistador, era consenso.

Quando Cook anuncia ter chegado ao pólo, ele foi imediatamente contestado e criticado. Não podia ser. A conquista pertencia a Peary!

Uma batalha suja nos meios de comunicação e nos tribunais deu razão a Peary, no final das contas.

Cook, que também era norte-americano, entretanto descreveu a latitude zero corretamente. Nada de terra firme. Apenas gelo flutuante.

Peary, por sua vez, para alcançar seu objetivo, alegou percorrer distâncias enormes, diariamente. Inacreditáveis, impossíveis até.

Mas ninguém se importou com isso.

O polo tinha que ser de Peary e ponto final. Essa era a "verdade histórica", nem que não fosse verdade.

Se, hoje em dia, sabem-se melhor as coisas, isto não passa apenas de simples curiosidade.

Este procedimento é comum entre os homens. Inteligente com ele é, sabe que, naturalmente, as coisas devem ser feitas com fundamento. Devem ter um substrato moral ou mesmo apenas emocional que as justifique. Não pode fulminar como um raio vindo de céu límpido e ensolarado. Não é lógico.

Assim se o ambiente não é propício, se o mar não está para peixe, ele deve ser preparado. Depois disso as coisas acontecerão com naturalidade.

Nenhuma guerra fulmina de céu límpido ou quando o mar não está para peixe. Nenhum povo é escravizado ou exterminado sem que ele seja previamente considerado como bárbaro, canibal, herege, terrorista ou fanático.

Os meios de comunicações é a ferramenta adequada.

O que aconteceu no "holocausto" ou "shoa", dos israelitas?

Nunca me preocupei muito em saber sobre isso. A vida inteira entupido até o pescoço que fui, com notícias Nazistas x Israelitas, pelos meios de comunicação.

Sendo descendente de alemães, envergonhava-me disto, e muito. Era melhor portanto, ignorar o assunto.

Claro, como todo mundo, pensava ser certo que essas coisas tenham acontecido realmente. Não no exagerado grau apresentado nos filmes e na televisão mas, certamente aconteceram.

Mas, com o tempo, algumas coisas começavam a incomodar:

- por que apenas as mortes de israelitas eram pranteadas, incessantemente?

- por que essas notícias perduram por décadas e outros assuntos não?

- por que, de centenas de países, apenas alguns deles são enfatizados no noticiário, entre eles por exemplo, Israel, país relativamente pequeno?

- por que, entre os muitos alemães que conheci, nunca vi senão pessoas de caráter, honestos, trabalhadores e dedicados, completamente diferente da imagem que se faz no noticiário, dos nazistas, por exemplo?

- meus pais, meus tios e avós, respeitadíssimos por sua competência e integridade, como é possível?

Comecei a ler um pouco. A primeira coisa que vi era que existia gente que contestava qualquer extermínio de israelitas nos campos de concentração ou fora deles. Ninguém foi exterminado, muito menos seis milhões de israelitas, é o que afirmam.

Devem ser loucos radicais, neonazistas, pensei, pois que é claro que isso aconteceu, é sabido no mundo inteiro.

Porém, quando vários deles foram indiciados, processados e condenados, pensei:

"Por que uma verdade, clara e evidente, não pode ser contestada livremente? Por que ela tem que ser protegida por lei? Será que, na verdade, ela é frágil, não pode sustentar-se a si mesma, necessitando de apoio legal para manter-se?"

Será que a força da gravidade por exemplo, necessita de uma proteção legal para que possa atuar, como sempre vem fazendo, desde o início dos tempos?

Algo de podre no reino da Dinamarca!

Afinal, pelo pouco que li, espremendo tudo que existe sobre o holocausto, desconfio que, na verdade, não existe uma, uma sequer, prova material sobre o extermínio de israelitas pelos alemães.

Não existe um documento sequer, um laudo pericial, nenhum objeto, análise laboratorial, nada. Nada inequívoco e consistente.

Se não, é claro, seria a primeira coisa que eu teria visto, em qualquer literatura. Dezenas de explicações medíocres não somam um total verdadeiro. Quantidade não substitui qualidade.

Aparentemente admitiu-se a existência do holocausto sem provas.

Como se fosse um dogma. Sem provas. Assim como a Terra ser o centro do Universo. Assim como o Afeganistão ter sido responsável pela destruição das torres gêmeas de Nova York.

Apenas testemunhas e confissões. Muitas testemunhas e muitas confissões.

Israelitas imparciais e confissões sem tortura?

Testemunhas semelhantes aos testemunhos apresentados pela Igreja Universal do Reino de Deus, hoje em dia:

Ninguém verifica se o que dizem é verdade. Nunca os testemunhos são colocados à prova. Só apresentam o que lhes é favorável. Os "contra" são descartados.

Há não muito tempo atrás, bruxas eram queimadas. Ninguém discute isso. Quais eram as provas? Testemunhas e confissões. Apenas isso. Como no holocausto.

Era assim que as bruxas eram condenadas. Nenhuma prova material era considerada. Nem podia, pois sabemos que bruxaria não existe, as provas são portanto inexistentes.

Mas testemunhas e confissões houve! Oficiais e legais, como na Santa Inquisição.

E bruxas foram queimadas.

Por que o holocausto não necessita nem apresenta provas materiais?

Por quê????

Imaginando o holocausto uma ficção, como poderia ele impor-se sem contestação, mundialmente, desde o início? Pode uma mentira fazer isso? Como teria acontecido?

A Alemanha, depois da primeira grande guerra, estava condenada a perecer pelos ditames do Tratado de Versalhes.

Israelitas dominavam as finanças, a economia, os mercados, as profissões elitizadas, medicina, advocacia, magistrado, magistério, as comunicações, a política, as artes e assim por diante (como acontece no Brasil atualmente). A miséria do povo era muito grande (como acontece no Brasil atualmente).

Surge então um partido político que promete resolver todos estes problemas. Encontra, para suas idéias, no povo alemão, terra fertilíssima. Nada mais óbvio. Devolver aos alemães sua soberania. Tirar o poder das mãos dos israelitas.

Estes não seriam considerados cidadãos e sim apenas hóspedes, com direitos e deveres diferenciados. Discriminação total. Nada elogiável, sem dúvida nenhuma.

O judaísmo internacional, de imediato, declara guerra à Alemanha. Isso mesmo. Muito antes do início da segunda grande guerra, ela já tinha sido declarada! Oficialmente! Pelos israelitas!

Iniciam então, mundialmente, uma campanha, nas finanças, no comercio, na política e nos meios de comunicação, contra os alemães e suas idéias. Campanha ferrenha, eterna, enquanto o planeta Terra durar.

Assim, tudo o que o mundo apreendeu sobre a Alemanha a partir de então, nada mais era do que o ponto de vista dos israelitas, hostis a ela, exclusivamente. E isso, sem provas, apenas com muito blá, blá, blá. Estabeleceu-se como verdade, mundialmente.

É como as coisas que aprendemos desde pequenos, sem provas. É assim porque é assim. Sem explicação. Aceitamos como verdade.

Surge a notícia do holocausto. Ninguém duvida. Ninguém contesta o que é evidente e consenso. É aceito com naturalidade por todos. Dos alemães só poderia esperar-se coisas deste tipo.

O mundo aceita sem pensar. Nem interessava muito pensar. Os perdedores do conflito mundial, a Alemanha, é proibida manifestar-se. Trilhou-se um caminho sem volta. Esta "verdade" terá que ser, custe o que custar. Sessenta anos após o holocausto, cada vez mais, pipocam leis, mundialmente, que protegem o holocausto. Impedem cada vez mais que ele seja investigado.

Posso estar enganado. Mas esta história do holocausto está mal contada. Assim como a morte de P.C.Farias e o suicídio de sua "namorada". Muito mal contada!

É claro que, mortes violentas, espancamentos, torturas, execuções, escravidão, experiências médicas com seres humanos etc. dificilmente acontecem às claras, abertamente. Quase sempre são sigilosas, dificilmente documentadas com fidelidade, fotografadas ou registradas.

Nas Américas, nos quinhentos anos de genocídio entretanto, alguma documentação existe, bem como provas materiais. Suficientes para tornar a negação do genocídio americano impossível. A quantidade de mortes de índios e negros não é conhecida exatamente, mas seguramente é de muitos milhões.

No Brasil dos anos de chumbo, ocorreram muitas mortes e torturas. Existem igualmente documentação e provas materiais. Os números variam, igualmente em torno de estimativas, sem muita dispersão. A negação é impossível.

Duas ocorrências uma antiga e outra recente.

O holocausto porém é diferente. Os números variam de zero a seis milhões. Não existem provas materiais, cinzas, ossos, nada. Documentação duvidosa e muita falsificação. Tem gente que afirma nada ter acontecido. São proibidos de falar. Algo de podre no Reino da Dinamarca!

Filmes e mais filmes mostram médicos nazistas executando atrocidades nos prisioneiros dos campos de concentração. Experimentação científica. Sadismo.

É horrível que o ser humano utilize o seu próximo, como cobaia. Até a utilização de animais, no fundo, é uma crueldade, imperdoável. Um terrível egoísmo.

Sem querer justificar ou defender os alemães, não é característica germânica, exclusiva, este procedimento. Apesar dos filmes só mostrarem alemães cometendo este tipo de crime.

A renascença pecou muito neste aspecto. O ser humano valia pouco. Os meios materiais eram preciosos, muito mais. Os conhecimentos estavam brotando, não só navegar era preciso, experimentar também. Ainda hoje é assim. O ser humano não é nada. Muçulmanos menos ainda. É necessário testar, experimentar.

Os norte-americanos infectaram três mil peles-vermelhas com tuberculose. Para testar a eficácia de uma vacina. Morreram a maioria. Brancos não foram testados.

Quatrocentos negros nos Estados Unidos, sifilíticos, foram estudados em um hospital norte-americano. A pesquisa visava comparar a raça negra em relação ao branco no aspecto de evolução dessa doença, até que a morte acontecesse. Fingiam administrar medicamentos. Simulavam tratamento. O objetivo não era curar. Era observar a doença até o amargo fim. Fizeram isso mesmo quando, no fim da segunda guerra mundial, a penicilina já existia e representava cura eficiente. Brancos não foram testados.

Devemos olhar tudo isso, não com os olhos de hoje, mas com os da época. Estas doenças eram flagelos mundiais. Índios e negros eram (e são) menos gente. O racismo, o apartheid imperava. Não existia pois muito impedimento para que coisas desse tipo acontecessem.

Centenas de experiências médicas e científicas são atualmente feitas com prisioneiros "voluntários". Doenças gravíssimas são neles testadas. É difícil achar voluntários, no dia a dia da sociedade, para doenças que podem matar. Recorrem assim a "voluntários", nas prisões.

Como conseguem convencê-los?

Afinal eles estão presos. A falta de liberdade lhes foi imposta pela sociedade, que agora pede ajuda. E não é uma ajuda qualquer não. Podem morrer fazendo isso. Para ajudar os que estão lá fora, em liberdade.

Assassinos, ladrões, estelionatários, pensando mais na humanidade do que aqueles que os encarceraram, sem coação ou suborno? Qual é o preço?

Regalias, redução de pena ou pontos para obtenção de liberdade condicional, ameaças?

Certamente custo bem menor do que o preço dos que estão em liberdade. Por isso, "voluntários" encarcerados. Puro aspecto econômico. A maioria, negros.

Vacina experimental contra AIDS tem que ser testada. Em presos, ou na América Latina e na África, talvez. Esta foi a conclusão de pesquisadores do Primeiro Mundo e seus governantes. Não sei por quê.

O Brasil concordou. Não sei por que, mas concordou. Deve ser porque aqui tem gente sobrando, e todos eles já estão meio mortos de fome mesmo. Deve ser por isso. Ou para não chamuscar a imagem que o Brasil tem, por esse mundo afora, de se dedicar muito ao combate desse terrível flagelo.

Os voluntários, que não devem ser portadores do HIV, poderão contrair AIDS com a vacina. A possibilidade existe.

O teste necessita também que os voluntários tenham um comportamento de risco ou seja, que mantenham relações sexuais com aidéticos, para que a eficácia da vacina, possa ser testada. Se não o teste não vale nada.

Como explicar isso ao voluntário? Dizer a ele que deveria expor-se ao HIV mas que a vacina não representa proteção segura, é apenas uma perspectiva, que está sendo verificada?

Se usam honestidade demais o teste dá "com os burros n'água". De menos, podem matar os voluntários, se a vacina não funcionar.

É, a vida de pesquisador, não é fácil. Estamos olhando estas coisas com os olhos de hoje.

O que acontece com a verdadeira História, aquela objetiva, incorruptível e imparcial. Como fica? Se sobreviver ao impacto das mentiras, eventualmente cristalizará a verdade, esfriados os ânimos e decorridos muitos anos. Mas, para fazer justiça, não serve mais. Muitos já morreram e os que nasceram tem mais o que pensar. Qual foi o resultado prático da investigação de Euclides da Cunha sobre Canudos? A República ignorou completamente os fatos apresentados.

Naquela ocasião a tônica era o anti-imperialismo (anti-D.Pedro II) e nada diferente interessava.

Os políticos, que são os que norteiam o destino de uma nação, por sua vez agem por intuição, alguns até consultam astrologia e numerologia mas nunca a História, antes de tomarem suas decisões.

O que realmente vale é a História instantânea, a fofoca, seja ela verdadeira ou distorcida e forjada. Esta sim move moinhos.

Se a notícia de um fato não for rápida, completa e taxativa, não serve. É melhor que não seja verdadeira do que ser lenta e incompleta. Amanhã é tarde demais, já não vale mais nada.

Quantos filmes serão necessários para "provar" a culpa do Afeganistão na destruição dos prédios do World Trade Center? Ou apenas a palavra de G.W.Bush vai ser suficiente e não se fala mais no assunto? Ele que, "quinze minutos" depois do atentado, já indicou até o nome do responsável?

No Brasil nem mesmo filmes "educativos" são necessários. Uma medíocre reportagem, na VEJA ou na TV Globo, sobre o MST, por exemplo, já é mais que suficiente para execrar os ingratos e maldosos Sem Terra e consagrar o justo e bondoso sociólogo Fernando Henrique Cardoso e seu leal ministro Raul Jungman, como uma "verdade histórica".

Eles se matam de trabalhar pelos Sem Terra e estes apenas pensam em baderna e viola de papo pro ar.

Se lembrarmos que 8 bilhões de dólares foram dados para o Banco Econômico, 20 para o Banespa, 5 para o Banestado, 12,5 para fortalecer bancos oficiais e sabe lá Deus o quanto mais bancos foram "saneados" por Fernando Henrique Cardoso, fica até compreensível que seja melhor matar os Sem Terra do que liberar verbas para a sua causa. Reportagens adequadas e o tempo aplainarão as arestas.

Aliás, se o governo está tapando rombos, ninguém vai apurar como o dinheiro sumiu destes bancos, nem se esforçar para que seja devolvido? Coitados do Lalau e da Jorgina, devem sentir-se extremamente injustiçados. Por que só eles têm que pagar o pato? Aliás, o pato que pagaram até que foi pequeno.

Fica-se até tentado a acreditar que o estelionato, no Brasil, compensa.

Os bancos são negócios extremamente seguros e lucrativos. Por que eles têm que ser ajudados e garantidos pelo governo? Por que não devem manter-se em pé, por si mesmos, como a agricultura, a indústria e prestadoras de serviços? Por que o governo tem que assumir seus passivos bilionários, privatizando-os posteriormente a uma ínfima parte do valor gasto no "saneamento"?

Qual idiota gastaria 3 mil Reais para recuperar um automóvel para vende-lo, (ou ceder seu uso por dezenas de anos) logo em seguida, por apenas trezentos Reais?

Que bando de débeis mentais, está comandando este país?

Será que o judiciário não enxerga isso? Para que serve um legislativo que elabora e aprova leis que permitam que isso aconteça, e um executivo que o executa, mesmo quando contrária à vontade manifesta do povo?

Nos pobres, a raiva transforma-se em apatia, os vivos em zumbis e a morte torna-se indiferente. A própria e a dos outros. Inclusive a dos donos de BMWs e AUDIs que param nos sinaleiros e são assaltados.

Mas o que os pobres podem fazer?

Ao lado dos ricos estão as leis pois eles as fazem, a mídia pois eles a possuem, a intelectualidade pois eles são os estudados, a justiça pois eles são os juízes, as policias pois estão sob o seu comando, a lógica pois eles a criam, a tecnologia pois eles a compram, a opinião pública pois eles a formam, a liberdade de expressão pois só a eles é permitido falar e escrever, os recursos públicos pois eles são os políticos, financeiros pois eles são ricos e as entidades pois eles as criam e as comandam. Ao lado dos pobres nada, apenas a pancada da polícia, a cela superlotada das prisões e a própria morte, violenta, por doença, ignorância ou inanição, os aguardam.

O pobre não tem como enfrentar este cartel, monopólio e Máfia legal, formada pelos ricos e liderada por Fernando Henrique Cardoso. Assim como os países do Terceiro Mundo não tem como enfrentar o cartel, monopólio e Máfia legal, formada pelos G8 e liderada pelos Estados Unidos.

As favelas, invasões, mendigos, traficantes, seqüestradores etc. multiplicam-se, na mesma proporção que os prédios de vidro e aço inoxidável, condomínios fechados e helicópteros.

Não é de hoje que a sociedade brasileira, incentivada pelas hegemonias mundiais vem criando duas facções: Uns poucos ricos e os muitos paupérrimos.

Não se tocam que estão produzindo uma bomba relógio que será difícil desarmar. Por acaso são de hoje as favelas no Rio de Janeiro? Ver as imagens delas na televisão, mostradas do alto, por helicópteros, seu enorme tamanho e extensão, é assustador. Só um genocídio radical resolve. Quando o governo atrever-se-á a isto? Quando receberá a ordem dos Estados Unidos neste sentido? Ou será que os Estados Unidos darão de ombros, dizendo que não interfere nos assuntos internos de um país, seja qual for o país e seja qual for o assunto? Será que o governo tem condições de reprimir esta avalanche humana, quando ela entrar em movimento?

Quanto tempo levará para surgirem as idéias de liberté, egalité, fraternité, os Robespierre e suas guilhotinas, sejam quais forem seu nomes?

Não é a revolta, a revolução, um produto do meio?

As premissas, opulência e extrema miséria, existem. Falta a faísca do Iluminismo acender o rastilho.

As bastilhas já estão caindo. O governo não está mais conseguindo controlar os presos em seu interior. As rebeliões e fugas são muitas. Muitos saem até pela porta da frente.

Lembro bem, por ocasião da queda da União Soviética, a notícia, que uma delegação de militares norte-americanos veio ao Brasil e explicou aos brasileiros que o inimigo da democracia não era mais o comunismo e sim as drogas, que deveriam ser combatidas. Os brasileiros então pediram dinheiro.

Naquela época, ou não havia drogas no Brasil ou o assunto era de importância secundária para os meios de comunicação. A prioridade era o perigo vermelho. O comunismo era o bicho papão.

Mas, os norte-americanos não pedem, mandam. Hoje em dia, todo e qualquer crime é praticado apenas por traficantes: Traficantes mataram, traficantes assaltaram, traficantes seqüestraram, traficantes metralharam, traficantes contrabandearam, traficantes tudo.

Forçam o Brasil a reprimir o tráfico de drogas para que elas não alcancem suas cidades. Mas não dizem o que fazer com os presos e as celas superlotadas.

Não permitem que se gaste em construção de presídios e, o mais importante, em treinamento adequado e pagamento de salários dignos aos policiais e agentes penitenciários. A segurança do brasileiro não lhes interessa. No dinheiro destinado aos bancos e ao FMI não se toca, é sagrado. Se não, Fernando Henrique Cardoso não recebe os elogios do mundo financeiro e o risco Brasil aumenta.

Os policiais são mal pagos e corruptos. Mal vistos pela sociedade ordeira e pelos criminosos. Moram em favelas, junto aos miseráveis, malfeitores e pequenos traficantes que devem prender. São os seus vizinhos.

Os grandes criminosos e traficantes, é claro, não moram em favelas, seria absurdo imaginar isto. Ocupam casas em bairros nobres e coberturas em locais privilegiados, são senadores, deputados, governadores, juízes, promotores, desembargadores e assim por diante. Deste modo a atuação dos policiais fica restrita às favelas. E o tráfico não acaba nunca.

Assim como no Brasil, onde os problemas devido às diferenças sociais são enormes, deve ser o que acontece também entre os israelenses e os palestinos.

Aqueles têm uma renda anual de 17.000 dólares e estes de apenas 700. Vinte e quatro vezes menos. Como pode haver coexistência pacífica? A rixa entre eles é por motivos religiosos, mas esse é, certamente, um agravante muito importante.

Aliás por que os ingleses não deram para os israelitas terras nas ilhas britânicas e sim áreas que pertenciam aos muçulmanos, tradicionais inimigos dos israelitas? É o mesmo que dar terras dos franceses aos alemães ou vice-versa.

Não funciona. E a Organização das Nações Unidas (ONU) ainda aprovou. Que idiotas.

A mídia e os governantes, que estão sempre ao lado dos ricos, limitam-se a criticar os favelados e a combatê-los como um mal que deve ser extirpado para que seja possível um mundo melhor.

Esquecem-se que eles mesmos os criaram.

Agora, nos seus prédios, flats e coberturas de frente para o mar têm que abaixar-se para não serem atingidos por balas perdidas provenientes dos morros às suas costas.

São Paulo agradece muito, por não ser montanhoso.

Deveriam saber que o homem é covarde. Poucos são os que, tendo uma boa renda ou salário, uma boa família, uma boa casa, um futuro promissor ou seja "pão e circo", arriscariam perder tudo cometendo uma ilegalidade grave qualquer. Covardia pura. Permitam ao pobre ter uma vida razoável e verão que ele não é criminoso!

Criminosos são os que se sabem impunes (ricos, poderosos, políticos) e os miseráveis, desiludidos e desesperados que, como feras acuadas, enfrentam um Golias todo poderoso, em confronto quase sempre suicida.

Raros são os criminosos compulsórios, ou seja, os que praticam crimes pelo crime em si. Estes têm que ser "tirados de circulação". São perigosos.

Devem ser raros, obrigatoriamente. Se muito freqüentes o que está errado é sociedade que os define como tal. Erram as leis, por serem exigentes demais.

Mais raro ainda são os "criminosos" que abraçam um ideal, ficam marginalizados, arriscam sua liberdade e vida por uma causa que acham justa mas que contraria a ordem vigente. São os idealistas. Estes estão cometendo o pior dos crimes possíveis que é afrontar o sistema e tentar derrubá-lo. São os que acreditam em um mundo melhor, e que ele possa ser mudado.

A liberdade de discordar não existe em nenhum lugar do mundo, nem em Cuba, nem nos Estados Unidos, nem no Brasil. A ninguém é permitido discordar do regime. Isto é, as "democracias" o permitem, desde que em palavras inócuas, mas não em ações concretas, que incomodam. Estas serão rapidamente enquadradas em alguma lei qualquer e neutralizadas. Muitas das leis existentes são feitas para, em primeira linha, proteger o regime. Seja ele nacional ou até de interesse multinacional.

Para tentar realizar o ideal, só resta então, a ilegalidade.

Se forem pegos, serão impiedosamente torturados e mortos ou, se tiverem sorte, duramente condenados, por um tribunal, que lhes será francamente hostil. Não terão chance de expor seus argumentos pois estes são ilegais e portanto inválidos.

Como não podem cobrar impostos, como fazem os governos, seus recursos serão obtidos por meios ilegais, como assaltos, tráfico, seqüestros etc. e assim serão condenados também pela mídia, opinião pública e sociedade em geral, Mesmo quando o objetivo seja financiar uma causa justa.

Serão taxados de guerrilheiros, homens bomba, tupamaros, mau-mau etc., todos eles, é claro, terroristas da pior espécie, baderneiros e loucos sociais. Serão proscritos e suas cabeças colocadas a prêmio.

Entretanto são estes os "criminosos" que os ricos realmente devem temer pois seu ideal é calado somente pela morte (e isto ocorre com muita freqüência).

Quanto mais cruel e menos popular o regime mais se criam condições para idéias revolucionárias e mais o Estado é obrigado a se proteger.

Estes "criminosos", raríssimos, realmente modificam o mundo para melhor.

O medo deles e de suas idéias obriga os governantes, em última instância, a ceder e atuar efetivamente nos problemas sociais, na finalidade de desmotivar o movimento.

E com isso a sociedade melhora.

A dificuldade normalmente é distinguir de antemão estes idealistas, genuinamente patriotas, dos golpes megalomaníacos, entreguistas e pretensamente sociais. Será que a mudança proposta é boa? Será que algo vai mudar, para melhor?

Mas, pensando bem, não é tão difícil assim: Sendo de interesse dos ricos, de multinacionais, dos norte-americanos ou por eles patrocinados e incentivados, desconfie. Estão atuando em causa própria. É o povo que vai se "ferrar". A miséria vai aumentar.

Pensando bem, também é fácil, de um modo geral, em uma encrenca qualquer, saber quem tem razão:

É só ver quem foi agredido, morto ou teve o prejuízo material. Este, normalmente, é que tem (ou tinha) razão. E culpado é aquele que ficou com as vantagens. Quase sempre é assim.

Saber quem se beneficia, é muito indicativo.

Não é curioso que estejam morrendo muito mais palestinos do que israelenses, que os palestinos têm suas terras invadidas e seus prédios e bens bombardeados e destruídos, e eles sejam taxados de terroristas e os inocentes israelenses estejam apenas se defendendo? Engraçado.

Os palestinos levam a pior e, além disso, são culpados.

Mas eles são "covardes" e "fanáticos", usam cruelmente homens bomba como armas!

É bem provável que se eles possuíssem mísseis Cruiser eles os usariam com todo prazer, em vez de suicidarem. Os ricos, norte-americanos, israelenses ou qualquer outro, estariam dispostos a se sacrificar por uma causa, a ponto de cometer suicídio?

Seriam eles chamados de fanáticos terroristas pela CNN, ou de heróis e mártires? Não mostram o quanto são "corajosos" quando utilizam robôs para aproximarem-se dos homens bomba, que já estão mortinhos da silva?

A covardia vira virtude e a coragem fanatismo.

Quantos mau-mau "terroristas" e quantos "heróis" ingleses morreram no Quênia dos kykuyus? Será que os kykuyus tinham um propósito ao se rebelarem ou eram apenas loucos e desvairados amantes do terrorismo, de crimes e assassinatos?

Morreram milhares de kykuyus e apenas um punhado de ingleses, mas os kykuyus são "terroristas" e "assassinos". Os ingleses apenas defenderam seus direitos. Engraçado.

Os kykuyus levam a pior e, além disso, são culpados.

Os poderosos fazem questão do poder. Isso é intocável.

A miséria que espalham entretanto é compulsória. Culpam então o "terrorismo" e assemelhados. Não existissem "terroristas", o mundo seria justo e belo, muito melhor do que é. Eles próprios inocentes, sem dúvida nenhuma.

Para confirmar isso alguns ricos e empresas, às vezes dedicam parte de sua renda ou trabalho para obras assistenciais. Para mostrar que não são culpados pelo mundo ser assim tão "desumano".

Bom para a imagem de filantropia e de "responsabilidade social", bom para desconto no Imposto de Renda e bom também para aniquilar eventual pontinha de remorso. Mas apenas um ínfimo e irrisório percentual, nada significativo, é claro. O que pensariam os amigos ou acionistas?

Ínfimo irrisório, nada mais.

Acham-se então benfeitores da humanidade.

Assim justificados, olham para os que têm menos e dizem: "São uns vagabundos, se trabalhassem como eu, não estariam nessa situação".

Por que não experimentam, por alguns dias que seja, percorrerem a cidade, remexendo o lixo das ruas para retirar papel, papelão, latinhas de alumínio e restos de alimentos, para disso viver? Vale lembrar que terão que ir a pé empurrando um carrinho pois a renda não é suficiente nem para combustível. Isto se houvesse um veículo, uma Kombi velha e enferrujada, que fosse.

É assim que vivem os beneficiários da filantropia que fazem.

Depois então, abram a boca e falem em trabalhar!

Ao pobre resta tornar-se rico, quando então será exatamente igual a eles.

Mas como tornar-se rico se eles não deixam? A concorrência é grande, mas pode-se tentar fazendo como eles fizeram: Contrabandeando, traficando, desviando, grilando, surrupiando, subornando, corrompendo, torturando e no final elegendo-se a algum cargo político. Está feito o rico!

Todos os que atualmente executam estas atividades perniciosas e são perseguidos pela polícia, imprensa etc., apenas ainda não chegaram lá ou foram por demais descuidados. Se conseguirem, serão cidadãos respeitáveis e as perseguições automaticamente cessarão.

Neste trajeto portanto devem cuidar para não serem denunciados ou que esta denúncia não seja muito divulgada, pois poderá ocorrer serem transformados em "boi de piranha". Um é sacrificado para que os outros possam passar.

Dá para imaginar rico ou político que não tenha trilhado este caminho em alguma fase de sua vida ou os seus ascendentes?

Dá para compreender como alguém, em 20 ou 30 anos consiga gerar uma fortuna sem trapacear ou tirar dos outros? Como ficam aqueles que, com o mesmo empenho, conseguem apenas sobreviver?

É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que rico entrar no reino dos céus. Não é o que dizem?

Se existir algum rico que não se encaixe nisto, atire a primeira pedra.

A maneira mais difícil para ser rico é estudando e trabalhando, principalmente como empregado. Os resultados serão sempre medíocres, se bem que às vezes aplainam o caminho.

Este é o ser humano.

Uns são vivos e espertos e muitos não merecem viver ou se viverem o será em condições extremamente precárias.

Isto ocorre muito menos nas sociedades que vivem diretamente da natureza pois nestas o indivíduo lida mais com ela do que com seu semelhante. Contrário às sociedades estratificadas, avançadas, evoluídas, cultas e civilizadas, pois nela o homem lida principalmente com o homem e menos com a natureza.

Os "primitivos" não têm sede de poder, de riquezas e propriedades. Defendem seu território apenas quando por demais ameaçados. Vivem para a vida.

Aparentemente as sociedades mais HUMANAS, são aquelas, que mais perto estão, da dos MACACOS.

Pessimismo?

Vejamos:

Foi aprovado um orçamento de defesa dos Estados Unidos no valor de 12,5 trilhões de dólares. Dividindo pela população mundial, resulta em algo no entorno de quinhentos Reais mensais, para cada habitante da Terra. Uma família de 3 pessoas teria uma renda mensal de 1500 Reais! Além do que já ganha! Noventa por cento das famílias brasileiras e talvez do mundo inteiro, ganham muitíssimo menos que isso. E se o mundo prometesse aos Estados Unidos que jamais os atacaria, este dinheiro não poderia ser mais bem utilizado?

Se os Estados Unidos não fossem tão cruéis com o resto do mundo, seria necessário orçamento para defesa tão elevado? Se eles já são a maior potência mundial, é

realmente necessário um orçamento desta grandeza? Afinal não seria melhor viver sem a necessidade de se defender?

Imaginem o mundo inteiro sem problemas. Alimentação, habitação, saúde, educação, transporte, tudo resolvido. Imaginem um mundo pacífico, seguro e agradável, preservando a natureza, com segurança e lazer. Tudo isso seria possível, apenas com o orçamento de defesa dos Estados Unidos. Tecnicamente o mundo é feliz, na média. Mas talvez, apenas um infinitésimo saiba ou sintam isto.

Temos que concordar? Temos que achar isto natural?

Doze e meio trilhões de dólares é tanto, que acredito estar enganado, tem que haver um erro. Talvez sejam 2,5 trilhões, ou o prazo é maior que um ano ou qualquer outra coisa, mas mesmo assim, é astronômico. É absurdo, inconcebível. Tudo isso só para matar? Desculpe, defender.

Mas de quem???

Apenas 0,8% do PIB dos países industrializados (isso em 1991) resolveriam ao longo das décadas os problemas sociais, no mundo inteiro e todos os problemas ecológicos. Apenas 0,8%. Só isso.

Difícil acreditar. Não querem abrir mão desta ninharia. Mesmo que a recompensa seja a preservação do planeta, a paz e fraternidade mundiais.

Acham muito.

A ECO-92 foi muito bem aceita por muitos países. Sobraram boas intenções. Teóricas. A maioria apoiou. Os Estados Unidos foram contra. Porém, após os estudos e debates, nenhuma atuação concreta ou prazos foram acordados. Nenhum compromisso assumido. Só generalidades e intenções. Ninguém se obrigou a cumprir coisa alguma.

Hoje, dez anos depois, pode-se dizer com certeza, que nada, nada mesmo, foi feito. E não será. Os interesses imediatos, o lucro, o egocentrismo, falam mais alto.

Ora, o homem não consegue (nem quer) banir de sua sociedade o cigarro, a bebida alcoólica, as armas e as drogas, como imaginar que seria complacente com a natureza? Utopia.

O Brasil tem uma safra agrícola de cem milhões de toneladas por ano. Dividindo pela população brasileira de 180 milhões resulta em 1,5 kg por pessoa ao dia. Isto é duas vezes a quantia de alimento que um adulto necessita para viver. O Brasil produz, além disso, muitas outras coisas, aves, ovos, carnes, leite e por aí afora, não seria justo portanto pensar que no Brasil não deveria existir fome?

Somos quase os maiores exportadores mundiais de soja e carne bovina. Exportamos alimentos e um terço dos brasileiros passa fome! Será que podemos nos orgulhar disso?

Produzimos muito mais do que seria possível consumir e passamos fome.

Custa acreditar que é assim que tem que ser! Custa acreditar que não pode ser diferente! Custa acreditar que este é o melhor caminho para um mundo organizado e civilizado! Custa acreditar que o ser humano é racional!

Por que um terço da população está no limiar da miséria? Quantos programas sociais do governo devem ter a maior parte de seu orçamento utilizada em propaganda intensiva, para convencer os pobres que eles não estão com fome? Quantos sociólogos devem se tornar Presidentes para que os pobres sejam finalmente lembrados? Quantas vezes os salários de deputados e senadores devem ser multiplicados para que possam comprar óculos e enxergar os problemas dos miseráveis? Quantos séculos ainda a esperar por um pedaço de terra, direito ao trabalho, saúde, educação e moradia?

O que interessa uma balança comercial favorável se não temos o que comer?

Ao inferno com os elogios do FMI.

Dois cirurgiões encontram-se:

- "Como foi aquela cirurgia dificílima que você executou?"

- "Foi um sucesso. Êxito completo"

- "E o paciente, como está?"

- "Morreu"

É assim que funcionam as "democracias" e "Liberdades Duradouras". Ferramentas da escravidão.

5 - xxx Os juros e o lucro

Na finalidade de espoliar o próximo, as obras primas do homem são:

F=P(1+i)^n (calculo de juros sobre juros) e

L=R-D (lucro=receita - despesas)

São formulas milagrosas pois tiram água da pedra. Do nada, zero absoluto, extraem moeda tilintante.

Contrariam o velho Lavoisier: "Nada se cria nada se perde..." mas o que importa? Não é uma lei física ou natural, mas com excelentes resultados financeiros.

F=P(1+i)^n

Um mísero Real a juros de 12% ao mês pelo prazo de 50 anos resulta em uma bola de ouro quase do tamanho da Terra! Pasmem, mas é verdade.

Doze por cento ao mês, nos meios financeiros brasileiros é comum. Cinqüenta anos também não é nada extraordinário. Mas, uma bola de ouro do tamanho da Terra?

Existe isso?

Uma bola de ouro do tamanho da Terra é impossível!

Claro, as moedas deveriam representar apenas as riquezas reais, existentes e não as imaginadas, criadas artificialmente ou calculadas.

É impossível, mas muita gente e muitos países fazem empréstimos nos bancos, Financeiras, BID, BIRD, FMI, Banco Mundial etc. com base em cálculos semelhantes. E já faz tempo que isso vem acontecendo. Este é o motivo da miséria globalizada!

Mas como pagar uma bola de ouro do tamanho da Terra?

O devedor não paga, pois é impossível, apenas perde todo seu patrimônio, continua devendo o restante torna-se escravo, podendo até ser colocado na cadeia.

Em se tratando de um país, este também perde o seu patrimônio (sob o eufemismo de privatização, pagamento com bônus da dívida externa, preço irrisório e outras tramóias), perde totalmente sua soberania e submetem seu povo às mais duras privações.

Se recusa pagar, sofre retaliações econômicas, embargos, e quem sabe até, tenha um porta aviões, o "Enterprise", apontado para a sua Capital?

Quem empresta dinheiro para comprar um carro, deve o dinheiro mas tem o carro não é mesmo? O Brasil tem uma dívida enorme. Como é que não tem quase nenhum patrimônio? Cadê o carro?

Por falar em carro, tomar empréstimo a juros para aquisição de bens, que não geram renda, não é suicídio? Não deveria um empréstimo ser feito apenas quando, em decorrência houvesse geração de renda, que permitisse, no final das contas, devolver o empréstimo, taxas, juros etc., pelo menos?

Se não temos certeza de economizar o suficiente para depois adquirir um bem, por que acreditamos que será possível pagar um empréstimo mais juros sobre juros, seguro, taxas e mais sabe lá o que? Quando então eventual ausência de pagamento implicará em comissão de permanência, multa, perda de desconto, taxas, honorários de advogado etc. agravando o problema?

E tem gente que faz prestação em supermercados. Pagam em prestações o que comem hoje. Deve ser o fundo do poço!

Coisas como alimentos, roupas, medicamentos, eletrodomésticos, utilidades domésticas e outros não deveria ser permitido financiamento. Estas coisas do dia a dia têm que ser pago com o dinheiro do dia a dia. Só exceções poderiam ser financiadas. Quem não puder comprar alimentos, como se diz, está roubado. Mas se financiar estará mais roubado ainda. Que roube então para alimentar-se. Melhor roubar que ser roubado.

Por falar em fundo do poço, o Brasil, com 62% do seu PIB comprometido para pagamento de dívidas, será que tem possibilidade de enxergar alguma luz, no fim do túnel, ou no topo do poço? Alguém tem como dar solução a esse problema? Existe como pagar uma bola de ouro do tamanho da Terra? Imagine mais da metade do seu salário comprometido para pagamento, a um agiota safado qualquer. FMI ou qual seja o seu nome. Para pagar empréstimo e, principalmente, juros sobre juros. Não é para aluguel, luz, água, condomínio, telefone, nada disso. Estes, mais alimentação, transporte, colégio das crianças e outros, têm que ser pagos com os 38% que restam. Novos empréstimos serão apenas para "rolar" dívidas, pagar o que você não pode pagar. Você nem vê a cor do dinheiro. Apenas aumentam a sua dívida. Existe solução? O poço é tão fundo que já estamos sendo assados pelo calor do inferno. E não é de hoje!

Quantos sabem calcular a verdadeira taxa de juros que estão pagando por um empréstimo ou compra a prestações? Os pouquíssimos que sabem, verão que quase sempre será significativamente maior do que a financeira ou vendedor informou, se é que informou. Mas não se preocupem, interpelados, terão prontas "explicações" convincentes. Excluem seguro, taxas, comissões etc. que você paga mas não são considerados como juros. Pagamos até iates e piscinas para os sócios e diretoria. Mas não são juros. Ficam assim na legalidade. E se você achar muito, não fazem o negócio e acabou-se. Tem bastante idiotas na fila.

Incautos, acreditando nos Sistemas Financeiros de Habitação, Cohab, Programas de Arrendamento Residencial etc. garantidos pelo governo ou privados, adquirem imóveis a prazo em 15, 20 e até 25 anos. Aí os cálculos complicam, as prestações não são fixas,

existem vários métodos e correções que dependem de índices que variam de modo não previsível ao longo do tempo.

Assim, mesmo que soubermos efetuar os cálculos ou formos informados honestamente sobre a taxa de juros que iremos pagar, o que será pago pelo empréstimo é "um tiro no escuro". Muitos acabam constatando que, no fim do empréstimo, ainda devem pagar outro tanto ou até várias vezes o valor inicial do imóvel. Se paga no total, por um imóvel, talvez, três a seis vezes o seu valor! Ora se não temos dinheiro para comprar um sequer, tanto é que somos obrigados a financiar, por que achamos que poderemos pagar seis deles, ou mesmo dois? Qual o passe de mágica que irá possibilitar isso?

Gente, isso é escravidão, institucionalizada!

Tudo dentro da lei, "garantido" pelo Governo Federal. Os economistas responsáveis pensam, é claro, na posição das financeiras e no emprego deles e você que se rale.

O seguro também é muito interessante: Em alguns casos especiais incêndio, ventania etc. quitam a dívida. Ou seja, o dinheiro deles está garantido e você fica com a casa incendiada ou destruída pelo vento, que bom não é? E é você que paga o seguro! Não eles.

Quando trabalhamos com equipamentos, um caminhão, por exemplo, recomenda-se calcular um custo por quilômetro, a ser pago pelo usuário, ao dono do negócio. Nada contra isso. Depreciação, despesas fixas, despesas variáveis, tudo isso levado a um denominador comum, os quilômetros rodados ou horas trabalhadas. Tudo fácil de compreender. Nunca teremos prejuízo. O negócio pode prolongar-se indefinidamente. Se for cobrado mais que isso, existirá lucro.

Entretanto, os financistas acham que finanças é semelhante a uma árvore. É só colher dinheiro. Eles dizem que o dinheiro, em alguns anos, cresce, automaticamente, como se fosse uma árvore. Por isso, o custo por quilômetro acima, tem que ser incrementado em um valor correspondente, para satisfazer a esta expectativa. É considerado como uma despesa. O cálculo é a remuneração do capital como se ele fosse investido em alguma atividade financeira. Consideram isto como líquido e certo. Até o governo entra nessa. Sendo despesa, não precisa pagar Imposto de Renda.

Ora, ou você compra um caminhão e ganha dinheiro com ele ou você coloca o seu dinheiro em alguma financeira e fica contando os lucros (normalmente os prejuízos). Como pode fazer os dois com o mesmo dinheiro? Se for possível os dois, quem deixaria o dinheiro nos bancos para ganhar apenas um? Se o dinheiro cresce automaticamente, o mundo inteiro não teria que ficar automaticamente mais rico? Sem trabalhar e sem nenhum esforço? Tem coisas que não dá para entender.

É claro que não pode ser assim. Se um ganha é porque outro está perdendo. A soma dos dois é constante, não se altera. O dinheiro não cresce para todos. Apenas para os "vivos".

Com todas essas confusões é natural que fechemos os olhos a tudo e passemos a usar a velha intuição para decidir. O raciocínio não vale. Infelizmente, a intuição, menos ainda. A maioria não sabe dizer se estão entrando ou não, numa "fria", ao fazerem negócios. Claro, todos querem adquirir produtos. Se não podem pagar à vista, tem que

financiar. Consumir hoje, trabalhar amanhã. Todos querem isso. É uma tentação irresistível, esse usar agora e pagar depois. Consumimos sem pensar. Irresponsavelmente. Porque não temos como saber o que nos espera. Além disso, Deus é grande. Vai dar tudo certo.

É claro que a propaganda tem muito a ver com esse consumismo irresponsável. Mostram exageradamente as belezas e vantagens que se obtém de uma compra qualquer, em prestações, de um empréstimo ou mesmo de um pagamento à vista e omitem completamente ou minimizam o mais possível as desvantagens ou obrigações correspondentes. Induzem a acreditar que tudo é belo e fácil. Isto quando não mentem descaradamente. O que é o caso, na maioria das vezes.

Não existe propaganda honesta. Nunca ela é apenas informativa, como uma tabela de preços, por exemplo. Pode ser que algumas enganem menos que outras, mas enganar todas elas o fazem. O objetivo é influenciar pessoas. Para que comprem, para que votem, para que aceitem uma idéia.

Compramos assim o que não precisamos ou que vamos utilizar muito pouco e até o que não podemos pagar.

Às vezes, as propostas são tão absurdas que as aceitamos, exatamente por isso. Fogem ao raciocínio. Se sugerissem algo menos incoerente, a nossa lógica, a nossa inteligência diria: "Calma lá, eu não sou burro, eles estão querendo apenas me enganar, por que faria o que eles estão dizendo?". Vejamos alguns exemplos:

Cartões de crédito mostram as maravilhas que se pode adquirir e fazer, simplesmente por ter o cartão que estão anunciando. Como se não fosse com o seu dinheiro que tudo isso tem que ser pago. Tostão por tostão. Mais comissões e taxas.

Tem refrigerante que diz: "Seja você mesmo. Beba Coca-Cola." Ou seja, se você fizer o que eles dizem, você está sendo "você mesmo".

"Cigarros Minister. Para quem sabe o que quer." Não é bobagem sugerir, para quem sabe o que quer, qual o cigarro que ele deve fumar?

Aceitamos, sem pensar, de tão absurdo. Aniquilaram o raciocínio.

Toda propaganda é uma mentira já por não dizer a verdade por inteiro. Ninguém está imune a uma propaganda bem feita e até as mal feitas. Quantos truques psicológicos e de conhecimento do ser humano são aplicados que o consumidor nem sente, nem, por mais que se esforce, sequer percebe? Também na propaganda, uma mentira, por mais grosseira que seja, apresentada mil vezes como sendo verdade, acaba tornando-se verdade. Este método é infalível.

Como se defender então das propagandas que nem este título tem? As indiretas, no entorno, as imagens de fundo, as embutidas em filmes, novelas, notícias, reportagens, entrevistas e nas próprias propagandas que convencem justamente por não serem parte do assunto principal? As manipulações, entonação, os pequenos trejeitos, sorrisos, olhares indignados, de espanto ou ansiedade, um leve erguer das sobrancelhas, as entrelinhas, que influenciam imperceptivelmente?

A finalidade do marketing não é deixar o consumidor, cliente ou eleitor tão satisfeito que ele, involuntariamente, promova o produto, serviço ou candidato?

Racional seria que se fizessem comissões de estudiosos e experts em cada assunto, as quais, determinariam a relação custo/benefício e as publicariam, evitando que cada consumidor tivesse que fazê-lo individualmente, caindo invariavelmente nas arapucas da propaganda.

Quantos automóveis, emagrecedores, consórcios, embelezadores da pele, cartões de crédito e políticos restariam no mercado?

A propaganda poderia até ser dispensada. Os produtos poderiam ser barateados. Às vezes em até uns setenta por cento. Pois, não poucas vezes, é o quanto se gasta para convencê-lo a comprar.

A propaganda é tão poderosa que mesmo sabendo-se de produtos idênticos comercializados a preços diferentes muitas vezes é escolhido o mais caro, conscientemente. Ela é invencível. Gera uma psicose coletiva. Irresistível.

Em Curitiba, uma entidade (municipal) pesquisa periodicamente os preços de muitos produtos em muitas lojas e supermercados existentes. Pode ser consultada, gratuitamente, por telefone. O interessante é que os funcionários estão às moscas e os telefones empoeirados. Quase ninguém consulta. Este ótimo recurso para não ser espoliado, não é usado. Também pudera, não fazem propaganda.

Certa época, elogiável o fato, surgiram algumas revistas no mercado, que se propunham a defender os interesses do consumidor. Adquiriam produtos e serviços, como se consumidores fossem. Testavam exaustivamente. E publicavam os resultados. Citando nomes, endereços etc. O consumidor que comprasse a revista poderia então ler aquilo que era ocultado pela propaganda e conversa do vendedor. Conhecer o "outro lado".

Não duraram muito estas revistas. Talvez porque em suas páginas não pudessem fazer propaganda (se o fizessem, não poderiam criticar o produto anunciado, com imparcialidade), sua renda dependendo exclusivamente da venda de exemplares. E também porque, certamente, devem ter sido processadas dezenas de vezes pelos fornecedores não elogiados, por danos morais a racismo. E condenadas. Muitas vezes, com razão, indubitavelmente. É difícil ser imparcial. E difícil também provar isto! Não existem testes e procedimentos padronizados. Normas técnicas, muito poucas. Tudo tendo que ser mais ou menos inventado na hora. Sujeitas a críticas, justificadas.

Acredito porém que o principal motivo tenha sido simplesmente a falta de interesse dos consumidores em serem esclarecidos. Não compravam as revistas. Só isso.

Na verdade, a única maneira, de não sermos subjugados pela propaganda, é quando ela inexiste. Teria que ser proibida. Ou restringida completamente. Criatividade permitida: Zero.

Os produtos seriam então mais honestos. E mais baratos também.

L=R-D

O lucro como resultado de receita menos despesa é também miraculoso.

Significa que por um quilo de açúcar recebe-se um quilo de açúcar mais um pouco. Milagre, em uma simples transação, longe de qualquer usina açucareira foi gerado um pouco de açúcar (na verdade apenas o valor correspondente).

Mas algo está errado. O açúcar é exatamente o mesmo, antes e depois da transação, podendo até nem ter sido removido do lugar ou nem mesmo estar presente ou até nem mesmo existir e, mesmo assim, lucro foi gerado.

Do nada surgiu um valor. Pena que a química e física não aceitem este tipo de raciocínio. De imediato teríamos automóveis rodando com nenhum combustível e zero de poluição, e muitas coisas mais.

Na física receita é igual a despesa, é uma equação. Nada se cria, nada se perde. Existe equilíbrio de forças, de matéria e de energia.

Receita diferente de despesa é uma desigualdade. Toda vez que ocorre lucro, aquele que pagou por ele, foi lesado pois pagou a maior pelo produto ou serviço que recebeu. Isto é claro e lógico.

Se alguém paga mais pelo que recebe ele foi roubado. Não importa se é muito ou pouco. É roubo!

Não importa se o argumento para convencê-lo seja uma arma (como num assalto), a conversa do vendedor (ou estelionatário) ou a propaganda.

Como pode então o lucro ser considerado normal? Um lucro reduzido é aceitável? E se, em vez de modesto, ele for exorbitante? Ainda é aceitável? Onde está o limite? Não é só isso. Preservação da natureza, recuperação de áreas devastadas, medidas antipoluição etc. são despesas e como tal devem ser minimizadas para que o lucro seja maximizado. Zeradas até, como quase sempre acontece.

Com o lucro sendo válido, uma vez que nada é dado em troca, uma empresa muito poderosa, muito lucrativa e muito eficiente, operando sem restrições e atuando em qualquer área, mas principalmente na financeira (pois é abstrata, não lida com materiais que devem ser obtidos, transformados e movimentados), cedo ou tarde deverá acumular a totalidade das riquezas existentes na Terra.

Ora mas isso é impossível! O caos seria o resultado! Sim é impossível, mas não é este o objetivo de toda e qualquer empresa, desde o momento em que ela foi criada, não importa quão modestamente ela começou ou a que ela se dedique?

Não é esta a finalidade de qualquer empreendimento? Lucrar ao infinito?

As multinacionais estão chegando lá e o caos está se instalando! Quais são as restrições que elas tiveram? Como chegaram ao ponto em que estão e o que as impede de continuar?

O lucro, reinvestido, é parecido com as famigeradas "correntes" e "pirâmides". Nada mais que uma progressão geométrica. Com futuro incerto, caótico. Por que estas são ilegais e o lucro não?

Se o lucro é permitido, o passo seguinte é fazer com que alguém pague por ele. De nada adianta um alto e bonito lucro, teórico apenas, se ninguém está disposto a sangrar por ele. Nada se cria, nada se perde. Zero mata zero. Tem que ser arrancado de alguém.

É aí que entra a conversa do vendedor, a pechincha, a propaganda, a oferta, a procura, a pressão, os cartéis, os contratos, os monopólios, o poderio militar, as retaliações, os embargos, os acordos, os tratados, as ameaças de guerra e as guerras. E sobretudo, a corrupção.

Tudo para convencê-lo a pagar mais ou trabalhar mais ou fornecer mais pelo que está recebendo.

O objetivo do lucro sendo sempre enriquecer, sem trabalhar. Nada mais.

Por oito horas de trabalho deveríamos receber algo parecido com oito horas de remuneração. Como os trabalhos são qualitativamente diferentes, a remuneração também deve variar, mas não muito. Isto para fazer frente às diferenças de esforço, periculosidade, criatividade, estudo, treinamento, experiência, habilidade etc., inerentes a cada serviço executado. A diferença não poderia ser muito grande pois nada justifica dizer que um homem ou o seu trabalho, valha muito mais que outro. Quem não trabalhasse nada receberia, quem trabalhasse 24 horas por dia receberia o triplo, que é o limite. Sempre, a base da remuneração, teria que ser o trabalho.

As regras teriam que ser bastante rígidas e ninguém deveria ser excluído.

Não haveria remuneração excessiva. É difícil imaginar algo mais justo. Trabalhando, não seria possível enriquecer, ilimitadamente.

Quem fosse incapaz, seria assistido pelo Estado.

Este foi o acordo que os homens fizeram no início da humanidade, quando perceberam (assim como também, muitos animais) que a divisão das tarefas e o trabalho em equipe seria benéfico para todos.

Cada um faz a sua parte e todos se beneficiam.

O lucro e o juro são a traição desse acordo!

Lidando com a natureza, de um modo geral, é assim que funciona. Obtemos dela diretamente, o que trabalhamos. Quanto mais conhecimentos, mais habilidade e mais trabalho, mais somos "remunerados" por ela. Grandes facilidades e grandes dificuldades só excepcionalmente.

Assim deveria funcionar entre os homens.

No trabalho, o menor esforço, o caminho mais curto, a racionalidade teria que ser usada sempre. Nunca poderia ser executado um serviço, a não ser pelo método mais eficiente, que leve ao resultado desejado. Se disso resultar problemas sociais eles devem ser resolvidos, socialmente. Se remover uma montanha é feito mais eficientemente e economicamente por meio de máquinas, é assim que deve ser feito. Nunca deveríamos utilizar pás, picaretas e carrinhos de mão, para este serviço, deixando de lado as máquinas, apenas porque estamos empregando mão de obra, fazendo um serviço social. Temos que usar a vantagem da máquina. E então, com a riqueza gerada, beneficiar todos aqueles que "perderam o emprego", em decorrência de sua utilização. Que executem serviços mais dignos da inteligência humana, não simplesmente serviço braçal.

Deste modo as máquinas produtivas nunca seriam odiadas, assim como foram através dos tempos.

Se, ao contrário, for permitido remuneração sem um trabalho correspondente, abre-se, imediatamente as portas para o lucro, a especulação e o trabalho escravo, ou seja a espoliação sem limites.

Imediatamente, muitos pelo seu trabalho, receberão quase nada e poucos ganharão excessivamente, por trabalho nenhum. As máquinas servirão aos seus proprietários, exclusivamente para apropriar-se dos salários economizados.

Tudo isso, com que direito?

O direito da força. Este é o motivo da violência, principalmente a institucionalizada. Forçar outros a fazer o que é desejado.

É por isso que existe uma "força de paz" na ONU, e tantas outras.

É verdade que, com o sistema a que estamos acostumados, é difícil imaginar a não existência de lucro ou seja, receita igual a despesa. Parece-nos impossível até.

Dois catadores de pinhão que vendam sua coleta numa rodovia próxima, apesar de concorrentes, são obrigados a vender o pinhão a um preço único, acertado entre eles. Se não, apenas um deles, o que tem o menor preço, venderá. Deste modo, se um teve mais trabalho (ou despesa) em catar pinhões e o outro menos, o primeiro ganhará menos e o segundo mais. Existe portanto lucro e eles são diferentes um do outro. Este lucro depende do preço que foi acertado e este, por sua vez, é função da aceitação do produto pelos compradores. O lucro e também o prejuízo são, portanto, inevitáveis, assim como as incertezas e eventuais abusos, inerentes a este "livre mercado". Dificilmente o catador saberá, previamente, se o seu trabalho será, ou não, bem remunerado.

Além das incertezas naturais, próprias do tipo de atividade que exerce, tem que contar com as incertezas do mercado. O perigo é duplo. É mais fácil alguma coisa dar errado. Amortecedores, (cooperativas, financiamentos, estoques reguladores, preço mínimo

etc.) tem que ser intercalados. Com isso a oportunidade do lucro fácil, ou seja, de uma renda sem o trabalho correspondente, aumenta muito e o trabalho produtivo fica prejudicado, sem a sua justa remuneração. Tornam-se escravos.

O relacionamento comercial entre as pessoas é baseado na desconfiança e no egoísmo. O mais esperto e poderoso vence.

É isto o que conhecemos. Não entendemos que poderia ser diferente.

Afirmar ser impossível, um sistema diferente do que estamos acostumados é menosprezar a capacidade do homem de controlar as coisas, principalmente as que ele mesmo cria. As incertezas do mercado podem, com certeza, ser minimizadas e o lucro fácil ser evitado. É só querer. Mas será que queremos? Será que isso é desejado?

A menos de pequenas variações sabemos quais as necessidades em um futuro próximo e até num futuro mais distante. Trabalhar de acordo, garante este futuro. Qualquer ameba sabe disso. Existem incertezas. Climáticas, por exemplo. Temos que considerá-las, na medida do possível, para evitar tragédias.

Com planejamento, o erro é o menor possível. A maioria dos produtos, que não dependem de modismo, os essenciais, seriam produzidos na quantidade certa. Quase não haveria falta ou excesso. A folga para especulação seria muito pequena.

É tão simples assim.

O que não podemos prever é a atuação do homem na ordem natural das coisas. O egoísmo é muito inventivo. O homem chantageia o próximo: "Eu tenho o alimento que você necessita. Se você não concordar com o meu preço, passará fome."; em contrapartida o outro pode dizer: "Se você não vender este alimento ao preço que estou ofertando, terá até que jogar fora." O preço do produto varia enormemente, torna-se irreal. Pouco tem a ver com verdadeira oferta e verdadeira procura.

Destas atitudes dependem vidas humanas e a natureza. Mundialmente.

Essa atuação teria que ser controlada. À força, se necessário. Não poderia existir essa liberdade. A de espoliar o próximo. A de destruir a natureza inutilmente.

Certa ocasião, com a porteira da importação de produtos escancarada, vi na prateleira de um supermercado, um vidro de palmito em conserva, importado da França. Palmito francês? Estranho. Olhando o rótulo vi sua origem: Palmito de açaí, Pará, Brasil. O pior de tudo: O preço era menor que um palmito colhido e beneficiado, apenas a trinta quilômetros de Curitiba.

Qual agricultura, indústria ou prestação de serviços pode ter certeza sobre o que está fazendo, diante de ocorrências deste tipo? Receita, despesa, produtividade, custos, transporte, mão de obra, racionalização, para que serve tudo isso, tem algum significado?

O custo de transporte, em ordem crescente deveria ser: Marítimo/fluvial, ferroviário, rodoviário e, o mais alto, aéreo.

Entretanto no Brasil sempre foi diferente, Brasília foi construída via aérea, o transporte marítimo é muito mais caro que o transporte rodoviário e transportamos quase toda nossa safra por meio de caminhões. Ferrovias são caras e deficitárias.

Entenda-se isso!

A empresa para qual eu trabalhava, certa ocasião, ganhou uma concorrência para a execução de obras, no Estado do Maranhão. Dezenas de máquinas, pesadíssimas, teriam que ser transportadas do Paraná para aquele Estado. Estudamos as possibilidades. Fretar navios inteiros, de Paranaguá a São Luiz, resultou muitíssimo mais caro que o transporte rodoviário de Curitiba ao local de destino!

Quando a hidroelétrica de Salto Grande do Iguaçu (hoje inundada) foi construída, o cimento, todo ele, foi transportado por caminhões. Apesar de existir ferrovia desde Rio Branco do Sul (local da fábrica de cimento) até União da Vitória (local da obra). O transporte ferroviário, mais barato, era tão demorado, que o cimento estragava, antes que pudesse ser utilizado.

Entenda-se isso!

A lei de oferta e procura, não existe. Na teoria talvez. Mas não na prática. É sempre aviltada, manipulada e irreal.

Mesmo que assim não fosse, deveria ser exceção e não regra. Não é aceitável que a oferta e a procura regulamentem o mercado, todo ele. Que esse dispositivo seja soberano e todos os demais apenas secundários.

Não é lógico comprar e vender todo e qualquer produto como se fosse a primeira vez que ele fosse comercializado. Como se fosse desconhecido completamente o seu custo e a sua aceitação. E que este fosse o único critério.

Porque é impiedoso! Gera riqueza e miséria não merecidas.

Não é compatível com o trabalho realizado.

Que valesse para supérfluos, especiarias e novidades, excepcionalmente. Mas não para os produtos do dia a dia, os noventa e nove por cento que usamos cotidianamente, os necessários e aqueles que estamos acostumados.

Para estes deveria valer a lógica, o cálculo, o histórico.

Planejamento, racionalidade e controle teriam que ser as ferramentas!

Não o "livre comércio". Que, verdadeiramente, nunca foi livre.

O que vamos comer amanhã não deveria ser regido por uma incerteza. Poderemos passar fome. E é isso que acontece mundialmente. Pessoas morrem. Milhões delas. De fome.

O juro e o lucro remuneram o capital, a propriedade, a especulação, a esperteza e a safadeza, mas não o trabalho, a criatividade e o talento. Já por isso deveriam ser ilegais.

Quantas vezes um pedreiro, inventor, escritor, cientista, lavrador, pintor, músico etc. tirou mais proveito de sua obra do que as empresas ou especuladores que dela se utilizaram?

Quantos dólares, Van Gogh recebeu por seus quadros que valem milhões?

Quanto receberam aqueles que desenvolveram o robô industrial, as máquinas rotativas, agrícolas, computadores etc. milagres tecnológicos, que executam tarefas melhor e mais rapidamente que o homem, liberando-o para atividades mais criativas, verdadeira benção para a humanidade?

Como são usados estes milagres? Exclusivamente a serviço da competitividade e do capital, enriquecendo seus proprietários com o dinheiro de milhares de postos de trabalho eliminados. Um mínimo apenas é transferido para o consumidor final na forma de redução de preços.

Como é utilizada a energia nuclear?

A benção transforma-se em maldição.

Quando a certa altura dos acontecimentos a Inglaterra disse que ia encerrar atividades de combate ao terrorismo no Afeganistão, alegando que os bombardeios estavam custando muito ao bolso do contribuinte inglês, os afeganes realmente, devem ter respirado aliviados.

Não seria péssimo para eles se a tecnologia tivesse possibilitado um custo de apenas alguns centavos de Libra Esterlina por megaton de explosivos?

Imagine como deve ser bom, assaltado em uma rua qualquer, não levar um tiro, porque o preço do chumbo é muito alto?

O lucro e o juro fazem com que o pescador, que recebe um Real pelo quilo de peixe, veja o consumidor pagar até vinte vezes este valor, nos supermercados. A transformação não fez do peixe um diamante, ele continua sendo apenas peixe, um pouco mais limpo, salgado, gelado, temperado, preparado e industrializado, mas só isso. Não é muito diferente, daquele que foi pescado. Por que seu preço é vinte vezes maior?

E com os bóias-frias não é a mesma coisa? Esta importante etapa produtiva é miseravelmente remunerada. Por quê?

Incrementar lucro? Competitividade?

O desemprego está aumentando e a renda reduzindo cada vez mais. Fala-se que o trabalhador não tem qualificação, por isso está desempregado (ou seja a culpa é dele mesmo). Se estudar, preparar-se adequadamente, conseguirá trabalho.

Isso é conversa!

Para poucos, isto até pode ser verdade, mas se todos estudarem existirá emprego para todos? Imaginemos os brasileiros todos com preparo adequado, suficiente, ou mais que isso até. Onde está essa enorme quantidade de empregos que exigem mais qualificação?

Competição mais acirrada por uma vaga não gera empregos!

Muitas das vagas ofertadas não são preenchidas simplesmente porque o salário oferecido é irrisório, insuficiente. Quase paga-se para trabalhar. Não vale a pena!

A verdade é que, existindo mão de obra, devem ser criados empregos em igual quantidade, se não pessoas passarão fome.

Lógico seria, com as máquinas realizando o trabalho, que as pessoas tivessem mais tempo e se dedicassem mais a atividades criativas ou ficassem até, na ociosidade. Mas sem passar fome!

Se a relação empregos/trabalhadores for menor que um, a sociedade se desmancha, fragmenta-se, deixa de ser unidade homogênea. Os excluídos voltam-se para atividades que lhes permitam sobreviver, mesmo contrariando a ordem social vigente. Surgem assim os sacoleiros, assaltantes, contrabandistas, trombadinhas, pedintes, camelôs, traficantes, ladrões etc. Sabem perfeitamente que tudo isso é proibido e ilegal, fariam diferente, quase todos, se pudessem escolher, se houvesse emprego adequado.

Naturalmente, por si só, não existe relação fixa entre quantidade de mão de obra e quantidade de trabalho a ser realizado. Um nada tem a ver com o outro. São fatos independentes. É só uma coincidência quando não existe falta de nenhum dos dois. O equilíbrio, quando existe, é sempre instável.

Quando faltam empregos a vida piora, perece. Daí as migrações, os conflitos. Quando falta mão de obra, algo deixa de ser feito ou é feito com insuficiência, os preços sobem, a qualidade piora.

Todos querem viver, mal até, se necessário, mas viver é imperativo. Já as coisas a serem realizadas podem esperar, muito mais do que o trabalhador. Capital pode ser imobilizado, congelado, a vida não.

Assim os preguiçosos, os que ganham a vida sem fazer força, os capitalistas, os investidores, ficam com as rédeas na mão. E aproveitam-se disso. Mantém-nas curtas, deliberadamente.

Isso, e só isso, já é um grande responsável pela miséria mundial.

Catástrofes, secas, inundações, pragas, furacões, doenças são inofensivos diante dos malefícios causados por esses aproveitadores.

Guerras, grandes ou pequenas, matam, é verdade. São alardeadas, mas a verdadeira morte, a morte em massa, é silenciosa, pouco perceptível, compulsória e "natural".

Chama-se falta de oportunidade de trabalho!

Deveriam pois os governos, prioritariamente, preocupar-se em manter um equilíbrio trabalho/trabalhador, satisfatório.

Olhar apenas o lado capitalista é assassinato, em massa!

Na sociedade complexa em que vivemos, trabalhar é um acordo. Cada um deve fazer a sua parte no total a ser realizado. Porém, não é compulsório. As máquinas produtivas, os computadores facilitam a vida dos seres humanos, tornam o seu trabalhar mais fácil e até supérfluo. São, definitivamente, uma vantagem. Seria irracional pensar de outro modo.

É natural que, com as máquinas executando os serviços, trabalhemos menos, sem receber porém, menor remuneração!!!

Faltando empregos eles devem ser criados, artificialmente até, não para substituir máquinas existentes, mas para que os desempregados possam trabalhar e viver, simplesmente isso. E possam continuar fazendo parte da comunidade. Seguindo o acordo inicial.

Trabalho produtivo, criativo. Voltado, por exemplo, para assuntos que serão atuais somente daqui a alguns anos, para a construção do futuro!

Sempre existirão atividades que podem ser realizadas e empregos poderão ser criados. É o refinamento da sociedade. Nem que seja por exemplo, estudar os astros, tão distantes, ou o microcosmos, tão pequeno. Aparentemente sem finalidade, acabam por beneficiar os conhecimentos, no mínimo.

Ou que fiquem recebendo sem fazer nada! Na pior das hipóteses.

Certa ocasião, em Ilhéus, na Bahia, observei uma atividade curiosa: Dezenas de pessoas, cada um com uma pequena marreta nas mãos, quebravam pedra. Para fazer brita. Faziam manualmente, pedra britada a ser utilizada na construção civil!

Gabaritos eram usados ocasionalmente para conferir seu tamanho.

Esse era o ganha-pão deles.

Fui informado que a brita deles era mais barata que quando produzida por instalações de britagem.

Vejam só.

As máquinas, a racionalização do trabalho, a automação, sempre acaba sendo uma benção para os capitalistas e uma desgraça para os trabalhadores. Quando na verdade deveria beneficiar a todos. Todos deveriam usufruir das conquistas intelectuais do ser humano! Não apenas os egoístas!

Não afirmavam os economistas na Inglaterra da Revolução Industrial, taxativamente, que o salário do operário deveria ser apenas o suficiente para que ele se mantivesse vivo e que ele deveria trabalhar não menos que quatorze horas por dia?

Não afirma Fernando Henrique Cardoso, taxativamente, que a flexibilização da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) é uma necessidade? Apenas legaliza o que já está acontecendo, só isto, nada mais.

Mas com este argumento, por que não legalizar a corrupção, tráfico de drogas, criminalidade, miséria etc., que também já estão acontecendo, só isto, nada mais?

Muitos brasileiros nem sabem direito o que estão perdendo. Estamos retrocedendo não apenas algumas décadas, quando a CLT foi elaborada, mas muito mais, até antes da Lei Áurea. Voltaremos na prática a ter os mesmos direitos dos escravos. Perde-se direito a férias, a aumentos, a reajustes, a greves, a adicional noturno, a indenizações, tudo. O patrão, ou feitor, é que manda. Se não, não tem emprego. Apenas os encargos que beneficiam o governo permanecem. E são justamente estes que encarecem terrivelmente as folhas de pagamento. O barateamento da mão de obra será feito exclusivamente à custa do trabalhador.

Ou abrimos mão dos nossos direitos ou não tem emprego, menos ainda do que os poucos que existem. Se não concordamos a montadora de veículos vai para algum outro país do Terceiro Mundo, onde os humanos já possuem os mesmos direitos dos robôs em suas fábricas, ou seja nenhum. O Fernando Henrique Cardoso leva um puxão de orelha do FMI e do G8 e o risco Brasil aumenta.

Tudo isso em nome da competitividade. E do lucro. Está aberto o caminho para que os operários recebam apenas o suficiente para não morrer e trabalhem pelo menos quatorze horas por dia. Ou pior.

É a nova revolução industrial. Viva a Inglaterra. Viva a escravidão.

Já que o próprio Partido Trabalhista Brasileiro, na pessoa de José Carlos Martinez, votou a favor da flexibilização da CLT, não deveria o PTB, pelo menos, ter a decência de mudar de sigla? Por exemplo: PCOTB (Partido Contra O Trabalhador Brasileiro). A memória de Getúlio Vargas ficaria preservada.

Aceitando os juros e o lucro como válido, a maioria vê seus bens e direitos sendo transferidos gradativamente para os mais poderosos e não tem como reclamar, pois esta é a regra, é a lei.

É a técnica de "panos quentes" em ação.

Um exemplo disso são as taxas bancárias. O dinheiro é taxado simplesmente pelo fato de ter sido depositado. Apesar das mirabolantes vantagens, lucros, sorteios, investimentos etc. alardeadas pelos bancos, saca-se sempre a menor.

Mesmo que o deposito tenha sido tão somente salário em uma conta "cativa", alguma taxa qualquer ira onerar o seu saldo. Você retira menos do que foi depositado. Paga-se para que os bancos usem o seu dinheiro como bem entenderem, sendo que o banco, em

eventual crise, não é obrigado a devolve-lo. Nisso é apoiado pelo próprio governo, que não dá a mínima pelo correntista, em leis, decisões do Banco Central e num contrato que o correntista foi obrigado a assinar de "olhos fechados", sem poder opinar e sem receber ao menos cópia assinada pelo banco. No contrato, só o correntista tem obrigações. Em nenhum lugar é citado que o banco deve fazer alguma coisa, nem o mais óbvio, tal como: Devolver o dinheiro depositado. O correntista não pode assim usar o contrato, para forçar o banco a devolver o que ele depositou. Tem que entrar na justiça. Valem então as leis e as decisões do Banco Central. Ambos favoráveis aos bancos. Perguntem para a Argentina. Perguntem aos brasileiros no tempo do Fernando Collor. O contrato estabelece ainda que os encargos mais importantes do correntista, tais como pagamento de taxas e juros seja arbitrado, exclusivamente pelo banco, como e quando bem entendem. Vejam só, o contrato não é imutável. Mas só o banco pode mexer.

Será que existe no mundo inteiro, alguém louco o suficiente, para assinar um contrato desses?

Milhões de correntistas aceitam essa situação ou nunca nem sequer pensaram no assunto.

É o sistema, é assim que funciona e nada pode ser feito. É o sistema democrático.

Ter conta em banco dá prestígio, pagar com cartões de crédito é moderno e elegante, quanto mais, melhor, mesmo que um dia eles venham a comer o seu fígado. Já entrou no sangue dos brasileiros, como os BigMac.

Mas o que fazem de bom os bancos além de pegar dinheiro de uns, emprestar para outros e ficar com uma parte sob a égide de juros, taxas, serviços etc.?

Por que isto é tão valorizado mundialmente? Por que esta atividade tão inócua e infrutífera (a não ser para banqueiros e campanhas políticas) é tão idolatrada e respeitada, se eles não criam absolutamente nada?

O lucro impõe, forçosamente, aumentar receita e reduzir despesas, mas não determina a qualidade ou moralidade dessas ações. Corrupção aumenta a receita, salários baixos reduzem despesas. Estas medidas são tão válidas quanto oferecer produtos melhores, para vender mais e incrementar a produtividade, para reduzir custos. O lucro é cego. Esta é a regra e não se discute. Para o empresário qualquer receita serve e qualquer mesquinharia que economize centavos é válida. O lucro e a atualmente tão comentada "responsabilidade social", são simplesmente incompatíveis. Um puxa para um lado e o outro puxa para o outro. Só à força uma empresa observará o "social", em detrimento do lucro.

Sempre trabalhei com manutenção de equipamentos.

Muitas e muitas vezes, observei as conseqüências desastrosas e paralisações desnecessárias de equipamentos produtivos, devido à operação e manutenção deficientes. Operadores e mecânicos desqualificados ou insatisfeitos quase sempre eram os motivos. Equipamentos de dezenas, até centenas de milhares de dólares,

espinha dorsal do faturamento da empresa, eram operados e mantidos por pessoal de salário mínimo ou quase isso.

A solução dada aos problemas era demissão e contratação de outros, com salários, de preferência, mais baixos ainda. E as coisas se repetiam.

De nada valia a argumentação que, oferecendo bons salários e boas condições de trabalho, os operadores e mecânicos contratados seriam os melhores e os mais competentes possíveis. Produziriam muito mais e com toda certeza os equipamentos ficariam muito menos parados. O faturamento iria aumentar muito. De nada valia argumentar que, no custo de uma manutenção a mão de obra representa apenas 20% do total e que um bom mecânico, experiente, saberia muito mais, como economizar em peças (ou seja reduzir os 80%). E que um operador experiente tiraria o máximo de produção de um equipamento, com menor consumo de combustível.

Sem destruí-lo. As máquinas ficariam menos paradas! Faturariam mais!

Não. Isso não era possível. Este não era o caminho. É um contra-senso total da ordem econômica, este raciocínio. Pagar mais salário, para obter lucro? Absurdo. Além disso, as faixas salariais da empresa tinham que ser observadas. E pagar mais poderia significar inflacionar o mercado de mão de obra local. Impossível.

Quando em crise, às vezes, a empresa pedia sugestões para a redução de despesas. Mas, no final das contas, era feito sempre o mesmo: Economizava-se em iluminação, telefone, e quinquilharias deste tipo e efetuavam-se cortes na folha de pagamento. Eram sempre uma tragédia, essas demissões. O pior é que o resultado disso tudo era insignificante. Os altos salários não eram mexidos. Claro, eles eram dos chefes e diretores. Economizar luz etc. também não significava muito.

Ninguém levava em consideração que, as grandes despesas da empresa, pelo tipo de atividade que exercia especificamente, no caso, eram: Combustível, lubrificantes, pneus, esteiras e peças. Qualquer economia nestes itens daria ótimo resultado financeiro. Para isso, em vez de demitir, seria necessário até, admitir funcionários, para que estes custos fossem otimizados. Nunca fizeram.

Sempre defendi a idéia, que uma empresa é constituída por gente, exclusivamente, do peão à diretoria. Capital, máquinas, equipamentos, matéria prima, estoques, instalações, sozinhos, não são nada, não tem nenhum valor. Não produzem um prego e não vendem uma caixa de fósforos. A produtividade é zero. Com gente qualificada, a produtividade vai a 100%. Com gente satisfeita a duzentos ou mais.

Erra muito a empresa que demite funcionários ou que permite que estes peçam demissão. Com isso ela joga às traças ou dá de presente, para a concorrência, anos de investimento e experiência, conquistada a preço de ouro. Equipamentos, bem operados, produzem imediatamente, no total de sua capacidade. Com as pessoas não é assim. A formação do profissional, diplomados ou não, leva um, cinco, dez ou mais anos. Dentro da empresa. Então sua produtividade é máxima. Até lá, é um aprendizado, e a empresa é que está bancando este aprendizado. E então demitem. Não dá para entender.

O que fazer em crises? Reduzir custos, aumentar produtividade, oferecer mais produto por menor preço. Ser mais competitivo. Usar o cérebro. Racionalizar. Desfazer-se até de patrimônio, se for o caso. Reduzir pessoal e ter como conseqüência redução de

produção, nunca. Demitir é o último recurso. Demitir tira a empresa do mercado. Ela deixa de existir. Faz ela voltar ao início.

Vejam como fez, por exemplo, Henry Ford!

É claro que de outro modo também funciona. O lucro pode ser alto também, como fizeram os brancos, ao escravizar índios e negros. Eles também produziam. E não era pouco. Tiravam deles o máximo e forneciam o mínimo, nem comida era suficiente. Os índios morriam como moscas, suicidavam e fugiam. Acabaram em cinqüenta anos. Trouxeram então os negros. Estes já eram mais caros, mas eram menos rebeldes, fugiam menos. Nem tinham para onde fugir. A sua querida África estava muito longe. Também morriam como moscas. Suicidavam.

Era necessário que assim fosse, a bem da produção, da competitividade e do lucro. Mas a que custo!

Hoje, oficialmente, os homens são livres, não existe mais a escravidão, mas o procedimento que está sendo usado, para obter deles o seu trabalho, é o mesmo.

Exigir o máximo e pagar o mínimo. Morrem como moscas. Nem comida é suficiente.

Apesar de existirem hoje máquinas, antibióticos e outras tantas facilidades as coisas não mudaram muito. Pioraram.

Até salários de fome estão em falta.

Não é mais competitiva a empresa que age deste modo. Apenas pensa que é. Acha que exigindo muito e dando pouco aos funcionários, o lucro será maior. Entretanto, a eficiência é baixa, a rotatividade de pessoal é custosa. Prejudica os negócios. A empresa sempre paga pela adaptação de um novo funcionário e pela sua inexperiência. Uma empresa lucra produzindo, não treinando funcionários.

Certa vez, um amigo, médico, sócio em uma clínica com outros médicos, deu aumento de salário aos poucos funcionários da clínica. Contou que foi criticado pelos outros sócios. Pois que, dando aumento quando isso não era estritamente necessário, era um erro. Estava inflacionando o mercado, sendo um mau empresário.

Ele discordou. Disse que se a clínica ia bem, era também por causa da boa atuação dos funcionários e portanto eles deviam participar, também, dos benefícios!

Confesso que faz milhares de anos que não escuto uma opinião destas.

O que quase sempre acontece é que, quando as coisas vão bem, o patrão fica rico e, quando elas vão mal, o empregado é demitido.

O patrão pede sempre que o funcionário compreenda os tempos difíceis, e que ele absorva a sua parte na crise. Mas quando as coisas vão de vento em popa ele não é chamado. Esquecem-se dele.

Quem não experimentou isto?

É difícil, se não impossível, imaginar uma civilização culta e avançada, sem os juros e o lucro, isto é, sem a exploração e a servidão humanas. Grécia dos filósofos foi assim, Roma dos conquistadores foi assim, Estados Unidos dos adoradores de Baal são assim.

O mundo seria terrivelmente uniforme e justo, onde estariam os contrastes? Onde estariam as maravilhosas obras de arte da humanidade: Pirâmides do Egito, Vietnã, Taj Mahal, World Trade Center, jardins suspensos da Babilônia, a miséria do Terceiro Mundo? O belo e o rico só existem em contraste com o feio e o miserável. Quem disse que não são importantes?

Só podemos admirar uma infinidade de obras de arte, hoje em dia, por causa da desigualdade social no passado. Os ricos, muito ricos, no ócio, e sem saber o que fazer com sua riqueza, as vezes, fomentam e patrocinam artes. Desse modo a arte, muitas vezes, é apenas uma conseqüência da crueldade humana. Principalmente a arquitetura. Megalomaníaca. Quem não fica maravilhado diante de obras como o Taj Mahal ou as pirâmides do Egito? Milhões de horas de mão de obra escrava (mesmo que não fossem escravos), diretas e indiretas. Isso é admirável, bonito e maravilhoso. Se fossem feitas de materiais sem valor ou tivessem apenas um metro de altura ninguém as visitariam. A beleza está no sacrifício humano embutido nelas.

Na verdade apenas o talento é que faz a arte. Se o artista porém, não pode viver dela, tendo que preocupar-se com o seu sustento, ela não se manifesta ou apenas muito pouco. O talento desaparece. O artista tem que poder dedicar-se integralmente a ela. Não pode preocupar-se com outras coisas.

O homem só manifestou arte quando o seu problema de sobrevivência estava razoavelmente resolvido. Sobrava tempo para inutilidades.

Arte é uma inutilidade.

É difícil afirmar, se um povo é mais talentoso que outro, mas é fácil verificar que um povo, que se dedica a qualquer assunto, tem mais talentos neste assunto. Países pobres não têm arte, não tem ciência, não tem esportes, perdem seus talentos, sua capacidade criativa, nem tomam conhecimento que eles existem. Quem não sabe ler nem escrever nunca será um gênio literário nem físico nuclear. Esquálidos esfomeados nunca serão maratonistas. Os poucos talentos saem do país. O brasileiro é bom em futebol porque ele gosta e, apesar de toda a pobreza, dedica-se demais a isso. Seus talentos aparecem. Imaginem se fossemos abastados. Teríamos até curso superior de futebol. Com mestrado e doutorado.

Impossível? A antiga União Soviética tinha "Escalada de Alta Montanha". Um curso superior! E eram muito bons nisso. Hoje estes universitários, vendem churrasquinhos de gato, na Praça Vermelha.

Arte não é para qualquer um. Muito poucos têm talento e também são poucos os que conseguem entende-la e maravilhar-se diante dela. Com honestidade. A maioria apenas finge. Não tem coragem de admitir que não são atingidos por ela.

Apreciando arte, não fica bem confessar, que não sentiram nada ou não entenderam o que leram, viram e ouviram. É uma questão de prestígio. Principalmente quando sobra dinheiro. O rico tem obrigação de ser culto e entendido em artes. Não pode ser "grosso". Deus me livre. Confundem então, com facilidade, valor e arte. Obra de arte boa é cara. Obra de arte cara é boa. É assim que pensam. Os aproveitadores "deitam e rolam".

Os pobres, por sua vez, não se preocupam com isso. Tem outros problemas.

Muitos "artistas plásticos", com sua arte contemporânea, nada mais do que lixo juntado a esmo, não são nem artistas, nem o que fazem é arte. Mas vendem horrores. E crítico nenhum ousa contestar. Muitos dos aproveitadores, que negociam com arte, nem sabem que são aproveitadores. Julgam-se conhecedores, a fundo, do assunto. Igualmente, os críticos.

Como dizia Monteiro Lobato: "Os críticos, não precisam aprender a sua profissão, já nascem prontos".

Com jóias é a mesma coisa. Ouro, prata e diamantes são bonitos e maravilhosos, latão, alumínio e vidro são feios e vulgares.

Quantas jóias e obras de arte continuariam lindas e maravilhosas se fossem feitas de materiais corriqueiros? Tentem observar as jóias da coroa, da rainha Elisabeth, da Inglaterra, abstraindo-se do seu valor monetário. Muitas decorações e fantasias de carnaval tem mais bom gosto e valor criativo, sem dúvida nenhuma.

Arte não acontece aleatoriamente. Um grupamento fortuito de objetos, uma "instalação", não é arte. Quem ousar fazê-lo teria que ter no mínimo um "background", um sólido respaldo artístico, que justificasse a extravagância, a brincadeira.

Tenho certeza, a maioria que visita uma exposição de arte contemporânea, sai com um sentimento de ter sido enganado. Mas poucos têm coragem de falar.

Colocar folhas de papel no chão, jogar baldes de tinta sobre elas, caminhar e andar por cima com uma bicicleta não resulta em arte. É feito ao acaso. Não representa uma intenção do intelecto. Se o "artista plástico" escorrega e cai a "obra de arte" até aumenta de preço. E vende.

Na época dos "happenings" pegava-se por exemplo um jipe velho. Cobria-se com combustível e tocava-se fogo. Um acontecimento! Um "happening". Uma "obra de arte".

Notas, sons juntados aleatoriamente não é música. Não é arte. É ruído!

Arte tem que passar pelo filtro do intelecto e este intelecto deve ser talentoso!

6 - xxx A supremacia dos poderosos

O homem só vive bem se existir equilíbrio, entre vizinhos, entre empresas, entre os poderes, entre empregados e patrões, entre países. É um equilíbrio, vigiado, que diz: Não vou atacá-lo, admoestá-lo ou tirar vantagem porque ele pode revidar, olho por olho, dente por dente ou pior. Uma guerra fria, com ou sem escalada. Assim as pessoas vivem bem e são até amigáveis. A sociedade é estável.

Este equilíbrio tem que ser mantido. De outro modo o poderoso, imediatamente, espolia e mata o mais fraco. Este reage, é claro, mas leva sempre a pior.

É o que temos visto: Dois milhões de vietnamitas por cinqüenta mil norte-americanos, milhares de Palestinos por um punhado de Israelenses, milhares de kykuyus por alguns ingleses e assim por diante.

Com a queda da União Soviética o equilíbrio foi desfeito. Este equilíbrio perigoso, instável, ameaçador ruiu. Em favor dos Estados Unidos. O perigo de um confronto extremamente perigoso foi eliminado. A terrível escalada armamentista perdeu sua finalidade. O mundo respirou aliviado. Festejou.

Mas deveria isto sim, ficar triste. A força equilibradora não existe mais. A balança vai pender cada vez mais para um lado só. As conseqüências serão piores talvez, do que seria um confronto armado entre aquelas superpotências. O capitalismo dos Estados Unidos não tem mais nada que o faça parar. Nada mais os seguram. Os financistas e multinacionais dos Estados Unidos, Inglaterra e Israel, já sentiram que nada mais os impedem, de arrasar o mundo inteiro, financeiramente e com armas também, sempre que necessário. A ONU, antes uma farsa, agora é uma inutilidade. Os Estados Unidos fazem o que bem entendem e usam a ONU para impor sua vontade aos demais países. NAFTA, ALCA, OEA, OTAN, FMI, Banco Mundial etc. são cada vez mais, apenas ferramentas a serviço do capital destes três países. Desde a queda da União Soviética estes três países aumentam sua interferência no resto do mundo. As explicações que dão, convencem cada vez menos. Nem precisam. Não existe mais o contrapeso da União Soviética para impedir.

Na ONU o veto da Rússia, França e China ainda existem porém, cada vez mais, tem que se dobrar às ameaças de retaliações norte-americanas. O "não" deixou de existir.

Sabem que pouco valor tem este veto, diante do que os Estados Unidos, Inglaterra e Israel podem fazer em retaliações e represálias.

Afinal, seu armamento e poderio militar é infinitamente menor que o deles. Todos estão cientes disso.

Os Estados Unidos procuram desesperadamente qualquer motivo que justifique a invasão do Iraque. Qualquer coisa serve. Cem gramas de urânio, chumbo, vírus, mofo, água sanitária, terrorista, pichador de paredes, qualquer coisa. Não que eles estejam receosos de serem criticados pelos outros países, nada disso. É que se encontrarem uma justificativa qualquer, os outros países tem que participar, por decisão da ONU. Então os aliados, na luta contra o "terror" mandam os seus soldados e os Estados Unidos não precisam gastar os seus.

Não existe mais a União Soviética para dizer não.

Ninguém na ONU, ou no mundo inteiro, tem coragem de dizer aos Estados Unidos, que não apontem os defeitos dos outros, com o dedo sujo. Acusam o Iraque de possuírem ou desejarem fabricar armas de destruição em massa, sendo eles próprios os maiores criminosos mundiais neste aspecto. Não só possuem os maiores estoque mundiais, como são também os únicos que as usam, de verdade. Vide Hiroshima e Nagasaki, vide o "agente laranja" no Vietnã.

Por falta de um "não" poderoso, até os direitos trabalhistas mundiais estão sendo reduzidos. As conquistas sociais estão caindo, uma a uma, em benefício do capital norte-americano, inglês e israelense. Os países estão, cada vez mais, sendo forçados a alterar suas leis e Constituição neste sentido. No Brasil temos exemplos: Lei de responsabilidade fiscal, flexibilização das leis trabalhistas, mudanças nas aposentadorias, reforma tributária etc. O capital vale mais que as pessoas.

Soberania já não existe mais, principalmente nos países mais fracos. Os governos estão, muito mais do que antes, favorecendo o capital em detrimento de interesses sociais. Inclusive nos próprios Estados Unidos. Até lá, isto está acontecendo. O dinheiro é mais importante que as pessoas. O capital é destrutivo, até de norte-americanos.

Lá, por incrível que pareça, os excluídos da sociedade, estão passando fome, cada vez mais! No maravilhoso e perfeito Estados Unidos, existe fome e ela está aumentando!

Os salários dos norte-americanos ainda são altos, função do fluxo de riquezas provenientes do exterior. Entretanto, as diferenças já se fazem sentir. Israelitas lá residentes recebem em média, o dobro em salário dos demais. Isto sem considerar os rendimentos de capitais, quase todo ele, em suas mãos.

No final das contas, o capital esmagará, inexoravelmente, as pessoas e as leis não mais as protegerão pois o comando político, financeiro e os meios de comunicações, estão, já faz tempo, nas mãos do capital, universal e onipotente.

É por isso que Israel, para os Estados Unidos não é apenas um país, como outro qualquer. É por isso que os norte-americanos empenham-se tanto em proteger tudo o que se refere a Israel e israelitas. É por isso que até fazem guerra aos muçulmanos e odeiam muçulmanos. São marionetes e nem percebem isso. Devido aos meios de comunicação.

Mas, nem sempre foi assim.

Houve época, nos Estados Unidos, em que índios, negros, chineses, porto-riquenhos, chicanos etc. e israelitas eram todos jogados em uma vala comum.

Os estadunidenses os discriminavam a todos.

Evidentemente, isso mudou muito! Safaram-se dessa. Inverteram os papéis.

Mérito do sionismo mundial, onipotente.

Os governos, de todos os países, cada vez mais, absorvem os encargos e as responsabilidades empresariais ("saneamentos") e cedem o seu patrimônio ao capital ("privatizações").

Tudo isso porque falta o freio e o repúdio da União Soviética. Não que eles fossem humanitários, nada disso. Apenas por serem contra.

O mundo encaminha-se para uma miséria global. Poucos serão excluídos. Restará apenas o povo escolhido por Deus. Os israelitas. Serão os últimos sobre a face da terra.

Juros e lucro promovem o desequilíbrio, segregação das riquezas, das propriedades e do poder, diminuem a entropia social, a organização, segundo o conceito dos ricos, cresce. Geram porém tensão e instabilidade. São como os combustíveis nucleares. Fermentam reação em cadeia. O futuro é a escravidão, repressão e miséria ou revolta e guerras. A explosão social. A entropia tende então a aumentar.

Por que, se o mundo produz atualmente alimentos, recursos financeiros, tecnologia, produtos de todos os tipos, medicamentos etc. mais que suficientes para que o mundo inteiro possa viver sem necessidades, ou privações, isto não acontece?

Por que a miséria? Por que a opulência? Por que a destruição da natureza?

O interessante é que, por mais que o homem se esforce em espoliar, matar seu semelhante e em destruir a natureza isto é uma atividade com futuro limitado, pelo menos para ele como indivíduo.

Por enquanto, no atual estágio da biogenética, certamente não viverá mais do que talvez uns noventa anos. Por que então acumular riquezas para mais cem, mil ou dez mil anos? Será que ama tanto assim os filhos, netos e bisnetos que, na maioria das vezes, brigarão como gatos e cachorros pela herança?

Existe alguma explicação para a atitude do saudoso João Alves, lembram?

Aquele que por dezenas ou centenas de vezes ganhou na Loteria Esportiva? Era septuagenário quando devido a excessiva divulgação do caso, foi pressionado a aposentar-se da política e com isso renunciar, à musa da fortuna que, para ele, sorria sem parar. Será que com cem anos de idade ainda estará juntando dinheiro? Aliás, será que o Imposto de Renda investigou alguma irregularidade? Ou anda por demais ocupado "grampeando" míseros assalariados, que têm seu teto de isenção cada vez mais reduzido, sonegadores de migalhas da sagrada parte do Leão?

Por falar nisso o Imposto de Renda denominar-se de Leão é um cinismo e tanto.

Conforme a fábula, a parte do leão é simplesmente tudo e isto apenas porque ele é mais forte! Riem da cara do contribuinte. Não dá vontade de sonegar, só de raiva?

Imagina-se que o Imposto de Renda seja progressivo, isto é, mais do que apenas proporcional, na finalidade de promover justiça social. Penalizar bem mais os que tem renda maior e bem menos aqueles que ganham pouco. Objetivo social. Ótima ferramenta para diminuir a tão desastrosa desigualdade, em que o Brasil é líder mundial.

Não está tendo porém efetividade. Por quê?

Se o Imposto de Renda não impede o enriquecimento sem limites de pessoas e empresas, qual outro dispositivo o fará?

A taxa máxima, atualmente é 27,5% (pessoa física), para uma renda, alta, que a maioria dos brasileiros não tem. Se é muito ou não, não importa. O que realmente é significativo, é que existe esse limite. Assim, quem tiver uma renda milhares de vezes o salário mínimo, por exemplo, tem todo o direito de fazê-lo, não paga mais imposto do que esse percentual. Isso legaliza e possibilita as grandes fortunas, pessoais e de empresas, que são tão nocivas para a sociedade.

Essa taxa deveria ser progressiva, ir até a quase 100%, ou seja, acima de certa renda, quase tudo seria recolhido em imposto. Inclusive para empresas deveria ser assim.

Não valeria a pena então, tentar enriquecer ilimitadamente.

O lucro desenfreado seria contido.

O fato de existir essa taxa máxima, relativamente baixa, indica que a mesma é definida por aqueles que fazem grandes fortunas e querem pagar pouco imposto. Os políticos, por exemplo. Com isso, para manter o mesmo montante de recolhimento, para não perder arrecadação, torna-se necessário diminuir o limite de isenção. Os pobres têm que pagar mais imposto, para que os ricos possam enriquecer ainda mais.

Em vez de uma ferramenta de justiça social, é o contrário.

E justamente são os que têm renda reduzida, as pequenas empresas e os assalariados, é que menos possibilidade tem, de sonegar. É descontado em folha e não tem sucursais nas ilhas Jersey e Cayman. Como sonegar?

Não é de admirar que cada vez mais as pessoas escolham o lado da informalidade e da ilegalidade. Não querem, nem conseguem, sustentar ricos vagabundos.

Nada contra trabalhar intensamente por um ideal, uma boa profissão e um bom salário. Por um retorno justo, ser trabalhador, competente e eficiente é louvável e merece o respeito e a admiração de todos. Qualquer que seja a profissão. Todas elas são igualmente importantes e deveriam ser bem remuneradas, igualmente.

O homem deveria acumular conhecimentos e não bens. O ter é volátil. O saber é permanente. O saber transforma o mundo. É transmitido para gerações futuras. O saber proporciona emoções. Amplia o campo de visão. Enxerga-se mais. Vive-se mais. O saber liberta. Livra-nos dos grilhões da ignorância. Espanta os fantasmas que rondam nossas almas e nos amedrontam.

Fazer do dinheiro a finalidade de uma existência, e acumular riquezas ilimitadamente, não é uma espécie de demência?

Com tantos assuntos a serem estudados, explorados, apreciados e pesquisados, não é muito pouco, querer da vida, apenas dinheiro e o prestígio que ele proporciona?

Tem sentido, ter bens e propriedades, apenas para ser olhado com inveja e admiração pelos outros? Ou impressionar as mulheres?

Por que não paramos e pensamos, se vale a pena, gastar a vida deste modo?

A maioria começa lutando pela sobrevivência e por uma vida digna. Ninguém poderia ser impedido de lutar por isso. Só que não param nunca mais. O infinito é o limite. Começar como engraxate e terminar como George Soros. Esta é a ambição do homem, e saiam da frente. Um doido varrido.

A liberdade, de fazer o que quiser, não deveria ser limitada, quando os atos e omissões, interferem na vida de outros? Os ricos não enriquecem, deixando os outros mais pobres, com raríssimas exceções? Por que os furtos, roubos e estelionatos são crimes e o enriquecimento não, se ele faz exatamente o mesmo? Por que aqueles que possuem milhões, bilhões não são trancafiados?

Enforcavam-se ladrões de cavalos, uma vida por um cavalo, ou vários deles. Protege-se o patrimônio. O homem é menos importante que o patrimônio do outro. Hoje eles não são enforcados mas perdem a liberdade, parte da vida lhes é subtraída. Já observaram como são rigorosas as leis referentes ao patrimônio?

Um dia um homem furtou alimentos de um supermercado. Pouca coisa. Não era para enriquecer ilicitamente. Era para comer. Ficou quinze dias na cadeia. E seria mais se um advogado não se apiedasse dele. Se não me engano ressarciu os danos ao supermercado e eles retiraram a queixa.

Tempos de Victor Hugo, "Os miseráveis" estão à solta.

Está na cara. As leis são feitas por quem possui bens e quer protegê-los.

Tirar a vida, se não for dolo, não dá cadeia, tirar a carteira de alguém sim. Algum motorista já cumpriu pena, na cadeia, por atropelar e matar alguém? E quantos foram presos, porque a sociedade os esmagou e acabaram cometendo furtos?

Onde está o "estado de necessidade", para um terço dos brasileiros, miseráveis, isentando-os de punição, pelos crimes que cometem? Será que consta nos anais jurídicos, pelo menos um caso do chamado "estado de necessidade" para eles?

Não para os ricos, para os pobres.

A vida, fora da cadeia, não é tudo que temos? Por que ela é menosprezada?

Ninguém enxerga que o direito à propriedade, sem nenhuma limitação, é prejudicial ao homem e principalmente à natureza?

O excesso de bens destrói invariavelmente a natureza. Os bens são subutilizados por seu proprietário e, o mais importante, aos outros é impedido o acesso a eles. Estes por sua vez terão que destruir a sua parcela da natureza para formar os bens que desejam, de preferência também em excesso.

Porém, diferentemente de 500 anos atrás, as frentes a desbravar não existem mais, as fronteiras encostaram umas nas outras, muitos recursos estão rareando e as riquezas em grande parte já tem proprietários. O bolo está dividido. A riqueza agora só pode ser obtida por aumento de produtividade ou tirando dos outros. E a demanda aumenta.

O que se pode esperar do futuro?

Não existe mais nenhum continente Americano a ser descoberto, acabou-se.

Colonizar esta ou outras galáxias, nem pensar.

A população mundial está aumentando. Logo o limite será alcançado. Ficara estável, mas será uma estabilidade terrível, cujos prenúncios já estamos sentindo. A miséria, desastres, inundações, secas, doenças, sede, fome e violência então, ceifarão mais vidas do que os nascimentos. A humanidade entrará em declínio.

Os homens sentirão saudades das dificuldades e injustiças sociais que estamos tendo agora.

Antes dela, é claro, irão primeiro todos os animais e vegetais com alguma utilidade para o ser humano e, em paralelo, todos os outros, em conseqüência da agressão irrestrita ao meio ambiente.

Falam em controle populacional. Como se ainda, pacificamente, ordenadamente, isto pudesse acontecer. Provavelmente a morte, o esqueleto com a foice, será protagonista nessa tarefa.

Afirmam que a maior quantidade (em peso) de vida animal, na Terra, já seja a espécie humana. Já chegamos a isso. Graças à inteligência, à tecnologia, à medicina.

Como parar essa avalanche?

Certamente, fosse isso possível, controle populacional. Planejamento familiar. Principalmente nas áreas densamente povoadas. Principalmente os pobres, que não tem como sustentar prole numerosa. Isso mesmo. Os pobres! Não podem mais ter filhos. O Terceiro Mundo tem que parar de crescer para que o planeta seja salvo. Sim, é verdade. Ele tem que fazê-lo. Antes que a fome e AIDS o façam. É seu próprio benefício, resolver este problema! Laqueaduras, vasectomias, camisinhas, anticoncepcionais. A preços módicos, emprestados pelo FMI. A ser devolvido em bolas de ouro e privatizações.

Enquanto isso se estuda intensamente fertilização "in vitro" (no vidro) e clonagem de seres humanos, para permitir que o Primeiro Mundo possa ter filhos, não adotados, mas legítimos, sangue do seu sangue, mesmo quando tecnicamente estéreis ou impotentes. E pesquisa intensa para resolver problemas de reprodução humana, para que seus filhos sejam saudáveis e de qualidade.

Essa é a idéia.

A cargo do Terceiro Mundo a superpopulação mundial.

E que resolva também o problema do efeito estufa. Pois, ele próprio, é o que mais sofrerá com isso, sentirá os seus efeitos, por isso tem que resolvê-lo também.

O FMI empresta dinheiro, se for o caso.

Essa é a idéia.

Entretanto a Terra é prejudicada, muito mais pelos ricos que pelos pobres.

O lixo do rico é de um a dois quilos por dia, pouco reciclável, o do pobre quase nada, orgânico, tudo humanamente possível tendo sido comido.

A casa do rico para ser construída, agride a natureza cem vezes mais que a tapera do pobre, a do muito rico então nem se fala.

O rico cerca-se de eletrônicos e eletrodomésticos mil, o pobre, quando muito uma televisãozinha, de quinta categoria, constantemente desligada, para não gastar energia.

O rico gasta em seu "off-road", tração 4X4, um litro de combustível a cada quatro quilômetros, o pobre nada, seu carrinho é empurrado por ele mesmo, pelas ruas, para catar o lixo dos ricos.

O rico gasta 300 litros de água tratada por dia. O pobre quase nada, isto quando tem acesso a ela.

Os ricos comem alimentos "topo da cadeia alimentar" ou seja carne que, para ser produzida, necessita sete vezes seu peso em alimentos vegetais, a comida do pobre.

Os ricos gastam fortunas em saúde, educação, divertimento e lazer, mísseis Cruiser, bombas H, tudo isso significando utilização de materiais que foram retirados da natureza. O pobre não se preocupa com estas "bobagens".

Não seria pois muito mais racional diminuir a quantidade dos ricos para resolver os problemas que a superpopulação acarreta?

Um rico em vez de quinhentos pobres?

Não seria mais racional?

Infelizmente, pessoas de mando não pensam assim (claro, eles são ricos).

Uma senadora brasileira (ou seria deputada?) defende veementemente a idéia de controle de natalidade, a ser imposta aos pobres, apenas aos pobres. Certamente, pensando em defender a mulher, a que mais sofre em ter e criar filhos em condições precárias.

Coitados dos pobres, além de não comer direito, não vão poder "comer" a sua mulher direito.

Os indianos e não só eles, por sua religiosidade, suportam uma miséria enorme. A Inglaterra arrasou economicamente a Índia, deixando como legado uma miséria sem

precedentes, em sua História milenar. Eles a suportam estoicamente. Morrem aos milhões mas sobrevivem, apesar de tudo.

Para eles, os bens materiais são de importância secundária. Certamente estão preparados, para este novo milênio de privações. Será apenas um a mais dos muitos que já enfrentaram.

A Meca do brasileiro entretanto, é o estilo de vida norte-americano, sua ostentação e opulência. Qual terá mais força para sobreviver por mais mil anos?

Os brasileiros iludem-se que, ao imitar e idolatrar o norte-americano, a viver exatamente como ele, passarão um dia a ser um deles e portanto também vencedores. Iludem-se que serão aceitos no clube.

Os brasileiros gostam tanto dos norte-americanos que, se um dia os Estados Unidos resolvesse bombardear as cidades brasileiras, assim como fizeram no Afeganistão e pretendem fazer com as do Iraque, certamente teriam o apoio incondicional da maioria dos brasileiros. Poucos seriam contra. Estes diriam: "Eles estão destruindo nosso patrimônio, nossos lares e nossas vidas, por que vocês os apóiam?" Mas não seriam ouvidos. Seriam esmagados pelo avassalador patriotismo brasileiro, o patriotismo vermelho azul e branco! Prova disso é a entrega gratuita de nosso patrimônio ao capital internacional, principalmente norte-americano. Nenhum brasileiro reclama! Todos apóiam!.

Esquecem-se os brasileiros que, para o G8 e o Primeiro Mundo, os brasileiros são macacos, símios, primatas! E sempre serão!

O norte-americano permite e considera normal ser imitado em tudo, menos em duas coisas: Riqueza e poder. Aí ele vira bicho.

Sabem quando o norte-americano vai deixar que um país do tamanho do Brasil coloque as "manguinhas de fora"? Tirem o cavalo da chuva!

Pensando bem, já que 70% do patrimônio brasileiro, gerador do PIB, está na mão de não residentes no Brasil e sabe lá o quanto de terras pertencem a estrangeiros, não é de recear que o Brasil, sem um tiro ou uma gota de sangue sequer, irá, logo, perder boa parte do seu território?

Quando será iniciada a negociação de substituição de parte da dívida externa por território brasileiro? Será que a Constituição brasileira já não está sendo modificada neste sentido e nada sabemos devido ao grande FILTRO, citado?

Na "Hora do Brasil", outro dia escutei que o Pará não teria mais uma estrela representativa desse Estado, na bandeira nacional. Isso, assim como a alteração do nome Petrobrás para Petrobrax, não cheira a privatização?

Que tal, metade do território brasileiro, por metade da dívida externa?

Não era exatamente isso que estava acontecendo em Cuba antes de Fidel?

Não é isto exatamente o que aconteceu com o Haiti? Não é algo semelhante o que ocorreu com metade do território mexicano?

O que será da Argentina?

O brasileiro deveria abrir os olhos e ver os desertos, rochas e pedras que os mais diversos povos, desde a remota antigüidade, defendem, fervorosamente, com até a última gota de sangue que lhes resta, como se fossem a coisa mais preciosa deste mundo.

Daria mais valor às nossas riquíssimas e férteis terras, que estão aí, ao Deus dará, para quem quiser pegar.

Cuidem-se, o berço esplêndido está para ruir.

Será um novo Canaan, depois que as frágeis muralhas do Jericó brasileiro ruírem, mais um Texas ou Califórnia mexicana na bandeira norte-americana?

E isto vem de longe! Já o Presidente norte-americano Wilson, sugeriu a internacionalização da Amazônia, como uma das conseqüências da primeira guerra mundial. Pasmem.

Internacionalização é apenas um eufemismo para norte-americanização, não se esqueçam!

Se algum brasileiro, quietinho para si mesmo, achar que isto seria muito bom, pois passaríamos a fazer parte também do Primeiro Mundo, fique ele sabendo que os norte-americanos são brancos e os latino-americanos são índios e pretos.

E eles não se misturam!

O Primeiro Mundo, racista, distingue "brancos" (puros) e "não brancos" (os demais), é uma dicotomia. Mesmo o português, do qual descendemos, a rigor, não é exatamente branco. Esteve muito perto da África, por muito tempo.

Nós brasileiros pensamos diferente. Achamos que todos os que tem a pele mais clara são brancos.

Para os norte-americanos entretanto, todos os latino-americanos são gente de cor, não tenhamos ilusões a respeito.

Serão os "white" ingleses Senhores dos "colored" indianos. Nem Gandhi resolve.

Não se esqueçam que, segundo o "Far West", índio bom é índio morto. E não pensem que isto mudou. A legislação de vinte e tantos Estados norte-americanos proíbem, vejam bem, PROÍBEM casamentos interraciais!

Não no século passado. Hoje. Na atualidade.

A hostilidade, atualmente, não é explícita, mas é só isso. Visitamos os Estados Unidos, vemos o Grand Canyon, Estátua da Liberdade, Disneylandia etc. mas não podemos passar alguns dias em algum bairro negro. Não está previsto no pacote turístico, não deixam, e não temos coragem. Lá as "favelas" são de negros, porto-riquenhos, "chicanos", chineses etc. Pouquíssimos brancos.

No Brasil as favelas pertencem aos pobres: Pretos, brancos, amarelos ou vermelhos, e as coberturas aos ricos: Pretos, brancos, amarelos ou vermelhos.

Os homens, naturalmente, são racistas e corporativistas. Quanto mais ricos, poderosos, fortes, cultos, civilizados e ciosos de suas tradições, mais racistas são. Mais intolerantes. Veja os ingleses, por exemplo. Primorosos neste aspecto.

Pobres e miseráveis não podem se dar ao luxo de serem racistas.

Na época do escravismo o racismo era legal, ético e até aprovado pelas religiões. Tinham que utilizar o índio e o negro para produzir riquezas. Assim os brancos tinham que ser superiores. Tinham que justificar ideologicamente a sua atitude assassina. Tinham que ser racistas. Se não, quem trabalharia para eles?

Quem iria gerar as riquezas que tanto desejavam?

Massacramos índios, negros, milhões de pessoas em nome do dinheiro e do poder. Exterminamos em Canudos, no Contestado, na ditadura militar e tantos outros em nome de palavras como "República", "Democracia" e "Liberdade".

Exterminamos atualmente, sem pestanejar, em nome da "Lei", "Segurança" e "Ordem Publica".

Não demora muito, iremos exterminar os Sem Terra, para manutenção da ordem, do direito à propriedade. Serão os próximos. Não tem como ser diferente.

Assim é o brasileiro.

Somos portadores de uma herança terrível:

"Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais tenra e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos."

(Darcy Ribeiro)

Hoje no mundo, o racismo é opção. Não necessitamos mais alegar superioridade racial para explorar outras raças. Temos máquinas para o trabalho braçal, temos a televisão para formar opiniões e temos a bomba de hidrogênio para convencer pessoas. O racismo tornou-se obsoleto. Desnecessário.

Se ele ainda existe é por opção. Um capricho.

Os norte-americanos optaram por racismo verdadeiro. E o brasileiro por um racismo, apenas para inglês ver, de mentira. Além disso, o brasileiro é pobre. Tem mais o que pensar. Racismo é coisa de ricos!

É claro que no Brasil, vemos muito poucos negros habitando coberturas ou estudando em Universidades. Certamente. Entretanto o problema não é racismo e sim riqueza. A abolição da escravatura, no Brasil, é recente. A mais recente de todas. Os escravos não tinham posses, nem instrução, nem propriedades, nada. Treze de Maio libertou, condenando-os à morte. Deram-lhes a liberdade de morrer. Foi o que fizeram. Morreram como moscas. Por pobreza. Ainda não se livraram dessa situação. Talvez não aconteça nunca. Eles são pobres. E é difícil, muito difícil, para qualquer pobre, não importa a cor, deixar de sê-lo. O acesso às coisas lhes é negado por este motivo. Não racismo. Quem tem dinheiro compra, quem não tem, não compra. Este é o nosso racismo.

O pobre, para sair dessa condição tem que "virar a mesa". Tem que superar até obstáculos culturais e de tradição. Não apenas obstáculos financeiros.

A tradição familiar do pobre é ser pobre e a do rico é ser rico. Os filhos olham para os pais quando estabelecem seus objetivos. Os pais, o entorno, o ambiente é o exemplo a ser seguido.

Pais ricos ajudam seus filhos a serem ricos, os pobres não tem como fazê-lo.

Existe racismo no Brasil?

Sim, com toda certeza!

É uma característica do ser humano ser racista. Todos eles são, uns mais, outros menos, mas todos são. É uma espécie de corporativismo.

Entretanto, perigoso mesmo, é o racismo, quando exercido por ricos e poderosos. Aí ele se torna efetivo, opressivo, funesto e exterminante. Passa a ser um problema social importante, de ampla dimensão, que só admite como solução, o desaparecimento dos oprimidos.

Racismo, quando exercido por pobres, é inofensivo, inócuo. Não tem conseqüências graves. Pode até ser encarado como uma simples manifestação cultural. Pois que, o que diferencia uma cultura da outra, é justamente a diferença. Somente pela diferença é possível racismo.

O que não deveria acontecer é imposição. Cada um na sua.

O brasileiro não liga muito para a cor da pele, não é importante também a intelectualidade. Para ele, significativo mesmo é fama, posição social, riqueza e propriedades. Isto sim faz diferença.

Assim, o racismo brasileiro, é uma gota no oceano do racismo norte-americano, inglês e do Primeiro Mundo em geral.

Entretanto, na onda da globalização, o brasileiro sente que ele deve ser também racista, exatamente como o norte-americano. Não o "povão" e não na prática, mas sim para

mostrar ao mundo que a tão falada "democracia racial" brasileira, na realidade, não existe.

Temos que mostrar ao mundo que os norte-americanos são apenas seres humanos, como nós, racistas. Temos que ser racistas também, para desculpar os norte-americanos pelo seu racismo.

As privatizações estão ocorrendo a passos largos, saúde, educação, atividades assistenciais, estão cada vez mais sendo preteridas. Tudo está cada vez mais tendo que ser adquirido com "dinheiro vivo", retirado do mísero salário que recebemos. Impostos servindo, cada vez mais, para pagamentos ao FMI.

As conseqüências, o empobrecimento deve ser explicado.

Inventa-se assim um racismo, brasileiro, tão discriminatório e maléfico quanto o norte-americano. Este passa a ser um dos motivos da miséria no Brasil. O neoliberalismo nada tem a ver com isso. Quando resolvermos o nosso problema racial, melhoraremos de vida.

Tapamos o sol com peneira.

Uma coisa são laranjas e outra são bananas. Não podemos somar, diminuir, multiplicar nem dividir. Aprendemos isso nos primeiros anos de escola.

Racismo norte-americano e racismo brasileiro são assim, como comparar um com o outro? Lá existe o apartheid da África do Sul e aqui a democracia racial de Gilberto Freyre.

Entretanto, existem estudos demonstrando, vejam só, que o racismo no Brasil é maior que nos Estados Unidos! Números, a estatística mostra isso. Somos mais racistas que eles!

Brasileiros, Ph.D. em sociologia, "deslumbrados" pelos cursos que fizeram nas sua pátria de opção, os Estados Unidos, afirmam isso!

Podemos nós ignorantes "tupiniquins", duvidar de doutores em sociologia?

Podemos duvidar de Fernando Henrique Cardoso, doutor em sociologia?

Falam em racismo.

Entretanto o ponto crucial da questão racial, o grande medidor do racismo é, sem dúvida, o casamento. A miscigenação. O caldeamento.

Racistas são os que não se misturam.

O brasileiro mistura-se, e muito!

Essa assimilação é essencialmente espontânea e voluntária.

Como comparar o brasileiro ao norte-americano?

Povos que não entram em contato com outras raças podem ou não ser racistas. A questão fica em aberto. Havendo coexistência entretanto, o racismo pode ser medido. Pela miscigenação. Pelo desaparecimento ou integração, gradativo ou rápido da raça não dominadora!

Nos Estados Unidos não ocorre miscigenação. Os índios desapareceram e os negros estão em franco desaparecimento. Os aborígenes da Austrália desapareceram. Papua/Nova Guine, Nova Zelândia onde está o seu povo de origem? Onde está o seu sangue?

Certamente nenhuma gota corre nas veias anglo-saxônicas, mais puras que a raça ariana de Hitler. Certamente não foi caldeamento.

Simplesmente jorrou por terra ou esvaiu-se em anemias famélicas.

Os Estados nortistas dos Estados Unidos, como qualquer criança no mundo inteiro sabe, eram defensores dos negros. Entretanto (isto bem menos pessoas sabem), muitos deles, não permitiam que lá vivessem os seus protegidos. Simplesmente isso. Os demais exigiam fiança em torno de 5.000 dólares, se algum negro lá quisesse morar! Na época, "a lot of money"!

"I have no purpose to introduce political and social equality between the white and black races. There is a difference between the two, which, in my judgement, will forewer forbid their living together in perfect equality".

Abraham Lincoln 1857

Afirmar que somos racistas, assim como os norte-americanos é absurdo. Na África portuguesa o negro é igual ao branco. Na África inglesa o negro é o "boy", o servo, inferior. Nós descendemos de portugueses. Somos diferentes, e muito, dos norte-americanos.

Nos Estados Unidos as conquistas dos negros têm que ser lutadas e impostas, à força.

Não lembro bem os dados mas, atualmente, lá, os negros, na faixa de idade, de 18 a 25 anos, a metade estão presos ou soltos sob condicional. A metade! Incrível não é? Da população carcerária, 80% são "colored", 20% brancos. A média dos brancos nos Estados Unidos é talvez uns 90%.

Não são presos e condenados por serem pobres, mas sim, por serem negros.

Isso sim, com todo o peso de suas letras, é RACISMO!

A não ser que concordemos que os negros sejam mais propensos ao crime do que os brancos.

No Brasil vai preso quem é pobre. Quem tem dinheiro livra-se com mais facilidade da cadeia. Negros e mulatos são pobres, vão para a cadeia por isso. Não por racismo. Afinal de contas temos a pior distribuição de renda do planeta, bem diferente dos Estados Unidos!

Lá os negros têm mais dinheiro que os negros brasileiros e vão para a cadeia mesmo assim! O dinheiro não os livra da cadeia.

Não que não exista racismo aqui. Mas laranjas são laranjas e bananas são bananas.

Não imitemos os norte-americanos ao ponto de achar que também somos racistas, como eles. Ou mais até, como afirmam ilustres Ph.D. brasileiros.

Cada raça e cultura, de acordo com os seus costumes têm sua escala própria de valores. Uns gostam de carnaval e outros de surfar ondas, não podemos colocá-los em um denominador comum, segundo critérios que não levem em consideração estas diferenças.

A questão racial é vista como a desigualdade das raças perante os objetivos da sociedade atual, capitalista. Assume-se que qualquer pessoa, não importa a raça, deseje atingir e usufruir as vantagens da sociedade, modelo capitalista. Supõe-se isso, sem admitir alternativa. Brancos, negros, pardos, amarelos, índios, aborígenes, chineses, bosquímanos e tantos mais, devem todos eles, atingir estes objetivos. Se isto não se realiza igualmente para as diversas raças, fala-se em racismo.

Arvora-se a cultura ocidental, em dizer que ela é melhor que as outras, a única a ser seguida, sem alternativas. Que seus objetivos são os almejados por qualquer ser humano, qualquer cultura.

O padrão utilizado para medir racismo tem que ser a "cultura" norte-americana, o capitalismo. Este é o ideal a ser atingido pela humanidade, o 100%, o tudo.

Assim, seguindo este conceito, para que seja possível igualdade racial é necessária, em primeiro lugar, uma igualdade de objetivos, a igualdade cultural.

Ou seja, uma globalização da cultura.

Mesmo que fosse possível, dificilmente veríamos um índio, da gema, como proprietário de um latifúndio. Índios não possuem o conceito de "propriedade", a não ser que mudem seu modo de pensar, sua cultura.

Índio surfando ondas, nas praias brasileiras, com cabelos desbotados por parafina, com "Surf Wear", deliciando-se com BigMac nos intervalos, só se não for mais índio, da gema.

O carnaval em Curitiba sempre será uma caricatura se comparado ao carnaval de Salvador, é uma questão cultural.

Falham portanto, aqueles que medem o racismo comparando quantitativamente as várias cores com as diversas oportunidades e objetivos capitalistas, simplesmente.

Estão desconsiderando as diferenças culturais de cada raça.

Doutores em sociologia fizeram.

No Brasil o racismo existe mas, indubitavelmente, não é exterminante como o do Primeiro Mundo. Por que então a tempestade em copo d'água?

O brasileiro sabe, pretos mulatos e índios inclusive, que o problema brasileiro é FMI, neoliberalismo, capitalismo, drogas, falta de emprego, entreguismo, corrupção, desigualdade social e coisas desse tipo, por que então toda essa história sobre racismo brasileiro?

Na França, Suíça, Áustria, Alemanha, Bélgica, Espanha etc. existem leis anti-racismo. Elogiável. Direitos humanos atendidos.

Leis de borracha. Elásticas. Utilizadas quase que exclusivamente por israelitas, quando alguém ousa reclamar de sua atuação terrorista mundial ou se atreve a duvidar do holocausto. Revisionistas sentem na pele seus efeitos.

O Brasil, é claro, também tem que ter leis análogas.

Para isso é necessário criar um clima racista, acabar com a "ilusão" de democracia racial brasileira. É claro, pretos, mulatos e índios aproveitam a deixa e confirmam veementemente serem alvo de racismo, com toda certeza, sim senhor!

Leis de borracha sim pois os israelitas, não sendo raça (e sim religião, estilo de vida) utilizam-se delas. Como é possível?

Mistura-se raça, cultura e discriminação. Usa-se à conveniência.

Fernando Henrique Cardoso resolveu garantir vagas em Universidades para os negros. Isto não é discriminação? Não vai gerar animosidade? Não estará este ato criando racismo? considerá-los diferentes dos demais, não é justamente isto que os racistas fazem? Com este precedente, o que impede de tratá-los diferentemente, no futuro, não em seu benefício, mas para prejudicá-los?

Pobres não freqüentam Universidades, seja qual for a sua cor, principalmente porque as Universidades públicas estão quase extintas. Dêem condições adequadas de vida às pessoas e suficientes escolas grátis e verão que negros, brancos, vermelhos, amarelos estudarão, todos eles com afinco, para passar no vestibular. E o Brasil não terá apenas bons jogadores de futebol.

Aos pobres, de todas as cores, devem ser dadas as ferramentas básicas para que possam sair dessa situação: Saúde grátis, educação grátis, alimentação básica garantida, moradia garantida.

Aberto o caminho, quem não lutaria por uma vida melhor, tendo, desde cedo, oportunidade para tal? Aqueles que não escolhessem este caminho estariam fazendo isso por opção, não imposição.

Uma lei dessas, como a do Fernando Henrique Cardoso, até que é aplicável nos Estados Unidos, pois lá não existem quase mulatos. Branco é branco e preto é preto, não existe mistura, é fácil distingui-los. Mas aqui, como determinar quem é preto, vermelho, branco ou amarelo se está tudo misturado? Como vai ser executada esta lei? Ela vale também para mulatos ou só para negros, retintos? Qual porcentagem de sangue Afro define um negro?

A metade dos brasileiros é branca e apenas quatro por cento são negros. Nosso vocabulário desconhece entretanto a palavra mulato. Falamos apenas em negros, como se fossem maioria. Imitação pura do sentimento inglês e norte-americano. Estamos adotando a idéia "white" / "colored" deles.

O que pensará um semi-amarelo pobre que não passa no vestibular da Federal e que não pode pagar uma faculdade particular? Não vai ele querer uma lei para si também? Um vermelho pobre idem. Um branco pobre também.

Olhem para as ruas e vejam como as mais variadas cores conversam entre si, são colegas, são amigas, tomam cerveja juntos, namoram-se, casam-se e tem filhos e olhem para os Estados Unidos para ver como é. Mas não tirem conclusões vendo filmes norte-americanos na televisão. Neles o capitão é sempre negro e o sargento sempre branco, o "mocinho" negro, o "bandido" branco. Imagina-se até que deva existir uma lei que force os produtores de filmes a incluir negros bonzinhos em seus filmes. Em qualquer tipo de filme. Imaginem, vemos até cowboys negros, pistoleiros, heróis, em uma época onde os negros eram escravos. E até beijando brancas. Eles seriam quase esquartejados ainda hoje, imaginem naquela época, antes da cabana do pai Tomas! Perguntem ao Ku Klux Klan.

Lembram os incêndios, saques e revolta, ocorridos em Los Angeles quando vários policiais espancaram um negro e o tribunal do júri os absolveu? Os que se revoltaram eram apenas baderneiros e terroristas?

Lá existem raças. É possível o racismo. Aqui não, só tem mistura.

Da estatística pode se falar o seguinte: Existem as pequenas mentiras, existem as mentiras médias e existem as estatísticas. São as piores de todas.

Quando é desejado comprovar algo se usa a estatística, conceito científico, incorruptível, portanto de alta credibilidade. Cita-se percentagens e, diante delas, temos que nos dobrar. O máximo que podemos fazer é duvidar dos valores apresentados. Estes, diga-se de passagem, realmente, muitíssimas vezes, são fraudados, a favor do que é desejado demonstrar. Porém, como a verificação quase sempre é difícil, temos que aceitar, mesmo a contragosto.

As afirmações revestem-se assim, de um cunho científico. Deixa de ser apenas uma afirmação. É a verdade. Temos que acreditar.

Exemplo:

Os negros no Brasil recebem por seu trabalho apenas 55% do que recebem os brancos. Portanto, somos racistas.

Comprovado estatisticamente!

Só que, sendo fato indiscutível que os negros recebam menos, o motivo não é necessariamente racismo. A causa não foi investigada, apenas o fato de receberem menos. Utiliza-se esta afirmação para comprovar outra (a de racismo) que na verdade nem foi investigada.

É apenas um truque. Junta-se uma afirmação qualquer a uma verdadeira para tornar ambas verídicas.

Se disséssemos, por exemplo, que os negros recebem salários menores que os brancos, e isto os faz serem ótimos jogadores de futebol, estaríamos usando exatamente o mesmo raciocínio.

Igualmente errado.

Os negros não têm curso superior, nem médio, nem inferior, nem os índios, nem os pobres.

Discute-se muito sobre, se o terceiro grau, o curso superior, deve ou não ser gratuito, o governo assumindo esse encargo.

Na verdade é indiferente. Ou pagamos nós mesmos a escola ou o governo o faz, com os impostos que recolhe de nós. Em princípio sai tudo na mesma.

O mais importante de tudo, é que todos os estudantes de segundo grau tenham a mesma oportunidade de, se assim o desejarem, fazer um curso superior qualquer, à sua livre escolha. Isto tem que ser facilitado e incentivado. O filtro se existisse algum, seria o vestibular. O esforço individual. O teste de capacidade.

Na verdade o vestibular é inadequado. Inicialmente destinado a eliminar os que tivessem preparo insuficiente, tornou-se um gargalo onde só os quase gênios na capacidade de armazenamento de dados, os "decorebas", não são retidos.

A maioria dos conhecimentos exigidos no vestibular é esquecida, em pouco tempo, por falta de utilização. E aquilo que não é usado o cérebro esquece! Estudam portanto inutilidades.

Mais adequado um teste vocacional talvez, um teste da criatividade, da capacidade de entendimento, da capacidade de aprendizagem.

O importante é que a oportunidade deveria existir.

Se não for assim, muitos talentos irão perder-se, e a sociedade ficará sem o benefício correspondente. Talentos têm que ser aproveitados. É a matéria prima para a construção de uma sociedade melhor.

Diferentemente dos Estados Unidos, que tanto gostamos de imitar, no Brasil, para que todos tenham a mesma oportunidade, ricos e pobres, o ensino superior tem que ser gratuito. Não tem como ser de outra forma. A desigualdade salarial é muito grande.

Se o ensino for pago, os pobres deixarão de estudar. Sem estudo seus salários serão baixos. Com salários baixos não poderão pagar os estudos. Como irão livrar-se dessa situação?

Quem acha que o ensino superior deveria ser pago só tem razão se houvesse justiça social. O que não é o caso, principalmente no Brasil.

Aqueles que estudaram, tem mais possibilidade de pagar o curso superior de seus filhos. Não que seja fácil. Mas é possível. Vemos muito isso: Filhos de médicos tornando-se médicos, filhos de advogados tornando-se advogados e assim por diante. De um modo geral, os filhos têm como objetivo atingir, pelo menos, o nível social e intelectual de seus pais. Eles são o exemplo a ser seguido, a ser superado. Mas, os pais têm que ajudar.

São, principalmente, os que já têm curso superior, que defendem o ensino pago. Dizem que, para conseguir algo, é necessário ir à luta, esforçar-se, batalhar. Assim como eles o fizeram.

Dizem isso porém, quem realmente possibilitou seus estudos, na maioria das vezes, foram os seus pais. É claro que eles tiveram que se esforçar, sem dúvida nenhuma. Mas só este esforço seria insuficiente. Dificilmente poderiam fazer um curso superior e manter-se ao mesmo tempo, trabalhando. Principalmente quando as aulas do curso que escolheram, são diurnas. Além disso, sobraria menos tempo para estudar.

Deste modo, com poucas exceções, os que estudaram e tem uma profissão rendosa em decorrência, devem isso ao esforço dos pais. Estes, necessariamente, tinham recursos.

Aqueles que defendem um ensino pago, no Brasil, estão na verdade querendo reservar para si e seus filhos o status e um mercado de trabalho privilegiado, exclusivo. Formam uma elite, corporativista. São segregacionistas.

Por isso médicos, são normalmente filhos de médicos e não filhos de pedreiros.

Aliás, discute-se um assunto que já foi resolvido. Há uma década, 80% dos cursos superiores no Brasil eram em Universidades Federais e Estaduais. Agora são apenas 20%. Ou seja, o assunto está ultrapassado.

Interessante é que nenhum imposto foi reduzido. O governo economizou 60% de despesas e não reduziu impostos! Gozado!

7 - xxx AIDS, Patriotismo e Língua Materna, como ficam?

Pensando bem, o que será que os norte-americanos aprontaram para os negros, que os fazem tão zelosos, atualmente, em criar uma imagem, para o resto do mundo, de igualdade, amizade, companheirismo, justiça e amor branco com preto?

Uma nova avalanche de filmes "educativos" está acontecendo. Não vemos um filme recente sequer, em que não existam pretos, em altas amizades e amores com os brancos, e vice-versa.

Deve ser algo muito pior do que simplesmente racismo, segregação, preconceito e coisas deste tipo.

Será que a AIDS, identificada primeiramente nos Estados Unidos mas que estranhamente, de um dia para outro, ceifa milhões de vidas dos negros africanos, não tem nada a ver com isso? Será que os Estados Unidos desenvolvendo uma arma biológica, que ataca o sistema imunológico, vendo o vírus sair fora de controle e contaminando norte-americanos, não resolveram espalhá-lo, intencionalmente, na África negra, como cortina de fumaça? Matam assim, dois coelhos com uma cajadada. Primeiro: A doença veio de fora, não tem que indenizar os norte-americanos contaminados. Segundo: Resolve o problema dos pretos, de uma vez por todas. Alia o útil ao agradável.

É difícil acreditar que uma doença tão catastrófica e que se alastra com tanta facilidade, tenha-se mantido por milhares de anos escondida da humanidade para, de repente, explodir com toda intensidade, na África? Não podemos esquecer que o berço da humanidade foi a África. Como só agora foram contaminar-se?

Quem pode, com certeza, afirmar que o HIV não foi gerado por manipulação genética?

É claro que isso é só suposição. Mas será que, estudos estatísticos, não revelariam coisas estranhas, na evolução desta doença? Quem tem coragem de levantar esta lebre?

E se acham que os norte-americanos não fariam isso, fiquem sabendo que o maior depósito de armas químicas e biológicas do mundo está nos Estados Unidos (não no Iraque como acham os brasileiros). Os Estados Unidos recentemente exumaram corpos no Alasca ou Canadá, congelados, de pessoas que morreram há décadas, de gripe espanhola, retirando o vírus para "estudos". Mantém a varíola, erradicada no mundo inteiro, para "estudos". O tão comentado Anthrax, ou seja qual for o seu nome, foi identificado como ter sido desenvolvido lá mesmo nos Estados Unidos.

Os Estados Unidos mantém estes vírus letais, alegando que seu estudo pode ser de interesse para a humanidade, e não está nem aí, com os milhares de espécies animais e vegetais que estão sendo exterminadas diariamente, no mundo inteiro, cujo estudo também poderia ser benéfico. Não é estranho estudar um vírus sabidamente maléfico e tentar encontrar nele algo de valor? É como desmontar e estudar uma metralhadora, para tentar descobrir nela uma vacina. Pode acontecer, mas é, no mínimo, difícil.

Há quem diga que a guerra tem suas vantagens pois, em função dela, são desenvolvidas tecnologias que beneficiam o homem. Matando muitos, as vezes, acaba-se, sem querer, salvando alguém, é o que querem dizer.

Se quisermos criar uma vacina devemos estudar medicina e não fabricar metralhadoras.

Os Estados Unidos para "defender-se" produzem armas biológicas. É o que dizem, defender-se, só isso. Imaginem agora, se puderem, a utilização de armas biológicas, defensivamente. Podemos usar escudos de mísseis, coletes à prova de balas, radares, espionagem, bateria antiaérea e muitas outras coisas para se defender. Mas armas biológicas? Como seria feito isso?

Espalhando vírus nas fronteiras dos Estados Unidos para que os afeganes e iraquianos invasores se contaminem e morram. É isso?

Cada norte-americano receberia um spray com vírus e quando os invasores entrassem nos Estados Unidos, seriam borrifados. É isso?

É, os brasileiros deverão preparar-se para enfrentar, como podem, as asperezas que virão. Apesar dos avanços tecnológicos e científicos, as coisas vão piorar. É contra-senso, mas é isso o que vai e está acontecendo.

O homem, em desespero, com problemas os mais diversos e sem como resolvê-los, cai de joelhos e torna-se religioso.

Deus onipotente é filho do desespero.

Os ricos, por natureza, não são religiosos, seu Deus é de ouro e suas preces já foram atendidas!

No Brasil vemos crescer religiões de todos os tipos, a passos largos. Mas diferente de antigamente, quando a principal preocupação era a salvação da alma, a vida eterna, hoje as que mais crescem, são as que prometem resolver problemas financeiros e materiais, aqui mesmo na Terra. Não é necessário esperar a morte para, só então, receber a recompensa.

Este atrativo é irresistível.

As mais tradicionais, crescem menos e são muitas vezes obrigadas a ver a migração de seus fieis para as novas religiões, se é que estas podem ser chamadas de religião. Imagina-se que uma religião, como tal, não esteja ávida e exclusivamente preocupada em angariar fieis e seus donativos. Estão apenas aproveitando a brecha constitucional, de garantia de liberdade religiosa, para explorar o próximo. São terríveis arapucas, que escravizam a mente das pessoas, por motivos torpes. Crime tipicamente hediondo.

Não que as outras não o façam. Qualquer religião não sobrevive sem o "vil metal". São também apenas empresas que visam lucro. Mas pelo menos o fazem mais dissimuladamente. Oferecem em troca, além do conforto espiritual, base de todas elas, obras de caridade e de assistência social. Justificam assim um pouco a sua existência. A igreja católica, além disso, ainda está "comprando a briga" dos brasileiros e pressionando bastante o Fernando Henrique Cardoso e outros governantes, em muitas áreas sociais, talvez até em todo o mundo. Isto é realmente elogiável. Não vamos esquecer, entretanto, que nem sempre foi assim.

Não vamos nem falar na Santa Inquisição e esses tipos de coisas.

Uma grande vantagem, que não pode ser negada de muitas religiões, é o fato de pregarem a bondade, caridade, honestidade, retidão de caráter etc., condenando as

atitudes que prejudicam o próximo. Muitas religiões, principalmente as que têm a reencarnação como verdadeira, pregam além disso, o respeito pela vida, inclusive a vegetal e animal, por mais insignificante que ela seja. Beneficiam assim, em muito, a natureza. Trata-a como igual ao ser humano. Os índios fazem isto.

As religiões convencem os fieis que esta é a maneira correta de atuar e estes agem por convicção. Contrário aos governos que, ditando suas regras e ameaçando com punições, apenas impõe. Obedecemos então contra a vontade. É menos efetivo.

Entretanto, a grande desvantagem das religiões, de quase todas elas, que também não pode ser negada, é a intolerância.

"Eu sou seu Deus, seu único Deus, e aquele que crê em mim, será salvo. Dele será o reino dos céus."

Apenas dele. Os demais estão errados. Irão para o inferno.

Para que o mundo seja salvo devem subordinar-se a essa convicção. Pela força, se necessário.

Uma espécie de "força de paz" da ONU.

O brasileiro, cada vez mais, está abandonando a sua religiosidade tradicional, misteriosa e confortadora. Quer obter resultados imediatos.

A fragilidade está aumentando. Será que, com esta precariedade, ele terá forças suficientes para suportar as privações que certamente virão no decorrer deste milênio?

O que mais restará? Patriotismo talvez?

Já pensamos alguma vez o que é patriotismo? Ou sobre o significado de ser torcedor de um time qualquer?

Existe realmente argumento para torcer-se por um time ou país ou ser patriota? Qual o torcedor ou patriota não está convicto que o seu time ou país está certo e que deve vencer? Mas se ele pensa assim, como é que o time ou país adversário também pode ter este raciocínio, com igual validade?

Se um está certo, o outro não tem que estar errado?

Torcemos às vezes por um time ruim, com jogadores sem habilidades, trapaceiros, que fazem um espetáculo deplorável no campo, porém temos que ser fieis, torcer por ele e chamar o juiz de ladrão quando o time adversário, em uma jogada espetacular, faz um lindo gol. Não podemos ser vira-casaca.

Ser patriota é a mesma coisa.

Os soldados de um país, antes de embarcarem para frente de combate, e eventualmente morrer pela pátria, recebem, infalivelmente, as bênçãos de um religioso, para que voltem

vivos e vitoriosos. Interessante é que, com os adversários, acontece a mesma coisa. Qual Deus é mais poderoso? E se o Deus é o mesmo, quem ele escolherá?

Os países têm seus mapas definidos politicamente, por conquistas e convênios.

Quase sempre é uma mistura irracional de línguas, raças, costumes, ideologias, paisagens, geologias, climas, ecossistemas etc.

Qual o argumento para manter todas estas diferenças sob um mesmo comando se tudo é tão diversificado? Patriotismo é a resposta. É ele que torna o índio do amazonas igual ao gaúcho dos pampas. Ambos são brasileiros, tem um time para torcer. Até a vida devem dar por este time, se necessário.

Mas o patriotismo é natural ou tem que ser incentivado?

O homem, como muitos animais, definem como sua, uma área relativamente pequena, para procriar, proteger-se, caçar, plantar etc., muitas vezes apenas temporariamente. Defende em primeiro lugar a família. Sendo gregário, tem também um espírito coletivo, de matilha, manada ou cardume, com ou sem chefe supremo. Este é o seu patriotismo. Por isto ele luta.

O patriotismo, que faz com que o amazonense e o gaúcho morram um pelo outro, não existe, tem que ser criado. Entram então em ação, as técnicas da propaganda. Cores, hinos, símbolos, bandeira, fardas, moeda, selos, heróis, mapas, mártires e alegorias são martelados em cada indivíduo, desde o nascimento até seu último suspiro. São argumentos empolgantes, mas sem conteúdo.

Vejam a propaganda das forças armadas na televisão: "Carreira emocionante", "Asas de um povo soberano", "Qual cisne branco, em noite de lua..." e assim por diante. Frases como essas vendem qualquer coisa, de pasta de dente a satélites artificiais.

Cadeia para os soldados que ousarem duvidar da pátria. Ordem unida para aprenderem a não raciocinar. Obedecer sem pensar. Patriotas sem julgar. Em frente, marche! Esquerda volver! Direita volver! Alto!

Já pensaram qual a finalidade da ordem unida? Disciplina? Em absoluto.

A idéia é fazer algo sem sentido, tal como a ordem unida, por mais idiota ou irracional que seja, apenas porque foi dado o comando para tal. É uma lavagem cerebral. Assim podemos instantaneamente matar e até morrer, sem temores ou escrúpulos a tolher os nossos passos. Somos transformados em autômatos.

Consideramos um cão de estimação como inteligente quando ele obedece fielmente aos muitos comandos do seu dono ou treinador. Na verdade ele está sendo mais burro do que um vira-lata destreinado qualquer, que faz apenas o que bem entende. O dono se quiser, que faça, ele mesmo, o que está ordenando, pensa, e se faz de surdo.

Assim, hierarquia, disciplina e pontualidade são as matérias primas necessárias e suficientes, de que são feitos os militares, desde os menos graduados até aos marechais, brigadeiros e almirantes.

As religiões, as mais tradicionais, de um modo geral, não são diferentes. O rosário substituindo a ordem unida.

O norte-americano é patriota. Quem vai lá, nota isso com facilidade. Bandeiras norte-americanas tremulam por toda a parte, ficam expostas nas residências e em muitos lugares. O norte-americano orgulha-se de ser norte-americano. Orgulha-se de todos os seus feitos e conquistas.

O brasileiro, é exatamente igual ao norte-americano.

Adora, também, os Estados Unidos.

Se pudesse, iria para lá, neste instante. Pena que eles não deixam.

A língua inglesa ele já sabe, com perfeição. Adora falar inglês.

A língua portuguesa, a língua mãe, coitadinha, é então jogada para escanteio.

Por isso a língua materna de cada país, deveria ser protegida, pelo Estado, sem dúvida nenhuma. Assim como os costumes e a cultura.

Entretanto, no dia a dia, nada disso acontece. Aí é o contrário. Ela, assim como os costumes, é tratada com descaso, por todos. Fazem o que bem entendem com ela.

Assim como há algumas décadas falar francês e os francesismos eram muito comuns no Brasil, hoje em dia o português é terrivelmente contaminado pela língua inglesa.

Dizem que a língua portuguesa é rica. Uma das mais ricas do mundo.

Que riqueza idiota é essa, que obriga a adotar tantos vocábulos do francês, antigamente, e da língua inglesa, atualmente?

Se forem desnecessários, que seja proibida até, a sua utilização. Na linguagem escrita, pelo menos. Teriam que manter-se ao estritamente necessário.

Isso deveria ser, é claro, feito voluntariamente pela população.

Mas o brasileiro, é norte-americano de coração. Para ele, falar inglês, é mais importante do que falar português. Podemos constatar isso em qualquer pichação que vemos nas paredes e muros das cidades. A maioria em inglês, ortográfico. As poucas em português estão erradas. (Pensando bem, ultimamente, as pichações estão sendo feitas em uma espécie de hieróglifos. Ou os pichadores não sabem mais escrever ou estão tão "chapados" que não conseguem).

Uma loja, que não tenha um nome que lembre os Estados Unidos, Inglaterra ou Austrália, está fadada a desaparecer, em pouco tempo, por falta de clientes.

Propagandas, sem palavras em inglês, ou que não correspondem ao estilo de vida norte-americano, não vendem um tostão.

Quem consegue pronunciar "e-mail" com facilidade? Por que não falar em vez disto, simplesmente: "Correio eletrônico"? A pronúncia correta de "ou" é "OU", como em "besouro", ou "AU" como em "mouse"? A tradução de "Y love You" é "Eu amo você"? Não é assim que Tarzan, o rei da selvas e os pele-vermelha falavam? "Mim Tarzan, você Jane", "Eu ser chefe Touro Sentado". Os brasileiros estão começando a falar desse modo!

Já por este motivo esses anglicismos deveriam ser proibidos. As línguas são muito diferentes. Não podem ser misturadas.

Temos que escolher, ou uma ou outra. Mas se fizermos um plebiscito, em dez anos o português, no Brasil, será como o Latim, uma língua morta.

As leis têm que proteger a língua. Língua de um povo é sim, uma questão legal. Falamos português no Brasil por força de lei. Se assim não fosse, estaríamos falando ainda, a Língua Geral, o Tupi-Guaraní.

Nos Estados Unidos, em certa época de sua História, um terço de sua população era de alemães. Tivesse então, a língua alemã, sido declarada como língua oficial, a ensinada nas escolas, lá estariam falando hoje, o alemão. Não seria engraçado ver os brasileiros, quebrando a língua, tentando falar alemão?

Às vezes tenho me perguntado por que, em quase todos os concursos, vestibulares, testes, seleção de candidatos e verificações de capacidade, são feitos testes de conhecimento da língua portuguesa. Mesmo quando o assunto específico, não dependa nada ou muito pouco disso. Muitos testes os consideram até como eliminatórios. Não "passou" em português, não pode fazer os demais testes. O vestibular é assim. Dezenas de profissões, as mais variadas tecnologias, são obrigadas a passar por esse filtro. Por quê?

Aprender uma língua qualquer é difícil, sempre. Mas não a língua materna, aquela que aprendemos a falar desde pequenos. Isso é fácil.

Não precisa de estudo nenhum. Qualquer um consegue. Falar, pelo menos. Ler e escrever, já necessita dedicação e estudo. Mas a maioria consegue.

Uma boa parte do cérebro é dedicada à comunicação verbal e escrita. Será que é por isso que os testes de conhecimentos de português são feitos? Para ver se o cérebro do candidato está em ordem?

Não seria melhor um psiquiatra ou tomografia?

As pessoas não têm, todas elas, as mesmas habilidades. Uns tem talento para música, outros para química, outros ainda, para línguas e assim por diante.

Por que achar que, quem não sabe português corretamente, é uma nulidade em todos os demais assuntos? A ortografia foi essencial para Michelangelo?

É claro que, para ser um bom biólogo é necessário estudar muito, e por isso teremos que saber ler e interpretar textos. Mas, concluir que, se não soubermos bem o português, nunca seremos um bom biólogo, não é correto. Qualquer um comunica-se verbalmente, sem dificuldade nenhuma e quem sabe ler e escrever razoavelmente bem, também não tem muitos problemas, em fazê-lo por escrito. Expressar-se com habilidade literária não é essencial para o matemático, mas para um professor de português, sim. De um motorista deve ser exigido que ele saiba ler e escrever, um pouco, e saiba, principalmente, dirigir automóveis ou caminhões. eliminá-lo por falta de conhecimentos em português não tem sentido. Valoriza-se demais a língua portuguesa nestes exames, tornando-a eliminatória, considerando-a como pré-requisito.

A língua materna tem que ser protegida, sem dúvida nenhuma, porém, deveria ser encontrado um caminho melhor para fazê-lo.

Ela tem que ser protegida no dia a dia, no português que se lê diariamente. Nos jornais, nos anúncios, na televisão, nos comunicados, nas revistas. Deles é que o brasileiro obtém seu vocabulário, a sua grafia. Acontecendo isto certamente escreveremos e falaremos mais corretamente, coerentemente.

Justificada pois uma legislação neste sentido.

Aos que defendem a liberdade na utilização da língua materna, sem restrições, é só dizer que, assim sendo, nada justifica o ensino da mesma nas escolas e a sua gramática. Qualquer povo aprende a língua materna sem ir à escola. Por que tolher a criatividade ensinando regras e procedimentos? Cada um falaria como bem entendesse.

Neste pensamento, do mesmo modo, a matemática, a física etc. Cada um inventaria a sua.

Mas será que o resultado disso não seria simplesmente nos tornarmos menos letrados e mais analfabetos do que já somos?

Na verdade é também uma questão de soberania nacional. Um patriotismo a ser seguido. Assim como a bandeira nacional.

Não podemos mudar as cores da bandeira brasileira para vermelho azul e branco apenas porque idolatramos os norte-americanos.

É o mesmo motivo.

Os norte-americanos não precisam aprender outra língua. O inglês é suficiente.

Os outros a estudam para poderem falar com eles. É a língua universal.

A língua inglesa é extremamente importante, não existe dúvida nenhuma. É a linguagem universal. É uma língua fácil de ser aprendida. É o esperanto da atualidade. Na Índia existe quatorze línguas principais e uma grande quantidade de dialetos. A ponte de comunicação é feita, através da língua inglesa.

Antigamente, a língua universal, a língua dos estudiosos e cientistas, era o Latim. Quem quisesse fazer-se entender internacionalmente, no passado, era obrigado a estudar Latim.

Hoje em dia, é assim, com o inglês. Quem fizer um trabalho em português, por melhor e mais importante que ele seja, se não for traduzido para o inglês ele, certamente não será lido universalmente.

Por isso é importante aprender a língua inglesa. Mas, apenas como secundária, acessória, não como língua materna, a principal!

Assim como a lei deveria proteger a língua nacional, também deveriam ser protegidos os costumes e a cultura. Qualquer povo que abra mão disto deixa de existir. Veja os índios brasileiros, o que aconteceu com eles, com o que restou deles.

8 - xxx A família

O homem evoluiu muito tecnicamente, financeiramente e nos conhecimentos, mas socialmente ele ainda está na Idade da Pedra. Se é que, muito do mais que isso, não piorou significativamente, desde então.

Detém um poderio enorme de modificação da natureza e de destruição mas não aprendeu a controlar seus impulsos. Neste aspecto não tem racionalidade nenhuma. Tornou-se muito perigoso.

A vida na Terra treme de pavor, diante do que ele pode fazer!

Agora apenas a vontade decide. Não existe mais o empecilho da impotência. O querer fazer e não poder. Agora ele pode. É só querer. Pena que, no seu modo de ser, ele é muito mais destrutivo que construtivo.

A natureza, até agora, sempre foi vista pelo civilizado como inimiga. Cheia de doenças, feras e perigos que devem ser dominados e combatidos. Com isso o homem especializou-se em controlar, subjugar, exterminar e erradicar. É só o que sabe fazer. Coincidentemente também, o mais fácil e mais barato.

Cortar e queimar uma mata: Facílimo. Voltar ao que era: Impossível.

Nunca a natureza foi considerada como uma aliada. Porém, logo logo, a situação vai mudar. De inimiga, vai passar a ser ausente. E então, vai fazer falta. Muita falta!

O homem civilizado, na sua desvairada fome por propriedade e bens materiais, tornou este o seu único objetivo de vida. Artificializou-se. Abandonou sua vida social por isto. Tornou-se máquina de fazer dinheiro.

Quanto mais tecnologia, conhecimentos e dinheiro menos necessidade o homem tem de ser sociável. Vale a máquina. Vale o indivíduo. O que ele quer ele compra. Sentimentos nenhum, solidariedade nenhuma.

O homem ficou mais só. Mais independente.

Seus divertimentos, prazeres e atividades sociais são comprados, ele não se compromete, com mais nada, além do dinheiro que paga.

O conjunto, a família, o clã, a tribo, tornaram-se de importância secundária.

Antes, ao contrário, quando carente de recursos e tecnologia, obrigava-se a ser socialmente forte e estável, para não perecer. Era condição para a sobrevivência. Problemas difíceis de resolver individualmente tornam-se mais simples quando enfrentados em equipe ou partilhados. Assim explica-se o porquê das famílias, os mutirões e a solidariedade entre vizinhos, tão comuns no passado.

Por isso a famosa hospitalidade do brasileiro, mesmos nas cidades.

Todos na família, do bisavô ao bisneto, permaneciam coesos, unidos em torno de uma causa comum. Não havia dispersão. Quando a família, ela só, não podia resolver o problema, entravam em ação os mutirões. A boa vizinhança amenizava as agruras e pequenas tragédias locais dos menos afortunados.

Era possível, em uma dificuldade qualquer, recorrer a um parente ou vizinho.

Mas isto mudou muito.

A família resume-se hoje em dia a mãe e filhos. O pai, quando conhecido, apenas paga a pensão alimentícia (quando paga). Os tios e primos desapareceram ou tornaram-se distantes. Vizinhos são completos estranhos, tratados com um "Oi" no elevador, quando muito. O brasileiro não acredita mais em uma família nos moldes de setenta ou mais anos atrás. Hoje casa-se ou apenas se junta os trapos com a idéia: "se não der certo a gente separa". E é exatamente isto o que acontece. A quantidade de separações é enorme. Muitas vezes uma segunda ou terceira tentativa, também não dá certo e as pessoas acabam ficando sozinhas.

Antes, quando o casamento era para "toda a vida" esta era a expectativa. Entravam num casamento, esforçando-se para que ele fosse, por toda vida. Muitas vezes viviam infelizes juntos. A sociedade via com muito maus olhos as separações e elas quase não aconteciam. A família, aos trancos e barrancos, permanecia unida. Porém a genealogia era conhecida. Os parentes existiam.

Hoje os "ajuntamentos" já iniciam derrotados: "Se não der certo a gente separa".

O conceito de família foi totalmente destruído pela legislação e pela alteração dos valores morais e sociais.

Esta é uma batalha que a igreja católica perdeu completamente. Primeiro nos Estados Unidos, e finalmente também no Brasil, o maior país católico do mundo.

A tão importante célula da sociedade, a família, na teoria, não existe mais e na prática, muito pouco. De "até quando a morte vos separe" passou para desquite, divórcio e até ausência de casamento.

O próprio conceito de casamento ficou sem valor quando foi definido recentemente que homossexuais podem casar. Já não se sabe mais, nem o que é casamento. Podiam ter chamado esta união de outra coisa, mas não. Chamaram de casamento. Destruíram totalmente o conceito.

Desde os primórdios da humanidade, em suas muitas formas, aspectos e procedimentos, o casamento sempre foi entre homens e mulheres. Desde que aprenderam viver em sociedade e instituíram o casamento, ele foi celebrado apenas entre pessoas de sexos diferentes. Fernando Henrique Cardoso mudou tudo isto. Alterou um padrão de dezenas de milhares de anos!

Claro, ele copiou, não foi o primeiro. Mas isto é insignificante já que nunca, em tempo algum, político brasileiro fez algo realmente novo, inédito. Só copiam.

E obedecem.

O êxodo rural intenso que vem acontecendo em todo Brasil em muito contribuiu para a destruição da família. As cidades dificultam a vida familiar. Manter unida uma família na cidade é muito mais difícil do que manter a mesma família no campo. Na cidade cada filho é uma despesa a mais, paga em dinheiro "vivo". No campo, mais um filho, faz menos diferença. No campo é mais fácil acomodar, vestir e alimentar mais um. Dinheiro, quase não existe, mas não é vital.

Com a igualdade completa entre homens e mulheres, estas não só adquiriram por inteiro o direito de trabalhar, como muitas vezes, por necessidade, são obrigadas a fazê-lo.

Então, quando existem filhos pequenos, estes ficam sob os cuidados de creches, dos avós, empregadas, babás, vizinhos ou ficam até sozinhos, em casa. Até amamentar torna-se difícil. A Nestlé agradece.

Vêem-se somente umas poucas horas por dia. A educação das crianças é feita por estranhos, quando é feita. A distância entre mãe e filhos aumenta. A mulher fica dividida entre a carreira e os filhos. Pelo certo, se escolhesse a carreira não poderia ter filhos, e se escolhesse os filhos não poderia ter carreira. Do contrário um, outro, ou ambos são prejudicados.

E quem não sabe disto?

O brasileiro herdou dos índios muitas coisas boas, a mandioca, o hábito de tomar banho diariamente e o amor e respeito pelas crianças.

O europeu e o norte-americano, ao contrário, nunca foram amorosos com os filhos. Castigam seus filhos severamente, muitas vezes com violência, tem aversão a ficar cuidando deles, filhos dos outros então, nem se fala. Desde pequenos, quando ainda bebês, são obrigados a dormir sozinhos, desde cedo são enviados para creches, à noite são cuidados por "baby sitters" e nas férias escolares são mandados para os "acampamentos". Nas refeições não se sentam à mesa dos adultos. Tudo para não incomodar os pais, que tem seus interesses particulares.

O brasileiro, adotando o sistema norte-americano, começa a imitá-lo, também neste tipo de atitude. Está começando a considerar os filhos um estorvo, indesejados.

Por estes motivos, muito mais do que pelos métodos anticoncepcionais, a quantidade de filhos que cada mulher produz reduziu-se significativamente nos últimos tempos. É desvantajoso ter filhos. Principalmente na cidade. Os mais velhos, tinham uma quantidade enorme de irmãos e irmãs. Isto acabou.

A idade média da população está aumentando, não tanto porque as condições de vida estão melhores e a longevidade aumentou, mas sim porque menos brasileiros estão nascendo. E porque jovens e crianças estão sendo mortos pelas drogas, violência e acidentes automobilísticos.

Concluir que vivemos melhor porque a idade média do brasileiro aumentou, é não olhar o problema em detalhes. É como concluir que o bem estar é maior quando a renda per capita aumenta.

Entretanto, a renda per capita pode aumentar em se aumentando a renda, (o que é bom) mas pode aumentar também, em se diminuindo os "capita" (o que é ruim).

Hoje o indivíduo ficou independente muito mais cedo, isto é, depende apenas de si mesmo, o que fizer ou deixar de fazer é o que determinará o seu futuro, ninguém para ajudá-lo ou aconselhá-lo. Tornou-se um peixe fora do cardume, sem a proteção que este proporciona.

O ser humano, por natureza, não é exclusivamente monógamo, como o querem algumas religiões. Nem totalmente adverso à família como quer o Fernando Henrique Cardoso.

As leis preocuparam-se com os adultos, revendo cuidadosamente os seus direitos e deveres, igualdades etc. Entretanto, o principal objetivo do casamento, deveria ser a preservação da espécie, ou seja, os filhos.

Eles deveriam ser preparados adequadamente para viver num mundo cada vez mais artificial, para receber os conhecimentos que a humanidade vem acumulando ao longo dos tempos e para preservar e proteger o meio ambiente e a natureza.

É a grande oportunidade que o mundo tem de se tornar melhor.

Esta tarefa é mais bem desempenhada pelo pai e mãe, juntos. Com o governo, pouco se pode contar. Filhos de pescadores ganham dos pais pequenas canoas para brincar, filhos de caminhoneiros pequenos caminhões. As meninas ganham bonecas e ajudam nos afazeres do lar. As escolas transmitem os conhecimentos.

Assim o futuro é preparado. Mas se a televisão substitui o pai, a mãe e as escolas, quais serão os brinquedos?:

Pistolas e metralhadoras.

A educação dos pais e escolas é fundamental. Sem eles, em pouco tempo, voltaremos a bater pedra sobre pedra para fazer fogo e nosso mundo voltará a ser povoado por bruxas e demônios. Isso em curtíssimo prazo.

A arqueologia está cheia de exemplos.

Pior ainda, nem teremos êxito, na tentativa de fazer fogo. Muitos conhecimentos, adquiridos pelos homens no decorrer de milhares e milhões de anos, foram abandonados e esquecidos. Conseguiremos reaprender a fazer fogo, a seguir uma caça, a fazer uma ponta de flecha? Não saberemos nem identificar o que é comestível e o que não é. Morreremos de fome só por isso.

As dificuldades serão ainda maiores pois estaremos diante de uma natureza devastada e reduzida em recursos.

Não temos escolha, temos que conservar o mundo artificial em que vivemos, não temos como voltar atrás. Obrigatoriamente, temos que educar nossos filhos.

A ciência é uma escalada, os conhecimentos e as conquistas do presente são baseados nos conhecimentos e conquistas anteriores. Dos milhões de livros que existem a maioria é joio. Os estudiosos, pesquisadores e cientistas separam o trigo e criam novos conhecimentos. Isto é feito por muitos. Ninguém consegue fazê-lo sozinho. Os educadores tornam os assuntos "palatáveis", de fácil compreensão e os transmitem aos alunos. Muitos conhecimentos, pela sua complexidade, serão citados e transmitidos até sem demonstração. Os que estão aprendendo terão que confiar nos autores e professores e estes têm que conquistar a confiança dos leitores e alunos. Porém não são dogmas. Qualquer um pode aprofundar-se e, ele mesmo verificar sua veracidade.

É assim que funciona.

Cada geração deve ser preparada para entender boa parte dos conhecimentos das gerações anteriores. Pelo menos.

Esta seqüência não pode ser interrompida!

Viu Fernando Henrique Cardoso? A educação não é uma empresa capitalista e lucrativa. É sobrevivência de um povo.

Falam em reduzir a idade de responsabilidade criminal para dezesseis anos, alegando ser uma ferramenta a mais, no combate ao crime. Mas para outras coisas, o adolescente terá que esperar, até os vinte e um anos de idade.

É um cidadão completo para ser preso. Em outros assuntos ainda é criança.

Na Inglaterra já foram condenadas crianças de dez anos por crimes, assim como nos Estados Unidos. Isto deve ocorrer em outros países do Primeiro Mundo, também.

Como uma sociedade qualquer se julga no direito de definir sobre a vida, morte ou a liberdade de quem quer que seja, índios, loucos e crianças, sem dar a eles sequer a chance de opinar sobre o assunto que lhes diz respeito?

Não era assim que se condenavam as bruxas a serem queimadas na fogueira? Elas não podiam opinar sobre os critérios de seu julgamento.

É claro que as decisões serão unilaterais, em favor dos brancos, dos mentalmente capazes e dos adultos. O homem civilizado é, por natureza, egoísta e preguiçoso, gosta de determinar as obrigações dos outros, o que os outros devem e o que não devem fazer, para ele mesmo, só benefícios. Nunca foi diferente. Veja-se a votação que vereadores e deputados fazem para determinar seu próprio salário.

Será que o único recurso que índios, loucos e crianças têm, para se proteger, é rezar?

Se, mesmo assim, a sociedade lhes impõe suas exigências, o que lhes oferece, em troca? Terras para os índios, hospitais e tratamento decente para os doentes mentais, vida tranqüila e ordeira para as crianças e proteção a todos eles? Ou apenas o faz de conta, para inglês ver, pois afinal, são apenas índios, loucos e crianças, fracos, impotentes e sem força legal?

Por extensão, quando chegará a vez dos velhos, deficientes físicos, aposentados, desempregados, miseráveis, favelados e outros mais que não fazem parte da "nata" da sociedade sendo, muito pelo contrário, um estorvo?

Condenar crianças a pena de reclusão é um castigo muito maior do que para adultos pois para eles o tempo passa mais devagar. Um ano para uma criança é uma eternidade, para o adulto, apenas um instante. Isto é matemático e biológico.

O comportamento de adolescentes e de crianças é uma conseqüência do meio. Se eles não se comportam corretamente, a sociedade é que errou e ela é que deve ser corrigida. Se a família foi destruída condene-se quem a destruiu e não as vítimas dessa destruição.

Que moral o governo tem para propor uma medida dessas? O que fez ele para proteger as crianças? Não está na hora dele, governo, rever a sua própria atuação?

Nada de culpar quem não pode se defender.

Não imitemos os norte-americanos e europeus, nisso também.

Existe uma faixa de idade que a sociedade ocidental considera ativa, produtiva, conquistadora, dominadora, recompensadora: Dos vinte aos sessenta anos, mais ou menos. Este conceito está entranhado em nós, arraigado. Nas leis também.

Por isso é que os adolescentes anseiam por tornarem-se adultos. Querem usufruir tudo aquilo que os adultos podem e eles não. Querem ser independentes, sem ninguém a dizer o que podem e o que não podem fazer.

Socialmente, adolescentes e crianças, são "zeros à esquerda", mais que isso só atrapalham e só dão despesas. Eles querem fugir disso.

Igualmente os velhos. Estes já passaram da idade áurea. Devem ser sucateados. Só atrapalham e só dão despesas.

Ninguém quer ser considerado obsoleto, por este motivo, a maioria teme envelhecer. Não pelo fato em si, irremediável, mas pelo modo como será tratado pela sociedade, pelas leis e pelos familiares. Ser velho é ser ultrapassado, sem voz ativa. E quem deseja isso?

Assim a maioria tenta permanecer jovem.

"Tenho setenta anos mas um espírito jovem". "Tenho sessenta anos mas ainda trabalho tanto quanto um jovem de trinta". "Faço esporte mais que um jovem de vinte". "Ela tem cinqüenta anos mas parece trinta".

E dá-lhe malhação, plástica, trabalho intenso, maquiagem, tinta de cabelo e "vida jovem".

Particularmente, o culto à beleza e à aparência é extremamente cruel, principalmente para as mulheres. Com um simples olhar são submetidas ao crivo da estética e julgadas. Sem apelação. Danem-se os valores interiores.

As pessoas são induzidas a odiar a si mesmas, a detestar sua aparência. Devem gastar tempo e dinheiro para modificar o que realmente são. Chamam isso "autoestima". Uma pessoa insatisfeita com o que é, extremamente preocupada com o que os outros enxergam nela, é uma "pessoa com autoestima".

Que absurdo!

Mutilam seu corpo em cirurgia plástica ou em "body building" para que os outros vejam nela o que não é. O que teve que ser criado artificialmente.

Coitados dos irremediavelmente gordos e irremediavelmente feios.

Ser excluído. Muitos não param de trabalhar por este motivo. Não querem sair da vida em que se é "gente de verdade".

Continuam a ganhar dinheiro, sem real necessidade, acumulando fortuna que nunca poderão gastar. Vivem como se a vida fosse eterna.

Ora, na maioria das vezes o trabalho é desgastante, estressante, extenuante. Exige cumprimento de metas e prazos. Horários a seguir, faça chuva ou faça sol. O enfarte ronda perto. A vida fica mais curta.

É claro que muitos não conseguem viver sem trabalhar, não saberiam fazer outra coisa. Morreriam de tédio em dois anos, ou por alcoolismo. Outros ainda não podem deixar de trabalhar, precisam da remuneração, essencial à vida. Estes, é claro, não tem escolha.

Existem ainda os que se sentem bem trabalhando, os que dominam um assunto qualquer e são mestres na sua especialidade. Estes não trabalham, divertem-se. Nem ligam para a remuneração pecuniária do seu trabalho.

Porém aqueles que trabalham, sem necessidade, apenas para serem considerados jovens, porque tem medo da velhice, deveriam repensar o assunto.

Jogam fora, inutilmente, uma boa parte de suas vidas. Uma parte boa dela.

Serão então, arrancados da vida, pela morte, em "plena juventude".

Fazer ou deixar de fazer o que for desejado. Dedicar-se àquilo que realmente gostam. Ensinar aos outros o que aprenderam. Viver a liberdade. Gozar a vida. Esta é a vida de um velho. Ser velho é deixar de ser jovem. É viver a de velho, com suas limitações e suas vantagens, a sabedoria, os amigos, o conhecimento, a experiência.

Exercício mental e físico sim, com certeza, para manter a saúde, física e mental, mas não para "ser jovem". Não é mais necessário provar nada para ninguém.

Assim, estaremos mais preparados para a morte pois vivemos todas as fases da vida.

Assim é que deveria ser.

A sociedade, a cultura e as leis deveriam atuar neste sentido.

Deveriam considerar a infância e a velhice como equivalentes à vida de um "adulto pleno" e não como um atrapalho.

Reconheceríamos então, quem sabe, que é inútil acumular, desmedidamente, riquezas e patrimônio, como se a vida fosse durar eternamente.

O Primeiro Mundo, atuando como Maquiavel descreve, não tardará a ver as raças inferiores (argentinos, brasileiros, nigerianos, muçulmanos, amarelos...), desaparecerem da face da Terra, como bem descreve Bartolomeu de Las Casas.

Quinhentos anos atrás, 30% da população mundial eram de negros, agora são apenas 10%. Com o HIV espalhado na África daqui a 50 anos quantos serão?

Fatalidade, destino. A AIDS africana não tem cura, não pode ser tratada, não pode ser amenizada e não pode ser prevenida. Também não preocupa muito. Se AIDS ocorresse somente na África negra ninguém dobraria um dedo por ela.

Bem diferente o HIV no grupo dos G8, onde quase não causa estragos mas é alvo de toda a atenção e pesquisas mundiais. A diferença entre as cepas destes dois vírus é o

brilho. Brilho do ouro e diamantes que o Primeiro Mundo possui e os africanos não. Aliás, muitas vezes provenientes da própria África.

O desaparecimento dos índios americanos foi muito mais rápido. Os números divergem, mas é certo que, em apenas 50 anos quase todos que tinham estado em contatos com os brancos desapareceram. Estes, assim como papuas, melanésios, aborígenes etc. também não souberam defender-se adequadamente das doenças trazidas pelos brancos, sendo as piores delas o vírus da ganância e o vírus da pólvora. Fatalidade, destino. Nada pode ser feito.

Os brancos empenharam-se em pesquisar as doenças originaria das Américas, África, Ásia etc. Não para curar os nativos, mas sim para não morrer com elas.

Qual é atualmente a preocupação do Primeiro Mundo com a dengue, malária, cólera, doença do sono e outras mais, enquanto elas permanecerem no Terceiro Mundo?

Isto não é culpa dos médicos, cientistas e pesquisadores os quais, movidos pela curiosidade natural do homem, desejam apenas estudar e desvendar os muitos mistérios que existem, bem como solucionar os mais variados problemas que se apresentam. Trabalham criativamente e intensamente visando em primeiro lugar o conhecimento e domínio de um assunto, ficando em segundo plano sua remuneração e outros motivos. Os seres vivos são curiosos por natureza.

Isso entretanto não os isenta de responsabilidade sobre o tema da pesquisa. Podem e devem, em qualquer situação, recusar-se a trabalhar assuntos potencialmente perigosos e maléficos. Tem toda a liberdade para isso pois o trabalho criativo é sempre, voluntário e espontâneo. Forçar um cientista a criar, contra a sua vontade, só é possível nas revistas em quadrinhos.

Porém, quando são empregados ou dependem de financiamento, o que quase sempre é o caso, são convencidos a dedicar-se aos assuntos determinados por seus empregadores ou financiadores e estes, como empresa que são, visam lucro. O todo poderoso, o lucro, no final das contas é quem manda.

Como as doenças do Terceiro Mundo rendem menos, elas são menos pesquisadas, apesar de mais graves. As doenças do stress, de pessoas idosas e obesidade tornaram-se assim mais importantes que leishmaniose, hanseníase e tuberculose.

O importante é o retorno do investimento e o lucro.

Empenho enorme é feito nos assuntos que mais prometem, na verdade dominar o próximo e, por meio deste poder, obter lucro.

Imaginemos uma empresa que detenha a tecnologia da cura do câncer, ou das doenças cardiovasculares. O mundo inteiro ficaria a seus pés. O seu lucro iria ao infinito.

O ser humano, deliberadamente, escolhendo o lucro como objetivo único da ciência, está alijando do seu conhecimento, a maior parte dos assuntos existentes. Estamos sendo ignorantes por opção.

Já por este motivo a ciência deveria ser subsidiada!

A ciência não pode ser imediatista nem preocupar-se prioritariamente em solucionar apenas os problemas mais prementes que afligem a humanidade e seu entôrno, apesar de serem estas soluções de aplicação imediata, geradoras de lucro, e a pesquisa, por isso mesmo, até auto-sustentável.

O imediatismo, resolvendo os problemas à medida que surgem, dificulta eventual solução melhor, mais abrangente. Exemplo os motores a combustão interna utilizados em veículos. Estão progressivamente mais eficientes, melhores, de custo cada vez mais reduzido, menos poluente etc. consolidando, cada vez mais, sua utilização. Uma solução que seria, em princípio, mais simples e melhor, como a dos veículos elétricos, fica como opção muito menos pesquisada e portanto cada vez mais distante.

É claro que, dedicar verbas para pesquisa, quando um terço da população está morrendo de fome, não tem sentido. Mas presentear bancos com dezenas de bilhões de Reais tem?

Não é a solução imediata dos problemas técnicos e científicos que irão melhorar o mundo e sim, como são utilizados, os conhecimentos já existentes.

As decisões políticas superam sempre as decisões técnicas, mesmo quando francamente irracionais. Por exemplo:

Quanto tempo levará para que as pessoas tenham implantado em seu corpo um "chip", irremovível, logo após seu nascimento, a título de documento de identidade, que permita controlar, 24 horas por dia, sua posição exata e até o que falam e o que ouvem, temperatura, pressão, batimentos cardíacos etc.?

O que poderia ser uma boa opção técnica de controle, com muitos benefícios, certamente será usado muito mais, egocentricamente, por políticos e detentores do poder.

Já temos em funcionamento programas de computador que reconhecem pessoas, apenas mediante a sua imagem. Acabou-se o anonimato e a privacidade. Ao entrar em uma loja qualquer ou mesmo andando na rua ou de carro, você é filmado. E nem nota isso. Isso não é nada agradável, pois você pode encontrar-se em uma situação, vexatória ou proibida, no seu ponto de vista, mesmo que não seja ilegal. Desagradável seria, para você, se outros soubessem. Mas não é só isso. Além de ser filmado você é identificado. Só pela imagem, podem saber seu nome, número de identidade, filiação etc. Qualquer um pode fazer isso. Desde que tenha acesso ao banco de dados correspondente.

Usarão isso apenas a bem da justiça, honestidade e da igualdade social? Ninguém ficará tentado em abusar disto? Qual governo, não pensará em usar este recurso, egoisticamente, para aumentar o seu poder?

Os norte-americanos, com seus satélites "científicos", espiões e também os comerciais, conseguem rastrear o movimento de qualquer formiga sobre a face da terra. Isso é bom? Usam eles isso altruisticamente?

O computador joga xadrez, pode fazer traduções de textos de/para qualquer língua, reconhece as pessoas pela imagem, pelos olhos, pela voz. Pode reconhecer se a pessoa está mentindo ou não. Reconhece manuscritos.

Não está na hora de pensarmos em proteger o indivíduo? Assegurar-lhe algumas poucas liberdades que ainda lhe restam?

Curioso é que o computador, com toda a precisão e fidelidade que possui, por vezes, erra fragorosamente. João Alves, feliz político, ganhador de centenas de prêmios máximos da loteria esportiva, vejam só, não foi rastreado pelos computadores da Receita Federal. Está solto por aí, todo frajola.

Deve ser um problema de "Random Access Memory", "bits" misturados ou qualquer coisa deste tipo. Só funciona bem com assalariados, vendedores ambulantes e donos de boteco. Aí sim precisão matemática, até a vigésima casa decimal.

9 – xxx As mulheres

Indiscutivelmente, assunto "intocável", é o feminismo. Não o feminismo em si, mas o discordar dele. Ninguém ousa fazer isso.

Tomo o partido dos homens porque eles não estão se defendendo. Só por isso. Tomo o partido dos homens, não porque sou um "bigot" ou "quadrado", mas por pertencer a uma época em que os papéis no casamento e na sociedade eram distribuídos segundo as qualificações de cada um e segundo os costumes e tradições. Nem sempre justos, é verdade. Mas, em muitos aspectos, melhor do que está sendo agora.

Ou seja, sou um "bigot", "quadrado".

Todos deveriam ser tratados com justiça e igualdade, homens, mulheres, crianças e velhos. Sem discriminação. Uma sociedade é boa quando nela o egoísmo não é prioritário. Quando as pessoas vivem em paz. No lar, principalmente. Observadas as diferenças, costumes e religiões.

As feministas falam em igualdade entre homens e mulheres. Afirmam que são iguais, direitos e deveres.

Entretanto, homens e mulheres NÃO são iguais, nem fisicamente, nem biologicamente, nem psiquicamente, nem o deveriam ser perante a lei nem perante a sociedade.

São discriminadas é o que dizem as feministas. E "descem a lenha" nos homens.

Vemos isso muitas vezes na televisão, principalmente à tarde, nos programas femininos, feito por mulheres, para as mulheres.

Elas, normalmente em casa, feito o serviço do dia, ligam a televisão e, aguardando a novela das oito, assistem a estes programas que, no final das contas dizem sempre a mesma coisa: Os homens não prestam!

Os tópicos são:

- os homens são violentos

- os homens chegam bêbados em casa

- os homens são uns safados mulherengos

- os homens não ajudam em casa, nas tarefas do lar

- os homens têm um salário maior que o das mulheres

- os homens são estupradores

- os homens não são carinhosos

- etc., etc.

Olham apenas a parte negativa, os defeitos. As virtudes ignoram.

Enchem-se de razão e enfrentam chefes, colegas de trabalho, maridos e companheiros. Discórdias, antagonismos e separações acontecem muito mais do que até então. O desagregamento da família é a principal conseqüência.

Os homens normalmente não discutem estes assuntos, estão trabalhando e não tem tempo, nem interesse. Ficam quietos, para não serem taxados de machistas, baixam a cabeça. Os que falam, só podem fazê-lo, concordando com as mulheres. Para não serem taxados de machistas.

As feministas, no seu modo de falar, pode-se notar, odeiam os homens. De todo o coração. Dá a impressão que são contra, não apenas àqueles que são machistas, mas todos eles, o gênero. Certamente existe incoerência nisso. Homens e mulheres são complementares. Nada no mundo vai mudar isso.

Quando elas falam das mulheres então, só elogios. Não só isso. São superiores. Não cansam em falar nas coisas em que as mulheres são melhores que os homens.

Vejam só. Elas o fazem, livremente, afirmar que são melhores. Experimente algum "porco chauvinista" fazer o mesmo, relativamente aos homens.

Assim é a situação atual.

Se observarmos povos diferentes veremos que existem todos os tipos de relacionamento entre homens e mulheres. Sistemas patriarcais, matriarcais, monogâmicos, poligâmicos etc.

Normalmente cada um aceitando seu papel, sem muito discutir, imposto pelos costumes e necessidade. Tradição sedimentada e cristalizada pelo tempo.

É como a medicina popular. Falha em muitos aspectos, inexplicável na maioria das vezes e surpreendentemente correta em muitos casos. Sintetiza milhares de anos de testes do tipo "hit and miss". Tiros no escuro que, eventualmente, acertam o alvo.

Um sistema é bom quando leva a uma longevidade da sociedade. Este é o objetivo de qualquer espécie na Terra. Sobreviver ao longo dos tempos.

Assim, por exemplo, quase sempre, os costumes repudiam o incesto e enaltecem os mais fortes e corajosos.

Implantando um novo conceito, à força, assim como é desejado pelas feministas, perder-se-á muitas coisas boas, obtidas ao longo de muito tempo. Assim como acontece na medicina popular, atropelada pela científica.

Em muitos países da Europa a população, em vez de aumentar está diminuindo.

É claro, talvez seja apenas um ajuste, ou talvez seja até bom que isto aconteça, para não sobrecarregar ainda mais o meio ambiente ou algum outro motivo qualquer. Viver melhor com menos gente é melhor que muita gente vivendo precariamente.

Entretanto, se isto não se alterar, sua sociedade será de velhos exclusivamente e não tardará a diminuir significativamente, desaparecer até. Incentivos a nascimentos não estão tendo efetividade. Não é vantajoso casar. Não é vantajoso ter filhos.

Homens e mulheres, com seus direitos individuais garantidos, namoram, "transam", mas não tem filhos. Ter filhos está fora da moda. Só dão trabalho e despesas. A responsabilidade com eles é muito grande, os encargos são muitos. Assim eles não os têm. A perpetuação da espécie foi desconsiderada.

Lá, apartamentos, especificamente projetados para solteiros, são comuns. É visto com naturalidade que as pessoas vivam sozinhas.

No Brasil a tônica ainda é a família. Mas este conceito está por um fio. Muita coisa está mudando. Os brasileiros estão cada vez mais sozinhos, com cada vez menos filhos. Na Europa isso talvez seja justificado, podemos porém afirmar o mesmo do Brasil?

Os direitos iguais entre homens e mulheres têm muito a ver com este comportamento individualista.

Jean de Lery, no Rio de Janeiro, nos tempos de Villegagnon, observou o relacionamento homens/mulheres/crianças indígenas e desfez-se em elogios.

Sociedade feliz, era a sua conclusão. Bem diferente da européia a que estava acostumado.

E isto por volta de 1550!

É consenso entretanto que as mulheres indígenas sejam exploradas pelos homens. No nosso ponto de vista!

As feministas, no Brasil do descobrimento, teriam um trabalho enorme pela frente:

Teriam que convencer as mulheres índias que na verdade elas eram infelizes. Que a felicidade vista por Lery não existia. Isso em primeiro lugar.

Teriam que convencê-las então que eram exploradas sexualmente, no trabalho e nos direitos por seus companheiros. Depois teriam que convencê-las que essa situação era insustentável, que teriam que organizar-se e antagonizar seus companheiros machistas, para forçá-los a ceder aos seus intentos.

As feministas teriam dificuldades em sua argumentação: "São violentos", "São estupradores", "São bêbados", "São egoístas", nada disso se aplica aos índios. Estes conceitos teriam que ser primeiro introduzidos na comunidade indígena, para então ser utilizados.

Realmente, um trabalho hercúleo.

Conseguido tudo isso, as mulheres então, seriam felizes, finalmente!

Como antes o eram!

Maternidade, ser mãe, não é mais o sublime objetivo da mulher. Está fora de moda. A não ser uma "produção independente" modelada por Xuxa & Companhia.

Trabalhar, ser independente, é assim que tem que ser. Iguais ao homem, em tudo. Até "body building" estão fazendo (depois que as norte-americanas começaram, é claro), lutam karatê e nos filmes usam metralhadoras e matam com a mesma violência utilizada pelos homens.

No trânsito xingam e metem a mão na buzina. Mais que os homens.

Confiam no machismo. Sabem que dificilmente serão chamadas às "vias de fato". Com as delegacias da mulher à solta por aí, "deitam e rolam".

Homens em tudo.

Entretanto uma vez por mês, são lembradas pela natureza qual a sua finalidade na vida terrena. E irritam-se com a TPM (tensão pré menstrual). Querem até que seja considerada doença, passível de atestado médico.

O casal não é mais uno. Não é mais uma equipe que se uniu para juntos enfrentar o bom e o ruim da vida, até que a morte os separe. E criar filhos.

São indivíduos cada um pensando em si apenas e no quanto é conveniente ficar juntos ou separar-se. Quase sempre são as mulheres que pedem a separação. Quase sempre são elas as beneficiadas.

Entram com nada no casamento e saem com a metade (e o advogado com 20% de tudo). O 100% normalmente tendo sido conseguido pelo trabalho do marido.

É por isso que vemos donos de empresas "bem sucedidos", tratando excepcionalmente bem suas esposas.

Numa reunião importante, a secretária entra e fala ao chefe supremo: "Sua esposa no telefone". Tudo é interrompido, até ele voltar e dizer: "Vamos continuar amanhã, tenho que sair agora...". Ele tem medo de brigar com a mulher. E ela ficar com a metade. Mesmo que nunca tenha trabalhado. A lei garante isso.

Para dizer a verdade não sei por quê.

Imaginem uma sociedade Ltda., S/A, ou qualquer outra, onde um sócio não entra com nada e sai com a metade. Existe isso?

Na classe mais abastada, 80% dos casamentos não dão certo. As separações acontecem. É lucrativo para as mulheres de ricos separar-se dos maridos.

Nas famílias pobres a separação é de 50%. Não que sejam menos infelizes mas sim porque a separação acaba piorando as coisas. Assim permanecem juntos. Brigando sim, mas juntos.

Oitenta e cinqüenta por cento. Tem cabimento isso?

Vale a pena correr o riscos, enfrentar as brigas, o desgaste?

O casamento atualmente é assim.

Por isso é melhor namorar, "transar" etc., mas não casar nem ter filhos. O "crescei e multiplicai" foi-se. Talvez seja até bom, para evitar a explosão demográfica.

A mulher é privilegiada, pode optar por uma profissão ou pelo casamento.

Normalmente a opção é o casamento. Deixa a briga de foice, que é conseguir e manter um trabalho e lutar por uma carreira bem remunerada, para o marido. Ele que tenha o enfarte decorrente do stress no trabalho. Se morrer ela fica com tudo (ou a metade quando existem filhos). Pode ainda separar-se. Fica então com a metade.

Pode optar ainda por uma profissão. Com direitos iguais aos homens. É o que o feminismo exige. E por que não? Se a profissão escolhida não der certo ou não for compensadora ela ainda tem a alternativa do casamento ou, se já for casada, dedicar-se apenas ao lar e à família.

Assim, elas são menos dedicadas à carreira que escolheram. Quase sempre existe a opção de ficar em casa, no lar.

Por este motivo recebem menos que os homens, mesmo quando em igualdade de condições. Elas não fazem horas extras, não podem viajar, não levam serviço para casa, as cinco tem que buscar os filhos na escola, os fins de semana pertencem à família, são sagrados, as seis em ponto vão para casa. Dividem o trabalho com o lar e os filhos.

Ganham menos por causa disso. Não por discriminação.

O homem não tem escolha. A única opção é trabalhar.

O que fizer na vida depende dele mesmo, exclusivamente. Estudo, profissão, carreira tudo. Sentirá sempre, na própria pele, o que fez e o que deixou de fazer. Se não der o sangue por sua profissão vai sofrer, ele e, se for casado, sua família também. Dificilmente nega-se a viajar ou a fazer horas extras. Não pode se dar ao luxo.

Para ele o casamento ou lar, como alternativa, não existe. Ganham mais por causa disso. Não por discriminação.

Na verdade não são iguais, de jeito nenhum, homens e mulheres. Nem direitos, nem deveres.

Ganhar filhos, amamentá-los e criá-los é atividade de mulher. Queiram ou não as feministas. Carregar sacos de cimento de cinqüenta quilos, enfrentar o ladrão que ronda a sua casa, é trabalho de homem. Queiram ou não as feministas. Igualdade? Em que?

Sempre os machos disputarão as fêmeas e sempre as fêmeas escolherão os machos com os quais irão se acasalar.

Sempre será assim e feminismo nenhum vai conseguir que um dia, os papéis se igualem ou até se invertam, em um prostíbulo, por exemplo. Homens aguardando mulheres sedentas por sexo e que até paguem por isso. Quimera.

A mulher é que mais sente a conseqüência da relação sexual. Ela engravida, engorda, sofre as dores do parto, tem que amamentar o filho, criar, educar e assim por diante. É natural pois que seja mais refratária ao sexo que o homem. Mais fria.

Fica assim com o benefício da escolha. Escolhe com quem vai acasalar. Vejam como é no mundo dos bichos. Não somos diferentes.

Os bichos machos enfeitam-se para impressionar as fêmeas. Pavão, alce, leão, galinho da serra, todos eles. São muito mais bonitos e garbosos. As fêmeas ao contrário, são uns "buchos". Mas são elas que escolhem os candidatos.

As mulheres atualmente, as civilizadas, diferem um pouco, enfeitam-se. Mas são elas que escolhem os homens. O enfeite do homem civilizado é a conta bancária, o AUDI, a piscina, o helicóptero.

As mulheres são menos violentas que os homens, cometem menos crimes, estelionatos e delitos. Tem menos que enfrentar o mundo lá fora. Não usam armas, apenas puxam cabelos. São mais fracas fisicamente e ficam em casa. Ficam mais protegidas. Por isso. Desde que o marido não beba.

Estamos longe, muito longe da igualdade, apesar dela estar assegurada na Constituição.

- A mulher não pode levantar mais que vinte quilos (por lei).

- A mulher aposenta-se cinco anos mais cedo e vive oito anos mais que o homem. São treze anos que ela tem a mais. Para "torrar" a aposentadoria e pensão nos bingos.

- Campanha enorme é feita para prevenir o câncer de mama. O de próstata quase nada.

- Os homens têm que prestar serviço militar. As mulheres não.

- As mulheres não podem fazer trabalho noturno.

- O Brasil está cheio de delegacias da mulher, nenhuma delegacia do homem.

Imaginem mesmos direitos e deveres, integralmente. E que os homens abandonassem o machismo também, integralmente, tratando as mulheres como se fossem homens (como se isso fosse possível, principalmente as bonitinhas).

Cada um, metade dos direitos e metade dos deveres.

As feministas não concordam.

Falam isso, mas não é bem isso o que elas querem. Não querem direitos e deveres iguais. Querem mais que isso!

Elas querem que os direitos das mulheres sejam aumentados e os deveres diminuídos. Os homens que se ralem. Não lutam por igualdade, como tanto falam. Se direitos e deveres fossem iguais, exatamente, as mulheres perderiam em vez de ganhar. E muito. Essa é a verdade.

Copiamos dos norte-americanos, é claro. Tudo começou, mais ou menos, quando os homens, chegando bêbados em casa, surravam as mulheres. Covardia e tanto. No boteco não tiveram coragem surrar ninguém. Mas em casa sim são machões. As feministas pegaram esse gancho.

Violência no lar. Claro, sempre praticado por homens. A mulher é menos violenta. Fala mais, MUITO MAIS, mas apenas isso. Um a um esmiuçaram então os delitos e crimes que podem ser cometidos apenas por homens.

Estupro. Crime horrível, hediondo. Ninguém discorda. É consenso. Se formos assaltados e levamos uma surra, somos humilhados, torturados e levamos um tiro, isso não é nada, diante do horripilante que é o estupro. A maioria pensa assim.

Mas o malefício do estupro, desde que não ocorram gravidez nem lesões corporais, é psíquico, tão somente. A gravidade não é real, foi inventada por nossa sociedade ocidental, tanto é que povos existem, para os quais estupro não é crime. Não é delito. Não é nada.

A cultura ocidental considera grave o estupro, por seus princípios morais. Claro, devemos atuar conforme nossos costumes e não os dos outros. Consideramos grave, hediondo e pronto.

Mas há quanto tempo pensamos assim? Será que as centenas de filmes "educativos" norte-americanos sobre esse assunto, nada tem a ver com a formação desta opinião?

Antes o estupro era vingado pelo marido, irmão ou família da vítima. Era uma defesa da honra, não da mulher. Machismo cem por cento.

Este conceito mudou, agora é outro. Agora é uma ferramenta que a mulher usa contra os homens. Arma unilateral. De uma via só. A mulher não comete estupro.

Os homens são safados, mulherengos. Todas as feministas falam isso. E não só elas. Até os homens concordam. É verdade. O homem é mais ativo sexualmente. Sem dúvida. A mulher é mais passiva, pode ficar mais tempo sem sexo. Resiste melhor à tentação. A mulher trai menos e o homem mais. É consenso.

Só que, a quantidade de "transas" de um homem é necessariamente igual à quantidade de "transas" de uma mulher, já que um "transa" com o outro.

Como é possível então que os homens sejam safados e as mulheres não?

Só se uma mulher que esteja "transando" com um "cara", não seja considerada safada e o homem que "transa" com ela, sim. Expliquem isto.

No sexo comercial o vendedor (a prostituta) não é responsabilizado nunca pela traição, doença venérea ou AIDS que aconteceu. O usuário (o homem), entretanto é condenado, um safado sempre. Todos pensam assim.

Imaginem o mesmo tratamento dado ao comércio de drogas ilícitas: Usuários culpados, traficantes inocentes.

Elas reclamam que os homens não ajudam em casa, no rotineiro, enfadonho e cansativo serviço caseiro. Acham que com direitos e deveres iguais os homens deviam fazer a sua parte em casa também.

Não lavam uma louça, não limpam bundinha de neném, não levantam um dedo. Ficam grudados na televisão, lendo jornal e tomando cerveja. E a mulher faz todo o serviço, sozinha.

O tempo que eles ficam fora trabalhando, não conta. O dinheiro que trazem para casa não conta, é nada mais que obrigação e, além disso, sempre muito pouco.

Ele tem que trabalhar fora e, chegando em casa, ainda deveria fazer a metade do serviço caseiro. Isso é o que elas acham ser justo.

Se o marido discorda, dizem que o serviço delas é rotineiro, cansativo e que, no dia seguinte, começa tudo de novo, dia após dia, ano após ano, sem folga. Elas trabalham de manhã à noite e eles têm apenas um compromisso de oito horas, depois, só divertimento!

Aí ele fica quieto.

Nem se toca que programas femininos e novelas existem em todos os horários, pela manhã, à tarde e de noite. São assistidos, com toda certeza, pelas mulheres. Durante o "expediente".

Concorda que o serviço é rotineiro, enfadonho, sempre igual, ele que muitas vezes, assenta tijolos ou troca pneus, milhares deles, dia após dia, ano após ano, sem folga.

E nunca lhe ocorreu pedir que a mulher fizesse a metade!

Certa época era comum, na televisão, calcular o quanto uma dona de casa deveria receber por tudo aquilo que faz no seu dia a dia: Educadora, psicóloga, nutricionista, economista, médica, diplomata, higienista etc. Pois que de tudo isso, fazia diariamente um pouco. Assim sendo, somavam o salário de cada profissão e diziam que "tanto" era o que seria justo receber, mensalmente. Um valor altíssimo.

Deveria, isto sim, ir para a cadeia!

Onde já se viu exercer profissões sem estar devidamente habilitada, sem preparo teórico nem pratico. Falsidade ideológica, no mínimo!

Os homens não são mais carinhosos como eram no início do casamento. Muitas reclamam isso. Certamente é verdade. O amor arrefece. Pode não esfriar nunca. Mas fica mais rotineiro. Aí, importantes são a amizade, o respeito, o companheirismo. É uma nova fase do casamento. As coisas têm que acontecer naturalmente. Nada de cobranças.

Não existem eternos namorados. Casamento bom e duradouro é quando ambos vão aceitando gradualmente as mudanças, imposta pelo tempo. Rugas, gorduras localizadas, cabelos grisalhos, uma barriguinha, filhos, noras, genros, netos.

Atrás de um grande homem sempre existe uma grande mulher, é o que elas dizem. Insinuam que, sem a mulher, ele não seria um grande homem. E atrás de um sujeito fracassado? Como fica?

O companheirismo, o casamento, está sendo invalidados pelas idéias feministas. A individualidade e o egoísmo são valorizados. O "eu" é mais importante que o "nós".

O medidor, que ninguém utiliza, quando o assunto é direito e deveres dos homens e mulheres, deveria ser o empenho de cada um no dia a dia da vida. E o retorno desse empenho. Cálculo frio e objetivo. Remuneração igual para empenho igual e mesmos resultados.

Para atividades diferentes, específicas do homem ou da mulher as coisas se complicam, é claro. Não é impossível porém a quantificação. Assim como é perfeitamente possível remunerar com justiça profissões diferentes.

Este cálculo nunca é feito. Cada um acha que o seu trabalho vale mais que qualquer outro e que deveria ser remunerado muito mais. O egoísmo é natural no ser humano. É a lei do menor esforço. E discutem sem parar.

Justo seria que atividades perigosas, que encurtam a vida, deveriam ser mais bem remuneradas.

As mulheres vivem em média, oito anos mais que os homens. E ainda reclamam.

(Sem comentários).

De tudo que falam as feministas, realmente imperdoável é o homem, normalmente bêbado, usar violência em casa. É vil, é covardia. Nisso elas tem razão. Mas e o resto?

O resultado de tudo isto?

O feminismo joga um contra o outro, marido e esposa, homem e mulher. Assim, em vez de lutarem juntos por um objetivo comum, ficam brigando, cada um reivindicando seus direitos. Um puxa para um lado e o outro para o outro. Na melhor das hipóteses fica tudo parado. Progresso zero. As chances de um casamento dar certo são menores.

A instituição do casamento é milenar e até muito mais que isso. Deveria existir um retorno substancial claro e evidente ao pretender-se abandoná-lo assim sem mais nem menos. O que não acontece.

Ausência de casamento é uma experiência inédita. Com futuro incerto. Entretanto é o que desejam as feministas e é o que fazem governantes quando afrouxam os laços familiares e declaram até que pessoas do mesmo sexo possam casar.

Com a destruição da família será do Estado o ônus de cuidar dos fragmentos. E sabemos muito bem que o fará, pessimamente. Velhos, crianças e deficientes serão os prejudicados. Viverão menos.

Não deveria existir antagonismo entre homens e mulheres, assim como não deveria existir entre raças e costumes.

Ainda bem que, de um modo geral, os brasileiros ainda são "machistas" (no bom sentido) e as brasileiras "feministas" (no bom sentido). Cada um desempenhando o seu papel, segundo as tradições.

Apesar da grande e crescente quantidade de separações, atualmente.

O homem não gosta de morar sozinho, não gosta de cozinhar, a não ser assar churrasco (desculpa para "encher a cara"), e a mulher gosta da proteção que o homem oferece (e do dinheiro que ele traz para casa). Complementam-se. A família ainda é o objetivo. Apesar de todas as concessões feitas à individualidade.

Na verdade, contestar o que as feministas dizem é injusto. É porém tão válido como as acusações que elas, injustamente, fazem aos homens. É apenas uma defesa. Um revide. Uma reação. Injustiça igual para todos!

A grande luta dos brasileiros é pela sobrevivência. É um encargo enorme no relacionamento de um casal. A maior parte das separações deve ser causada por motivos financeiros, diretamente e indiretamente. Não precisam de nenhuma feminista pondo lenha na fogueira!

O que as feministas não percebem é que com a liberação da mulher, elas estão se tornando escravos, iguais aos homens.

10 - xxx Os direitos e os deveres

Na pesquisa de uma doença qualquer, proveniente do Terceiro Mundo ou não, encontrada a cura ou tratamento, os nativos, por uma série de motivos, principalmente financeiro, continuam morrendo. Hospitais e medicamentos são em primeiro lugar fonte de riqueza e em último lugar fonte de saúde. Os brancos vivem, os nativos morrem.

Se os brancos já são 60% da população mundial. Não é muito mais lógico falar em "perigo branco" do que em "perigo amarelo"?

O perigo vermelho foi superado, não existem mais índios nem comunistas.

O perigo negro, não confundir com peste negra, está em franca extinção. A peste negra, os Estados Unidos mantém guardada em vidrinhos. Quem sabe quando será útil?

O perigo latino, na realidade nunca existiu, nada que uma United Fruit, Aliança para o Progresso ou ALCA não resolvam.

O perigo amarelo, segundo Bush, será o próximo.

O perigo muçulmano com o seu subperigo, homens e mulheres bomba, está sendo resolvido, com o G8 e o mundo inteiro, unidos contra o terror.

Os perigos hinduístas, budistas etc. certamente também já estão sendo equacionados.

Restará um mundo muito norte-americano, muito branco, muito israelita e muito puro.

A nova e eficientíssima versão, da raça ariana, do Terceiro Reich. E que deu certo.

Heil Bush!

Heil Sharon!

Heil FMI!

E quando existir apenas louros de olhos azuis e de pele clara, e por acaso, o buraco de ozônio aumentar? Será que o melanoma já terá prevenção e cura garantida ou será o fim de todas as riquezas acumuladas, por falta de proprietários?

E tem gente que acha que a biodiversidade não é importante!

Diante de tudo isto, fica-se a cismar. Será que tudo não está completamente errado, desde o começo? Como aceitar que a humanidade é assim, simplesmente? Não teríamos que repensar tudo, desde o inicio?

O brasileiro muitas vezes suspira: "Ah se eu estivesse nos Estados Unidos, como eu seria feliz". Mas não pode, é proibido, assim como não pode ir para a maioria dos países, principalmente do Primeiro Mundo. Onde está a liberdade de ir e vir, tão apregoada pelas democracias? Por que não podemos morar em qualquer lugar do mundo, se assim o desejarmos?

Alguma vez já pensamos que, pelo simples fato de ter nascido, perdemos, no mínimo, a liberdade de escolha? Não podemos escolher onde viver, o regime, a língua, os costume, as leis, os impostos, nada.

Uma vez nascidos somos rotulados com um nome, ascendência, local de nascimento, nacionalidade etc. Até a liberdade de opinião nos é tirada assim que começamos a escutar, ver e falar. Doutrinados pelos pais, escolas, religiões, leis, televisões e pelas propagandas, seguimos um caminho, que poderia não ser o nosso. Será o karma?

Ninguém pergunta se queremos ou estamos de acordo.

Poderíamos optar viver no Brasil, mas não de seguir suas leis, nem pagar os impostos que são exigidos e também, é claro, não ter os benefícios que estas leis e impostos proporcionam. Não seguir o regime vigente.

Isto não é possível. Em nenhum país do mundo.

Você é obrigado a aceitar tudo isto. E muito mais. Terá que servir ao exército, talvez até morrer pela pátria. Poderá ser preso se não seguir as leis, nunca podendo alegar desconhecimento, sejam elas federais, estaduais ou municipais. Mesmo que sejam emitidas três medidas provisórias diariamente só pelo Governo Federal.

Você tem que conhecer todas. É a lei.

Poderá também ser multado em muitas ocasiões e ter até seu patrimônio confiscado, se não pagar as suas dívidas.

Se morrer, será até obrigado até, segundo a vontade do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, a ceder seus órgãos para transplantes, a não ser, que declare explicitamente não ser doador.

Como se disso dependesse a vida, do moribundo SUS. Será que algum pobre ou miserável, receberia, algum dia, órgãos transplantados pelo SUS, se as vezes, para obter uma simples consulta ou exame, ele tem que esperar quinze dias, seis meses ou mais? Aí os órgãos já estariam fedendo. Ou a idéia seria aumentar o PIB brasileiro, exportando órgãos? Poderia até ser criado uma bolsa de valores, internacional, de fígados e vesículas. Por exemplo.

O Brasil é um país livre. É o que dizem.

Por que então, não tenho liberdade de assistir um filme, que não seja norte-americano?

Televisão, cinema, locadora de vídeo, discos de vídeo, TV a cabo. Todos eles, quase só filmes norte-americanos!

Já estão saindo pelas orelhas. Mas não adianta. É só o que existe. E não é de graça. São-nos empurrados goela abaixo e ainda pagamos por isso! Reprises às centenas.

Os brasileiros adoram, norte-americanos que são, de coração, corpo e alma. Falando com eles, estanham os olhos: "Holywood é a capital mundial do cinema, não sei o que você quer dizer".

Só que a produção mundial de filmes deve decuplicar a de Holywood, no mínimo. A Índia, ela só, produz mais filmes que os Estados Unidos!

Aí olham de cima: "A qualidade não deve ser lá essas coisas".

Não posso opinar quanto a isso. Nunca vi um filme indiano. Acho porém que dificilmente a porcaria que assistimos em nossas telas possa ser piorada.

Argumentam então: "Filmes estrangeiros dificilmente ganham um Oscar".

Se usarmos essa régua para medir qualidade é claro, nada mais presta. Só que toda coruja gaba seu toco. O toco dos outros não presta.

As ferramentas dos norte-americanos para fazer filmes são centenas de mortes violentas por minuto e dezenas de carros explodindo espetacularmente, em cada película. É um padrão não muito recomendável.

Aí dizem: "Mas é assim mesmo que nós gostamos. Não queremos filmes parados, em que nada acontece, queremos ação e bastante".

O melhor então é ficar quieto.

O país em que você mora faz suas exigências.

Você não poderá caçar isto está proibido, se quiser pescar terá que tirar licença, se quiser plantar, terá que comprar primeiro a terra e assim por diante.

Não é suficiente lutar pela sobrevivência. Terá primeiro que adquirir o direito, a possibilidade de lutar por ela.

Os atrapalhes legais são infinitos. Todos argumentando beneficiar o bem maior, a coletividade. Milhares morrem por causa disso. Mas nada podem fazer, é a lei.

Certa vez um mocorongo, um capiau lá dos cafundó, com espingarda pica-pau às costas foi flagrado tendo no embornal um bicho da terra, um não exótico, protegido por lei ambiental, inafiançável.

Foi preso. Interpelado, alegou que fazia isso sempre que podia. Era a "mistura" ocasional no seu prato de feijão, arroz e farinha do dia a dia. Fazia isso desde sempre, desde que se conhece por gente.

E agora? A lei é clara. Tinha que aguardar o julgamento em ausência de liberdade. Talvez um mês, um ano ou cinco anos até. Certamente então seria condenado a uma pena leve, alternativa. E seria solto. Não pode caçar mais.

Se quiser variação em sua alimentação terá que comprar sanduíches "BigMac ".

Vejam só, assim é a lei.

Milhões de fauna e flora nativa são contrabandeados para fora do país, num comércio bilionário, e prendem um matuto. Assim é a lei.

Se você tiver a sorte de poder construir uma casa para morar, verá quantos empecilhos serão colocados no caminho da sua construção. Terá que pagar talvez uns 10% do valor do imóvel em taxas, papelada etc., apenas para que o mesmo fique legalizado.

E o que receberá em troca? Nada! Apenas a permissão para construir. E o "benefício" de não ser multado.

A grande tônica dos governos são as proibições. Eles não incentivam, apenas tolhem, impedem e cobram. Mesmo quando completamente dentro da legalidade, seus bens ainda podem ser declarados como de utilidade pública e confiscados.

Indenizam, é verdade, mas pagam tão pouco e quando bem entendem que, na prática, torna-se confisco. No verdadeiro sentido da palavra.

Verá, num país sem inflação, que em curto prazo, o IPTU triplica, a conta de luz duplica, o preço do gás quintuplica, a passagem de ônibus triplica, o combustível triplica. E isto com inflação zero! Se indagarmos, escutaremos os seguintes "panos quentes", respectivamente: 0 IPTU não aumentou, o imóvel foi apenas reavaliado, a luz não aumentou, apenas foram retirados os descontos, o gás não ficou mais caro apenas foram tirados os subsídios, o ônibus não aumentou, apenas foram corrigidas as planilhas de cálculo, o combustível não aumentou, apenas acompanhou o preço do barril de petróleo.

O que se pode fazer contra estes argumentos?

Somos assim empurrados cada vez mais para as favelas e as invasões porque os salários certamente não duplicaram, triplicaram, quintuplicaram.

Somos obrigados a aceitar e escutar tudo isto, não temos escolha alguma. Se reclamarmos, dizem: É a lei. A lei é para todos e todos são iguais perante a lei.

Falam isso, mas a verdade não é bem assim.

Existem leis que são especificas para determinados grupos de pessoas. A cela especial é apenas para os que têm curso superior. Apenas os parlamentares têm imunidade parlamentar. Como então a lei é para todos e todos são iguais perante a lei? Generaliza-se o que é especifico.

E não é só isso, a alegada igualdade, trata as pessoas com extrema desigualdade. Qualquer multa de trânsito é desigual ao punir igualmente o proprietário de um Fusca e o de uma Ferrari. Deste modo, os mais humildes, são obrigados a seguir as leis e os mais abastados, menos. Como então, todos são iguais perante a lei? As multas deveriam

ser proporcionais ao valor do veículo ou algo parecido, para que os resultados fossem uniformes e justos.

Quintuplicar o preço do gás de cozinha, para o político que tem todas as suas despesas pagas pelo governo e, além disso um salário milhares de vezes o preço de um botijão, certamente é tratá-lo diferentemente de um aposentado de salário mínimo onde um aumento de 10% no gás é terrível, imagine quintuplicado.

Qualquer sociólogo, menos o Fernando Henrique Cardoso, pode imaginar quais são as conseqüências (foi ele que aumentou o preço do gás de cozinha). Como cozinhar quando acabou o gás? Não serão improvisados milhões de fogões e fogareiros por esse Brasil afora quando faltar o dinheiro? Quantas pessoas queimarão e terão suas casas incendiadas por este motivo? A quem responsabilizar?

Na vida citadina o gás de cozinha não é uma necessidade assim como água e coleta de lixo? O que deverão usar para cozinhar, calor humano? Fogões elétricos? A energia elétrica apenas duplicou ou triplicou. Mas e o apagão, como fica? Acendam-se velas.

Nos velórios.

A história do gás natural, em poucas palavras:

A Shell, na onda do neoliberalismo e privatizações, concessionária do gás boliviano, falou com Fernando Henrique Cardoso (ou ele falou com ela) para que o gás natural deles fosse usado no Brasil. Em termelétricas, automóveis e para uso geral.

O gás natural, diferentemente do GLP (gás liquefeito de petróleo) não pode ser comprimido e liquefeito com facilidade, dificultando enormemente o seu transporte, armazenamento e distribuição. O Brasil construiu então um gasoduto, desde a Bolívia até vários Estados brasileiros, Paraná inclusive. O ônus dessa construção foi do povo brasileiro. Entretanto, o GLP produzido pela Petrobrás é muitíssimo mais barato que o gás natural da Shell. Ninguém vai comprar gás natural caro se existe GLP barato.

O que fazer?

Fernando Henrique Cardoso tira os subsídios e aumenta, além disso, o seu preço. O preço do GLP quintuplica. Ora, o Brasil inteiro usa GLP para cozinhar. A maioria dos lares brasileiros, é sabido, tem dificuldades financeiras. Quando os brasileiros começaram a queimar como tochas humanas, Fernando Henrique Cardoso faz uma lei que proíbe a venda de álcool líquido nos supermercado e comércio em geral. Só pode ser vendido sob a forma de gel, menos perigoso. Só que, é claro, muito mais caro.

O gel é menos perigoso entretanto fogareiros improvisados continuam sendo grandes assassinos em relação ao tradicional fogão à gás. Este, diga-se de passagem, também não é lá essas coisas.

Os realmente pobres não tem como comprar o GLP, acham também muito caro o gel nos mercados. Vão então a um posto de gasolina e compram álcool combustível. E queimam como fogueiras de São João, eles mesmos e suas casas.

Tudo em homenagem à Shell e a Fernando Henrique Cardoso.

Este sim, um verdadeiro Holocausto, sacrifício pelo fogo, legítimo!

Mas não é só isso. O gás natural foi fixado em dólar. O Brasil fica assim, sem como controlar o preço. Além disso, somos ainda obrigados a tratar, daqui por diante, muito bem a Shell e a Bolívia. Se não eles fecham a torneira.

Falando em fogões a gás (os de quatro bocas, com forno, que são os mais usados nos lares brasileiros), por que não é instalado neles, obrigatoriamente, um dispositivo que interrompe o fluxo de gás na ausência de chama, como nos fogões importados de países mais "adiantados" ou em aquecedores de água a gás?

Certamente não quintuplicarão de preço. É um dispositivo seguro, barato e eficaz. Impossibilitaria quase os vazamentos.

Sem gás, menos incêndios, explosões, queimaduras e envenenamentos, quem não sabe disto?

Crianças mexem em tudo. Em fogões também. Este dispositivo dificulta o acionamento do fluxo de gás. É mais protetor!

Ora chamas apagam. Pelo vento, por panelas que transbordam ou por motivos fortuitos. Tenho certeza que brasileiro nenhum deixou de presenciar isto várias vezes em sua vida. Se não morreu, envenenou-se, queimou-se ou teve sua casa explodida ou incendiada, deve isso exclusivamente, ao fato de Deus ser brasileiro. Só por isso.

Por causa do nosso belo governo é que não é.

Façam essa droga de lei logo de uma vez, seus pseudo-governantes!!!

Essa lei tem que incluir outras coisas também:

- as laterais do fogão, ao usar o forno, não podem aquecer-se ao ponto de amolecer ou derreter a mangueira de gás que eventualmente encoste-se a elas.

- a grelha que suporta as panelas deveria ser, menos estéticas e mais voltadas para que panelas, frigideiras, chaleiras e bules tenham apoio seguro. Mesmo as muito pequenas e as muito grandes, Para que não virem com facilidade.

- a identificação dos botões de acionamento e bocas correspondentes deveria ser padronizada e de fácil reconhecimento.

- etc., etc., etc.

São medidas simples, altamente compensadoras, só no aspecto econômico, do próprio governo. Gastariam muito menos com os queimados, nos hospitais públicos e com bombeiros.

Se não se interessam pela dor e sofrimento dos queimados, façam-no então pelo FMI. Gastando menos com os queimados sobra mais para o FMI.

As panelas, frigideiras etc., a não ser as mais caras, na verdade caríssimas, pecam também muito, no aspecto de segurança.

Não existe utensílio de cozinha que, com o tempo, não solte o cabo. Fique bambo, sacolejante, soltando-se então completamente. Apertar o parafuso (normalmente com faca fazendo às vezes de chave de fenda) pouco resolve. Se for rebitado pior ainda, nada pode ser feito. O cabo também é normalmente muito pesado. Faz virar o utensílio com facilidade.

O brasileiro não compra panela cara, nem substitui com facilidade a panela defeituosa.

É sabido: "Panela velha é que faz comida boa".

E "torra" o dinheiro do FMI, na ala de queimados do SUS.

É, o governo nos impõe muitas coisas, e outras que deveria fazer não faz.

Mas, se temos tantas obrigações, e não podemos escolher, então queremos um retorno por tudo o que somos obrigados a fazer, a pagar e a ceder. Talvez uns 60% ou mais, de nossa renda é recolhido em impostos.

Queremos portanto garantia de emprego, moradia, alimentação, saúde, educação, combustível, saneamento básico, aposentadoria, segurança, energia elétrica, bombeiros, estradas, políticos honestos e assim por diante, e sem enganação.

Não só queremos, como exigimos!

Que direito qualquer entidade tem, por mais oficial que se intitule, reconhecida ou não pelos Estados Unidos, ONU, FMI ou a serviço deles, de exigir tudo de nós e não dar nada em troca? Somos apenas escravos, nada mais?

Por que temos que aceitar uma ordem mundial que massacra milhões de pessoas, cotidianamente, sem piedade? Se damos algo, queremos algo em troca.

Temos até, por obrigação, que exigi-lo, se não o fizermos, estaremos apenas sendo coniventes, com os traidores que estão no poder. Traidores sim, pois não foram colocados no poder com este objetivo. E se tivessem usurpado o poder, assim como os militares o fizeram, então com mais motivos até, seriam traidores.

Se um terço da população brasileira está no limiar da miséria, evidentemente, o governo não está cumprindo com a sua parte. Não está havendo retorno.

SÃO TRAIDORES.

Mais do que isso, se o retorno não é adequado, ficamos desobrigados de qualquer encargo, que nos é imposto. É a ruptura do contrato. Se um não cumpre, o outro também não é obrigado a cumprir. Nada de "panos quentes".

Não interessa o que dizem as leis e a Constituição. Se elas beneficiam apenas a oligarquia, o FMI e os Estados Unidos elas podem existir, mas não valem nada, são nulas.

Ninguém é obrigado a colaborar, para a sua própria ruína.

"Nós temos que ser ricos e vocês tem que ser pobres." Esta é, no "frigir dos ovos", a conclusão de estudiosos, entendidos, organizações, economistas, democratas, financistas, filósofos, cientistas políticos, sociólogos, neoliberalistas etc. Em outras palavras, é claro.

Temos que acreditar nisso?

Se observarmos com cuidado podemos ver que na legislação, provavelmente de qualquer país, duas características principais:

1 - oneram o povo e empresas

2 - isentam o governo de compromisso e principalmente de despesas

Dizer apenas o que os outros devem fazer, assim são as leis.

Legislam pois em causa própria, os preguiçosos.

Se em cada lei houvesse obrigatoriedade de uma contrapartida do governo, por menor que seja, certamente todos os códigos existentes, caberiam em uma pequena agenda de bolso.

Na briga de um casal, num acidente de trânsito, numa catástrofe, num roubo, assalto, estelionato, problema de imigração, problema de saúde pública etc. a legislação cuida meticulosamente em estabelecer a existência de um responsável, que não seja o próprio governo. Se alguém paga ou vai preso este será algum indivíduo ou alguma empresa. Nunca o governo é responsabilizado.

Não existe castigo para o governo se ele não cumpre o que está nas leis.

Reforma agrária não é um bom exemplo?

O que obriga o governo a fazer a reforma agrária? O José Rainha?

A saúde pública e da população não é um bom exemplo?

Se alguém morre na fila do INSS por falta de atendimento, ou se pessoas morrem por infecção hospitalar, algum médico, diretor, funcionário poderá ser responsabilizado. O SUS nunca. Ele não tem nada a ver com isso. Mas não é ele que contrata os médicos, e os hospitais?

Se algum policial, delegado, militar ou juiz exceder sua autoridade prendendo, torturando e matando, eles poderão ser responsabilizados individualmente. A entidade nunca. Ela não tem nada a ver com isso.

Se o caixa "se manda" com o dinheiro de uma empresa, ela tem obrigação de arcar com os prejuízos. Isto é até natural. Mas se a Jorgina e o Lalau apropriam-se de dinheiro público, o governo que não cuidou adequadamente, tornando possível que fosse desviado, não é responsabilizado. O prejuízo é só do povo. O governo não é penalizado, em seu patrimônio, no valor correspondente.

Quando o governo determinou o uso de cinto de segurança nos automóveis, ele não gastou um tostão com isto, só os usuários gastaram. Quando o novo código de trânsito foi implantado, a grande característica foi ausência de qualquer obrigação e compromisso por parte do governo, na nova legislação. Nenhum policial a mais, nenhuma verba para melhorias ou providências. Nada em absoluto. Coube a ele, talvez, apenas retirar as então obsoletas placas de 80km, e mesmo isto demorou bastante a ser realizado. Todo o resto é obrigação do contribuinte, de auto-escolas etc., inclusive o pagamento de multas muitíssimo mais altas, que enriquecem os caixas do governo e as donas dos "pardais".

Será que esta não foi a única finalidade? É sabido que os problemas de trânsito, mortes, acidentes etc., fora um curto período inicial, não melhoraram em nada. O trânsito continua tão ruim quanto antes ou pior. Quem sabe, aumentar mais ainda as multas, resolve?

Outra característica das leis que se pode dizer são os "buracos". As leis certamente são feitas por analfabetos e ignorantes, que não enxergam um palmo na frente do nariz e assinadas por idiotas. Incompletas, omissas, com erros grosseiros, não levam em conta as conseqüências nem a funcionalidade de seus artigos. São imperfeitas, até de propósito.

Quando da obrigatoriedade de uso do cinto de segurança não pensaram em bombeiros, ambulâncias, mulheres grávidas, tratores agrícolas, bebês de colo, passageiros de ônibus, pessoas que vão em pé nos coletivos, deficientes físicos, bóias-frias, nada. Todos tinham que usar. Os impasses tinham que ser resolvidos do modo tradicional: "Engraxando" guardas.

Ainda do Sarney uma lei proibia a pesca em quaisquer águas territoriais, rios, lagos, mar, represas, oceano, igarapés, estuários etc., qualquer tipo de pesca, amadora, profissional, predatória ou não por um período de, fora engano, uns quatro meses no ano, por causa da piracema. Pode?

Há muito tempo, um empréstimo compulsório, encarecia em alguma porcentagem, todo e qualquer produto vendido no Paraná. A devolução seria feita ao consumidor em papeis do governo, mediante a apresentação da Nota Fiscal correspondente. Detalhes: As notas fiscais tinham que ter carbono no verso, tinha que ser juntadas em lotes de certo valor para então ser trocadas, e no Paraná inteiro existia apenas dois postos de troca. Cafezinho, pente, chicletes, tudo tinha que ter nota fiscal. Quem não pedisse nota fiscal ou não trocasse, não recebia de volta. Negócio da China.

Sobre o cinto de segurança um político qualquer, certa ocasião, manifestou-se dizendo que a justificativa de sua obrigatoriedade era o fato de que, sem sua utilização, o SUS e o governo eram mais onerados, pois a freqüência de mortes e feridos graves era maior.

Duas coisas contra esse raciocínio. Primeiro, aprovam a fabricação, venda e utilização de veículos sem cintos de segurança e depois alegam que ele não é seguro e exigem que o usuário os coloque, por sua conta. E se tivessem que ser trocados freios, rodas, transmissão, motor, chassis e lataria por algum motivo qualquer, alegado pelo governo? Segundo, como tudo e qualquer coisa que uma pessoa faça ou deixe de fazer implica de um modo ou de outro em alguma atividade inerente ao governo, qualquer coisa pode ser imposta ao cidadão, com esta alegação. Provavelmente este político falou pelos cotovelos, quero acreditar.

Claro que o cinto de segurança é extremamente importante e, sem dúvida nenhuma, deve ser usado. Obrigatório ou não! Salva muitas vidas, com toda certeza.

A legislação é feita como se o governo fosse simplesmente uma empresa, sem nenhum compromisso moral, patriótico, ético, cívico ou social. Arrecadar mais e gastar menos essa é a finalidade. É o lucro. Como qualquer empresa. Mas para onde está indo esse lucro? FMI, Banco Mundial, Estados Unidos, Israel, Cayman, Jersey. No Brasil não fica. Basta ver a miséria. É para onde foi todo o ouro de Serra Pelada e as esmeraldas brasileiras.

É como dizem: No Brasil nem mina de ouro dá certo.

Mas, reclamar do que? Descobertas enormes de petróleo no México também não resolveram o problema daquele país. Por que achar que a bauxita e o minério de ferro da serra dos Carajás resolverão o problema brasileiro?

Um governo, ao contrário do que os políticos pensam e atuam, não é uma empresa simplesmente. Com finalidade lucrativa.

Uma empresa pode ir à bancarrota, falir. Desfaz-se então de seu patrimônio, para satisfazer os credores e demite seus empregados. Encerra suas atividades. É um trauma não desejado porém apenas localizado, pontual.

Um país não pode fazer isso. Não pode fechar as portas. Mesmo que o livro caixa, o balanço diga que assim é que deveria proceder.

Um país não pode alienar seu patrimônio, seu território, suas riquezas naturais, sua soberania, sua liberdade, sua natureza nem demitir o seu povo.

Mesmo que a contabilidade assim o indique.

Deveria isto sim, e é o que os dirigentes brasileiros nunca fizeram, dizer simplesmente:

"Não dá mais. Fizemos o possível, mas não dá mais. Chega!"

"Cuidaremos daqui para frente apenas do nosso povo, e de nossa pátria".

"Ralem-se".

Duvido que se o Brasil fizesse isso ele se daria mal.

A nova Constituição, elaborada durante dois anos, a preço de ouro, e finalmente promulgada em 1988, por Ulisses Guimarães, com as palavras: "So help us God", no bom estilo norte-americano, cotidianamente está sendo alterada, em todos os seus itens.

Não agüentou nem duas décadas. As pessoas vivem talvez uns setenta anos. Por que alterá-la num período menor? Por que não manter o mesmo critério enquanto vivemos? Existe valor em uma Constituição completamente mutável?

Por que educar e incutir nas crianças pensamentos e idéias e depois quando adolescentes dizer-lhes, que tudo aquilo é errado e, mais ainda, que se atuarem como foram educados, serão punidos?

Por que taxar homossexualismo de doença e crime (o famoso artigo 24) e depois concluir que não é nada disso? Como ficam aqueles que foram educados nessa concepção e não podem ou não querem mudar?

Um turista resolveu, com a família, realizar um cruzeiro marítimo. Contratou uma agência de turismo e fez o negócio. E viajou. O azar dele, e isto ele não sabia, era que os demais passageiros do transatlântico, tinham acertado um pacote de turismo para todo o restante do navio. Era uma convenção, de homossexuais e travestis.

Ele ficou furioso. Onde já se viu! Reclamou com a agência de turismo e processou-a. Não sei o resultado mas, provavelmente deve estar junto com Fernandinho Beira-mar, em segurança máxima, por racismo.

Obrigam-se muitos, a não fumar, em muitos lugares. Isso é bom, ótimo. Mas como fica os que não conseguem largar de fumar? Aprenderam a fumar quando era permitido e até incentivado. Os que respeitaram as leis ontem são os "quadrados" e "bigots" de hoje.

A Constituição e leis são elaborados com fins imediatistas e egoístas, não pensam no amanhã, dirá então no depois de amanhã. Por isso é que tem que ser alteradas com tanta freqüência. Estão sempre correndo atrás do incêndio. O que hoje é líquido e certo, amanhã está errado.

E o povo que mude e se rale.

Um exemplo maravilhoso de como a Constituição funciona no Brasil é o projeto de mudança constitucional proposto, pelo senador paranaense Osmar Dias e aprovada pela câmara e senado, já implantado na Constituição:

Os trabalhadores rurais passam a perder todos os seus direitos trabalhistas após cinco anos. Antes era sem limite. O ilustríssimo senador ainda explicou as vantagens que isso representava para o trabalhador rural. Por que não os ajudou mais ainda, reduzindo este prazo para seis meses? Após seis meses nada de reclamação. Não seria ótimo?

Teria ele coragem de propor o seguinte: Toda dívida para com os bancos, financeiras, FMI, Banco Mundial etc. prescrevem em cinco anos. Qualquer reclamação acima de cinco anos é inconstitucional.

Como soa estranho essa proposta. Falta brasilidade. É mais verde e amarelo lesar o trabalhador.

O que o regime militar estragou, implantando a CLT no campo, Osmar Dias piorou.

Outro exemplo maravilhoso de como a Constituição funciona é o caso das aposentadorias. O trabalhador não é perguntado, se ele quer ou não, ser descontado mensalmente, para a formação de um fundo para sua aposentadoria.

As regras do jogo foram elaborados inteiramente pelo governo, quantidade a descontar, prazos, idades, tudo. O trabalhador, nada mais era, do que um espectador. O salário já vem líquido, descontado esses valores. O governo só recolhe. E não se preocupa. Gasta dinheiro a rodo. Então, começam a vencer os compromissos. As aposentadorias têm que ser pagas. Aí ele começa a ver que administrou mal o dinheiro (surrupiaram para falar português claro).

Jorgina e sabe mais quantos advogados tiraram a sua casquinha e aposentadorias milionárias de altos funcionários e políticos agravam o problema. O dinheiro fica curto.

O FMI pressiona, ele quer o seu, o aposentado brasileiro que se lixe. Primeiro o governo começa a pagar menos ao aposentado. Se o aposentado recolheu durante trinta e cinco anos sobre vinte salários mínimos ou mais ele não receberá vinte salários mínimos, apenas quinze, depois apenas dez, depois apenas cinco. Não importa se você pagou para receber vinte. Vai receber apenas cinco, ou menos ainda como acontece na prática. As aposentadorias especiais ficam de fora, estas são mantidas.

Mas mesmo isso não é suficiente. A grande maioria já recebe apenas um salário mínimo e mesmo assim está faltando. O que fazer? Simples: Segurar o salário mínimo lá em baixo, o mais possível. A inflação alta ou mesmo baixa encarregar-se-á do resto.

Com isso milhões de trabalhadores, na ativa, são obrigados a viver também cada vez mais miseravelmente, porque os empregadores, a bem da competitividade, pagam apenas o salário mínimo, para uma infinidade de profissões. Apenas quando pipocam as greves alguns salários são aumentados.

Mas o salário mínimo não, este permanece. O aposentado, não tem como fazer greve. Não tem como protestar. Governo nenhum se impressiona com passeata de velhinhos e velhinhas.

Porém, mesmo isto, não resolve. O desemprego aumenta, o trabalho informal cresce, a arrecadação diminui, cada vez mais metem a mão no jarro, cada vez mais pessoas se aposentam, cada vez mais a dívida com o FMI cresce e cada vez mais ele exige o dinheiro do aposentado.

Todas as leis possíveis que permitem reduzir as aposentadorias (fora as milionárias) são alteradas e revistas, mesmo assim não é suficiente. Não tem jeito. O governo faz então o que qualquer caloteiro barato faz. Dá o "cano", não paga. Só que não o faz como um ladrãozinho de galinha qualquer. Ele muda a Constituição. Assim torna-se impossível qualquer reclamação. A Constituição é intangível. Alterações na Constituição, na carta magna do país, valem, mesmo retroativamente. As regras anteriores do jogo não valem mais. Alteram as regras no meio do caminho, com a justificativa de não ter dinheiro.

Imaginem, compramos uma geladeira e, pago parte das prestações, surge dificuldade em pagar as demais. Vamos então à loja e explicamos: "Alterei as regras de pagamento da

geladeira que comprei de vocês. O dinheiro acabou. Serão menos prestações e o valor delas será reduzido." Seríamos internados.

É mais ou menos isso que o governo fez.

O futuro aposentado se "ferra". E nem imagina quanto. Muitos sabem apenas que irão trabalhar muito mais, para adquirir direito a aposentadoria e que esta, será muito menor do que esperava. Tão menor, que grande parte dos assalariados, para manter um nível semelhante ao que estão acostumados, terão que trabalhar eternamente, não se aposentando nunca. Aposentados são vagabundos, como Fernando Henrique Cardoso disse em certa ocasião (ele também é aposentado, portanto...). O governo fala então que o assalariado, que já é descontado para uma aposentadoria, se quiser, pode pagar mais uma previdência privada para não morrer trabalhando.

Quem não lembra das famosas previdências privadas GBOEX, APLUB, CAPEMI e tantas outras que, nada mais fizeram o que o governo fez agora? Deram o maior calote na "galera"?

É isto que o governo sugere. Além do calote do governo, recebam outra vez o calote das particulares. Apenas os nomes serão outros. Bancos e financeiras são as que estão na vez agora. O resultado será idêntico, acreditem.

Quem estudou as diversas ofertas existentes das previdência privadas de hoje sabe que equivalem, a um rendimento de caderneta de poupança. Nada mais.

Você prende o teu dinheiro numa financeira, sem nenhuma garantia que ela ainda exista, quando você se aposentar, e lhe prometem por isto 0,5% ao mês.

Mais ainda. Oficialmente a inflação é pequena, mas, na prática, vemos uma escalada constante dos preços de produtos e serviços. É a chamada desindexação inteligente, do governo. É claro que a correção do seu numerário, será feita pela inflação oficial ou pelo menor índice disponível no mercado.

Mais ainda, lhe será apresentado um contrato, onde o banco ou financeira é que determina as regras, taxas, juros, comissões, assim como o faz com os correntistas. Por que seria diferente?

O calote já começou. Só mudaram os nomes. E cuidem-se quando falarem: "Garantido pelo governo". Verifiquem pelo menos qual das partes o governo garante, se a sua ou a deles.

Assim como no financiamento de uma casa o banco ganha e você perde, na previdência privada o banco ganha e você perde.

Se emprestam a um correntista a 12% de juros ao mês por que se contentariam com menos ao fazer uma previdência privada?

Por que fariam um negócio honesto e justo? Pelos seus lindos olhos?

Você irá morrer trabalhando de um jeito ou de outro, mas se não fizer a previdência privada, pelo menos não morrerá de raiva.

Na Argentina o FMI está exigindo a redução do salário dos aposentados. Quanto tempo levará para isto acontecer também aqui, no Brasil, novamente?

O governo vai outra vez, simplesmente, dizer que não tem dinheiro, e mudar novamente a Constituição? Ou será incluída na reforma tributaria, com o mesmo resultado? Já estão falando em desvincular a aposentadoria do salário mínimo. Se isto acontecer o aposentado vai ainda lembrar, com saudades, dos bons tempos em que recebia um salário mínimo de aposentadoria.

O brasileiro só pode ter uma certeza: Tudo é incerto!

Isto é a "democracia".

Não gostamos do que estamos vendo. Mas temos que engolir os sapos. Afinal são os candidatos em que votamos que estão fazendo tudo isto. A culpa é nossa. Nem Deus pode ser responsabilizado. Colocamos eles lá para fazerem o que bem entendem. Assim não nos rebelamos, não ficamos revoltados, não viramos a mesa. Mesmo quando somos traídos por eles. Não gostamos de mudar de opinião nem de reconhecer que erramos.

O maior castigo que damos a eles é uma "rejeição" aumentada e que talvez não sejam reeleitos. Da próxima vez, vamos votar certo e o país vai melhorar.

Criminosos comuns vão presos, criminosos políticos são "rejeitados" e seu castigo é desfrutar a vida em Miami, nas coberturas.

Na verdade deveriam ser condenados à morte. O único crime merecedor de pena de morte: Não cumprir promessas eleitorais.

Não cumpriu, forca, guilhotina ou cadeira elétrica.

Se não puder cumprir, não prometa.

11 - xxx Eleições

Vivemos relativamente pouco. Todos atravessam as mesmas fases e estágios no decorrer de nossas vidas. A experiência, ao contrário do conhecimento, não é transmitida aos filhos, sem mais nem menos, nem geneticamente, nem através da educação. A experiência tem que ser adquirida individualmente. Olhamos as coisas na vida como elas são, observamos, principalmente o comportamento dos pais. Fazemos as nossas experiências, entre erros e acertos, tiramos nossas conclusões e decidimos então, dentro dos limites impostos pelo meio, como atuar. Assim funciona a experiência. É um ciclo que se repete.

Deve ser por isso que as eleições talvez ainda tenham credibilidade. A fé nelas é renovada a cada ciclo de vida. A idéia parece boa e não conhecemos nada melhor. Por isso ainda a defendemos. Mas pensando bem não serve para qualquer coisa.

Em uma assembléia qualquer é feito uma votação. Cinqüenta por cento mais um ganha. Parece justo. Mas, necessariamente, 49 por cento ficarão insatisfeitos e prejudicados. Eficiência baixíssima.

Vereadores e deputados votam um aumento de seus salários. Cem por cento de aprovação. Eficiência altíssima, porém votações em causas deste tipo são, é claro, uma farsa.

Imaginemos estar em um boteco com amigos e, na hora de pagar a conta, alguém propõe que apenas um pague toda a conta. É feita uma votação. A maioria vota a favor. O coitado é obrigado a pagar? Claro que não. Votação usada deste modo também não é válido.

Sempre, em qualquer eleições governamentais, a maioria vota a favor de candidatos, que prometem melhorar, as condições de vida da maioria. A idéia de eleições é justamente essa, valer a idéia da maioria. Entretanto as coisas, para a maioria, estão piorando cada vez mais e uma minoria está, cada vez mais, sendo beneficiada. Eleições, neste caso portanto, também não são válidas.

Sempre existirão pelo menos dois candidatos. Cada um afirmando estar ele completamente certo e o adversário completamente errado. A probabilidade de acerto é 50%, ou menos, se existem mais candidatos. A eficiência é muito baixa.

Ninguém se submete a uma intervenção cirúrgica se a chance de sobreviver é muito pequena. É melhor continuar vivendo. Mesmo com problemas. Dos males o menor.

Qualquer assunto, teórico, prático, físico, espiritual, material, imaterial, financeiro ou político deve passar pelo crivo da lógica, do raciocínio e do conhecimento. Só assim são obtidos resultados consistentes.

É para isso que existem a ciência, a tecnologia e o cérebro. Qualquer dúvida ou impasse deve ser investigado tecnicamente e resolvido. Eleição nenhuma serve como substituto. Inclui um grau de incerteza muito alto e não garante nenhuma validade técnica ao resultado.

Numa viagem espacial não podemos fazer eleições para definir qual o melhor combustível a ser empregado. Certamente não chegaremos ao destino. Não sairemos nem do lugar e seremos, no mínimo, chamuscados. Podemos isto sim, dentre os vários combustíveis tecnicamente corretos, se for desejado, eleger um deles. Mas se qualquer um deles é válido, para que eleições?

Por que o destino de um país e do mundo, esta grande nave da humanidade no espaço, deve ser definido então por meio de eleições, sabidamente incertas?

Quando eleitores trocam seu voto por uma camiseta, uma cesta básica, um emprego ou uma dentadura, eles estão errados, é crime, desonestidade e traição do espírito democrático.

Mas não é isso que todos fazem? Todos dão seu voto em troca de benefícios. Todos os eleitores querem se vestir, alimentar-se, ter emprego e tratamento dentário. Antes e depois das eleições.

O que há de errado com os primeiros?

Dá a impressão que, votar, sem que depois o candidato seja obrigado a cumprir o que prometeu, este sim, seja o espírito democrático.

Pelo menos, uma camiseta entregue antes das eleições, é uma promessa eleitoral cumprida, previamente até. Melhor que nada.

Os partidários de eleições dirão que, estudando cuidadosamente o perfil de cada candidato, poderemos concluir como votar corretamente. E que, se todos fizessem isso, certamente o Brasil melhoraria, e muito.

Estudar como, se os meios de comunicação não são imparciais? Estudar como, se não conhecemos nenhum dos candidatos e não conversamos com eles pessoalmente? Estudar como, se tudo aquilo que nos é apresentado sofre um tratamento propagandístico meticuloso, a favor ou contra?. Não conhecemos as vezes os filhos e mulher ou marido que temos, sendo ocasionalmente surpreendidos com uso de drogas, traições e coisas deste tipo, algo completamente inesperado. Isso é muito comum acontecer.

Como saber então, o que verdadeiramente faz e o que se passa, na cabeça de um candidato, que nunca sequer, vimos pessoalmente? Mesmo se conseguíssemos fazer tudo isso, com clareza, como conseguir que o voto, estudado e inteligente não seja contrabalançado por votos irresponsáveis, fraudes ou tramóias eleitorais?

Como considerar quantitativamente os tempos que cada candidato tem nos meios de comunicação. Uns tem horas e outros apenas segundos. Como achar um denominador comum? Como abstrair-se da influência destes tempos diferentes?

Como ignorar a influência da camiseta, da cesta básica e das contribuições, oficiais e extra oficiais aos candidatos? Estudar e votar conscientemente, centenas de milhões de pessoas? É utopia.

Esse país não existe. É imaginário.

Para facilitar a escolha de um candidato, teríamos que preencher um formulário que contivesse todos os itens e características essenciais e detalhadas, desejáveis e indesejáveis dos candidatos. Passado e presente. Todos os itens: Honestidade, competência, realizações, estudo, patrimônio, conhecimentos, atuação em segurança, economia, saneamento, educação e assim por diante, cada um deles em detalhes. Uma lista grande e completa ou quase.

Cada item receberia um peso conforme sua importância, negativo ou positivo e daríamos a ele uma nota, digamos de um a dez.

Somando as notas multiplicadas pelos peso teríamos uma nota representativa de cada candidato. Seria mais fácil, do que preencher declaração de Imposto de Renda. Se todos fizessem isso com critério, friamente e baseado em dados verdadeiros, certamente estaríamos escolhendo o candidato correto.

Seria uma maneira de equacionar o problema, tornando-o menos subjetivo. É como se fossemos escolher um eletroeletrônico que tem muitíssimas e variadas opções e qualidades. Obteríamos a melhor relação custo/benefício.

Mas, para que tivesse efetividade, os dados, pesos e notas, teriam que ser verdadeiros. Como obter isso? O candidato, ao inscrever-se como tal, teria que apresentá-los, todos. Seriam verificados oficialmente. Os partidos seriam os fiscais. Os pesos, a escolha mais difícil, seriam estabelecidos, por exemplo, em um plebiscito, previamente. O povo escolheria as prioridades e sua importância.

Assim seria escolhido o candidato. E todos os eleitores chegariam praticamente ao mesmo resultado: O melhor candidato, aquele que tem a nota mais alta.

Nem seria necessário, portanto, que todos os eleitores o fizessem. Poderia ser feito até apenas uma vez e o melhor candidato, o mais adequado possível, já estaria escolhido.

Eleições até dispensadas, democracia vitoriosa.

Afinal por que os candidatos não têm tempos iguais nos meios de comunicação? Que lógica existe em afirmar que um candidato deve ter um tempo maior ou menor que outro candidato? O candidato do partido mais forte é automaticamente o candidato mais competente e mais honesto?

Certa vez ouvi a explicação: "O motivo dos tempos desiguais é para evitar a tirania dos pequenos partidos. Estes, em conjunto, são maioria, assim, os grandes, individualmente, não tem chance".

Os fracos oprimem os fortes, isso tem que ser evitado. Os pobres oprimem os ricos, isso também tem que ser evitado. Saddam Hussein oprime os Estados Unidos, isso tem que ser bombardeado.

Se são candidatos e podem ser eleitos, todos teriam que ter as mesmas oportunidades. A todos deveria ser destinado o mesmo montante em recursos, propaganda e tempo nos meios de comunicação. E o eleitor que decida. Se não é tramóia, fraude eleitoral.

Dentro da lei, mas fraude e tramóia. O que está previsto na Constituição está sendo torcido pela leis e resoluções eleitorais.

Os que tem pouco tempo estão condenados a ficar em último, nas eleições. Mas se é assim por que não se define também, previamente, quem vai ficar em primeiro? É só destinar a ele significativamente mais tempo, propaganda e recursos. Será que isto já não está acontecendo e apenas não percebemos?

Dispensam-se até as eleições e todas as despesas que acarretam.

Viva a democracia.

Mesmo que a todos eles fossem destinados tempos e meios iguais, o resultado não seria satisfatório. Havendo muitos candidatos as eleições seriam vencidas por uma reduzida quantidade de votos, pequena percentagem do total, mas maior que a dos outros candidatos. A maioria dos eleitores ficariam descontentes. É mais difícil aplicar "panos quentes" e evitar que o povo se revolte, quando o governo tem aprovação de apenas uma minoria.

A quantidade de candidatos tem que ser portanto limitada. Mas como fazer isso? Como escolher candidatos? Quais os critérios? Eleições? Quem vota? Fazem-se chapas, partidos, coligações etc., o povo não é consultado. Mesmo assim, com mais de dois candidatos é provável que a maioria fique descontente.

Para contornar este descontentamento, fazem um segundo turno. Ou, como no regime militar, apenas dois partidos. Com apenas dois candidatos a "maioria" sempre vence e os perdedores sempre ficam em "minoria". Na verdade é tudo apenas uma tramóia. O candidato eleito continuará sendo aquele que, no primeiro turno, teve apenas uma pequena porcentagem de votos.

Ou seja a democracia caracteriza-se por um governo da minoria e não da maioria como é sempre apregoado!

Este é o motivo também do voto ser obrigatório. Se o voto não fosse obrigatório, os insatisfeitos, seriam todos os que votaram nos perdedores, mais os que não votaram em ninguém. É muita gente.

Obrigam a votar para que o eleitor sinta-se culpado. Quando o candidato eleito não corresponde à expectativa, foi culpa dele mesmo, do eleitor. Votou errado. Da próxima vez votará certo. Tem que esperar.

Viva a democracia.

Mas nos Estados Unidos, onde o voto não é obrigatório. Por que funciona?

Lá, cinqüenta por cento ou mais, preferem não votar e, havendo dois candidatos, o governo é eleito por pouco mais que um quarto dos eleitores. Setenta e cinco por cento estão descontentes?

De modo algum. Os dirigentes, governos, elite, poderosos, em qualquer lugar do mundo podem, todos eles, fazer o que bem entendem, e o fazem, desde que não ultrapassem o limite de descontentamento do povo. O ponto de revolta. A gota d'água.

Este limite não é fixo, pode ser aumentado, convencendo-se o povo que ele está contente, ou pela força. Esta força nem precisa ser opressiva ou ostensiva, pode ser só um potencial. Assim como, por exemplo, a certeza de condenação por um crime qualquer. Impunidade reduzida. É só então fazer leis que protegem o regime e o problema está resolvido. É mais difícil revoltar-se quando existe perspectiva concreta de uma punição. É como uma espada de Dâmocles. Pode não cair nunca, mas todos sabem que isto pode acontecer.

O povo norte-americano explora o resto do mundo, eles estão muito mais abastados e contentes que o resto da humanidade. A impunidade é pequena. Assim seu limite de revolta está longe de ser alcançado.

É secundário quem é eleito, quem está no poder e até o tipo de regime. É só não mandar soldados norte-americanos para a morte.

Os norte-americanos são sanguinários quando se trata de povos mais fracos e raças inferiores, e seu governo é exatamente como eles.

96% dos norte-americanos queriam o bombardeamento do Afeganistão. Uma simples questão de vingança. O governo fez.

Bush já está iniciando o ataque ao Iraque, certamente, com a aprovação de 100% do povo norte-americano.

Estão sempre bem representados. Eleições lá, não são importantes.

Muito mais difícil é manter as rédeas de um povo faminto, no Terceiro Mundo, com farsas, demagogia, propaganda e ilusionismos. Parabéns TV Globo, parabéns Fernando Henrique Cardoso. Vocês sabem perfeitamente como se faz!

Interessante é também, que eleições governamentais são periódicas, a um intervalo relativamente curto. Estamos cansados de ver programas iniciados em um governo serem abandonados pelos seguintes. Um mundaréu de obras iniciadas e não terminadas. Até um livro, certamente com vários tomos, foi escrito sobre este assunto. Programas implantados, sem continuidade e manutenção, abandonadas ao tempo as obras físicas e ao descaso as obras intelectuais.

Um governo sente-se obrigado a abandonar as idéias de um governo de oposição anterior. Se der continuidade estará reconhecendo que o governo anterior era bom, mas ele tem que mostrar que não é assim. Desmonta e tolhe portanto a continuidade das obras de governos anteriores. Mesmo que o governo anterior seja situação, o novo governo tem novas idéias, que acha melhor que todas as outras, e assim as antigas também são abandonadas. Ele tem que mostrar que é melhor que o anterior, mesmo que seja situação.

Mas é inconcebível que o destino de uma nação esteja limitado a uma visão de apenas alguns anos e seja administrado como se fosse um clube de quinta categoria. Como fica a observância de objetivos a longo prazo? Quem dita essas normas e regras?

A população aumenta, os recursos minerais estão ficando escassos, a poluição está tomando conta, as necessidades básicas estão se ampliando, a devastação da natureza aumentando, espécies vegetais e animais bem como a soberania nacional são cada vez mais ameaçadas de extinção. A tragédia se aproxima e os governantes, dado o sistema de governo, pensam apenas em termos de alguns anos. São míopes.

Por que um governante qualquer iria investir enormes recursos em projetos que serão importantes e mesmo vitais daqui a vinte, cinqüenta, cem ou mil anos? Para talvez ser lembrado em algum livro de História no futuro?

O presente é imediato, requer soluções instantâneas. Cesta básica já, cadeira de rodas já, dentaduras já, cabide de emprego já. É assim que pensa o político e o eleitor. Isto significa votos nas eleições. As eleições são imediatistas, eleitor nenhum vota para que seus bisnetos tenham uma vida melhor. Ele quer, ele mesmo, melhorar de vida, já, agora.

Hitler pensou em termos de longo prazo e se "ferrou". Foi porém um dos poucos que pensou mais que um palmo na frente do nariz. Pensou apenas no povo alemão. Os outros não gostaram.

Deveria existir um planejamento global para o país, e, muito mais do que isso até, para o mundo todo. Mas esse mundo não existe. Nunca haverá consenso entre os países. Quanto mais evoluídos e desenvolvidos, mais burros ficam.

Mas pelo menos cada país, individualmente, deveria ter um órgão, previsto na Constituição e acima do governo, que ditasse as regras do jogo. Que estudasse o presente e suas conseqüências no futuro, que estudasse o futuro e suas necessidades. Futuro, não imediato, mas a médio e longo prazo.

Órgão técnico, que estabeleceria os objetivos e ditaria então as regras do jogo a serem obedecidas por todos, povo, empresas e governantes.

No fundo nada mais que um governo. Mas um governo que pensa, com fundamento científico. Para ingressar neste governo o "vestibular" seria a capacitação técnica e científica. Seria um governo desumano e tecnocrata! Como os políticos iriam pichar, pois estariam de fora.

O problema é que, todos teriam que se dobrar a essas normas e regras: Governantes, Estados Unidos, G8, multinacionais, FMI, financistas, israelenses, todos. Idéia portanto natimorta. "Morreu na casca".

Mas é assim que teria que funcionar. Não existe outra maneira.

O que adianta biólogos, sociólogos (Fernando Henrique Cardoso não), físicos, químicos, geólogos, antropólogos, ambientalistas, engenheiros, arqueólogos, geógrafos, médicos, historiadores, economistas etc., estudarem meticulosamente o mundo presente e passado, chegarem a conclusões as mais diversas, fazerem suas recomendações e advertências, gastarem milhões de horas inteligentes, se os políticos, que são os que poderiam fazer alguma coisa, simplesmente as ignoram?

Os políticos não tem capacidade, não tem formação, para compreender o que está sendo discutido, o que está sendo proposto nem as recomendações que estão sendo apresentadas.

Enxergam apenas as restrições aos seus objetivos imediatistas e descartam tudo como papel sem valor.

Acham que, sinceramente, o futuro será resolvido quando ele tornar-se presente. Deixar como está, para ver como fica, é o que pensam. Quando faltar água, energia elétrica e oxigênio no ar, a dengue, cólera, HIV saírem fora de controle etc., somente então é que deverão ser resolvidos os problemas. Para que gastar dinheiro em lucubrações filosóficas? Nem previsão de tempo os cientistas acertam. Tendência não é destino. Não quer dizer que o que falam vai acontecer. No fim tudo se resolve. Deus é brasileiro.

Políticos tem raciocínio de dinossauro, com cérebro do tamanho de uma ervilha. Deve ser por isso que foram extintos, pensavam como políticos.

Interessante que um assunto tão importante como o destino do país tem que ser sempre polêmico, contrastante e divergente. Nunca pode existir unanimidade de opiniões. Sempre tem que ter os que são a favor e os que são contra. Sempre deve existir a dúvida, a incerteza, mentiras, fofocas, acusações, intrigas, noticiários, reportagens. Por que tudo isso? Nunca saber com certeza o que é melhor para o país?

Imaginem uma intervenção cirúrgica em que o médico operador não saiba o que fazer ou fica discutindo com o anestesista e assistentes?

Atualmente quase qualquer atividade do homem exige que ele saiba exatamente o que fazer, sem titubear. Quando existem dúvidas, conhecimentos e técnicas esclarecedoras são aplicadas e opta-se pela melhor solução. Esporte, lazer, trabalho tudo.

Não podemos basear-nos apenas na intuição e convicção interior.

A quantidade de erros seria muito grande. Há dezenas de milhares de anos atrás, talvez pudéssemos fazer isso, em muitos dos assuntos importantes da época. Milhões de anos de experiência tornaram-se intuição. Errávamos pouco.

Porém, a sociedade tornou-se por demais complexa, num tempo muito curto. A intuição não serve mais. Na maioria dos casos temos que conhecer ou aprender o caminho correto. Não podemos "chutar".

Não é de jeito nenhum, como vemos em muitos filmes norte-americanos: O "mocinho" sem fundamento lógico nenhum, por impulso, acreditando na amizade, no amor e na democracia, intuitivamente, toma a única decisão correta que poderia ser tomada, salvando toda a situação e a pátria. Estes filmes mostram que pensar é secundário, ensinam-nos a ser idiotas.

Qualquer decisão tem que ser racional. Se existe polêmica, ninguém está certo ou, no mínimo, a certeza ainda não foi encontrada. Como então lançar-se a fazer as coisas? Cortar o fígado, coração ou cérebro do paciente ou dirigir um país? Não é completamente incoerente que não haja unanimidade nunca?

Pelo menos uma vez? Oposição e situação, juntos, fazendo o que é melhor para o país? Por que não é possível chegar a um consenso racional? Será que não vale a pena?

Ou será que o motivo é bem diferente? Tudo é apenas uma festa, para distrair o público e dar a impressão que alguma coisa está acontecendo?

Isto não é apenas um grande circo, montado por um Metternich vivaldino? Um espetáculo para desviar as atenções?

Enquanto o povo "dança", Metternich puxa os cordões.

Já há centenas de anos isto vem acontecendo. E ninguém se toca.

O circo já existe, pena que o pão está ficando cada vez mais difícil de obter.

12 - xxx E a justiça?

É como acontece na justiça. Nunca existe unanimidade. Acusação e defesa nunca concordam. Qualquer situação, sempre é polêmica. Entretanto a justiça entra em ação justamente quando isto acontece. Quando não existe acerto de jeito nenhum. O mérito da justiça é a polêmica. Se o assunto é claro e indubitável ela não é necessária.

Mas, sendo assim por que, para receber de volta o empréstimo compulsório feito ao governo pelos usuários de veículos automotores, é necessário entrar na justiça? O empréstimo é compulsório mas a devolução não? Por que cada caso deve ser julgado individualmente se, por ocasião do empréstimo, todos foram tratados em conjunto? Por que o governo, assim como cobrou automaticamente o empréstimo, não efetua ele, automaticamente, a devolução?

Essa atitude pode ser lucrativa, mas lógica ela não é.

Será efeito de um "lobbying" dos advogados? Afinal, ganharão 20% de todo o empréstimo compulsório reclamado. Mina de ouro.

Novamente, como foram feitas as coisas, os buracos são enormes. Como foi calculado o que seria devolvido? Com base nos veículos em circulação na época, do empréstimo compulsório, deve ser. Quais seriam estes? Os que constam nos DETRANs como ativos, não baixados portanto, mesmo com o IPVA em atraso por um ou mais anos.

O último usuário de um veículo simplesmente encosta o mesmo e deixa de pagar o IPVA, não informando ao DETRAN para que seja dado baixa. Ou usa o veículo, mesmo sem pagar IPVA. É assim que funciona. Isto acontece é claro com os veículos mais velhos e proprietários portanto mais pobres. Milhões de veículos devem encontrar-se nesta situação, no período do empréstimo.

Para entrar na justiça é necessário um certificado do DETRAN que diga que este veículo estava na ativa no período considerado. O proprietário só receberá este certificado se regularizar (eufemismo para pagar) multas, IPVAs em atraso etc. Aí ele verá que poderá não valer a pena. Poderá até significar colocar dinheiro bom em cima de dinheiro ruim. Terá que esperar, e poderá não receber nada. Muitos desistem.

A estes o governo não precisa devolver o empréstimo.

Mas eles não usaram o veículo e também deveriam ter pago multas e IPVA atrasados portanto não tem o que reclamar. Isto até que é discutível, mas o que importa é que os cálculos foram feitos considerando todos os veículos ativos e a devolução será feita apenas para uma parte deles. Lucro para o FMI.

A regra geral era e talvez ainda seja, na venda de um veículo, não efetuar a transferência do proprietário junto ao DETRAN. O veículo passa de mão em mão mas, para o DETRAN, o proprietário não muda. Muitas pessoas então, que há dez ou mais anos venderam seus veículos podem constar no DETRAN ainda como proprietários do veículo no período do empréstimo. Se nunca mais foram proprietários de automóveis ou se já faleceram, será que eles ou seus herdeiros lembrarão de verificar isto junto ao DETRAN? Lucro para o FMI.

Quem impedirá que os que estão "por dentro", mediante procurações falsas, não peçam de volta o empréstimo de pessoas já falecidas? Prejuízo para o FMI.

Mais fácil seria o governo fazer como já foi feito no Paraná, exigir agora, Nota Fiscal do abastecimento, na época do empréstimo compulsório, com carbono no verso (quem conseguiria desentocar alguma?) e fazer dois postos de troca um nos penedos São Pedro e São Paulo e outro no pico da Neblina.

Negócio da China.

Assim são feitas as coisas pelo governo, com furos propositais.

Do mesmo modo não é o que acontece com a correção do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), subtraído ao bolso do trabalhador? Por que cada um tem que reclamar ele mesmo na justiça ou perder dinheiro fazendo um acordo com o governo? Por que a justiça não julga o mérito da questão globalmente e obriga o governo a devolução, automaticamente e globalmente? "Enrolam" cinco ou mais anos pela correção de uma injustiça cometida dez ou mais anos atrás. Não é isto prevaricação?

Quantos trabalhadores não morreram nessa década? Será que os herdeiros estão dispostos a lutar na justiça ou simplesmente desistem?

Exatamente assim atuam os bancos, financeiras, multinacionais e mesmo empresas menores. Enganam milhares e milhões, e fazem acerto com os poucos que reclamam com mais veemência. O saldo é muitíssimo positivo. Dispõe de muito mais recursos financeiros, jurídicos e políticos que o consumidor, individualmente.

O consumidor sabe disso. Sabe que quase certamente será esmagado por um rolo compressor poderoso. Leva tempo, é desgastante e caríssimo para o consumidor. Os poucos que sobrevivem são chamados a um canto e o acerto é feito. Estes poucos ficam satisfeitíssimos pois recebem algo que consideravam perdido, no seu entender, e ótimo para a empresa, pois paga apenas um entre milhões de outros otários. E não cria jurisprudência.

O governo e a justiça parecem ser, nada mais, que uma grande multinacional. O povo seus consumidores. E os bancos internacionais seus únicos acionistas.

Muitas situações claras e evidentes são tratadas complexamente pela justiça, de modo estranho e incompreensível para o cidadão comum. Ele espera que a justiça seja rápida, convincente e taxativa. No olho por olho e dente por dente. Fala em justiça mas, na verdade, pensa em vingança. É como atuaria se fosse feita com as próprias mãos. Ele quer que a justiça o proteja imediatamente do malfeitor e o castigue sem delongas.

Entretanto não é isso o que acontece. O Jet Set é tratado com luvas de pelica, com observação de todas as regalias e direitos legais em todas as fases do processo, desde a suspeita até a condenação final, incrivelmente leve. Em contraste flagrante, as pessoas comuns, sem apoio legal adequado, são impulsionadas a penas excessivamente severas, sem nenhuma regalia. Muitos dos seus direitos são simplesmente ignorados ou contornados.

Vale a força do dinheiro. Provavelmente em qualquer lugar do mundo seja assim.

Mas no Brasil, como a diferença entre pobres e ricos é muito grande, isto se reflete na justiça com muito mais intensidade.

A injustiça é flagrante.

O brasileiro além disso, tradicionalmente enaltece o rico e o poderoso, faz parte da sua cultura. É o coronelismo remanescente. Os meios de comunicação também agem assim. A vida e a liberdade de um pobre é bem menos importante do que a vida e a liberdade de um rico, sob todos os aspectos. Não se discute, é consenso nacional.

Ainda bem que existe o código de defesa do consumidor. O pobre pode manter agora a sua opinião perante o rico e poderoso. O que é a coisa mais natural que existe, nos países do Primeiro Mundo, felizmente também está no Brasil. O brasileiro fica estupefato ao saber os direitos que tem, quase não acredita e, infelizmente, por isso mesmo, quase não usa. Realmente é difícil de acreditar que até as multinacionais, que no Terceiro Mundo fazem o que bem entendem, agora no Brasil, ficam restritas a normas, como nos seus países de origem. O ruim é que as firmecas de fundo de quintal, as micro empresas, as empresas que empregam 80% dos brasileiros, também estão sujeitas ao mesmo código.

Elas não tem a estrutura jurídica e financeira das multinacionais.

A primeira reclamação as derruba e as tira fora do mercado. Não é fácil cumprir os itens e exigências do código. Para pequenas empresas, impossível. Passam então para a ilegalidade, são os favelados do comércio.

Só as multinacionais conseguem e só estas restarão. Mas esta é a regra. O consumidor tem que ser respeitado. Qualquer empresa pensa apenas no lucro e bem estar de seus sócios e acionistas. Assim sendo, tem que fazê-lo, pelo menos, respeitando o consumidor.

Os bancos e financeiras, que são as que mais lucram e as que menos dão retorno para a sociedade, apoiados pelo Banco Central em suas portarias e resoluções, estão querendo fugir da raia. Não querem que o código seja válido para eles. Os safados. Querem continuar a ser feitores de escravos, sem restrições. É claro que o sociólogo Governo Federal apoiará esta proposta, com todas as forças de suas medidas provisórias.

As vezes pensamos como o governo foi fazer um código que beneficia tanto o cidadão, como se ele fosse gente? O que está por trás disso?

Primeiro, que fique bem claro, o cidadão, perante o governo, não é considerado consumidor. Portanto nada do que está no código é aplicável ao governo. Este já é um grande motivo. Pimenta, nos olhos do outro, não arde.

Outro motivo, parece ser, o dificultar a criação empresas que, com pequeno capital inicial, não tem como, de imediato, atender ao código, dezenas de ISOs e outras exigências mais. Só os grandes capitais podem. As empresas tem que nascer grandes. É o cartel dos fortes. Bem a gosto do Fernando Henrique Cardoso.

Vender acarajés, abarás, churrasquinhos de gato etc. por um Real, nas ruas, é anti-higiênico, não respeita o código do consumidor.

Bem diferente os BigMac, limpíssimos, preparados com luvas, máscaras e toucas higiênicas, até parece que estão sendo submetidos a uma delicada intervenção

cirúrgica, com todos os direitos nacionais e multinacionais respeitados. São bem melhores, não existe dúvida. Custam três Reais.

Consumimos muita carne congelada. Entretanto a cada congelamento perde-se 30% das proteínas. Dois congelamentos e comemos apenas metade do que compramos. Qual a vantagem de carne congelada, se quase em qualquer lugar, estamos rodeados de pastos e poderíamos comer carne fresca sempre, ou apenas resfriada?

Todo o leite produzido no Brasil, tem que ser vendido para usineiros. A comercialização "in natura" é proibida. Foi assim por centenas de anos, mas agora é proibida. Mesmo nos menores lugarejos, compra-se apenas leite em caixas ou pacotes. Tipo A, B, C, UHT, integral, desnatado tudo, menos leite de vaca. Pagamos mais é claro. Muito mais.

Algumas justificativas existem, higiene e coisas deste tipo (pasteurização deveria existir sempre), mas a principal, é que podemos comer carne e beber leite do mundo inteiro e o mundo inteiro pode comer nossa carne e beber nosso leite. É a globalização. Não tendo que ser consumidos imediatamente tornaram-se mercadorias sujeitas às "leis de mercado", especulação e tudo mais. Para o consumidor não trouxe vantagem. Ambos tem gosto diferenciado e são menos nutritivos. Estocar em casa não tem sentido pois, assim como compramos pão diariamente, podemos comprar também o leite e a carne.

Comemos assim carne de Chernobil e bebemos leite reconstituído (que fica verde de mofo mas não talha nunca). Foi-se os bons tempos de churrasco gostoso e as coalhadas caseiras.

É claro que o código de defesa do consumidor é bom. Pode ser uma tragédia para a pequena empresa e seus empregados, mas é indiscutivelmente uma ferramenta valiosa para o cidadão.

Deveria existir também um código de defesa da natureza, com direitos semelhantes. O ruim é que a natureza não fala, não tem advogados e não reclama. Também quase ninguém se importa com ela.

Um aspecto interessante são os contratos. Ao assinar um contrato, seja de que tipo for, um acordo é firmado entre as partes. Depois todos tem que cumprir.

As cláusulas de um contrato não podem contrariar a lei. Clausulas ilegais são nulas. Não adianta pois fazer um contrato para "silenciar" uma testemunha, para garantir dívida de jogo proibido e assim por diante.

Maravilha, os contratos são perfeitos. Até você fazer um.

Comprar ou construir a casa própria, um carro em consórcio ou a prestações, empréstimo em banco, seguro, conta corrente em banco, aluguel de imóvel, plano de previdência, qualquer coisa, garantido ou não pelo Governo Federal.

Você confia seu dinheiro a uma empresa, que conhece apenas pela propaganda que fazem e por um ou outro conhecido, que também não a conhece direito. Ninguém diz se

a empresa está mal das pernas, à beira da falência ou não. Se os seus dirigentes são honestos ou não. Isto você não fica sabendo.

Se tudo vai bem, você nem nota que o contrato que assinou era, na verdade, uma arapuca legal. Mas quando algo dá errado e você vai ler o que assinou, aí verá a besteira que fez.

Os contratos, todos eles, dizem apenas o que você é obrigado a fazer, em detalhes e nada sobre os compromissos da parte contraria. Estes ficam quase que apenas subentendidos, cumprirão se quiserem.

Pior que isso, muitos dos números, taxas, juros, correções e valores, constarão como um adendo, parte integrante do contrato, e podem ser alterados por eles, quando bem entenderem e sem a sua previa aprovação. Isto quer dizer que o que você vai pagar não é um valor fixo mas sim pode ser arbitrado por eles. Comece a rezar.

Mais que isso ainda, você pagará diversas taxas, seguros, comissões etc. adicionais, na finalidade exclusiva de garantir a parte deles, se qualquer coisa der errada. A despesa é sua, o benefício deles.

As vezes o contrato não tem prazo determinado ou é renovado automaticamente, assim as obrigações que você tem, continuam valendo mesmo quando, por qualquer motivo, você não possa mais usufruir dos seus benefícios. Vira uma bola de neve ou melhor, uma bola de ouro. Cuidado para não perder a memória ou sofrer um acidente grave. Você vai sofrer muito mais que isso.

Todas as cláusulas são elaboradas em decorrência de ampla experiência que eles tem no assunto e considerando todas as implicações legais. Sem furos. Dificilmente poderão ser contestadas.

Este contrato lhe será apresentado, você poderá até ler se quiser, mas não poderá acrescentar ou alterar uma vírgula sequer. Nem precisa de letras miúdas. Se não gostar, não assine, boa tarde, muito obrigado. Saia da fila. Tem outro palhaço esperando.

Quanto maior a empresa, o renome, a propaganda, pior para você o contrato, porque menor você é. E maior o tombo. O seu, não o deles. Eles não tem necessidade de fazer um contrato justo e atrativo para assim conquistá-lo.

Além disso, quem iria duvidar de uma multinacional, que faz tanta propaganda bonita e cativante, nos horários mais caros e no mundo inteiro?

Contratos de igual para igual só muito raramente e com empresas pequenas, quase do seu tamanho.

Qualquer brasileiro, pegue e leia o contrato que assinou com o banco, referente a sua conta corrente e ao cartão de crédito que tem, se é que lhe foi entregue uma via. Leia com atenção e veja se não é exatamente isto que acontece. E se acham que estas cláusulas não serão aplicadas, que é pura formalidade, ou que não será o seu caso nunca, não precisa nem ir até a Argentina, pergunte aos milhares de inadimplentes que existem por aí, as histórias que eles tem para contar.

Guardar o dinheiro debaixo do colchão é infinitamente mais seguro do que confiá-lo a um banco. Claro, não é tão elegante.

Um clube ou escola elabora um contrato que os sócios ou alunos devem assinar. De um modo geral, se você não pagou a mensalidade, não pode entrar no clube ou não pode assistir aulas. Só depois de acertar a dívida poderá continuar participando. É para evitar a inadimplência. Mas, se você não usou, por que terá que pagar pelo período que não usou? Está no contrato, tem que pagar.

E se você deixar de pagar e de usar um clube durante digamos, dez anos, como fica? Perderá a sua casa?

Se for uma conta em banco você perde mais do que a sua casa. Porque a sua conta é uma renda para o banco. Eles cobram uma taxa, periodicamente pelo fato dela existir, assim se você não encerra sua conta, será taxado periodicamente, até o fim dos tempos. Um saldo positivo fica negativo, a dívida então será taxada também a, por exemplo, 12% ao mês. Vai ao infinito num instante. Muitas vezes você até pediu o encerramento da conta, verbalmente apenas, que idiota, e eles esqueceram-se, não o fizeram.

O banco ganha então nas suas costas, algo como oitocentos milhões de Reais, ou muito mais ainda, devido a um simples descuido. É isso aí, um Real a 12% ao mês, por dez anos, resulta nesse valor.

Mas se a conta fosse encerrada quando você pediu não pagaria nada. Está no contrato. O banco nada pode fazer. É a lei.

Mas é lógico?

Os bancos fazem isso seguidamente, mas eles não esperam a dívida chegar a um valor tão elevado. Eles esperam um, dois, cinco anos, conforme a sua presumível capacidade de pagamento, então entram em contato com você.

Aí depois de muita encrenca, Seproc, Serasa, Procon, pequenas causas etc. vocês entram em um acordo. Eles fazem até um desconto, você paga digamos uns 60% da dívida, claro, a essa altura já acrescida de honorários de advogados deles, que você nunca viu, nem sabe se existem, comissões de permanência, mais juros sobre juros etc.

Você paga caro pela experiência, jura nunca mais cair nessa esparrela, até assinar contrato com outro banco, que é exatamente a mesma coisa.

Se você encrencar para valer, e não pagar nada, tudo bem, a Máfia dos bancos não vai "apagar" você. Eles não precisam disso. Mas você terá que conviver com uma dívida, teoricamente cada vez maior, sem crédito na praça, com nome sujo em tudo quanto é entidade de proteção ao crédito, Banco Central etc., não poderá comprar nada em prestações, terá que, por mais vergonhoso que seja, pagar as suas contas somente em dinheiro, poderá ser processado etc. ou poderá dar um tiro na cabeça, ou na cabeça do gerente do banco. A escolha é sua.

Mas este não é o estelionato mais comum que os bancos aplicam. Neste caso você sente-se injustiçado, afinal, pelo seu entendimento a conta tinha sido encerrada. Assim você luta que nem um leão e muitas vezes não quer ceder um milímetro que seja.

O golpe mais comum é obra do acaso. Você tem cheque especial, cartão de crédito etc., como todo mundo, é comedido, meticuloso, cuidadoso. Confere religiosamente o saldo disponível e evita o mais possível entrar no vermelho ou seja no empréstimo automático, a juros extorsivos. Você sabe que são extorsivos. Até sua mulher é compreensiva e colabora.

Mas um dia acontece. Um imprevisto, um valor tem que ser pago, sem falta, e você não tem saldo. Nada o que se possa fazer. Como qualquer um que chega nessa situação, apesar de ser suicídio, você usa o cheque especial ou cartão e entra no vermelho, sem como repor a dívida rapidamente. A bola de neve cresce exponencialmente, você não consegue acompanhar. Começa a comprometer a sua renda, seu patrimônio e mesmo assim não adianta nada. Se adiantasse ajoelhar-se diante do gerente, implorar e chorar, você o faria, mas não adianta.

Cada dia que passa o problema aumenta. Você entra em colapso. Reúne todo seu patrimônio e propõe um acordo, que eles então, magnanimamente aceitam.

Neste golpe eles fazem de você gato e sapato, sempre estão por cima, afinal a falha foi sua, você é que foi o causador. A curto prazo, tudo que você tinha, passa para o banco. Mas, que direito eles tem de ficar com todo o seu patrimônio?

Estas são as tragédias. Com isso os bancos ganham até pouco. Onde eles ganham a rodo, para valer, é nos dois, cinco, dez, vinte, trinta Reais que cotidianamente subtraem do correntista a título de taxas, etc. e nas suas esporádicas entradas no crédito especial.

Quem jogaria bombas por causa de dez Reais? Seria insano fazer isto. Mas é, justamente por estes dez Reais, é que deveria ser feito. Aí é que está o grande estelionato. Só bombas resolvem. E das grandes.

Assim são os contratos, se não forem ilegais, estão acima das leis, por mais absurdos que sejam.

Na verdade existem recursos, que os bancos e empresas, até certo ponto procuram evitar. O código de defesa do consumidor está muito a seu favor. Contratos de adesão, abusivos etc. podem ter algumas clausulas invalidadas. Você tem direitos que protegem o seu couro. Mas não vai ficar barato. E você vai suar a beça.

Curioso na justiça é o fato que atentados à vida, com dolo, sejam julgadas em um tribunal de júri. Pessoas comuns, ouvindo os argumentos da acusação e da defesa vão decidir sobre a culpa ou não do réu.

Devem ser imparciais, não ter preconceito sobre o crime cometido e assim por diante.

Estranho que isto seja delegado ao povo julgar. Por que este tipo de crime?

Os crimes dolosos evidentemente são mais difíceis de elucidar. Não para a polícia técnica, esta, com recursos, tempo e quando honesta (o que nem sempre é o caso) certamente, chega a um bom termo. É praticamente impossível enganá-la. Os recursos técnicos estão muito avançados.

Mas quando as pistas faltam ou não levam ao acusado, aí as coisas se complicam porque testemunhas são influenciáveis, de maneira imprevisível.

No julgamento dos policiais acusados de assassinato dos Sem Terra, em Eldorado dos Carajás, as testemunhas de acusação não compareceram. Os policiais foram absolvidos. Como seria se as testemunhas tivessem comparecido? O júri é neutro ou também

influenciável? Quem do júri, não assiste televisão e quem do júri, não assiste a TV Globo, que é francamente hostil aos Sem Terra?

Até o julgamento, centenas de noticiários, tendenciosos ou não, a favor ou contra determinada opinião, foram transmitidas e é claro que os futuros jurados formam opinião sobre o assunto, principalmente quando de assuntos polêmicos e constantemente noticiados. Dizer que isto não acontece, evidentemente, é menosprezar o poder da televisão.

O réu provavelmente sentir-se-á mais inseguro perante um tribunal de júri do que perante um juiz se o crime cometido é severamente desaprovado pela moral pública. Esta é bem diferente do código penal.

Ele será condenado, pela moral pública e receberá pena, pelo código penal.

Ser simpático ou não ao público, portanto também ao júri, pode decidir o seu julgamento.

O governo delegar a um júri popular, a decisão do julgamento, é uma concessão do governo, para mostrar que o seu poder tem limite, quando tratar-se de prejuízo da integridade física, de um dos membros da sociedade.

Ou é uma espécie de circo. Como as antigas execuções, enforcamentos e queima de bruxas. Um evento social.

Seja como for, no bem bom, ou seja nas questões materiais, que é o que interessa neste mundo materialista, o governo decide com exclusividade.

Mesmo quando isso representa prejuízo da integridade física de um dos membros da sociedade.

Uma pessoa é assassinada. O culpado é encontrado, julgado e condenado. Pega trinta anos de cadeia. Se uma pessoa comete 10 assassinatos, pega trezentos anos de cadeia, porém cumpre não mais que trinta. São três anos por cada assassinato. Se dez pessoas juntas cometem um assassinato, cada uma delas pega trinta anos de cadeia? Seriam trezentos anos de reclusão por um assassinato. Numericamente poderíamos ter como punição de um assassinato a reclusão de 3 a 300 anos. Existe lógica nisto?

Até o famoso olho por olho, dente por dente não funciona.

No julgamento dos assassinatos de Eldorado dos Carajás dezenove morreram, três foram condenados, média de 6,3 mortes por responsável. É justo? Aqueles que puxaram o gatilho, os cento e vinte Policiais Militares, foram absolvidos.

Se fossem condenados seriam cento e vinte e três condenações por dezenove mortes. Média de 6,5 condenados por morte. É justo?

E se cem pessoas cometessem um assassinato todas seriam punidas? Ou nenhuma?

Ou é escolhido entre as cem, uma para pagar pelo crime?

Claro, tudo isto está previsto em lei, ela não deve ser omissa a respeito.

Bem ou mal, segue-se a lei.

Mas a idéia real de justiça, e a justiça, assim como vista pelo cidadão comum, como fica? Não é estranho que um sentimento tão puro, como o de justiça, tenha falhas tão grandes?

Curioso é ainda que, fala-se em justiça acima de tudo, mas pode-se observar na prática que, antes disso, muitas coisas acontecem antes dela ser efetivada. A justiça não é única, imutável, onipotente, como a maioria pensa e gostaria que fosse.

Uma justiça que não é reclamada, não acontece.

Uma justiça conduzida incorretamente, não acontece.

Uma justiça em que a autoridade da justiça é desrespeitada, não acontece.

Uma justiça onde não é encontrado o culpado, não acontece.

Uma justiça onde o criminoso é foragido ou o culpado não tem como indenizar a vítima, não acontece.

Uma justiça contra governantes com imunidade parlamentar, ou contra pessoas poderosas e influentes, não acontece.

Uma justiça que vai contra os interesses do FMI, não acontece.

Além de tudo isso, não é igual para todos.

Uma morte violenta, evidentemente um crime, sem suspeitos e sem testemunhas pode seguir dois caminhos.

Sendo um "joão ninguém" o corpo é recolhido ao necrotério legal e enterrado após três dias, quando não identificado. Morre o assunto.

Quando a pessoa é conhecida, da classe média, o tratamento é completamente diferente. Dezenas de policiais e varias delegacias investigam o caso. O noticiário explode com todo o vigor em seus comentários. A Polícia Técnica trabalha com empenho máximo. Viaturas, combustível, verbas e pessoal não são problemas.

O caso provavelmente será elucidado e a justiça será feita. Nem que tenham que inventar um culpado.

Estamos tão acostumados a esse tratamento diferenciado que achamos natural que assim seja.

Se pensarmos no quantos crimes e contravenções acontecem diariamente e quantos chegam a condenação, certamente concluiremos que a justiça inexiste totalmente. Apenas um ou outro caso é levado aos tribunais.

É uma espécie de bingo as avessas. O ganhador perde.

Mas quem sabe, seja bom assim. Com esse cipoal e emaranhado de leis que existem por aí, quem não cometeu diversas contravenções e crimes sem saber ou até mesmo sabendo?

É melhor não ter justiça, do que ter uma justiça falha, incorreta, tendenciosa e parcial. As cadeias já estão lotadíssimas só pelos traficantes que os Estados Unidos manda prender, imaginem o resto.

Quem pode mais, chora menos e vingança pelas próprias mãos, são atos que não necessitam de eufemismo judiciário, ou seja, de uma aparência de legalidade. São executados e ponto final. Justiça seja feita. Terra sem lei.

No próprio berço da liberdade e democracia mundiais, a justiça não é lá essas coisas. Em Los Angeles, quatro policiais brancos, espancaram violentamente, um negro. Isto foi filmado e divulgado. Os policiais, julgados, foram considerados inocentes. A comunidade negra revoltou-se, enormemente, com este resultado. Incendiaram e destruíram parte da cidade.

A justiça reconsiderou então o julgamento, e condenou os quatro policiais a penas variadas. Como é possível isso? Que justiça é essa, que é alterada, por motivos externos? Se eles eram inocentes, como passaram a ser culpados?

Qual a quantidade de incêndios, necessária para esta alteração?

O crime mais comum na atualidade, pelo que se conclui dos noticiários é o que está relacionado a drogas, ilegais é claro. As legais estão aí para quem quiser e são estas as que mais causam prejuízo para a pessoas.

São estes os que condenam. Pelo menos assim são as aparências.

13 - xxx Os vícios e o governo

Quem fuma intensamente e tentou parar, com todas as suas forças, sabe o quanto isto é difícil. Pode ser que para alguns seja mais fácil mas, para a maioria, não é. Muitos fazem algumas tentativas e desistem. Morrem fumando. Ou morrem porque fumam.

Que o cigarro faz mal, também não existe dúvida, hoje, na atualidade, mas não há cinqüenta ou mais anos atrás. Naquela época nem sequer cogitava-se em divulgar que o cigarro fazia mal. Era sabido pelos médicos apenas. Mas eles próprios fumavam. Todos os filmes incentivavam o uso de cigarros, assim como o uso do álcool.

Humprey Bogart sem cigarro na boca e sem um copo na mão era impensável. Centenas de milhões viciaram-se no álcool e no fumo.

Poucos fumam moderadamente e não se submetem ao vício. A maioria fuma até o limite de sua capacidade. E tem ainda os que não fumam nada.

Qualquer vício, de um modo geral, é uma coisa pessoal e individual. Uns ficam extremamente viciados, para outros é apenas um entretenimento social, um quebra gelo e os demais não querem nem saber de experimentar.

Para evitar os potenciais problemas de qualquer vício o melhor seria nunca experimentar e, melhor ainda, nem sequer ter a chance de experimentar.

Se num país não existem cigarros, ou não é conhecido o que seja, ou não é permitido pela religião e pelos costumes, certamente poucos serão os que fumam.

Em alguns países muçulmanos a bebida alcoólica não existe e a religião a proíbe. Não existem viciados em álcool. Os fieis não experimentam bebidas alcoólicas, por convicção. Nem tem a chance de experimentar.

O problema é que os vícios estão em toda parte, existem centenas de tipos de jogos e centenas, milhares, de substâncias que causam dependência.

É interessante que o jogo cria dependência tanto quanto as substâncias químicas. Até parece que o vício está nas pessoas e não nas drogas.

Existem jogos mais leves e os mais pesados assim como drogas leves e as pesadas. O critério deveria ser o indivíduo. A pessoa. Nada mais.

Leves são os jogos e drogas que prejudicam pouco o indivíduo e pesadas quando o prejuízo ao indivíduo é grande.

Todo e qualquer tipo de jogo ou droga, leve ou pesada, deveria ter impedido a sua divulgação e o incentivo ao seu uso. As leves porém não deveriam ser proibidas.

As drogas e jogos pesados, estes sim tem que ser proibidos e reprimidos.

O governo não pode usar outros critérios. Se o fizer fica desmoralizado como mediador de um problema social.

Mas o que acontece?

O jogo do bicho é criminoso e ilegal porque não gera impostos, porém, as loterias, lotos etc., jogos de mesma qualidade, geram impostos, são permitidos e incentivados.

As premiações, sorteios, alastram-se de modo alarmante em todos os tipos de atividades. Imobiliárias, casas de materiais de construção, bancos, consórcios, financeiras, programas de televisão, lojas, supermercados, títulos de capitalização todos eles usam como argumento de venda os prêmios e sorteios ou até tem como atividade exclusiva o jogo pura e simplesmente.

Bingos e caça-níqueis infestam as cidades. E a tudo isso o governo fecha os olhos. Preocupa-se muito raramente em verificar se estão legalizadas ou se impostos estão sendo recolhidos, mas não estão nem aí, se os sorteios são fraudulentos, ou se os consumidores estão sendo totalmente enganados ou apenas um pouco. Enganados todos eles são. Ninguém banca um jogo, premiação ou sorteio para perder dinheiro.

O governo confia no Sílvio Santos e todos outros apresentadores simpáticos que existem por aí. Acreditam piamente que eles sejam honestos por natureza. O jogador se quiser que verifique o quanto está sendo roubado, o governo não tem nada a ver com isto.

Os bingos, jogo pesado, foi criado porque representa uma renda em impostos. O governo não tem a mínima preocupação com as milhares de pessoas, principalmente mulheres, que se viciaram desde que este jogo foi legalizado. Não é questão de moral, ética ou de costumes, é de simples sobrevivência.

Diante deles os bingos de igreja são brinquedos de criança. A propaganda é livre e irrestrita. Ao próprio governo não está tendo utilidade pois a sonegação é enorme. A fiscalização não existe, ou não quer. Qualquer um pode verificar isto.

A bebida alcoólica representa um prejuízo enorme para o indivíduo, sua família e para a sociedade, mais talvez do que todas as outras drogas juntas, porém o governo faz e sempre fez vistas grossas, porque é tradição, representam impostos, existem interesses comerciais nacionais e multinacionais.

Só se algum país do Primeiro Mundo tomar alguma providência contra este vício os legisladores brasileiros tomarão providências, coincidentemente idênticas.

Com grande alarde o governo iniciou uma campanha, elogiável se não fosse simples imitação, cópia fiel, da campanha que outros países vem fazendo em relação ao cigarro. Copiam com tanta fidelidade que provavelmente tenham que pagar direitos autorais sobre as idéias. O que não é de duvidar que façam.

Apesar de tudo, é muito bom. É melhor para a sociedade. Alguma coisa está sendo feita por ela. Sofrem os fumantes inveterados. Foram induzidos e incentivados a fumar e agora são discriminados, devem parar, mas não conseguem. Mas, mesmo assim, é bom.

As drogas ilegais, o seu combate iniciou tão somente quando os Estados Unidos ordenaram aos políticos e militares brasileiros, que o fizessem. E, coincidência ou não, o tráfico e consumo de drogas no Brasil explodiu desde então. De um problema insignificante, desconhecido (pelo menos no noticiário), passou a ser o maior problema brasileiro, fora o FMI.

Difícil explicar porque, mas pode ser que a constante divulgação seja incentivo para sua utilização, mesmo que essa divulgação seja sempre no sentido de condenar o seu uso.

Aparentemente a ignorância de um assunto é melhor do que o conhecimento de que este assunto é ruim.

Mostrar na televisão que pichação é feio, proibido, arriscado etc. certamente mexerá com a adrenalina de muitos jovens, que se sentirão desafiados. Quando, certa vez, um rapaz jogou ácido na namorada, isto foi amplamente divulgado. Imediatamente surgiram muitos outros casos idênticos.

A televisão não dá exemplo para coisas boas.

No caso das drogas o motivo deve ser também a desesperança, o desemprego, a falta de futuro. Isso leva as pessoas a buscar refúgio na bebida e nas drogas, sendo as drogas também, alternativa de emprego.

Quem está bem empregado, tem menos tempo para drogar-se, quem está bem empregado não trafica. Poucas são as exceções.

Com todas estas atitudes em relação ao vício, o governo mostra claramente que o que lhe interessa são os impostos e atender ao que os Estados Unidos ordenam, não estando nem um pouco preocupados com o povo, seu bem estar e se eles se viciam ou não.

Com isso equiparam-se aos traficantes, que também não se importam, se as pessoas se viciam ou não, pensando exclusivamente no dinheiro.

Até mais que isso, muitos governantes, empresários e políticos são apenas traficantes elitizados, que tem a seu dispor a máquina governamental como, as vezes, um escândalo ou outro tem demonstrado. É mais que evidente que o tráfico de drogas nas favelas é apenas a ponta do iceberg de um tráfico muitíssimo mais abrangente. Favelado tem pouco dinheiro, compra pouca droga.

Deste modo o tráfico nas favelas encara o governo apenas como um concorrente, de igual para igual. Se os policiais entram nas favelas, estas estão apenas sendo invadidos por concorrentes do tráfico. Os policiais atiram, eles também atiram. É a luta por território. Nada mais.

Por vezes traficantes, em retaliação a uma atividade policial qualquer, decretam um "toque de recolher", um feriado forçado, em pleno dia de semana. Loja nenhuma da região, ousa desobedecer. Todos cerram as portas.

Isto é mostrado nos noticiários.

A polícia então, em quantidade, desloca-se para o local e tenta convencer os comerciantes para abrirem suas lojas. Dizem que podem ficar tranqüilos. Só que eles não acreditam.

Eles sabem que amanhã e nos dias seguintes, nenhum policial estará por perto, quando necessitarem de proteção. A experiência que eles tem, é justamente essa. A polícia não protege, não previne, não existe. Acreditam mais na ação dos traficantes que na ação dos policiais.

Não existem critérios definidos e uniformes quantos aos vícios. Uns jogos são permitidos, outros não. Umas drogas são permitidas outras não. Nem saber quando uma pessoa está viciada é fácil. Todas elas afirmam que não estão viciadas e que podem largar assim que desejarem. São pelos critérios dos outros que as pessoas são consideradas viciadas ou não. Assim como os loucos são definidos pelos que não são loucos.

Certa vez num programa de televisão, uma senhora, mãe e avó, defendia suas idas freqüentes ao bingo. A filha a acusava de gastar todo o dinheiro da pensão, ausentando-se muito de casa e fazendo até empréstimos para poder jogar. Pelo critério da filha, que aparentemente era separada e morava com a mãe, ela era viciada e teria que largar o vício.

Pode até ser verdade. Mas se olharmos de outro modo, será que o motivo também não poderia ser apenas que o dinheiro gasto no bingo, seria melhor empregado no lar, facilitando assim a vida da filha, que, além disso, não podia sair à noite pois a avó estava sempre no bingo e não ficava em casa, para cuidar do neto?

A avó estava apenas fazendo o que gostava e a que tinha todo direito. Ao ir ao bingo, nos divertimos, gastamos em algo inútil e somos roubados.

Ao ir a uma discoteca, comprar um som, uma guloseima ou um carro, nos divertimos, gastamos em algo inútil e somos roubados.

O que é mais certo?

Se o vício é caracterizado por prejuízo a saúde, risco à vida, desperdício de dinheiro, prejuízo à família, sociedade etc. então o rico vicia-se menos que o pobre. Seu limite é muito maior. Demora mais a chegar lá. O pobre é preso, morre ou é morto imediatamente, o rico demora muito mais.

Apesar de tudo isso e de todas as dificuldades de definir o vício, ele existe e é muito prejudicial a muitas pessoas. O governo tem por obrigação, equacionar e resolver este problema encarando-o como social e não simplesmente como problema econômico. Deve verificar o quanto cada vício causa de prejuízo ao indivíduo e deve combatê-lo, na mesma proporção, exatamente, sem outros critérios.

Tem que deixar de ser egoísta e norte-americanista. Uma vez que seja. Ele deve isto ao povo brasileiro.

No combate aos vícios as religiões tem uma efetividade muito grande pois, o fiel é convencido a abster-se do vício. É muito mais eficiente do que a proibição e repressão simplesmente. Os traficantes vêem seus "fieis" migrar para a religiosidade e tem que se conformar. Estão "perdidos" para sempre.

Só matando. As vezes até o fazem.

Na Bolívia, Colômbia e outros países, já há milhares de anos os índios mascam a folha de coca, um leve estimulante, inofensivo, assim como o chá ou café. Nada mais que isso.

Aí vem o branco e descobre que tratando a coca com querosene, éter e ácido sulfúrico ela transforma-se em cocaína, crack etc. drogas extremamente perigosas. Viciam-se. Criaram um problema enorme que antes não existia.

Devem agora resolvê-lo.

Querem então que estes países deixem de cultivar a coca, porque isto os prejudica. Não só querem como provocam guerras, revoluções e repressões, para que isto aconteça. Simples não é?

A culpa não é dos que se viciaram. São uns coitados, tem que ser tratados. A culpa é dos plantadores de coca, de tradição milenar, estes sim, tem que ser erradicados junto com suas plantações. Além disso são índios, motivo suficiente para que seja erradicados, mais do que já foram.

Por que o Primeiro Mundo não se concentra em resolver seu problema de drogas, internamente, coibindo o vício e tráfico dentro do seu próprio país? Quem não quer drogas, não compra.

Simplesmente empurram o problema, para que o Terceiro Mundo o resolva. E é justamente o Terceiro Mundo, que menos ganha com o tráfico e a produção de drogas.

Os brancos já fizeram o contrário, os índios tomavam em suas festas uma bebida levemente alcoólica, fermentadas de milho, mandioca e outros. Também, tradição milenar. Apesar de beberem quantidades enormes e ficarem bêbados nunca ocorriam brigas ou mortes, sua sociedade não tinha prejuízo nenhum com isso. Veio então o branco e mostrou-lhes algo muito melhor, a bebida destilada. Os índios degradaram-se. Viciaram-se. Intencionalmente lhes era fornecido rum pelos espanhóis, whisky pelos ingleses, aguardente pelos portugueses etc. em troca de seus bens, serviços e terras.

Que pensariam os brancos se os índios exigissem que eles deixassem de plantar centeio, cevada, cana de açúcar etc. e parassem de produzir bebidas destiladas pois isso os estava prejudicando?

Milhares de brasileiros morrem por tiros de armas que são fabricadas nos Estados Unidos, Israel e outros mais, como também no próprio Brasil. Não existe dúvida quanto a isto. Por que não exigimos que esses países parem de produzir estas armas que tanto nos prejudicam?

Quem sabe a morte por drogas é mais "suja" que a por arma de fogo, esta mais bonita, instantânea e portanto só aquela deve ser combatida.

É só ver a filosofia transmitida por centenas de filmes policiais norte-americanos, média de cem mortes por filme, incluindo explosões, tiros, bazookas etc., todas elas mortes "limpas" e bonitas.

Na época em que a Índia era colônia da Inglaterra, muitos ingleses eram proprietários de terras com plantações de papoula e produziam ópio. O mesmo era comercializado, principalmente com a China. Os governantes chineses vendo crescer assustadoramente o vício, dentro de suas fronteiras, começaram a coibir a importação do produto, proveniente principalmente da Índia.

Os ingleses viram-se prejudicados em seu comércio e ofendidos, em sua soberania mundial e declararam guerra à China.

Este episódio ficou conhecido como "Guerra do Ópio".

O poderio militar da Inglaterra era muitíssimo maior do que a da China na época. A China perde e é obrigada a abrir completamente suas fronteiras para o comércio do ópio, além de outras concessões.

Pelo menos vinte milhões de chineses viciaram-se no ópio. Até hoje o ópio é um problema enorme na China, resultado da arrogância e do mercantilismo inglês.

Mas isto qualquer brasileiro sabe, pois vemos seguidamente no Discovery Channel, TV Globo, CNN e na BBC, não é verdade?

Os países que produzem drogas, poderiam até consultar a Inglaterra, para saber como se faz para vende-las, para um país relutante em adquiri-la.

Nada como quem tem experiência.

Mas os ingleses não são exclusivamente ruins.

A certa altura do escravismo, os ingleses empunharam a bandeira dos negros, pobres e oprimidos. Veja só, justamente eles, que eram um dos mais ferrenhos escravizadores, no mundo de então. Proibiram, em todo o seu Império, a utilização de escravos.

Muito mais que isso, forçavam os demais países que se contrapunham a essa decisão, para que abolissem a escravatura, entre eles também o Brasil. Mais que isso ainda, combatiam com armas e canhões, diretamente o tráfico de escravos que ainda existia, mesmo que isso resultasse em encrencas internacionais. Uma delas o episódio "Cormorant" na baía de Paranaguá, no Paraná, sem consequências, a não ser para a já tão chamuscada soberania nacional. Queimaram três navios negreiros em águas brasileiras. Era permitido, segundo as leis inglesas (válidas naturalmente, no mundo inteiro). Alguns brasileiros, corajosos, atiraram então com os canhões da Ilha do Mel, mas o "Cormorant" não foi atingido. Estava muito longe. Fim do incidente.

O homem deve ter sua liberdade garantida, era a opinião do ingleses. O destino do homem não é o trabalho braçal e escravo.

Altruísmo acima de tudo.

O trabalho rotineiro e pesado deve, isso sim, ser feito por máquinas de tecelagem, a vapor etc. que, coincidentemente, os ingleses estavam fabricando. Eles podiam produzir e vender. É só comprar deles.

Mas e aqueles produtos, que dependiam apenas de mão de obra, aqueles que máquina nenhuma podia produzir? Como ficam?

Não tem problema. Os ingleses tinham á sua disposição, meio bilhão de escravos indianos, perdão, homens livres indianos. Todos eles a seu serviço. É só comprar deles.

Monopólio acima de tudo.

É claro que coibindo a escravidão eles fizeram um enorme bem para a sociedade. Nunca pode isso, ser negado. Os motivos foram porém, nada humanitários.

É o que acontece com o combate às drogas provocada pelos Estados Unidos. Promovem um caos enorme no Brasil, Colômbia, Bolívia, Paraguai e muitos outros países, um desastre social. Tudo em função de sua exigência de combate às drogas. Tem que ser prioridade. Fome, saúde, educação nada disso interessa. As drogas não podem chegar aos Estados Unidos, isto sim é importante.

É claro que combater drogas é bom. Porém o fazem por motivos torpes, egoístas. Pensam em si, nem que para isso tenham que destruir os outros.

O futuro ainda os sacramentará como benfeitores da humanidade. Com prêmio Nobel e tudo. Quem quer apostar?

Na verdade, combater as drogas aumenta seu preço, decuplica, pelo menos. Corruptos e entidades financeiras é claro, com seu "dinheiro é dinheiro", não querem nem saber. Fazem as transações do tráfico, sem pestanejar. Para eles a proibição é ótima. O verdadeiro lucro acaba sendo de multinacionais, conceituadas, no final das contas!

Já por isso, nunca deixarão de existir as drogas, nem o combate a elas. Apesar do alarde que é feito, a aparente moralidade. O motivo é econômico!

Como na Guerra do Ópio. Só que ao contrário.

Com tudo isso o Brasil deveria mandar o Primeiro Mundo, às favas, com os seus pseudo problemas e preocupar-se exclusivamente em tornar este país grande, soberano, justo, honesto e respeitador da natureza.

Chega de subserviência. Chega de "panos quentes". Liberdade!

Isto só será alcançado de uma única maneira: Pelo confronto.

Pacificamente, no bate papo, nunca. Quinhentos anos são testemunha.

Os Estados Unidos foi aceito no mundo dos fortes apenas porque ele confrontou a Inglaterra. De igual para igual. Um confronto como a Argentina fez nas Malvinas, suicida, sem recursos militares, apenas com muita coragem, não é suficiente. Tem que ser de igual para igual. O país mais forte tem que saber que está enfrentando um inimigo perigoso.

Depois ele será tratado de igual para igual. Será aceito no clube.

Aconteceu com os Estados Unidos.

Num país poderoso, a certeza da invencibilidade, o poderio militar e tecnológico, a riqueza, o conforto, a opulência, a vida fácil, acabam tornando os homens menos dispostos a uma luta corpo a corpo, ficam covardes.

É natural que seja assim. Isso ficou muito bem demonstrado no Vietnã.

Morreram milhões de vietnamitas. Os poucos soldados norte-americanos que para lá foram, saíram do seu conforto, da sua opulência, para lutar por uma causa em que não acreditavam. Drogaram-se, viciaram-se. Não foram doutrinados o suficiente, nem poderiam. Foi um desastre total.

Os Estados Unidos dificilmente vão fazer isso novamente. Jogarão milhões de bombas, mísseis, robôs, teleguiados, aviões não tripulados, armas químicas, biológicas, nucleares etc., tudo pela "Liberdade Duradoura", mas não mandarão mais para a luta, um soldado sequer, existindo possibilidade que ele morra.

Os norte-americanos não se importam com a morte, não ligam muito para ela, gostam até, desde que seja a dos outros!

Seu governo poderá convocar a ONU, OTAN, OEA, forças de segurança, forças de paz etc. e gastar bilhões em intrigas e conluios para instigar e criar aliados que lutem e morram em seu lugar, mas não mandará mais nenhum norte-americano para a morte.

Se, mesmo assim, algum deles morrer, terá que ser em troca de milhares de vidas (civis ou militares) da parte contrária. Aí então, aplacadas a sua sede de sangue e vingança, aceitarão a morte deste "herói denodado" e "mártir".

Os norte-americanos não tem motivação para lutar, desesperadamente, por uma causa. Lutam por mais poder e mais dinheiro. Seus soldados não querem morrer por isso.

Escondem-se então atrás da tecnologia. Apertam botões a milhares de quilômetros de distância.

Quando um país não cede aos propósitos norte-americanos ele é embargado, por anos a fio. O mundo e a ONU obedecem cegamente, embargando também. O país enfraquece, torna-se miserável. Se isto não resolve, ele deve ser invadido.

Pela espionagem certificam-se de sua debilidade e da impossibilidade de reação do povo que desejam massacrar. Fazem isso com muito cuidado, precisão e tecnologia de ponta, para não entrarem no "conto do Vietnã" novamente. Com esta certeza em mãos, montam uma opinião mundial falando em "terrorismo", "democracia" e "liberdade", exaustivamente. Estendem aos demais países seus tentáculos diplomáticos, de ameaças de retaliações e insistem nos convênios e acordos que os forçaram a assinar. Com estes aliados, numa supremacia de mil para um, invadem. Não tem como errar!

Ficaram covardes.

Heroísmo e coragem só do Rambo, Bradock e Schwarzenegger, nos filmes.

Farão guerra sim, quando tiverem certeza que irão esmagar, sem piedade, o oponente e não irão sofrer uma baixa sequer. Aí serão valentes.

Cuidem-se países fracos, com qualquer coisa que possa ser cobiçada pelos norte-americanos, ingleses ou israelenses.

Cuidem-se até, países ricos e fortes. Se desejam paz armem-se para a guerra, se desejam guerra, armem-se para a guerra!

Felizes os que não tem nada.

Morrerão de inanição mas, pelo menos, deles será o Reino dos Céus.

No Afeganistão ficou bem claro o "modus operandi" dos norte-americanos. Os aliados dos Estados Unidos lutaram, os aliados morreram. Intimaram o mundo a colaborar, não permitiram neutralidade. "Quem não está conosco está contra nós" disse Bush, irracional dicotomia.

Derramaram seu poderio militar, não sobre Osama Bin Laden que escolheram, arbitrariamente, como inimigo, mas sobre os afeganes: "Matando bastante afeganes eles acabam entregando Osama Bin Laden". Raciocínio de criminosos hediondos. "Poderemos então esquartejá-lo conforme é o desejo de 96% do povo norte-americano".

Morreram apenas um ou dois soldados norte-americanos. Em acidente, não lutando.

Os Estados Unidos enlutaram por estes "heróis".

Para lidar com covardes, o corpo a corpo é a única forma, o olho no olho, o confronto, interno, a guerrilha. Como os norte-americanos gostam de falar: "O terror". Contra isso pouco adiantam porta aviões, supersônicos invisíveis ao radar e escudo de mísseis. A guerra mudou seu estilo. Chê Guevara que o diga. As armas não devem ser enfrentadas e sim contornadas.

Covardes devem ser impedidos de utilizar as armas mortíferas que desenvolveram e que os tornam corajosos e arrogantes. Eles tem que ser enfrentados despojados delas, em suas casas, em sua pátria, onde sabem-se em segurança!

Terão que mostrar então, o quanto valem!

É só prevenir-se das perigosas ferramentas de "inteligência", especialidades dos israelenses, ingleses e norte-americanos. Suas torturas, corrupções, subornos, calúnias, intrigas e opressão desmantelam qualquer ideologia, real ou imaginada, em pouco tempo.

É necessário também burlar o esquema de segurança e as leis cada vez mais opressivas da liberdade nestes países em que tanto se fala de direitos, liberdade e democracia.

Eles tem que ser minados pela base. Sua coragem pessoal tem que ser colocada à prova!

Para iniciar, eles deveriam ser menos ricos.

Estariam então, mais voltados para necessidades imediatas, sobrevivência, o pão de cada dia etc., como o resto do mundo. Teriam assim menos para gastar com futilidades, armas, guerras etc. e menos tempo para oprimir a humanidade.

Como conseguir isso?

Por que o mundo inteiro não boicotam estes países que se consideram (e são) os donos da Terra? Não os governos. Estes são impotentes para enfrentar as pressões e retaliações, mas o povo.

Todos os povos!

Simplesmente deixar de comprar seus produtos, tudo! Investigar bem a origem e escolher similares nacionais genuínos ou de outros países, também genuínos, só isso. Fazer isso conscientemente, sempre. Boicotar todas as atividades que beneficiam direta ou indiretamente estes três países. Evitar trabalhar, direta ou indiretamente, para eles. Os que lá se encontram devem voltar aos seu países de origem e deixar que eles mesmo limpem suas privadas e que eles mesmos façam suas pesquisas científicas e tecnológicas. Voltar às origens, culturalmente e intelectualmente, cada povo revivendo sua vida e seus costumes. Cada um sendo verdadeiramente patriota. Paulatinamente. Sem pressa. Mas sempre.

Coca-Cola e BigMac não são alimentos. São um estilo de vida.

E isso pode ser mudado!

Sem alarde, sem violência, sem demonstrações, sem passeatas. São por demais desgastantes para quem as pratica e a efetividade é muito pequena. Visam apenas, mostrar insatisfação. São só barulho e cenário, escuta e vê quem quer. Entra por um ouvido e sai pelo outro.

Porém, atingir o bolso, dói em qualquer um. Principalmente nos que tem muito.

Nada de Mahatma Gandhi, longe disso, apenas repudiar os produtos e a cultura.

Sem líder que possa ser caçado, preso, morto ou corrompido.

Um ponto de vista. De todos.

Certamente o mais difícil vai ser deixar de assistir na televisão os programas permeados de cultivo e enaltecimento a esses três países. Teria que ficar desligada. Quem agüentaria isso?

Fantasiosa essa idéia toda?

Pode ser. Mas existe algo melhor?

É uma solução simples e complexa, simultaneamente.

Em alguns povos a incidência de AIDS é muito reduzida. Por que? A vida sexual é restrita ao casamento. Em outros praticamente inexiste alcoolismo. Por que? A religião não permite. Em outros ainda acidentes automobilísticos são raros. Por que? Quase não tem automóveis.

Então, afinal de contas as coisas não são tão impossíveis assim.

É uma questão de comportamento.

Para combater AIDS, tabagismo e dengue o brasileiro sabe que deve mudar seus hábitos. Qualquer um sabe disto. Ou sofreremos.

Para combater a hegemonia mundial temos que mudar nossa atitude, comportamento, hábitos e cultura. Ou sofreremos.

Existem países e governantes que lutam e morrem por seus ideais, convicções, patrimônio e riquezas. E existe o Brasil.

Os muçulmanos lutam até ao suicídio. O Brasil entrega de graça ou, mais que isso, paga para que levem embora.

É uma questão de atitude.

É claro que esta situação é muito melhor para os norte-americanos. Receber de graça, sem gastar nada. Só um pouquinho da "American way of life" mostrada nas televisões resolveu este problema, pelo jeito, definitivamente.

Parece até que nunca, em tempo algum, a hegemonia mundial terá necessidade de temer os brasileiros e sua soberania. Se, pois, até na Escola Superior de Guerra, criada por Dutra, de orientação norte-americana, existem (ou existiam) instrutores norte-americanos? Pagos pelos brasileiros!

Vejam só, a defesa nacional a cargo do "Tio Sam"!

Não admira o caminho tomado pelos anos de chumbo. Não tinha como ser diferente.

Entretanto, isso pode ser mudado.

O Brasil só sairá da pior em está, se mostrar os dentes, não para sorrir, mas para morder. Se é que ainda pode. Provavelmente é tarde. Já era.

Mas mesmo que fosse possível, seria apenas mais um conflito. Seja qual for o resultado, o saldo será o de sempre: Cadáveres, destruição e miséria.

Não pode ser desta maneira. Afinal o homem é ou não um ser racional?

A razão não deve prevalecer sobre a intuição e a emoção?

A História nunca mostrou isso. Sempre foi diferente.

Mas, quem sabe, pelo menos uma vez?

Ainda existe esperança. Um milagre talvez.

14 - xxx A nova arma

Uma das grandes forças mundiais da atualidade, não são os Estados Unidos, G8, países do Primeiro Mundo, bombas H, mísseis Cruiser, perigo amarelo, nada disso.

Talvez a arma mais poderosa já fabricada pelo homem, a mais assustadora, terrível e avassaladora que existe até hoje, seja a televisão. O ópio do povo.

Pior que a bomba H, que destrói tudo, pior que a bomba de neutrons, que destrói seres vivos e deixa edificações intactas.

A televisão deixa vivo o homem. Mata porém seu intelecto.

O cinema, rádio, jornais e revistas, é claro, também são muito poderosos, mas em menor grau. O brasileiro assiste televisão e ponto final. A televisão é muito mais abrangente e completa, mostra tudo que os outros apresentam, filmes, notícias etc. e é muito mais atraente e cativante. Todos os lares tem, todos assistem, todos os dias, sem exceções, no mundo inteiro. Todos absorvem, avidamente as idéias que apresentam. Em curtíssimo prazo estas idéias são assimiladas, entram no sangue e fazem parte da pessoa e da cultura. O que os olhos vêem na televisão, o coração sente e a cabeça pensa. Ela põe e depõe governantes.

Num estalar de dedos, muda ou forma a opinião mundial sobre qualquer assunto.

Quem controla a televisão controla o mundo.

Os israelitas sabem disso e os israelitas fazem isso.

Esse controle é mundial e único. Sem concorrência. Podemos concluir isto facilmente, pois as televisões são exatamente iguais, no mundo inteiro.

Os programas, todos eles, são semelhantes, as notícias, todas elas, parecidas.

Até os apresentadores tem o mesmo rosto, as mesmas expressões, a mesma maquiagem, fazem os mesmos gestos, todos iguais, parecem até que estudaram na mesma escola e fizeram os mesmos cursos.

Não importa se os povos são diferentes e os costumes variados, as televisões transmitem apenas um único ideal a ser seguido por todos: Aparência, modo de vestir, alimentação, lazer, objetivo de vida, comportamento, consumismo, tudo é transmitido por igual, no mundo inteiro.

Assim como, periodicamente, o G8 se reúne, para decidir sobre o mundo e o mundo fica à parte das decisões, deve existir uma reunião periódica dos lideres das redes de televisões, que decidem sobre o G8 e o G8 fica à parte das decisões.

O cartel dos cartéis. Capo di tutti capi.

A televisão é tão importante para influenciar pessoas que é inacreditável que os governos a tratem como uma empresa qualquer e a cedam a particulares, para que se utilizem dela, como bem entenderem.

Os que comandam a televisão são os que mandam, não os governos.

O que for mostrado na televisão existe, o que não é mostrado, não existe.

O que a televisão determina vale, o resto é inválido.

Lembro quando, no Fantástico, da TV Globo, em um bloco típico deste programa, era apresentado uma criancinha, coitadinha, que precisava de um transplante de fígado, ou algo parecido, se não iria morrer em breve. Os pais, é claro, não tinham os recursos para esta intervenção, feita somente em determinado hospital, nos Estados Unidos. Choros e lágrimas de tristeza.

Na semana seguinte a informação no Fantástico: O Ministro Arcoverde determinou que o INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), hoje SUS, pagasse todas as despesas da intervenção cirúrgica nos Estados Unidos, viagem e estadia, inclusive para um acompanhante.

Choros e lágrimas de alegria.

Todos na televisão choram, todos os telespectadores choram. Até os pais de outras criancinhas com doenças fatais, choram. Seus filhos vão morrer. Não tiveram a felicidade de um Fantástico em suas vidas.

As contravenções e crimes, mostradas com estardalhaço na televisão, sempre são alvo de todas as atenções das autoridades. Dedicam-se muito mais a eles do que aos que são ignorados pelos noticiários.

É, a televisão move e remove montanhas.

A televisão é um atrativo tão grande que, estando ligada, todas as conversas e afazeres são interrompidos, todos se voltam para prestar atenção no que está sendo transmitido. A visão e a audição são afetadas, som e imagem juntos, imbatível. Quase cem por cento de nossos sentidos são solicitados.

Não tem como fugir a isso. É involuntário.

Porém o atrativo que a televisão tem é devido à forma e não ao conteúdo. O que atrai, é o como está sendo mostrado, cores, movimentos, sons, música, modo de falar e não o assunto que é apresentado. O conteúdo é de importância secundária, para fixar a atenção.

E é fácil assistir televisão. As imagens e o som são preparados com cuidado, você não tem que "digerir" nada, nem pensar, nem imaginar, já está tudo pronto. A história apresentada é completa. Nada do que é mostrado fica no ar, é duvidoso ou induz à reflexão. Você não interpreta nada, não julga nada.

Entra direto no cérebro, exatamente como foi previsto. E ninguém está imune a isso. Só os pouquíssimos felizardos que não tem energia elétrica em suas casas. Estes sim conversam, comentam causos, pensam, contam histórias, vivem.

Não viraram zumbis. Seus pensamentos não foram globalizados.

Quem sabe até a igreja católica não perderia tantos fieis se utilizasse mais intensivamente a televisão, como as outras o fazem?

Evidentemente a televisão tem uma influência enorme sobre as pessoas. Se assim não fosse ninguém gastaria seus preciosos Reais e dólares fazendo propaganda neste meio de exploração, perdão, comunicação.

Por outro lado, a bem da "democracia" não pode haver censura.

Fica assim ao critério de não sabe-se quem, a ética, a verdade e a moralidade dos assuntos apresentados.

Antigamente havia um consenso: O "bandido" era mau, o "mocinho" bom, a honestidade e o amor venciam sempre. O "Happy End" encerrava o caso. Mesmo assim, para que a legalidade saísse vitoriosa, sempre mas sempre mesmo, era necessário violência. O "mocinho" não gostava, evitava ao máximo é claro, mas no final era sempre a violência que acabava resolvendo os problemas. Um mal necessário. O fim justifica os meios. Como na Inquisição da Idade Média.

Desde pequenos nos foi transmitido essa mensagem: Estando dentro da legalidade temos que usar violência. Fora dela lógico, nem se discute.

Não é assim que temos que, compulsoriamente atuar?

Temos tanta escolha em não fazê-lo, quanto temos em não comprar os produtos anunciados.

Somos violentos porque a televisão nos ensina isso!

Aí vão dizer que não. Vão dizer que, apesar de violência ser mostrada na televisão, as pessoas de bem sabem o que é certo e o que é errado. E atuarão de acordo.

Será?

Deus permitiu aos homens decidirem sobre o bem e o mal e o mundo virou um inferno!

Muitas pessoas de bem sabem que propaganda não é informação, não é simplesmente um comunicado sobre as característica de um produto e sim na maioria das vezes mentira deslavada. Compram assim mesmo. Martelada mil vezes atordoam, o raciocínio é desligado!

Crianças de cinco anos são gente de bem? Ou são mentalidades em formação? Adolescentes, na irreverência característica de suas idades, são gente de bem?

Quando eu era pequeno não existia televisão. Pode ser apenas extraordinária coincidência mas naquela época era impensável assaltos à mão armada, assassinatos e roubo a bancos. Os psicólogos defensores da "liberdade de expressão", expliquem isso.

(Confesso que este argumento que usei agora é desonesto. É claro que podem existir dezenas de motivos da violência ter aumentado e a televisão seja apenas um deles).

Com o correr do tempo o chavão "mocinho/bandido" encheu. Não estava mais vendendo produtos. Mudaram então, diversificaram. A violência passou a ser usada pela legalidade sem escrúpulos. Batiam primeiro, não interessava se com ou sem razão. A vingança passou a ser a motivação principal. Um "partner" morto era vingado pelo parceiro com dezenas de mortes. A quantidade de mortes aumentou de uma ou duas para dezenas, centenas. "Bandidos" as vezes até simpáticos, muitas vezes saíam vencedores. A violência deixou de ter uma ética que a justificasse. Violência sem limites, quanto mais sadismo, mais sofrimento das vítimas, mais produtos vendidos.

É assim que funciona agora.

As crianças e adolescentes "de bem" assistem, impassíveis.

Os psicólogos defensores da "liberdade de expressão" expliquem isso.

Quem já prestou atenção na mediocridade como são feitas as reportagens sobre um assunto qualquer? Falam sobre o acontecimento ou fenômeno. A seguir mostram a opinião de dois ou três transeuntes que corroboram o que foi dito.

Talvez mostrem um que discorde. Entrevistam uma ou duas autoridades, fazem novo comentário e encerram a reportagem.

A "comprovação" da veracidade da reportagem é a opinião dos transeuntes.

Perguntam a seis ou sete. Mostram apenas os dois ou três que interessam. Se quisessem provar o contrário, escolheriam os outros. E dizem-se repórteres.

Certamente existem pessoas que adoram Hitler, Bush, Aiatolá Komeini e Ariel Sharon. Não será difícil também encontrar pessoas que os odeiam. É só escolher.

Assim são feitas as reportagens. Todas elas! No mundo inteiro!

Ética e estatística deveriam ser cadeiras eliminatórias em muitos vestibulares e cursos que existem por aí.

Quando a reportagem é sobre alguma doença qualquer, problema brasileiro ou mundial, apresentam números. É claro que estes números são estimativas.

Perguntam ao médico ou cientista, em que porcentagem a população é afetada.

Ele tem que responder um número qualquer, correto ou "chutado". O repórter então, apresenta, não esta porcentagem (normalmente em torno de 10%), mas sim a quantidade de pessoas afetadas (digamos 18 milhões). Impressiona mais. Parece que foram contadas uma a uma.

O interessante é que, pela quantidade de reportagens que fazem, sobre doenças com 18 milhões de brasileiros portadores, todos nós, obrigatoriamente teríamos que estar sofrendo de, no mínimo, várias doenças graves. Como não é o caso, temos que concluir que existem uns azarados que têm dezenas de doenças simultaneamente. Coitados.

Quando a porcentagem é muito baixa, para não apresentarem números, ridiculamente pequenos, falam em quantidade "por grupo de mil pessoas".

Fica mais bonito e impressiona mais do que, por exemplo: 0,03%. Ridículo.

A televisão, como as notícias em geral devem chamar a atenção. Tem que vender jornais e os produtos anunciados, quanto mais melhor. Por este motivo os casos estranhos, diferentes e exóticos são mostrados preferencialmente. São incrementados em sua espetacularidade. Exagerados e até mentirosos.

Chamam a atenção. Todos lêem, vêem e comentam, compram os jornais e os produtos. Evidentemente não representam um perfil, uma média da sociedade.

Não servem como orientação. As vezes ficamos intimidados com alguma coisa que é mostrada na televisão. Ficamos em alerta. Entretanto o caso mostrado é raro e dificilmente iria acontecer conosco. O contrário também acontece, somos induzidos a acreditar que algo de bom vai nos acontecer quando a probabilidade disto ocorrer é muito pequena. A televisão e as notícias tem qualidade de fofocas apenas, não informam nada.

Vive mais dentro da realidade, fica mais bem informado, quem não vê televisão nem compra jornais.

Devemos procurar saber se parentes, conhecidos e amigos foram roubados, assaltados ou ludibriados e então podemos fazer a nossa estatística sobre criminalidade.

Semelhantemente, qualquer outro assunto.

Assim como fazíamos na pré-história, antes das maravilhosas invenções da escrita e da Internet.

Infelizmente é assim que tem que ser.

Além de influenciar pessoas a televisão tem alguma utilidade? Por exemplo para aqueles que assistem? Lazer, educação etc.?

Resposta simples e direta: Nenhuma, nada em absoluto. Não tem utilidade nenhuma para os telespectadores.

O que serve para um seringueiro, tivesse ele televisão, ver a última moda na Itália, saber se o índice DowJones caiu ou subiu, o valor do Euro, que Osama Bin Laden não foi encontrado, que Ariel Sharon invadiu uma cidade da Palestina, qual a previsão de tempo para o Brasil inteiro, que artista tal morreu em um acidente de carro, que o político tal foi acusado de corrupção, que um terremoto aconteceu em tal lugar, que tantos foram assassinados em tal cidade e em tal período, assistir um filme ou novela tendenciosa, destinada a moldar a sua personalidade, saber o comentário de um técnico de futebol ou, depois que aconteceu, que as chuvas arrastaram casas e mataram pessoas?

Para um seringueiro não adianta nada, mas, pensando bem, para uma pessoa da cidade adianta? Nenhuma dessas informações diz respeito a quem assiste, diretamente, com raríssimas exceções.

Não são todas elas informações sem conteúdo, que só servem para matar tempo e a curiosidade?

Não tem utilidade nenhuma e amanhã já não valem mais nada.

A televisão informa freqüentemente se os aeroportos estão ou não fechados.

Já pensaram, o que interessa, para a grande maioria, que não vai viajar, saber se o aeroporto está, ou não, fechado por causa do mau tempo? E para quem vai viajar, interessa? Deixará ele de ir ao aeroporto só porque a televisão disse que os aviões não estão pousando nem decolando?

A quantos brasileiros interessa saber diariamente, diversas vezes ao dia, em todos os canais, o valor do dólar? Quantos brasileiros tem dólares guardados ou pretendem comprar dólares? E que adianta ficar sabendo que o dólar subiu, depois que isto aconteceu? Seria útil, isso sim, uma informação do tipo: "Depois de amanhã o dólar vai ter uma alta para tal valor". Mas isto não acontece. Este tipo de informação, só para os amigos do Banco Central, os tais do banco Marca e ainda em surdina.

Até as chamadas informações, ditas de utilidade pública, são superficiais e incompletas. Quem ficou bem informado através da televisão sobre cólera, dengue e aranha marrom? Quem sabe exatamente como reconhecer uma aranha marrom, que tipo de teia fazem, como é o aspecto das lesões, quais os sintomas e o que fazer quando picado por ela, como atuar preventivamente e como combatê-la? As reportagens são sensacionalistas, mostram apenas cenas de impacto, são feitas de qualquer jeito, sem objetividade, sem nenhum preparo ou roteiro, por repórteres que, evidentemente, desconhecem o assunto.

Não são dirigidas para ajudar a resolver o problema. O resultado é medíocre e muitas vezes até prejudicial.

Por que tanto é falado sobre acordos com o FMI mas não é dito uma só palavra sobre o conteúdo desses acordos? Por que isto não é divulgado? Por que o povo não fica sabendo quais são estes acertos? Se esse acordos são secretos porque não falam isso?

Falha de reportagem ou omissão deliberada?

Utilidade não tem, mas o troco que você tem que dar por assistir televisão é enorme: Comprar todos os produtos anunciados, empregar seu dinheiro onde eles mandam, votar em quem desejam e ter a sua mente e opinião torcida e distorcida, para sempre ou até que eles decidam alterá-la novamente.

Por que temos que ser entupidos com idiotices?

Por que a televisão, com toda a força que tem, não pode ser usada em benefício do homem, da natureza e da sociedade, racionalmente, assim como alguns poucos livros o fazem?

Este grande atrativo que as pessoas sentem pela televisão e o enorme tempo que a ela dedicam teriam que ser aproveitados, efetivamente, neste sentido.

Deveria ser feito porém, de modo tal que ela não fique desinteressante.

Não pode tornar-se uma espécie de "Hora do Brasil" do rádio. O mesmo atrativo deve continuar. As novelas seriam relatos fidedignos de fatos históricos, continuariam sendo romanceadas e bem feitas, mas verídicas e corretas em sua essência. Conceitos sobre física, química, geografia, biologia, economia, agricultura, ofícios, medicina, saúde pública, probabilidades, profissões, informática, pecuária, energia, estatística etc., seriam apresentados e transmitidos de modo correto, com exemplos e demonstrações práticas e com atratividade. Em vez de horas e horas de astrologia e numerologia.

Não como uma aula, a televisão não poderá substituir nunca as aulas, professores e escolas, mas embutidos em programas de variedades, como os que existem, às

dezenas, em vez de, simplesmente, jogarem pastelões uns nas caras dos outros. Competições de conhecimentos em vários assuntos com finalidade educativa etc. Apenas a verdade seria mostrada. Mentiras, fofocas e distorções seriam proscritas. Os sensacionalismos, futilidades, propagandas, culto ao sobrenatural, aos norte-americanos, sexo, astrologia, numerologia, obesidade, informações, filmes, tratamentos de beleza, emagrecedores etc. seriam tratados com objetividade, racionalidade e clareza, sofreriam uma avaliação crítica sobre o mérito, finalidade e validade da informação, tendo em vista o telespectador e não apenas um objetivo comercial, consumista ou egoísta qualquer.

Os diversos canais não poderiam transmitir programas semelhantes no mesmo horário, o telespectador teria assim liberdade de escolher o que assistir.

Parecidíssima com a televisão que temos hoje, mas com objetivos nobres.

Não deixaria de ser lazer. Só menos primitiva.

Não é tão difícil assim, saber o que é bom e o que é ruim, o que é verdadeiro e o que é errado. É só usar os conhecimentos e a cabeça.

Ela não poderia ser comercial, nem ter como objetivo o lucro. Teria que ser subsidiada. Assim como a ciência. Uma utilidade pública.

Mas isto é censura. Por que então não censurar também todo o resto: Filmes, livros, revistas, oratória, teatro, apresentações etc. ou seja implantar uma ausência total de liberdade de expressão? Restaurar os anos de chumbo?

Claro que seria censura, mas podemos fazer apologia às drogas ou ao crime na televisão? Claro que não. A censura portanto existe. É legal e também constitucional.

Assim como estes, prejuízos ao cidadão, também são contravenções e crimes, e sua apologia na televisão também teria que ser proibida, dentro da lei e a da Constituição.

Mais que isso, leis e Constituição estão sendo alteradas diariamente. Por que não também, quando em benefício da sociedade e da natureza?

Por que não restringir as comunicações quando seu objetivo evidencia-se claramente ser apenas o de influenciar pessoas, moldar opiniões e obter vantagens?

Mas, talvez, apenas a televisão sofreria esta influência.

Quanto mais rápida uma notícia, menos possibilidade existe dela ser verificada e contestada. Além disso a quantidade de notícias e informações é muito grande, não permite estudo e análise detalhada.

Com isso mentiras são divulgadas com mais facilidade e a mensagem, o influenciar pessoas, o objetivo final, fica protegida pelo manto da efemeridade.

Na televisão é facílimo mentir.

Um pequeno levantar de sobrancelhas, um esboço de sorriso, alteram completamente o conteúdo da notícia. Fala-se algo e consolida-se com uma imagem qualquer. Está feita a mentira.

A liberdade de atuar deste modo não poderia existir!

Cinema, livros, teatros etc., quando a propaganda não é excessiva, são lidos ou assistidos, voluntariamente. A pessoa vai ao cinema, shows e lê livros porque quer. É um ato consciente. A pessoa decide o que vai ler ou assistir. Por isso não necessita, nem deveria sofrer restrições.

Com a televisão é diferente. Quem tem energia elétrica em casa, tem televisão, obrigatoriamente, e a assiste, obrigatoriamente.

Não assistir televisão, é tão voluntário, quanto não fumar, para um viciado em nicotina. Por isso o cidadão tem que ser protegido. Tem que ser orientado dentro da realidade e da verdade. Não pode ficar ao capricho de arbitrariedades de entidades e objetivos particulares.

Não pode, em nome de uma "liberdade de expressão", a ser preservada, ser enganado, traído e espoliado.

Os norte-americanos, em nome de uma "Liberdade Duradoura" jogaram milhares de bombas no Afeganistão.

Na verdade palavras como "liberdade", "liberdade de imprensa", "democracia", "terror", "patriotismo" etc. são vazias, na maioria das vezes em que são empregadas. Servem apenas como justificativa e para obter benefícios particulares, nacionais ou multinacionais.

Uma empresa, que sofre alguma restrição em sua atividade, diz-se preocupada com o "desemprego" que esta restrição irá provocar. Ela não fala no seu lucro, mas é nisso que pensa. Bingos por exemplo. Uma manifestação qualquer é reprimida em nome da "ordem e segurança públicas", mas não é com isso que estão preocupados. Quando um político fala em "democracia", certamente não está pensando em governo pelo povo.

Todas estas são palavras vazias.

Com a televisão utilizada do modo proposto, certamente veríamos a curto prazo, diminuir a ignorância e muitos seriam beneficiados, simplesmente por errar menos, por decidirem mais racionalmente e menos intuitivamente em muitos assuntos do cotidiano. Muitos, conhecendo um pouco de probabilidades e estatística, compreenderiam melhor os números e acreditariam menos na sorte, nos bingos, horóscopos e no destino. Pensariam: "Por que vou jogar, ou concorrer a um sorteio se é certo que sairei perdendo? A sorte não existe, apenas a probabilidade". Muitos questionariam melhor as afirmações enganosas que infestam o nosso dia a dia.

Muitos descobririam até, nos temas apresentados, a sua vocação e trabalhariam para desenvolvê-la.

Não desejariam apenas ser cantores de pagode e jogadores de futebol.

Quantos agricultores e pequenos produtores poderiam ser beneficiados por uma programação adequada na televisão. Aprenderiam divertindo-se. Existe algo melhor?

Imaginem uma televisão com assuntos variados, não apenas sexo, obesidade, tratamento de beleza, culinária e idolatria à Xuxa, aos Estados Unidos, Inglaterra e

Israel? A televisão seria um exemplo bom a ser seguido e não um péssimo, como atualmente o é.

"Sendo o governo único controlador da televisão nós estaríamos sem como protestar, quando o governo faz algo que não deveria", iriam pensar muitos.

Ora, se o governo não presta, por que aceitamos sua existência?

A idéia de um governo não é a proteção de todos? Não é este o motivo de sua existência?

Se é isto o que um governo deve fazer, é certamente seu dever proteger-nos também, de uma televisão comercial, oligárquica, globalizada e egoísta!

Por enquanto, temos que dar graças a Deus, que as ondas eletromagnéticas, portadoras de imagens e som, dos canais de televisão, tenham alcance limitado. Perdem-se no espaço.

Imaginem como seria vergonhoso para os terráqueos, se alienígenas (que nem precisariam ser muito inteligentes), em algum mundo distante, estivessem observando o que está sendo transmitido, dia após dia, pelas emissoras de televisão?

15 - xxx Assuntos importantes e assuntos secundários

Que pensaríamos de um funcionário de uma empresa qualquer que várias vezes ao dia, mês a mês, por anos seguidos afirmasse de si mesmo que ele é bom, competente e eficiente e fizesse isso com muita habilidade, cuidando para que suas qualidades não fossem efetivamente, colocadas à prova?

Não pensaríamos muito. Trataríamo-lo como bom competente e eficiente e o veríamos galgar rapidamente os postos mais bem remunerados da empresa.

Todos nós conhecemos gente deste tipo.

Gente que não trabalha, não sabe e não quer, mas que são muito bons em defender o emprego, nisto sim, são mestres.

Quando uma empresa qualquer faz excessiva propaganda sobre o quanto é boa, competente e eficiente, não deveríamos desconfiar? A propaganda não é justamente para encobrir uma lacuna, uma deficiência que ela tem?

Quem não conhece produtos medíocres, neutros e inócuos, verdadeiras fraudes, que são anunciados exaustivamente por horas e horas de propaganda intensiva, exaltando qualidades que o produto não tem ou tem muito pouco?

Quando uma pessoa é por demais elogiada, incessantemente, deveríamos tomar cuidado, alguma coisa está podre. As virtudes e deficiências das pessoas evidenciam-se naturalmente, sem seja necessário enfatizá-las demais.

Quando muito alarde é feito, a verdade está sendo encoberta.

Meio século de filmes, livros, artigos, reportagens, verdadeira torrente de acusações e difamações do povo alemão, do nazismo e de Hitler não parece ser propaganda demais, para mostrar fatos, que seriam aceitos normalmente pelas pessoas, caso fossem verdade? Não é propaganda excessiva de um produto que não tem as qualidades anunciadas? Não foi, e é, apenas uma cortina de fumaça?

Certa vez assisti a um filme cultural, biografia da vida de Chopin, compositor polonês. O incrível é que, fazendo alusão ao amor à liberdade dos poloneses, em particular de Chopin, através de sua música, mostraram cenas da segunda grande guerra. Hitler atacando a Polônia. Só que Chopin era de outra época. Viveu antes até, da primeira guerra mundial. Cultura é isso aí! Não desperdiçar nenhuma oportunidade para pichar alemães!

Durante a segunda guerra, o mais provável é que não tenha acontecido nada muito diferente do que acontece em todas as guerras, com todos os países envolvidos. Ninguém é santo. A propaganda, entretanto, não é imparcial. E perdedores têm que calar a boca. Nürnberg neles, para que a morte os cale.

Sem querer contestar ou discutir o que aconteceu realmente, ninguém conseguirá fazer isso satisfatoriamente, o curioso é que os mortos no holocausto, dos inicialmente alegados trezentos mil, no decorrer de 50 anos (ou menos ainda), passaram a ser seis milhões. E continua aumentando. Fazendo as contas, são como juros sobre juros à taxa de 0,5% ao mês.

Mais 50 anos e serão 120 milhões de israelitas mortos no holocausto.

E indenizações correspondentes. Naturalmente.

Morreram 20 milhões de russos na segunda grande guerra, no Vietnã 2 milhões, no Camboja 2 ou 4 milhões, na Etiópia 2 ou 4 milhões, nas Américas 10 milhões de índios, trezentos mil em Hiroshima e Nagasaki, milhões de civis na Alemanha pelos bombardeios dos aliados, milhões de negros no trabalho escravo e assim por diante, por que apenas os israelitas da Alemanha nazista, são os comentadíssimos mártires?

Por que apenas eles merecem ser indenizados, os índios não e os negros não, pelo que sofreram nas mãos dos civilizados?

Tratando-os diferentemente, isso não caracteriza segregação? O que os israelitas estão fazendo não é racismo, pura e simplesmente?

Não é exatamente isto que eles sempre reclamaram dos outros?

Milhões de descendentes de alemães, nos mais diversos países do mundo, são obrigados a ver e ouvir que eles e seus ascendentes, são cruéis, racistas e assassinos, mesmo os que nasceram depois do fim da guerra, seus filhos e até seus netos. Já é uma tradição mundial, cinqüentenária, fato consumado.

É, a liberdade de imprensa, não pode ser restringida. Em seu nome podemos falar qualquer coisa.

Como ficam aqueles que, conhecendo seus ascendentes, sabem que nada disto é verdade? Não ficarão ofendidos? Não sentirão revolta? Não despertarão um sentimento anti-semita? Que direito existe, para que sejam taxados dessa maneira?

Por que, comparativamente, nada se fala sobre o povo de Hiroshima e Nagasaki e seus algozes? Onde estão as centenas de filmes sobre os coitados dos japoneses, mortos, queimados, mutilados, cancerosos e seus descendentes, deformados geneticamente e natimortos?

Interessante é que o mundo inteiro, quase sem exceção, acredita que as bombas tinham que ser jogadas, obrigatoriamente. Para acelerar o fim da guerra. Evitar mortes. Excluídos a dos japoneses, é claro. Dizem que eram fanáticos (assim como hoje fala-se dos muçulmanos) e que estavam decididos ir até ao amargo fim, pela sua pátria e pelo Imperador. Contra fanatismo tem que ser usado medidas radicais.

Os norte-americanos "salvaram" muitas vidas. Deviam receber o prêmio Nobel da paz, por isso. Com o "agente laranja" no Vietnã também. Nada mais lógico, quando o objetivo é puramente humanitário: "Salvar vidas".

Quem sabe que as bombas atômicas eram destinadas para a Alemanha e uma vez que ela se rendeu perderam a finalidade?

Jogaram-nas, sem necessidade, assim mesmo, no Japão. Apenas demonstração de força e para não perder o "investimento".

Tinham que saber também seu efeito prático. Quais as conseqüências de um Holocausto de verdade.

Curiosidade científica.

É, a ciência pode ser muito mal utilizada. Os cientistas, muitas vezes sabem exatamente a finalidade de suas pesquisas. Não podem então esconder-se atrás da ciência, dizer que são apenas cientistas e que não tem culpa de como seus conhecimentos são utilizados. Assim como serão lembrados e elogiados por uma descoberta benéfica, antibióticos, vacinas etc., sem dúvida nenhuma, deveriam ser lembrados também quando de uma descoberta maléfica, bomba de hidrogênio, armas biológicas etc. Não só lembrados, como até punidos como colaboradores de assassinos e execrados.

Cientistas não podem alegar patriotismo, como desculpa para seus atos! Crime continua sendo crime.

Porém, excetuando os extremos, todos os conhecimentos podem, ser bem ou mal utilizados. Por este motivo a ciência não deveria sofrer restrições.

A Idade Média, foi um péssimo exemplo de restrição da ciência. Mostrou também que, sem ela, a vida fica bastante precária.

A ciência deveria ser livre e incentivada. Os talentos devem ser identificados rotineiramente e incentivados. Nem que custe fortunas.

É claro que assuntos potencialmente perigosos e de conseqüências imprevisíveis, teriam que ser considerados num consenso mundial.

Este é justamente o grande problema: "Consenso mundial".

De nada serve uma bomba de hidrogênio se ela é feita só para aumentar o poder de uns poucos que a produzem.

Mesmo em assuntos inovadores e menos perigosos, a ciência tem que ter validade mundial, beneficiar (ou não) a todos, todos os homens da Terra e a toda a natureza.

Não pode ser apenas ferramenta de poder e riqueza. Assim os transgênicos. Os medicamentos. As armas.

Se esta é a única finalidade, para que servem?

Melhor então que não existisse. Que continuássemos nas trevas.

A ciência tem que ser livre, sem fronteiras. É um bem universal. Não pode ter segredos nem deveria ser protegida por patentes. Na verdade patentes protegem o investimento, o lucro, mas não a ciência.

Escondendo, uns dos outros, os conhecimentos e protegendo-os por patentes o resultado é, forçosamente uma maior lentidão, ou emperramento até, no desenvolvimento da ciência e dos conhecimentos. Dois exemplos:

Nos Estados Unidos, bem antes do automóvel ser tecnicamente viável, um sujeito esperto, patenteou a idéia de movimentar uma charrete ou carroça por meio de um tipo de motor à combustão interna, inventado recentemente. Não criou nada, nem o motor, nem a carroça. Apenas imaginou uma combinação dos dois. E patenteou.

Esta patente teria caducado dado que, na época, era inexeqüível, tecnicamente. Ele porém, com habilidade, conseguiu prorrogar diversas vezes a validade da patente. Quando então, as indústrias automobilisticas nos Estados Unidos, estavam funcionando a pleno vapor, ele começou a recolher "royalties" e enriquecer. Não fez absolutamente nada pela tecnologia pois, apesar de patenteada, ninguém utilizou-se da idéia que tivera. Mas o direito era dele.

Não fez nada e ameaçava paralisar tudo, se suas exigências não fossem atendidas. Estava entravando a tecnologia.

Um certo tipo de gene causa uma certa doença específica nos seres humanos. Doença grave e fatal. Um laboratório identificou este gene, como causador da doença e o patenteou.

Com isso, todos aqueles que desejam pesquisar a cura dessa doença devem submeter-se às exigências financeiras da patente. Ou serão castigados.

O laboratório que descobriu o gene não é obrigado a pesquisar a cura da doença e os outros, se o desejarem fazer, terão que pagar.

Assim, se as exigências forem muito grandes e poucos demonstrarem interesse, pouca coisa será feita.

As pessoas continuarão morrendo.

Mais um exemplo:

Cupuaçú, nome indígena de uma fruta Amazônica, com a qual se faz um refresco delicioso, da qual pode ser extraído óleo e até produzir-se chocolate, vejam só, teve seu nome (além de outras coisas) patenteado internacionalmente, por um empresa norte-americana (ou japonesa, não sei).

Assim, um índio ou brasileiro qualquer, que catar esta fruta na floresta, se quiser comercializá-la ou algum seu derivado, só poderá usar este nome se pagar os devidos "royalties".

E não adianta ficar com cara de bobo e dizer: "Mas eu sempre fiz isso, sempre vendi cupuaçú. Por que não posso mais?".

É claro que a justiça brasileira, em sua infinita sabedoria, fará de tudo para proteger a propriedade intelectual norte-americana (japonesa?), dos vagabundos e aproveitadores "piratas", índios brasileiros, sem dúvida nenhuma!

E não pensem que este caso é único!

Com o açaí aconteceu o mesmo.

O refrão: "Quem foi ao Pará, parou. Tomou açaí, ficou", será que também foi patenteado?

A maioria dos produtos naturais, no mundo inteiro estão sendo patenteados, de uma forma ou de outra, por empresas do Primeiro Mundo. Tudo dentro a lei e da ordem.

Como o Brasil assinou o acordo internacional de patentes ele tem que cumprir. E o fará com todas as suas forças!

Sempre pensei que patenteadas pudessem ser apenas as invenções. Ou seja, algo que antes não existia, que tenha sido inventado. Um processo novo, uma técnica nova, um método novo, uma nomenclatura nova, um produto novo.

Já isso é injusto, extremamente restritivo.

Imaginem Leibnitz com seu cálculo diferencial, Planck com os seus quantas de energia, Arquimedes com o empuxo do volume de água deslocado, Pitágoras com o seu teorema e os indianos com a invenção do zero, todos eles cobrando "royalties". Ou paga ou não pode usar!

Paralisia mundial. No mínimo.

Porém o que é realmente difícil de compreender é que coisas que já existem, os descobrimentos, possam também ser patenteados.

A vida, os genes, plantas e animais existem há bilhões de anos. Podem (e são) patenteados. Como é possível?

Imaginem descobrir o Brasil, e patenteá-lo. Só Cabral pode usar ou cobrar direitos autorais (existe gente que afirma o Brasil ter sido inventado e não descoberto, justificada seria pois a patente).

Sorte dos nordestinos, ninguém ter lembrado de patentear a farinha! O que seria deles?

O que impede patentear a água que bebemos e o ar que respiramos?

Se estes não podem, por os demais sim?

Se coisas existem que podem ser patenteadas e outras não, quem faz as regras?

Como é possível que a palavra "cupuaçú" possa se patenteada, não por quem a criou ou a utiliza, mas por um norte-americano, japonês ou alienígena de outro planeta?

Não é no mínimo engraçada, a lei de patentes?

O criador não é protegido por ela. Sua invenção (ou descoberta), dificilmente lhe trará benefícios. Patentear é caríssimo. Custa "os tubos". Nem pensar então, em uma proteção internacional de sua idéia. É financeiramente inexeqüível. Só grandes empresas podem. Só os ricos podem. Negocia assim em condições desfavoráveis. Fica apenas com as migalhas.

É o que acontece com os autores de livros, músicas e composições. Não ganham quase nada. São os bóias-frias da intelectualidade.

A não ser que vendam "horrores", aí sim sentirão algum benefício. Seus patrocinadores e financiadores muito mais, é claro.

Como fica a proteção de um trabalhador que, no exercício de sua profissão, como empregado, cria e inventa? Qual o benefício? Elogio e "tapinha nas costas"? Promoção, aumento de salário?

As grandes descobertas e invenções e principalmente as milhares de pequenas melhorias, são feitas assim, diariamente, por funcionários, que dificilmente enriquecem, é claro. Seu trabalho criativo não é remunerado.

Um trabalho intelectual, seja ele qual for, deveria ser recompensado, se fosse o caso, apenas uma vez. Não mais que isso. Como incentivo. Para compensar o trabalho e o dinheiro gasto. Para possibilitar que pessoas possam dedicar-se também a atividades cuja finalidade não seja lucro, exclusivamente. Por que?

Um produto material qualquer tem um custo, representado sempre pela totalidade do trabalho (mão de obra) nele investido, direta e indiretamente. Nada mais que isso.

Este deveria ser também o seu preço. Nada mais que isso.

Deve existir necessariamente uma contrapartida ao que foi pago, com o mesmo valor: O produto recebido.

No trabalho intelectual porém, isso não acontece. Ele é feito apenas uma vez e pode ser utilizado milhões de vezes. Indefinidamente até.

Pagar indefinidamente por um produto único é incoerente, pode muito bem resultar em uma bola de ouro, do tamanho da Terra, que não existe.

Por isso as criações intelectuais não devem ser remuneradas, cada vez que são utilizadas. Por isso o zero, criado pelos árabes, tem que ser domínio público. Por isso software, filmes, livros, imagens devem custar apenas o meio que os suporta.

E assim, tantas outra coisas.

Alguém poderia concluir que, sem a perspectiva de uma renda infinita ninguém iria dedicar-se a trabalho criativo.

A verdade é que a curiosidade é inata, no ser humano e nos seres vivos em geral. Sempre existirão aqueles que procuram desvendar mistérios, o desconhecido e racionalizar as coisas, sem que exista promessa de uma arca de tesouro no fim do caminho. Este é o motivo do homem ter desenvolvido tanto os conhecimentos.

Alguém com um pensamento ou idéia, quase sempre irá querer que isso seja divulgado e utilizado. É a sua recompensa. Ser reconhecido como o autor intelectual.

Existem também aqueles que criam e dão-se por satisfeitos com isso. Satisfação pessoal. E só. Esquecem então o assunto. Perdeu-se e perde-se assim muita coisa boa.

Por isso divulgar, é sempre indispensável. Livremente, sem barreiras!

O importante na criação é a oportunidade. Quem quiser criar não deveria ser impedido de fazê-lo. Deveria poder dedicar-se a ela, sem restrições, financeiras ou materiais. Por isso o incentivo.

Quando a polícia apreende milhares de CDs "piratas" e os destrói, todos aplaudem. Lei é lei. Tem que ser cumprida. Protegem veementemente, não os direitos autorais dos músicos e compositores, pois estes ganham muito pouco sobre a sua criação, mas sim em muito maior grau a renda das produtoras e gravadoras, multinacionais, que são os que realmente ganham com tudo isso!

Lesar ricos é crime federal!

Artistas, cantores e intelectuais são os que mais aplaudem. Os idiotas.

A TV Globo entrevista então os interessados e eles afirmam: "A pirataria causa prejuízos de xis milhões de Reais ao comércio e muito desemprego também".

Os milhares de camelôs e desempregados, que vendiam estes CDs nas esquinas, tem que fazer agora outra coisa. Só que ninguém diz o que.

Software é a mesma coisa. Cadeia para os "piratas"! Sem perdão, e multas, fechamento até, das empresas infratoras.

Para que Bill Gates, possa tornar-se, não só o homem mais rico do mundo, mas dez vezes isso.

Destruir armas ou drogas seria até compreensível. Servem apenas para matar pessoas, nada mais. Seria proteção da vida. Não importa de quem.

Entretanto, destruir CDs, para forçar o consumidor a pagar mais pelo produto nas lojas e tirar o subemprego dos que não tem nada, é uma grandíssima "sacanagem". Principalmente quando olhos são fechados a tantas falcatruas que estão à solta por aí.

A Internet é uma ferramenta espetacular! Poderia ser. Mas não é. Por que?

"Navegando" temos milhões de assuntos à nossa disposição, quase que instantaneamente. Com uma facilidade incrível.

Ao simples toque de algumas teclas, o mundo aos nossos pés.

Enviar e receber dados eletronicamente, praticamente sem custo.

Pesquisar assuntos.

Tudo isso na velocidade da luz!

Negar suas vantagens é impossível. De tantas que são.

Quase sempre encontramos alguma coisa sobre aquilo que procuramos. E nos damos por satisfeitos. Mais ou menos.

A resposta que obtemos é, freqüentemente insuficiente, medíocre, incompleta e superficial. Com pouca coisa de real valor. Geralmente é assim.

Matam a curiosidade. E só.

Do que existe, Ínfima parcela apenas, pode ser acessada. Um infinitésimo. Arranhamos de leve os assuntos, nada mais. Livros e software, a eles não temos acesso.

Poderia ser diferente. Não é dificuldade técnica, capacidade de armazenamento, velocidade de transmissão de dados, nada disso. O problema é comercial.

Se quisermos mais, temos que pagar, com poucas exceções. Temos que nos registrar, associar-se. Comprar ou adquirir o direito de ler ou de usar. Software, livros, músicas, enciclopédias, filmes, documentários, comunicação, (e muito sexo), qualquer coisa. Não existindo interesse comercial o assunto é ignorado.

De graça, quase só mediocridades.

Achamos normal que seja assim. É o direito à propriedade intelectual. Tão na moda.

Por isso não obtemos informação correta e segura sobre o que estamos procurando. Quase nenhuma obra de valor pode ser consultada ou lida.

Exceções existem. Talentos que consideram a divulgação da idéia, do conceito, do conhecimento, da arte, mais importante do que a renda que isso poderia significar, publicam, de graça, na Internet. São agulhas em palheiro. Igualmente as entidades, governamentais ou não, que oferecem assuntos completos e de valor.

O software livre Linux, por exemplo.

Mesmo assim ela é utilíssima, isso não pode ser negado. Mas poderia ser mais, muito mais, do que é.

Nas bibliotecas, públicas e até nas particulares, as publicações são completas, integrais e de graça! Não pagamos nada. Há centenas, milhares de anos que é assim. Os conhecimento são colocadas à disposição, de graça!

Quando particularmente interessados em um assunto, vamos então à uma livraria ou loja e compramos o livro ou CD. Esta é a recompensa do autor (que ganha muito pouco pelo seu trabalho) e das editoras e distribuidoras (que ganham exorbitantemente muito).

Deveria pagar-se apenas pelo meio físico que contém o conhecimento. Assim é que deveria ser. Se esse meio físico custa pouco ou nada, pouco ou nada deveria ser pago.

Cobrar muito, falar em "propriedade intelectual", e pagar ao autor ou criador intelectual apenas migalhas é uma piada! Uma farsa!

Imaginem se alguém com coragem e autoridade, fizesse da Internet uma biblioteca pública! Todos os conhecimentos colocados à disposição, de graça! Filmes, CDs, software, livros técnicos, didáticos, científicos, romances, documentários, enciclopédias, ficção, tudo. Sem filtros ou direitos autorais. Alguém que inventasse um "paraíso fiscal", não para tramóias financeiras, mas para divulgação de conhecimentos. Uma espécie de "rádio pirata". Alexandria do século vinte e um!

Desastre total, o caos, seria o resultado. A estrutura, os pilares de sustentação da cultura mundial ruiriam por terra. E qual é essa estrutura?: O dinheiro!

O dinheiro que se ganha com as atividades intelectuais do ser humano!

Chamado eufemisticamente de "propriedade intelectual".

Seria maravilhoso porém. Imaginem, todos os conhecimento ao alcance das mãos, em segundos, sem ter que ir a livrarias, bibliotecas, consultar bibliografias, índices, ler capítulos e pesquisar demoradamente até encontrar o que se deseja. Sem ter que pagar. Seria uma segunda renascença, tão importante quanto a primeira. Ou quanto João Gutenberg.

Imaginem o que historiadores fariam, com todas as fontes de informações a quarenta centímetros dos olhos? Com a rapidez de acesso que o computador proporciona? Certamente muitas "verdades históricas" mudariam de aspecto.

Que autores fossem até recompensados, um pouco, apenas eles. Como incentivo. Que fosse pago um reduzido "aluguel" pelo uso da Internet e isso os beneficiasse. Que essa idéia não fosse aviltada! Que filmes, música, imagens, games, canais de rádio e televisão, divertimento e lazer continuassem a ser comerciais. São os que mais consomem memória e processamento. Tornam "pesado" o sistema. Que continuassem a ser vendidos.

Mas não conhecimentos nem software.

Não vai acontecer nunca!

A Internet finalizará sendo apenas o que é hoje a televisão: Poderosa, egoísta, comercial e medíocre!

Ainda é possível, livremente, divulgar nela qualquer assunto (em parte até os proibidos por lei) e comunicar-se com qualquer pessoa, no mundo inteiro. Sem custo. Sem restrições. Com pouquíssima interferência das autoridades.

Comunicações, antes assunto governamental exclusivo, foi atropelado pela tecnologia. Perderam o controle quase que completamente.

Quem tem algo a dizer pode fazê-lo, livremente. Opinar e ser ouvido. Sem que tenha que pagar por isso. É a liberdade de expressão também para os que tem pouco dinheiro. Não é mais exclusividade de ricos e poderosos. Não é mais necessário pichar muros e paredes como única alternativa para expressar-se livremente!

O que se tem a falar não precisa, necessariamente, passar pelo crivo da rentabilidade monetária. Não é obrigatório falar-se apenas o que seja vendável, o que resulte em lucro.

Por enquanto.

É uma questão de tempo. Então ela terá um custo, deixará de ser grátis ou quase grátis. Será legalizada. Custo elevado. Custo por comunicado, por tempo de utilização. Proibitivo para as pessoas comuns. Adquirir o computador, que já é difícil para a maioria dos brasileiros, será o de menos.

Apenas empresas, grandes empresas e capitais poderão fazê-lo. Quem tem algo a dizer, só mediante muito dinheiro, ou quando filtrado pelos que pagam. Como as televisões. As pessoas passarão a ser apenas espectadores. Só poderão ver, ouvir, e comprar. Mediocridades.

Falar, não mais.

Por enquanto é uma alegria enorme, "navegar" e eventualmente topar com gritos de revolta, explosões indignadas, de gente que fala pelos cotovelos e até palavrões! Não falam para as paredes, entretanto. Perspectiva existe que sejam ouvidos!

É um alegria enorme ver que existe gente que não se conforma com as coisas como elas são atualmente, que pensam diferentemente do que é dito na TV Globo ou revista VEJA. Conhecedores a fundo de assuntos específicos. E possam dizê-lo, livremente.

Ficamos sabendo assim, vejam só, por incrível que pareça, que uma moeda tem outra face também!

Muito melhor uma Internet cheia de vírus, de "hackers", de ilegalidades, de pessoas que desviam dinheiro de contas bancárias, de enganadores que roubam os incautos, cheia de produtos "piratas" e de pornografia, legal e ilegal, do que uma Internet organizada, controlada, onde apenas os ricos e poderosos mandam! E os demais sejam apenas cordeiros e vaquinhas de presépio.

É claro, essa liberdade não vai demorar muito. O direito à propriedade intelectual terá que ser respeitada. Os estelionatários coibidos. As leis obedecidas. As pessoas amordaçadas.

Assim como a televisão na Idade Média, antes de João Gutenberg.

Perderemos para sempre esta incrível ferramenta de acesso a conhecimentos e de liberdade.

Certamente hoje em dia, muitos autores de livros e software já publicados, gostariam que sua criação fosse colocada à disposição, gratuitamente, na Internet. Que ela deixasse de ser comercial. Não lhes interessa mais a mísera recompensa financeira que lhes é pago pelas editoras, produtoras e distribuidoras.

Não podem. Cederam os direitos. Está fixado em contrato. Tornou-se exclusividade delas. São delas e de mais ninguém.

Ficam assim condenados ao anonimato na Internet. Suas obras também. Mumificadas. A não ser que comprem os direitos de volta. Ao preço delas.

Eu gostaria de escutar novamente algumas músicas, das quais era fã, na minha juventude, isso lá pelos anos cinqüenta e sessenta. Não tem como encontrá-las, no comércio, impossível. Esgotado dizem. Se é que alguma vez tenham ouvido falar nelas. Quem sabe na Internet? Ora é só colocar os dados no "buscador" que ele acha. Alguma coisa certamente deve aparecer. E, de fato aparece, muita coisa. Talvez não como fosse desejado mas, como num passe de mágica, subitamente podemos "baixar" dezenas, centenas de músicas, gratuitamente.

Músicas até, que ainda estão à venda no comercio, nas lojas.

Certamente alguma ilegalidade existe nisso.

Certamente também, não vai durar muito.

O que Gutenberg fez, qualquer criança sabe, inventou os tipos móveis, reutilizáveis. Importante porém, foi a resultante redução do custo de uma publicação. Permitiu que não apenas os muito ricos, tivessem acesso a ela.

Desde então editoras, produtoras e distribuidoras tem tentado reverter esse processo. Tentam, por todos os meios, tornar o livro caro, inacessível às pessoas. Não o livro em si, este é barateado, o mais possível. Apenas seu preço. O quanto o comprador deve pagar por ele. Sempre o mais alto possível. A diferença chama-se lucro.

Os meios de obter, de forçar o comprador a pagar por ele, foram até agora o substrato (o papel, o livro, o CD) e os "copyright". Ou paga ou não recebe a publicação ou o CD. Reproduzir é proibido.

Surge então a cópia fácil e barata, o "Xerox", os "scanners", os disquetes, os discos rígidos, os CDs graváveis, o computador e a Internet. Renascimento de Gutenberg.

O meio físico como coação, perdeu a força. Quase que totalmente.

Restaram apenas os "copyright" e as leis. Que serão aplicadas, com toda a força, certamente. É só recuperarem-se do susto que foi a informática, a Internet. Aí serão para valer!

A legislação brasileira, é claro, aguarda até que o "Tio Sam" se pronuncie.

Os rolos compressores passarão então não apenas por cima dos CDs "piratas" para destroçá-los, mas sobre os próprios "piratas". Com ou sem papagaio nos ombros.

Quando, na Inglaterra, surgiu a ferrovia, com suas locomotivas e vagões, como meio de transporte, os fabricantes de diligências, charretes, carroças e criadores de cavalos, viram ameaçadas seriamente suas atividades. Com toda razão, sem dúvida nenhuma. Conseguiram que fosse promulgada uma lei que obrigava, por "questões de segurança", que um funcionário da ferrovia, portanto um lampião aceso, andasse diante da locomotiva, em todo o seu trajeto. Para alertar as pessoas em geral, que um trem estava chegando. A lei era clara, ele tinha que ANDAR, não podia correr!

Seria tudo isso apenas uma curiosidade, um fato pitoresco na evolução da ciência e tecnologia, não tivesse essa lei perdurado por quarenta anos.

Quarenta anos!

Com o rádio, no início das comunicações realmente abrangentes, de massa, iniciou-se o que é hoje a televisão e, em continuação, provavelmente será a Internet.

No rádio entretanto era justificado que assim fosse, pelo menos no início. As emissoras interferiam facilmente umas nas outras. As faixas de freqüência eram poucas e estreitas. Não houvesse regulamentação o mundo inteiro estaria falando simultaneamente e ninguém se entenderia. É verdade.

Essa idéia foi usada entretanto para tolher completamente a liberdade de expressão via "éter" das pessoas comuns. Os rádio amadores que o digam. Só podem falar futilidades. Nenhuma mensagem mais remotamente considerada como comercial pode ser dada. Nem dizer como está o tempo, se chove ou faz frio podem.

A televisão foi na "esteira" do rádio. É nada mais que uma emissora de rádio que se pode enxergar.

Não existe porém nenhum motivo plausível para que a Internet funcione do mesmo modo!

A Internet (ou qualquer rede, pública ou privada) não deveria ser restringida. Em nada. Para que qualquer um possa manifestar-se com liberdade, verdadeira. Porque o acesso a ela é voluntário. Só escuta-se e vê-se o que é desejado.

Ao contrário das televisões. Apenas alguns falam e todos os demais escutam, obrigatóriamente. Sem opções.

Digamos que um fabuloso cientista, gênio intelectual, pesquisando por muitos anos, finalmente atinja o seu grande objetivo: A CURA DO CÂNCER!

Cura certa e garantida, mesmo nos estágios mais avançados.

E consiga patentear a idéia, o processo, o produto etc., tornando sua a propriedade intelectual.

Recebe todos os prêmios e elogios da comunidade médica e científica mundiais. Louros e glórias.

Mas, pensa ele, eu não quero isto, gastei anos de minha vida num enorme esforço, quero ser recompensado em dinheiro, bastante dinheiro!

Então ele resolve vender o remédio, a cura do câncer, a digamos, cem mil dólares o frasco. Uma cura por cem mil dólares.

Ora, se existem pessoas que pagam muito mais que isso, por automóveis, iates e helicópteros, certamente acharão bagatela este preço, pois significa a salvação de suas vidas.

Mesmo muitos daqueles que não tem esse dinheiro, farão de tudo para consegui-lo. Venderão tudo que tem, farão empréstimos, roubarão e até matarão, se for o caso. Qualquer coisa, na finalidade de permanecer vivo.

Assim o gênio científico, rapidamente, torna-se trilhonário e o homem mais rico do mundo! Viva a ciência! Viva o Einstein da medicina!

O resto do mundo, a maioria, os miseráveis, o Terceiro Mundo, continuarão morrendo. Para eles a cura do câncer não existe!

Poderia ser pior entretanto. Se ele nem desejasse enriquecer. Se fosse de seu interesse apenas impedir que os outros se curassem: "É meu, só meu e não deixo que usem". Cientista louco. De revista em quadrinhos. Onde já se viu, não gostar de dinheiro. Mas é possível. É a "propriedade intelectual" assegurada!

É assim que acontece com muitos medicamentos de uso contínuo, para doenças tais como AIDS, doenças cardiovasculares, pressão alta, que não curam mas mantém vivo os doentes. Estes são "sangrados" pelas multinacionais farmacêuticas.

Eles não tem escolha. Ou pagam e vivem ou não pagam e morrem!

Imaginem se estes medicamentos curassem, definitivamente!

Custariam, certamente, cem mil dólares o frasco!

Na verdade o agricultor, o pecuarista, o criador, não vê no seu produto um meio de matar a fome da humanidade, um médico não vê na sua profissão a salvação de vidas humanas, um laboratório, em suas pesquisas, não objetiva o alívio do sofrimento humano, uma indústria não vê em seu produto um meio de facilitar e melhorar a vida das pessoas.

Todos eles visam apenas o lucro. É o sistema capitalista!

Por isso não importa muito se o produto está contaminado com agrotóxicos, hormônios ou sejam transgênicos. Ou se é quase nada daquilo que afirma ser. O lucro é cego. Não enxerga esse pormenores.

Na verdade, uma ciência e tecnologia comerciais, com finalidade de lucro, sempre vão existir. Não precisam ser incentivados. O lucro já é seu incentivo.

A ciência não deveria ser objeto apenas de uns poucos idealistas ou de professores que, na maioria das vezes, lutam com dificuldades financeiras para suas pesquisas e até para manter-se. Assim os resultados são modestos.

Ela deveria ser amplamente incentivada e financiada, sem no entanto ser dirigida. Deveria fazer parte dos currículos escolares. Os métodos de investigação científica deveriam ser estudados nas escolas e apresentados exaustivamente até na televisão. Lógica. Causalidade. Como chegar à verdade. Como prever resultados. Erros. Modelos. Como trabalhar com resultados e assim por diante. Quase todos, em qualquer área, mesmo no cotidiano, seriam beneficiados com isso, mesmo aqueles que nem chegassem a terminar os estudos.

Quantos policiais, delegados, advogados, promotores, executivos, juízes, membros de um júri popular, médicos, economistas, engenheiros, biólogos, mecânicos, eletricistas, agricultores, psicólogos etc. teriam em mãos uma excelente ferramenta de investigação da verdade, no seu dia a dia?

Quem não foi a alguma oficina para resolver um problema em seu automóvel ou eletroeletrônico, apenas para constatar, mais tarde, que pouco ou nada adiantou? Quantas peças trocadas desnecessariamente e mão de obra perdida, simplesmente por falta de uma maneira clara e objetiva de identificar problemas. Muitas vezes não por falta de conhecimento técnico, mas por falta de um procedimento investigativo adequado. Trocam sem saber direito, a causa do problema.

Quantos erros deixariam de ser cometidos. Quantas decisões erradas deixariam de ser tomadas. Quantas injustiças deixariam de ser cometidas.

Se todos nós temos que decidir, constantemente, em nossas vidas, por que não fazê-lo racionalmente, aprendendo o assunto nas escolas? Cada um, no decorrer da vida acaba montando seu próprio sistema de busca da verdade e de previsão do futuro. Por que não ser bem orientado quanto a isso? A ciência espanta muitos dos fantasmas e assombrações que assustam nossas vidas. Tem explicações para muitas coisas do sobrenatural. Mesmo para aquelas que não tem explicação (ainda), permite que as encaremos mais friamente e com mais racionalidade.

As regras básicas são simples, valem sempre e são verificáveis. Ao contrário do sobrenatural, onde tudo é mistério, obscuro e sem comprovação. A ciência desmistifica e simplifica assim as nossas vidas.

Este já é um ótimo motivo para a ciência ser incentivada.

Claro que muitas vezes, nem sempre é bom saber a verdade. As vezes, dói mais saber a verdade, do que ignorá-la. Viver-se-ia melhor sem ela. Existe essa desvantagem.

Um outro grande motivo, para o incentivo à ciência, é a liberdade. O poder pensar livremente, sem os entraves da ignorância e da superstição.

Existem entretanto alguns aspectos negativos sobre a ciência. Escarafuncham assuntos que muitas vezes não lhes diz respeito. Fazem muitas vezes como os governos: Metem-se em tudo, sem medir conseqüências.

Apesar de elogiável, nos estudos dos animais objetivando a sua preservação, é estranho e até certo ponto incompreensível, o que se faz com eles.

São sedados, pesados, medidos, examinados e fotografados. Retira-se amostra de sangue, são marcados e tem afivelados um transmissor para permitir seu acompanhamento via rádio. Quem gostaria de ter um rastreador atado ao seu pescoço? Estudam sua vida social, sexual e relacionamento com o meio, sem nenhuma restrição. A justificativa é estudá-los para melhor poder ajudar.

Mesmo assim é estranho. Até certo ponto uma falta de respeito e uma descabida intromissão. Será que, desse estudo, do DNA desses animais, se algum dia for identificado alguma vantagem para o homem, ele não esquecerá o objetivo inicial, que seria ajudá-los?

Com o gado, as galinhas e os cachorros não é isto o que aconteceu? Viraram simples utilitários dos seres humanos. Objetos nada mais.

Pratica-se uma crueldade imensa com muitos animais domésticos, mantendo-os confinados, sem que possam mexer-se até, para que o peso de abate seja atingido rapidamente. Devem morrer pelo ser humano. Nem se discute. Mas além disso, a curta vida que lhes é permitida, deve ser mal vivida. A tecnologia e a ciência determinam isso.

Estuda-se intensamente a vida animal silvestre. Fala-se em proteção.

Muitos desse estudos serão concluídos, mas a ajuda não acontecerá, porque depende principalmente de vontade política, que os governos não tem.

Por que então quase matá-los de susto se isso, provavelmente, nem vai beneficiá-los? Por milhões de anos viveram muito bem sem nossa ajuda. É só permitir que eles vivam e eles o farão por conta própria, muito bem.

Com os vegetais o homem é mais cruel ainda. São alterados e modificados totalmente por suas propriedade terapêuticas, alimentares e tecnológicas.

Arqueólogos fazem escavações e descobrem civilizações antigas, de milhares de anos. Centenas de objetos são retirados e distribuídos para os museus no mundo inteiro.

Muitos países proíbem que sejam levados para o exterior. Alguns não conseguem impedir que isso aconteça e outros nem tentam. Assim os objetos são colocados em museus. Estavam embaixo da terra durante milhares de anos.

Como podem garantir que existirão nos museus por mais, digamos, quinhentos anos? E a literatura, o registro histórico, decorrente dos estudos dessas civilizações? Por quanto tempo? A biblioteca de Alexandria durou mil anos. Mas não mais que isso.

Qual o governo que pode garantir a conservação dos tesouros arqueológicos e sua História? Reclamam dos ladrões de túmulos, que depredaram as tumbas dos faraós, para vender o ouro. Não fazem eles o mesmo? Ou dão de graça os objetos para os museus? Se dão de graça, quais foram os critérios? Ideologias, tradição científica, poder, corporativismo?

Herculano e Pompéia. Os afrescos estão desbotando ao sol, o mato está tomando conta dos locais em que as cinzas foram removidas. Está faltando dinheiro para a manutenção. E agora?

A arqueologia preserva ou acaba destruindo?

Nem sempre são estes, os resultados, é claro. Muita coisa estaria irremediavelmente perdida, não fosse a arqueologia. Mas, a preservação, em longo prazo, na verdade, é o grande problema. Como resolver isso?

A acupunctura, tradição milenar do oriente, por centenas de anos foi ignorada, incompreendida e combatida pelo ocidente. Os que a praticavam eram tidos como charlatães e ingênuos os que a ela se submetiam. Mas gradativamente foi-se mudando de opinião. Até que, finalmente o ocidente a reconhece como válida.

Boa também para ganhar dinheiro. Apropriam-se dela, fazem leis. Apenas médicos formados podem exercer a acupuntura. Os antigos acupunturistas que plantem batatas, ou arroz, como faziam na China.

A ciência não é tudo flores.

Entretanto isso não é culpa da ciência em si mas de como ela é usada e interpretada. Indiscutível são os benefícios que promove, contrabalançados em parte pelos malefícios de sua má utilização. Mas não pode-se negar que o saldo é positivo, apesar de tudo. Ainda, por enquanto.

A grande e única finalidade da ciência é a verdade. É uma coletânea de verdades. Sobre qualquer assunto. Mentiras ou supostas verdades não tem lugar na ciência.

Só por isso valeria a pena incentivá-la.

Os homens aproveitam-se dela para seus objetivos particulares, saúde, consumismo, guerras etc. que, justamente por serem verdades, funcionam.

16 - xxx A natureza

Falta o homem evoluir socialmente do mesmo modo que evoluiu a ciência. Tem que aprender que o mundo é um só e não existe outro. Todos estamos no mesmo barco. Por que lutar uns contra os outros?

No calor da disputa, além de nós mesmos, a natureza, sempre é a maior prejudicada. Quem, em uma guerra qualquer, leva em consideração os prejuízos ao meio ambiente?

Mas afinal liberdade, igualdade, fraternidade é o único caminho?

Com a segregação de riquezas e poder, será que os Estados Unidos e os financistas não estão apenas fazendo o que é mais certo e lógico, neste fim de mundo que está se aproximando?

Talvez tendência não seja destino mas, ao que tudo indica, a vida na Terra, como o foi por milhares e milhões de anos, está chegando ao fim. Uma nova extinção em massa, provocada exclusivamente pelo homem, está se concretizando e possivelmente o próprio homem não sobreviva.

A ciência e a tecnologia certamente será insuficiente para resolver este problema. Um eventual conflito nuclear apenas apressaria as coisas, que já estão definidas pela superpopulação mundial que se aproxima, agravadas e aceleradas tremendamente pelo modo de vida consumista, perdulário e ganancioso do homem civilizado.

Ainda existem florestas, mas por quanto tempo? E se a produção de oxigênio por algas e fitoplâncton não for suficiente quando as florestas chegarem ao fim? E se o fitoplâncton começar a morrer por causa da poluição? Ocorrerá aumento de CO2, efeito estufa, aumento da temperatura e proliferação de doenças transmitidas por insetos de clima quente? Ou as plantas proliferarão mais rapidamente absorvendo o CO2 e regenerando oxigênio? O aquecimento irá provocar secas e queimadas ou chuvas e inundações?

Pode ser que aconteça tudo e pode ser que aconteça pouco. Não tem como saber ao certo.

Buraco de ozônio, assoreamento, efeito estufa, erosão, poluição, desertificação etc., são apenas alguns, das dezenas de problemas que poderão ocorrer e que simulação matemática nenhuma poderá prever corretamente.

Entretanto os sinais de alerta existem. Onde tem fumaça, tem fogo. Antes prevenir do que remediar.

Estudos confiáveis indicam claramente que a emissão de CO2 na atmosfera deve ser contida. Sem falta. Imediatamente. Não dá mais para esperar.

Não só contida, como reduzida substancialmente.

O aquecimento decorrente do efeito estufa, até ao final deste século, trará enormes prejuízos para a natureza e para o ser humano, sem dúvida nenhuma. Ninguém contesta isso. É um fato.

Entretanto as negociações mundiais não avançam um milímetro sequer. Países ricos, que são os que mais poluem, não querem sofrer restrições e os demais não querem, nem tem como, absorver sozinhos este compromisso. Discutem, cada um pensando em restringir-se o mínimo e em empurrar para os demais os encargos.

Como os grandes desastres e prejuízos serão principalmente dos pobres, os ricos relutam em resolver o problema, pois tem que colaborar significativamente na solução.

É sabido o quanto cada país joga de CO2 na atmosfera. Este deveria ser o parâmetro, a base de cálculo.

Como foi definido, nas negociações, o quanto cada um deve restringir-se, deixar de emitir? Porcentagem igual para todos?

Seria lógico, mas não é assim que fizeram.

Dividiram a quantidade emitida pela população do país. Talvez ainda seja justo, emissão por habitante, parece lógico.

Mas não é só isso. Dividiram além disso pelo PIB do país.

Agora ficou incompreensível. Algo concreto tornou-se etéreo, virtual.

Dividindo também pelo PIB significa que países com PIB elevado tem direito a emitir mais, poluir mais! O compromisso de países pobres, com a emissão de CO2 dos países ricos, passa a ser maior do que aqueles que poluem! Injustíssimo.

Alteram a lei para não condenar um criminoso. É o que fizeram.

O objetivo inicial, que seria a redução da poluição, deixou de existir.

Mas, mesmo assim, apesar disso, as conversações não avançam milímetro!

Os Estados Unidos, os maiores poluidores do mundo, não concordaram com nada, não aceitam nenhuma restrição. Sua poluição, em dez anos, desde a ECO-92, aumentou 14%. Em vez de diminuir! Seus automóveis, em vez de fazerem vinte quilômetros por litro de combustível, como seria esperar de uma tecnologia cada vez mais voltada para a economia de energia, fazem quatro. São os "off-road", tração 4X4. São "gas guzzlers" como os "Cadillacs", dos anos cinqüenta. Só que mais populares. Estão na moda. Fazer o que.

Os demais países assinaram intenções, sem prazos nem metas fixadas ou seja sem comprometer-se. O resultado foi zero. Negativo na verdade.

Assim foi a ECO-92.

Os poluentes causadores do efeito estufa teriam que ser reduzidos significativamente. Em torno de cinqüenta por cento! Inaceitável seria reduzir apenas um pouco ou até, apenas manter os níveis atuais. É o que afirmam os entendidos.

Nas negociações entretanto, discute-se outra coisa: Como justificar a emissão atual e o aumento dela, no futuro. Apenas isso.

Mesmo dividido pelo PIB, os países industrializados acham que sua restrição seria excessiva. Mecanismos então foram criados para justificar as emissões poluentes atuais. Áreas verdes, "sumidouros" de CO2, seriam a compensação. Quem apresentar uma área verde pode poluir na mesma quantidade, e vice-versa. Se quiser poluir mais é só mostrar mais área verde. Reduzir, nem pensar.

Área verde, não necessariamente endógena, natural do local. Pode ser pinus, eucliptos etc., (ótimas fontes de renda também).

Ou seja alteração mesmo, no estado das coisas atuais, nenhuma.

E onde estão estes "sumidouros"?

Países tropicais, com muita água, muita luz e muito calor, do Terceiro Mundo. Indonésia, África, Amazônia.

Eles terão que salvar o mundo.

Quem sabe abatendo da dívida externa?

Os Estados Unidos, como sempre, não concordam com nada!

Por volta de 1970, em plena crise do petróleo, aqui no Brasil, muitas coisas aconteceram. Caminhões a gasolina desapareceram do mercado e os existentes foram sucateados. O governo brasileiro estabeleceu cotas de combustível. Os Opala, carros da moda, despencaram de preço. Todo mundo apavorado. Seminários explicavam como seria o futuro brasileiro, com pouco combustível.

Viajei então, coincidentemente, ao Estados Unidos. Início do inverno de lá. Pensei: "Vou levar roupas quentes".

A energia elétrica deles é principalmente proveniente do petróleo. Mas, com o mundo inteiro ressentindo-se da crise energética, nada disso pude perceber. Nos restaurantes tomava-se sorvete como sobremesa, estando em mangas de camisa, apreciava-se a neve caindo lá fora. Tudo aquecido, corredores, escadarias, garagens, tudo. Tudo amplamente iluminado e aquecido, nenhuma luz foi desligada. Os carros com ar condicionado ao máximo. Nenhum milímetro foi economizado.

Carreguei malas atoa. Em plena crise de petróleo e no inverno, passa-se menos frio que no verão brasileiro.

Este é o "American way of life". É assim que estão acostumados. Por isso não concordam com nada.

Não podemos esquecer que os países frios são aquecido a petróleo. Passarão por cima de qualquer cadáver por causa disto. O dia que o petróleo faltar, aquecer-se-ão com combustível da biomassa brasileira.

Será descontado da dívida externa, da bola de ouro.

É característico o que aconteceu com ilhas como Bonaire no Caribe, Trindade e Abrolhos por exemplo. Eram inicialmente florestas impenetráveis. Vegetação exuberante. O europeu, retirou madeira, queimou e devastou. As cabras, porcos e ratos

trazidos por eles, encarregaram-se do resto. A vegetação foi consumida, a água desapareceu, e com eles o restante da fauna. Chuvas erodiram a terra fértil e a carreou para o mar. Os sedimentos sufocaram os corais e parte da vida marinha também se ressentiu. Restaram pedras e pouquíssimo solo. Um deserto irrecuperável! Tecnologia nenhuma tem como reverter esse processo. Talvez a natureza, deixada em paz, por centenas ou milhares de anos consiga. Mas não será a mesma coisa. Espécies extintas, ficarão extintas.

Em ilhas pode-se perceber esse fenômeno claramente, porém, isso ocorre em qualquer lugar do mundo. Desertos estão se formando e os existentes estão aumentando. A tendência é a Amazônia tornar-se um grande deserto e o Pantanal ficar tão seco quanto o nordeste brasileiro. Isso não é alerta suficiente?

Ou será que apenas quando os problemas se apresentarem é que se pensará em resolvê-los? Se assim for a extinção em massa das espécies é inevitável.

Sobrará apenas um ou outro "protegido" do homem: Golfinhos, pandas, coalas, baleias etc. Os menos simpáticos e menos bonitinhos desaparecerão. Até que o homem tenha dificuldades em manter-se a si mesmo. Então esses também estarão perdidos.

Acontecerá então, no mundo, o que provavelmente aconteceu, na Ilha da Páscoa.

Esgotamento de todos os recursos e pior, ambiente totalmente degradado e poluído.

Futuros alienígenas, encontrarão na Terra, talvez, um "chip", processador central de um computador, de zilhões de Megahertz, expoente máximo do raciocínio e da lógica e dirão: "Deve ser um amuleto qualquer" e o jogarão fora. Nem sequer imaginarão que seres inteligentes habitavam este planeta. Apenas idiotas e loucos, suicidas.

Se algum humano sobreviver, será aquele que tem firmemente em suas mãos os recursos animais, vegetais e minerais que ainda restam no mundo e a força para garantir que permaneçam em seu poder!

Esta é a grande verdade!

É por isso que Estados Unidos, Inglaterra e Israel armam-se militarmente até o infinito. É por isso que desenvolvem ao extremo os sistemas de controle, informação e espionagem. É por isso que insistem tanto em "globalização" e "privatizações", ferramentas eficientíssimas para usurpar riquezas, patrimônio e propriedades.

Eles sabem que o mundo vai chegar ao final dos seus recursos, e um caos enorme será o resultado.

Eles sabem que, quem pode mais, chora menos. E vive mais!

A História mostra que, quanto mais civilizado o homem mais estratificada é a sua sociedade. E a estratificação é discriminatória.

A civilização nunca foi justa e uniforme. Nela existem os ricos e poderosos, que não fazem nada e na base da pirâmide os que trabalham, fazem tudo e não possuem nada.

Não existirá nunca uma sociedade justa e igualitária.

É utopia pensar diferente.

Os Estados Unidos e os financistas mundiais sabem e acreditam nisto. Estão cientes também da irreversibilidade do cataclismo que está se aproximando. Provocado por eles mesmos. Estão apenas assegurando a sua posição. Serão os poucos sobreviventes, ricos e poderosos, topo da sociedade estratificada.

Sabem que não existe outro caminho.

Só eles embarcarão na próxima arca de Noé.

E destes, no final, apenas um restará.

São solidários, apenas por enquanto. Estados Unidos, Inglaterra e Israel são uno e solidários, apenas por enquanto!

Os demais morrem. O miseráveis primeiro. No final também aqueles que são hoje o "Primeiro Mundo". Eles talvez ainda não saibam mas, a sua vez chegará. Com toda certeza. A não ser que derrubem os Estados Unidos, Inglaterra e Israel de seu pedestal.

O que, ao que tudo indica, já é impossível!

Deve ser este o motivo desta desvairada corrida armamentista e por poder, pois não é possível acreditar que o homem seja tão irracional, ao ponto de encaminhar-se conscientemente para uma tragédia certa, destruindo tudo que existe e a si próprio, simplesmente por teimar em ser rico e poderoso. Não é concebível que o homem que domina a energia nuclear, a biogenética, possa mover-se num espaço quase sideral e possa prever com presteza muitos fenômenos naturais, seja tão primitivo e não consiga refrear os seus impulsos e acabe sendo destruído por eles.

Certamente eles sabem o que estão fazendo. Deve ser por isso que os Estados Unidos não estão nem um pouco preocupados com a proteção do meio ambiente, a biodiversidade, os recursos naturais, renováveis e não renováveis etc. Agem como se tudo no mundo existisse ilimitadamente.

Mostram claramente até, que são contrários a qualquer medida neste sentido, alegando que prejudicam os seus interesses. Eles devem saber o que estão fazendo.

Seu futuro já deve estar garantido.

Restará no planeta apenas o "homo americanus egocentricus".

E um grande deserto globalizado, repleto de lixo.

Se é este o raciocínio deles, infelizmente, nada mais resta aos demais do que atuar do mesmo modo. Pegar uma fatia, enquanto ainda existir um bolo. Nem que para isso seja necessário destruir, inutilmente, a maior parte dele. Na verdade é exatamente isso que está acontecendo. Já faz tempo.

É burrice preocupar-se com a natureza se os norte-americanos não têm a mínima intenção fazê-lo. Eles ficarão com as vantagens e os outros com os encargos de preservação. A miséria vai aumentar.

É exatamente isso o que eles querem.

Os ricos estão sacrificando a Baal, deus da riqueza e do poder, os índios, os negros, os muçulmanos, os latino-americanos, a humanidade, a natureza, a paz mundial, tudo.

Apenas para poder olhar com superioridade e desprezo para os poucos sobreviventes e dizer: "EU SOU RICO E PODEROSO!".

A este deus estão ofertando, não o fingido e fictício holocausto dos israelitas da segunda grande guerra, mas o grande e verdadeiro Holocausto: A vida na Terra.

É a grande vingança. Aí estarão vingados, o povo escolhido por Deus.

Pensando bem, o que fazer, quando já se é o mais rico e o mais poderoso sobre a face da Terra ou seja, quando o supremo objetivo do ser humano culto e civilizado, já foi alcançado?

O que fazer?

Deitar sobre os louros e gozar a vida?

Não, claro que não!

Ser o primeiro não é suficiente.

Tirando o pouco que resta aos outros, por mais insignificante que seja, aumenta a riqueza e o poder, percentualmente.

Eleva a diferença ao infinito!

Este é o objetivo final. O grande objetivo!

Ser infinitamente mais rico que os outros.

Agora, talvez já não mais seja possível, mas num passado não muito distante, as coisas poderiam ter sido encaminhadas diferentemente. Um consenso mundial, um pensamento universal de proteção à vida e à natureza. Uma ONU de verdade. Não essa farsa que aí está. E o mundo como conhecemos poderia prolongar-se por milhares de anos ou até mesmo indefinidamente.

Existiriam restrições. Os bens, as propriedades, o consumismo, o desperdício seriam limitados.

Cada pessoa, por menos perdulária que seja, dá a sua contribuição para a devastação mundial. Cada sapato que use, pão que coma, lápis, tijolo ou cerveja que compre, significa destruição da natureza. A população mundial portanto, teria que ser controlada, tanto mais quanto maior a longevidade. Não através da fome, doença e violência, como está acontecendo, mas sim por um controle racional de natalidade e de consumo.

Qualquer produto ou fabricação teria que levar em consideração e ter resolvido, todas as implicações que prejudicassem o meio ambiente, a vida e a natureza. Nada poderia ser omitido, por mais insignificante o prejuízo e por mais vital que fosse o produto.

A destruição da natureza tem que ser menor ou, no máximo igual, à sua capacidade de recuperação.

Tudo isso seria embutido no preço do produto. Os produtos seriam caríssimos, é verdade. Muitos até por demais e não seriam produzidos.

Então, a verdadeira e única lei de oferta e procura, entraria em vigor e os produtos nunca mais seriam tão baratos como atualmente.

É claro que todos, não apenas uns poucos ricos, teriam que ter acesso aos produtos. Essenciais e não essenciais.

A sobrevivência é imediatista, destrói a natureza e não pensa no meio ambiente. Quem está com fome só pensa nisso. Não se importa com mais nada. O curto prazo é mais importante. Só depois de satisfeitas as necessidades mais prementes é que se pode pensar no futuro. Seu e deste planeta. É impossível conscientizar pessoas famintas, que preservação do meio ambiente é importante.

Para que não destruam a natureza os pobres teriam que ser menos pobres. Para que não destruam a natureza perdulariamente, os ricos teriam que ser menos ricos.

Hoje em dia a única preocupação é obter os insumos, produzir e distribuir, tudo isso, ao menor custo possível. Quanto menos despesas maior o lucro.

Os problemas ambientais decorrentes ficam sem solução ou são repassados à sociedade, direta ou indiretamente. Retira-se minérios, minerais, vegetais e animais da natureza e o único custo computado é o custo de extração e transporte. O custo de reposição e reconstituição da natureza, é ignorado. Não existe.

As futuras gerações terão que pagar por ele ou, na impossibilidade, sofrer as conseqüências.

Embalagens plásticas e garrafas descartáveis para refrigerantes, (cerveja ainda não é possível armazenar deste modo), é ótimo para o fabricante, para o distribuidor e para o consumidor. Uma maravilha. Quem não utilizá-las venderá menos.

O lixo porém que estes plásticos e garrafas provocam como fica? Reciclá-los, pelo jeito, é pouco efetivo. E agora?

O problema é absorvido pela sociedade. O custo de remoção e eliminação desse lixo, torna-se infinitamente maior, do que o próprio lucro, que as empresas obtiveram com essas embalagens.

No Brasil 95% das latinhas de alumínio são recicladas. Difícil acreditar que seja tudo isso. Perde-se apenas uma em cada vinte latinhas descartadas?

Elogiável seria esse índice, não medisse ele também o grau de pobreza em que se encontram aqueles que reviram o lixo, na finalidade de coletá-las e com isso obter o seu sustento.

O mais importante é que, a longo prazo, mesmo estes ínfimos 5% que não foram reciclados, certamente serão um problema tão grande, como se hoje em dia nada fosse reciclado. Estas latinhas são anodizadas, resistem até à água do mar, não estragam. Jogamos assim o problema para a frente. Ele não foi eliminado. Só se 100% fosse reciclado. Aí sim estaríamos livre do problema.

Somente quando entrar no cálculo de custos de um produto qualquer, também as despesas e custos de proteção e recuperação do meio ambiente correspondente, somente então, serão fabricados produtos ecologicamente corretos.

É claro, só entrar no custo não basta, a natureza tem que ser efetivamente recuperada. Multar empresas por crimes ambientais e então pagar o FMI, não resolve.

Isso vale para plásticos, baterias, pilhas, agrotóxicos, produtos de limpeza, automóveis, lixo atômico, seringas, pneus, soja, feijão, milho, tudo. Todos os produtos teriam que levar em conta o prejuízo ambiental que acarretam. A validade disso teria que ser mundial.

Que adianta os Estados Unidos e o Primeiro Mundo, fugindo às suas mais ou menos severas leis ambientais, deslocarem sua produção poluente para países do Terceiro Mundo onde essas leis ou não existem, ou são brandas, ou não são seguidas?

Que adianta eles forçarem a queda de preços dos produtos no Terceiro Mundo se a primeira conseqüência é o desrespeito às leis ambientais na finalidade de reduzir custos?

Que adianta eles exportarem o seu lixo não degradável, tóxico ou radiativo para os países do Terceiro Mundo, enganando, pressionando ou corrompendo seus governantes, amenizando o próprio problema e agravando o dos outros?

O problema é que seria fundamental um consenso mundial. O bom senso mundial.

O que equivale dizer que o assunto todo pode ser ignorado e esquecido completamente. Isto nunca vai acontecer.

No mar do Norte a pesca é executada por vários países. É uma pesca predatória, concorrida, quem pescar mais ganha mais, quem pescar menos ganha menos, cada um por si e Deus por todos. O pescado está escasso. Entretanto, com algumas medidas de proteção, redes de malha maior, observação de épocas de reprodução etc., sabe-se, com certeza, que a pesca neste local, poderia ser cinco vezes mais produtiva. Pescar-se-ia cinco vezes mais do que atualmente!

Um simples acerto entre países, os mais progressistas e mais avançados países do mundo, só um simples acerto. Sabem exatamente o que seria melhor, o que deveria ser feito, o que seria útil, benéfico e lucrativo, Japão, Alemanha, Noruega, Inglaterra, etc.

Não conseguem.

17 - xxx O turismo como solução

Alguns acham que, para muitos países, parte da solução para o meio ambiente, é o turismo e o ecoturismo. Países que tem lugares ou fenômenos aprazíveis criam uma infra-estrutura e com a renda obtida, podem conservar seus valores turísticos e o meio ambiente. Tudo auto-sustentável. O comércio local também seria beneficiado com os dólares do turismo.

Uma espécie de zoológico, aquário, museu ou teatro ao ar livre e "ao vivo".

Com o valor das entradas compra-se ração, pagam-se atores, orquestra, funcionários etc. e os pipoqueiros vendem suas pipocas. Todo mundo se diverte.

Os turistas, principalmente os do Primeiro Mundo, tem assim a oportunidade de conhecer as belezas e peculiaridades de muitos lugares interessantes e os países visitados uma renda, nada insignificante. Obrigando-se também a manter o patrimônio turístico para que o fluxo de turistas não diminua.

A idéia pode até ser boa e funcionar em muitos lugares. Mas existem revezes também. Pode talvez ajudar, mas resolver, não.

A grande infra-estrutura, hotéis, transportes aéreos, resorts etc. na maioria das vezes são multinacionais. Assim, a maior parte dos dólares que entram, nem chegam a sair das mãos do Primeiro Mundo. Não beneficiam a atração que motivou a vinda do turista nem o país hospedeiro, a não ser por uma pequena renda em impostos, quase sempre aplicada em finalidades diferentes do que a preservação do meio ambiente. O local específico é cercado e fechado, o nativo não tem acesso a eles, não pode incomodar o turista. A beleza, não necessariamente a natureza, é preservada. São verdadeiras ilhas, de propriedade do Primeiro Mundo. Muito bem conservadas, música internacional, comida típica e internacional, ar condicionado, ambiente maravilhoso.

O turista está em casa. Quem não está em casa é o nativo. Ele é contratado apenas para servir bebidas e limpar privadas. O salário que recebe, não passa de migalhas para quem os paga, diante do numerário envolvido. O meio ambiente é protegido apenas no que é grandioso para ser mostrado ao turista. Este tem que poder ver e sentir intensamente a atração com todo conforto e segurança. A infra-estrutura e sua manutenção, com tudo o que é oferecido, água quente, piscina, sauna, flores frescas na mesinha de cabeceira etc., dependendo do lugar, representa um ônus enorme para a natureza local. Mas tem que ser assim. Nada pode faltar ao turista.

Não preocupam-se com o restante, a preservação do todo, fica ao Deus dará ou tem que ser absorvido pela sociedade local. O lixo e dejetos acabam sendo varridos para baixo do tapete. Protegem uma pequena parte e prejudicam o total. O turista nacional, dado os preços elevados, é alijado, impedido de conhecer a sua própria terra. Os nativos e o comércio local ficam degradados à confecção e venda de artesanato barato, que nem legítimo mais é. Nisso sofrem até concorrência dos próprios resorts que vendem de tudo, inclusive artesanato.

As vezes o comércio local, direta e indiretamente beneficia-se bastante do turismo, isso é verdade. Mas a natureza não. Ela sempre é prejudicada.

O que em princípio parece ser um ótimo negócio, muitas vezes não é. Apenas uma atividade lucrativa. Se cessar o lucro, cessa o turismo e cessa a proteção. E cedo ou tarde isso deve acontecer.

O país entra com uma mão de obra, ridiculamente barata, com a sua beleza natural, que vai sendo degradada aos poucos, e o grande lucro é quase exclusivamente de alguma multinacional qualquer. Esta, no instante em que perceber, que o negócio não é mais lucrativo, imediatamente atuará junto ao país hospedeiro, para que este compre o negócio e absorva os prejuízos. A proteção à natureza não interessa mais.

Forçará até, como existem muitos de exemplos, em todos os tipos de atividades, por esse Brasil afora. Não querem saber de lucro negativo.

Na maioria das vezes o governo acaba cedendo, assume o prejuízo, e tudo é abandonado. Sobra uma natureza desgastada e desprotegida.

Um bonito exemplo é a famosa ferrovia Madeira/Mamoré, não como exemplo de atividade turística, mas de como funciona o capitalismo e a "democracia" norte-americana e mundial. O mercantilismo.

Agora, completamente inútil, restou dela, apenas um pequeno museu. Turismo ecológico!

Negócios são negócios, amigos à parte.

O turismo, como negócio, pode ser bom ou pode ser ruim. Para a natureza, no final das contas, acaba sendo ruim. O turista por mais que cuide, um pouco ele sempre estraga e a concessionária também, a bem do turista. O lugar é aprazível para o turista, mas a natureza exige mais que isso. Muito mais.

O turismo, ao criar a infra-estrutura necessária, causa prejuízos: Estradas, aeroporto, hotéis, pousadas, trilhas, lanchas, ônibus, suprimentos, combustível, energia elétrica, inseticidas, alimentação, comida típica.

Em Fernando de Noronha, "tubalhau" é servido aos turistas. Às custas dos tubarões que o mergulhador deixa de ver, cada vez mais, em suas águas cristalinas. Nas Maldivas, ao Sul da Índia, os resorts cinco estrelas, são construídos com corais retirados do fundo do mar. É o único material disponível neste país, constituído por milhares de ilhas tropicais, paradisíacas. Existe em profusão (ainda).

Para proteger a natureza, deixar de devastar o meio ambiente, seria imprescindível, mas não é suficiente. Só isso é muito pouco. Ela exige muito mais.

Isolamento, espécies exóticas, poluição, mudança do clima são devastadores também.

Ambientes são isolados por estradas, áreas de pasto, agricultura e pela civilização humana, espécies exóticas são introduzidas, sem querer ou intencionalmente, o ar e a água poluídos atuam em lugares distantes de onde ocorreu a contaminação, alteração do clima então, nem se fala.

Assim, cercar e proteger um ambiente, a ferro e fogo, impedindo a entrada do ser humano nela, só isso, não é suficiente! É impossível, sabemos muito bem. E não seria suficiente!

- O isolamento extermina espécies. Elas perdem variedade. É o gargalo genético.

- Milhares são os exemplos dos efeitos da introdução de espécies exóticas. Um livro inteiro, só citando exemplos, poderia ser escrito.

- A poluição gerada por Cubatão em São Paulo matou a vegetação das encostas da Serra do Mar adjacente. Somente quando deslizamentos começaram a prejudicar as estradas de acesso ao litoral e outras obras tais como adutoras é que se tomou providências. Nem o fato de crianças nascerem sem cérebro nessa cidade (atribuído à poluição) era motivo suficiente. Imaginem então proteger a natureza, só por ela mesma.

- Quem corta grama em seu jardim sabe muito bem a influência do clima sobre a vegetação. No inverno, cortar uma vez a cada dois meses é suficiente. No verão entretanto, com chuva, sol e temperatura abundantes, ela tem que ser cortada quase que semanalmente. Imaginem, se puderem, o resultado de uma alteração substancial no clima, na vida deste planeta!

É claro que se for necessário escolher entre turismo um pouco prejudicial e uma mineração, especulação imobiliária ou exploração predatória, tem que se optar pela primeira. Porém, o turismo e o ecoturismo são atividades lucrativas. A natureza funciona apenas como um meio para a obtenção destes lucros. E se um local a ser preservado ecologicamente, for de grande interesse turístico e ao mesmo tempo de grande interesse em mineração. O que será feito?

Importante, em primeiro lugar é uma legislação adequada. Se não acabará sendo feito apenas o que der mais lucro.

Mais ainda, com o turismo como único recurso para proteger a natureza, como ficam os brejos, mangues, cerrados, várzeas e florestas, importantes criadouros de vida selvagem (também de animais peçonhentos e mosquitos, transmissores de doenças), que não são espetacularmente bonitos?

Quando são feios, podem ser devastados?

Não é lógico que a natureza seja protegida só enquanto exista interesse turístico nela.

O ecoturismo, certamente, não é a solução. É só olharmos um mapa do Brasil, no qual estão marcados as áreas de preservação da natureza. São pouquíssimas, ínfimo percentual. Quase nenhuma natureza é destinada a ser preservada no Brasil. Que adianta então falar em ecoturismo? Ecoturismo sem áreas de preservação?

Não faz parte do ser humano (nem dos animais) preservar a natureza. Instintivamente, lá dentro dos genes, talvez, mas não conscientemente. Nem mesmo quando, previsivelmente, seja interessante sua preservação.

Os homens, assim como os animais, simplesmente a usam, com desperdício quando ela é fácil e existe excesso e com parcimônia quando é difícil e ocorre falta. Mas apenas a utilizam. Não se preocupam com o futuro dela.

Os animais em geral são comedidos, não caçam nem procuram alimentos em excesso, não exageram, simplesmente porque isso não traz benefícios. Não esforçam-se além do necessário. O homem, como tudo é mais fácil para ele, ao contrário, empanturra-se. Excede em tudo. Fica depois sem saber como se livrar do excesso de peso, do colesterol, da diabetes, dos dejetos e do lixo.

Esbanjamos água quando moramos a poucos metros de cristalina cascata e ela vem por gravidade e economizamos se temos que fazer força (ou pagar mais) para obtê-la. Um

simples retirar água manualmente de um poço e ter que transportá-la por alguns metros já promove uma economia considerável, desse líquido precioso.

Assim é o homem, assim são os animais, assim é a natureza. Nem é possível atuar diferentemente. A lei do menor esforço (e na nossa sociedade, também do maior lucro) predomina. Nunca, voluntariamente, o homem fará algo para preservar a natureza se isso representar acréscimo de trabalho (ou menor lucro).

O que a natureza impõe, o homem contornou. O equilíbrio natural das coisas foi rompido, pela inteligência do homem. A água difícil de antigamente tornou-se fácil. A dificuldade, o esforço, protetores da natureza, foram contornados. Bombeia-se milhões de litros de água potável e o homem a recebe comodamente em casa, sem fazer nenhum esforço. Isso promove o desperdício. Esbanja-se água porque é fácil e custa pouco. Derrubar florestas, facílimo. Caçamos e pescamos muito mais do que podemos comer e guardar, porque é fácil e custa pouco. Nem que tenhamos que jogar fora depois. Destruímos a natureza porque é fácil e custa pouco.

Buffalo Bill, famoso, e muitos outros, caçavam bisões, pela pele e pela carne. Muitas vezes, só pela pele e também, na maioria das vezes, apenas matavam. Deixavam a carcaça apodrecer, com pele e tudo. Para que os pele-vermelha ficassem sem alimento. Das dezenas de milhões de bisões, restaram apenas alguns, uns quinhentos talvez. Quase extinguiram. Porque era fácil. E não custava muito.

Conscientizar a população para uma economia de combustível, como já foi feito diversas vezes pelo governo, na finalidade de preservar divisas, a natureza e reduzir poluição, é completamente ineficaz. Não dá nenhum resultado. Enquanto o combustível for fácil e barato. O único meio de gastar menos combustível, menos água e menos natureza é tornado-os mais caros e dificultando sua utilização.

Conforme a Bíblia, Deus criou o mundo e fez a natureza para que ela servisse ao homem. E é exatamente isso o que ele faz. Serve-se dela. Mesmos aqueles que não vão regularmente à igreja. Está embutida na sociedade e nas leis. O homem está autorizado a ter propriedades e a destruir. É a vontade de Deus.

O homem, se quiser preservar a natureza, ou o que resta dela, terá que impor, não conscientizar. Não poderá esperar que, mesmo tendo um lucro razoável, isso será feito por ele, espontaneamente, por exemplo, através de turismo, seja ele ecológico ou não.

Utilizamos violentamente os recursos naturais. Quando nada mais resta, que seja economicamente viável explorar, falamos em proteção. Proíbe-se, então a caça, pesca e extração, com o "nobre" argumento da preservação. Os nativos, extremamente prejudicados pela predação, que os deixaram até, sem como sobreviver, são agora ainda totalmente proibidos de valer-se da natureza, como sempre fizeram. Cercam e proíbem. Fazem turismo ecológico. Só turistas podem visitar. Tiram dela a última coisa lucrativa que pode dar.

Os nativos, são alijados. Como sempre.

Muitos países arrasaram a África com a caça de elefantes, pelo seu marfim, com a caça esportiva, seus safaris, rinocerontes, leões, leopardos e impalas. Retiravam apenas os dentes, chifres, cabeça, pele ou seja lá o que era considerado como troféu. Estes iam enfeitar as bibliotecas e escritórios de mahogany em toda a Europa. O resto apodrecia.

Agora, surgem dezenas de "protetores da natureza", destes mesmos países, fazem filmes ecológicos, estudam a natureza e ainda ganham dinheiro com o ecoturismo.

Determinam medidas de proteção, consultoria especializada. Dá para notar que, "sinceramente", amam os elefantes, rinocerontes, leões, leopardos e impalas. As mesmas espécies que adoravam caçar, décadas atrás. Vemos constantemente esses filmes no Discovery Channel e BBC. Recomendam medidas de preservação e, principalmente, é claro, a proibição da caça. Ninguém mais pode caçar. É para proteger a natureza. Mesmo quando feita apenas com zagaias, pelos negros.

Não é honesto. Destruíram e agora criam uma imagem de benfeitores ecológicos. Mas "o pato" não são eles que pagam. Isto fica por conta dos nativos, que não podem mais utilizar-se dela para viver. Estes tornaram-se caçadores ilegais e criminosos.

É o que vai acontecer com o Pantanal. Sumirá sua fauna, vegetação e peixes. Não sei como mas, o destino dele, é ser um deserto, desabitado e sem água.

Aconteceu isso com o mar de Aral, na antiga União Soviética. Um mar enorme, grande parte, virou deserto. Quase aconteceu também, com os Everglades, nos Estados Unidos.

Aí então, casa arrombada, tranca na porta e janela.

E assim é, no mundo inteiro.

Este modo de proteger a natureza não serve. É muito pouco. Não estamos dispostos a gastar nem deixar de ganhar. Não queremos também resolver o problema dos que foram erradicados pela devastação da natureza, pois isto custa dinheiro. Mesmo sabendo que eles irão gerar problemas ecológicos, se ficarem no campo ou problemas ambientais e sociais, indo para as cidades.

Não dá. Sem redução de lucro, igualdade entre ricos e pobres, leis ambientais severas, efetivação destas leis, tecnologia voltada para o meio ambiente e controle populacional, nada feito.

Nos últimos mil anos gastamos talvez uns 70% da natureza que existe. Recursos animais, vegetais e minerais. E a situação não está nada boa. Destruir os 30% que ainda restam, certamente, não resolverá o problema de ninguém. Depois disso, a catástrofe.

O turismo e ecoturismo, apenas arranham o problema. Criam, na verdade, uma falsa impressão, que alguma coisa está sendo feita para proteger a natureza.

São, na verdade, nada mais que um ópio tranqüilizador. Só isso.

18 - xxx O capitalismo "democrático"

Durante dezenas de anos foram criados e incrementados impostos os mais diversos. Muitos eram apenas imposto, como o próprio nome indica. Outros eram criados alegando-se infra-estrutura e programas sociais. Com Sarney era "tudo pelo social" lembram?.

Os impostos eram recolhidos e aplicados como era previsto pela legislação que instituiu o imposto. A verba era "cativa".

Só podia ser gasta na finalidade prevista. Mas isto não era conveniente ao FMI. Pressionou e agora o "panelão" é um só. Tudo é recolhido a um caixa comum e com ele é feito o que for desejado (pelo FMI).

Se a saúde, educação, energia elétrica, aposentadorias, reforma agrária etc. são deficientes e não funcionam, o motivo é este. Não é por falta de dinheiro, é por falta de destinação de verbas, falta de vontade política.

O FMI pressiona e Fernando Henrique Cardoso libera dezenas de bilhões para os bancos. Para outras coisas ele não libera. Se morremos constantemente por falta de segurança, saúde, somos ignorantes e ficamos no escuro é por culpa do FMI, apoiado por Fernando Henrique Cardoso, Malan e Armínio Fraga.

O governo desvencilha-se de suas atribuições, privatiza. A preço de banana. As privatizações não dão lucro, pelo contrário. Antes de privatizar o governo gasta várias vezes o que vai receber na privatização.

Não dá para entender como são feitas as avaliações. Como é possível investir certa importância e logo a seguir avaliar e privatizar por bem menos? Por que o patrimônio não foi acrescido do valor investido? Se a avaliação é menor, onde foi parar o dinheiro? Por que não se investiga?

Na Ferroeste o governo do Paraná investiu trezentos milhões de dólares. Foi privatizada toda a ferrovia, com Ferroeste e tudo por apenas quarenta milhões. Como pode?

O Banestado foi "saneado" com cinco bilhões de dólares, em seguida privatizado por um e meio bilhões de dólares. Dá para entender?

Qual idiota, imbecil ou louco faria negócios dessa maneira?

O governo transfere a responsabilidade a terceiros.

Estes aumentam preços, duplicam, triplicam, colocam pedágios. Paga-se agora muito mais pelo mesmo produto, que as vezes é até pior, muito pior.

Mas nenhum, absolutamente nenhum imposto foi eliminado ou reduzido. O governo não faz mais nada, não tem mais nenhuma obrigação (só na teoria) e continua a recolher impostos. Por que ainda temos que pagar impostos? Se ele não faz mais nada?

Mas Fernando Henrique Cardoso tire o cavalo da chuva, se acha que o Brasil está livre de problemas.

Empresa particular ou multinacional nenhuma vai investir a longo prazo, dez, vinte, trinta anos, para só então, decorrido este prazo, obter lucro.

O negócio da atualidade é emprestar dinheiro e cobrar juros. Capitalismo financeiro. O negócio com o Terceiro Mundo é muito lucro, de imediato, já e agora.

Ninguém vai asfaltar, tratar água, gerar energia, estender rede de esgotos, construir pontes e coisas deste tipo.

Se o governo não fizer isso, vamos ficar sem. É só.

E estas ainda são atividades que podem ser cobradas do consumidor, quer ele goste ou não, seja qual for o preço. Paga ou fica sem, ou vai para a favela.

Mas as atividades patrióticas e sociais puras, as que não podem ser vendidas porque não tem comprador, coisas que tem que ser feitas e que não tem como serem cobradas diretamente do consumidor tais como despoluição, proteção ao meio ambiente, proteção aos índios, segurança pública e nacional, soberania e coisas deste tipo.

Quem vai se preocupar com isso?

Somos informados diariamente, várias vezes ao dia, pela televisão e jornais sobre diversos assuntos: DowJones, Nasdaq, cotação do dólar, Euro, Bovespa, mercado de ações e de futuros etc. acrescidas das mais estapafúrdias explicações de cada ocorrência. Mais que isso. A explicação de ontem não vale hoje. Um fato provoca certa conseqüência e, em outra ocasião, o inverso. Nada é coerente com nada. Horóscopos e numerologia são bem mais seguros e confiáveis. Entretanto tudo isso é dito por apresentadores de televisão, economistas e figurões do governo como se eles não tivessem dúvida nenhuma sobre o que estão falando.

Precisão matemática. Firmeza total (ou fingimento total).

Porém, só explicam ocorrências passadas.

Nunca, mas nunca mesmo, dizem o que vai acontecer, no futuro, de verdade. Aí a firmeza desaparece, isso eles não sabem. Aí as explicações e recomendações são completamente vagas e dúbias.

Explicam exatamente o que aconteceu. Só depois que aconteceu. Quando já é tarde e bem menos interessante ficar sabendo. É como a previsão do tempo. Nunca dizem que em tal e tal lugar vai chover muito, que o rio vai subir tantos metros e casas serão inundadas. Falam apenas genericamente. Não se comprometem. Depois da inundação, tragédia e mortes aí sim sabem explicar exatamente porque tudo aconteceu. Mas já não interessa mais.

A verdade é que, simplesmente não sabem, nem antes, nem depois. Muitos fenômenos, por sua complexidade, não podem ser previstos com facilidade, mesmo utilizando enorme quantidade de dados, modelos rebuscados e supercomputadores. A tecnologia simplesmente ainda não chegou lá. Não temos como saber.

Não adianta. O que fazer então? Como prevenir-se?

Assim como sabemos que mexendo com fogo poderemos nos queimar, sabemos também que é perigoso construir em áreas que inundam periodicamente ou perto de vulcões.

Temos que evitar trabalhar este terreno potencialmente perigoso. Temos que nos afastar do que é inseguro, temos que permanecer em terreno firme e sólido. Poderemos então apreciar a chuva e a inundação como um fenômeno natural e até bonito. Assim como os vulcões. Mas temos que ficar longe deles. Não devemos arriscar nossas vidas, se isso for evitável.

Entretanto, o capitalismo usa como ferramenta essencial o "livre comércio", de ações e valores. Tudo é negociável e comerciável, até valores inexistentes e futuros. Obedecendo a leis de oferta e procura distorcidas, falsas, teóricas e manipuladas. São atividades incertas, duvidosas, perigosas e imprevisíveis. Mesmo utilizando modelos matemáticos e supercomputadores.

Destes procedimentos, entretanto, dependem a maioria das pessoas, empresas, atividades, agricultura, indústria, serviços, Estados, nações e países, no mundo inteiro, diretamente.

São fenômenos sem tendência definida. As vezes são divergentes e as vezes são convergentes. Pode "estourar" no ápice ou no precipício. Agricultores e pecuaristas, além das incertezas naturais, secas, geadas, pragas, doenças etc. ainda tem a incerteza do valor de mercado de seu produto. Indústria nenhuma sabe se o seu produto será competitivo ou não.

Ninguém sabe o que vai acontecer, a não ser talvez alguns poucos, que em certas ocasiões, tem em suas mãos, a possibilidade de puxarem os cordões, conforme sua conveniência.

Empresas sólidas, de futuro, com passado, honradas, honestas, etc. podem desaparecer, de um dia para o outro, por causa de uma fofoca e suas conseqüências no mercado de ações. Crises inteiras acontecem deste modo.

Milhões de pessoas ficam desempregadas e morrem de fome por um simples boato.

A crise dos tigres asiáticos não é um exemplo?

Milhares de empresas iniciam suas atividades e, em prazo relativamente curto, fecham suas portas. Pequenas e grandes empresas. A maioria por falência. Outras são adquiridas por empresas maiores e igualmente encerram suas atividades. É apenas uma eliminação de concorrência.

De DEZ empresas abertas no Brasil, apenas UMA chega ao terceiro ano de idade. É claro, que este terceiro ano, também não deve ser lá, aquelas maravilhas.

Tem cabimento isso?

Por que, cada um que pretenda montar um negócio, tem que contar com uma taxa de insucesso tão elevada, com um risco tão alto? A maioria, joga tudo em uma única cartada e perde. Perdem seu investimento, quase que totalmente.

As instalações, a maior parte, viram sucata sem valor. Jogam dinheiro fora. É necessário recomeçar do zero. Pior ainda, com dívidas.

Deveria existir um sistema ou método que diminuísse essas incertezas. Que diminuísse o desperdício. Que garantisse que o freguês vai entrar na loja e comprar alguma coisa, ou ira contratar algum serviço. Que tornasse essa caçada, pescaria e coleta do homem moderno, mais eficiente, do que o foi, há milhões de anos, quando ele apenas sabia grunhir. Será que não evoluímos?

Por que não uma entidade, de planejamento, competente, para estudar o assunto, qualquer assunto, e então determinar o que tem maior probabilidade de dar certo?

E que isso, então, seja concretizado.

Evidentemente, o sistema econômico tem que mudar. Não pode continuar baseado em "tiros no escuro" e em leis, que nunca se comportam como deviam. Revoguem-se estas leis e façam-se outras, que prevaleçam. À força.

Estamos à mercê de uma oferta e procura, que nunca funciona como é esperado. Sempre é distorcida por especulação e fatores imprevisíveis. Contorne-se esta lei. Por imposição.

Ninguém sabe, com certeza, o que vai acontecer, mesmo em coisas concretas como habitação, alimentação, saúde etc. Não é absurdo?

A competição, tão elogiada, quase nunca resulta em benefício ao consumidor, como todos acham que deveria ser. O benefício, quando existe, é temporário. Até que o concorrente seja eliminado.

É uma briga de foice. Qualquer empresa, tentará, constantemente, por meios legais ou ilegais, éticos ou não éticos, derrubar o seu concorrente ou formar cartéis, forçando o comprador a adquirir os seus produtos, ao preço que ele, em sua onipotência, determina. Até o simples pesquisar, o procurar um nicho de mercado pouco explorado, tem esta finalidade: Ser único, sem ou com poucos concorrentes.

Assim, o mundo inteiro, toma apenas Coca-Cola. O consumidor não tem escolha.

Viajando de avião, quando o mesmo transita pelo Brasil é possível pedir-se à aeromoça um Guaraná para tomar, lá fora porém, ele não existe, mesmo se insistirmos veementemente. Coca-Cola entretanto, existe em qualquer avião do mundo.

Mas é isto o que o consumidor deseja?

Uma multinacional qualquer oferece aos consumidores, como prêmio, uma Ferrari, lindíssima. Todos querem uma Ferrari. Um fabricante local, entretanto, com clientela reduzida, só pode dar uma bicicleta como premiação. O consumidor escolhe, é claro a Ferrari. Mesmo que a chance de ser premiado seja infinitamente menor. Não importa. Ele quer uma Ferrari. Para a multinacional, com milhões de consumidores, o custo da Ferrari é irrisório, ninharia. Para o pequeno fabricante a bicicleta pesa no orçamento.

Assim, por este e centenas de outros motivos semelhantes, que nem ilegais ou antiéticos são, os pequenos são condenados a desaparecer, ficando só os grandes.

A competição é como nas olimpíadas e na natureza. Só admite um vencedor. A medalha de ouro. Prata e bronze nada valem. O vencer é tudo. Só um ganha. Ao vencedor tudo, aos demais nada.

Para vencer qualquer coisa vale: Treinamento, investimento, tecnologia assim como esteróides anabolizantes e fraudes.

No esporte isso ainda é aceitável pois, afinal de contas, os perdedores perdem pouco, podem até tentar novamente, em quatro anos. Mas na vida real, o que está em jogo é a vida. Seres humanos e a natureza morrem por sua causa.

Uma das maiores forças de natureza é a competição. Quando ela acontece, sempre o resultado é a eliminação dos concorrentes. As espécies menos competitivas desaparecem. Não existe alternativa. A coexistência é impossível, sempre. Em um nicho ecológico (ou de mercado) só sobra uma espécie (ou cartel ou Bush, predador)!

O "neoliberalismo" no seu "deixar fazer, sem controlar" afirma, cinicamente, que não é assim. Afirma que os concorrentes irão predar o consumidor, lado a lado, pacificamente. Naturalmente isso não acontece. Somos muito mais bichos do que gostaríamos admitir.

A competição elimina o concorrente. Cedo ou tarde. E o consumidor paga por isso!

Fora algumas multinacionais, bancos e financeiras, quantas empresas mantém-se no mercado por várias décadas? Os mais velhos que olhem em suas cidades e tentem identificar as empresas e lojas que conhecem desde pequenos. Vão encontrar quase nenhuma.

Quase todos os trabalhadores, terão que mudar várias vezes de emprego ou até de profissão, no decorrer de suas vidas. Quanto desperdício de instrução, material, instalações e equipamentos que são abandonados e viram sucata, por causa das falências.

E os milhões de desempregados como ficam? E os seus direitos trabalhistas como ficam?

Para que não exista inflação deve haver recessão e desemprego. Se houver desenvolvimento tem que existir inflação.

Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

A inflação penaliza quem não pode corrigir o seu dinheiro. Assalariados, correntistas e os que tem valores guardados em baixo do colchão. É as custas deles que o desenvolvimento de uma nação tem que ser feito? Os mega investidores nada?

Que sistema econômico louco e absurdo é este, com estes resultados e com este tipo de comportamento? Não tem que acontecer uma mudança radical?

Muitas vezes vemos empresas, em crise, tomarem atitudes ridículas como reduzir consumo de canetas, lápis, luz, telefone, clipes, papel e outras quinquilharias quando o verdadeiro problema é bem outro. A finalidade é alterar o balancete e balanço em alguns aspectos tornando a empresa mais crível perante o mercado de ações. O verdadeiro problema pode ser ignorado.

Se confiar em uma moeda, todo mundo aceita, mas já é perigoso, imaginem confiar em boatos? Quem não sabe disto?

Por que a sociedade não considera, estes tipos de negócio, como sendo por demais inseguros e perigosos e ficamos em terreno firme, longe da erupção do vulcão e das inundações?

Se o sistema econômico mundial, capitalista, é instável e ciclicamente tem apresentado crises graves e gravíssimas, por que não mudar o modelo? Por que ficar sempre na expectativa de uma próxima crise que virá, sem falta, derrubando países e espalhando miséria?

Na verdade, este sistema, só está em vigor, universalmente, porque é desejado, porque é imposto, porque assim convém aos grupos que detém o poder e a influência mundial. São eles que estabelecem as leis e as constituições de todos os países do mundo. Forçam os países a adotar este sistema econômico. São os que insistem em um mundo "livre" e "democrático" e apoiam terroristas como Pinochet, Fulgêncio Batista e os regimes militares, submissos.

Países e regimes só são reconhecidos internacionalmente quando atendem aos quesitos capitalistas. Se não, retaliações e embargo neles. Tem que dobrar-se. São forçados a isso.

São os que manipulam os valores e tiram proveito das instabilidades e incertezas inerentes a este sistema. São os que tem as rédeas nas mãos. Os mega investidores.

Os George Soros da vida. Os deuses da atualidade. Os que movem montanhas e ceifam milhares de vidas, com um estalar de dedos. Proprietários do mundo.

Quem já ouviu a notícia: "Hoje as negociações nas bolsas de valores, em todo o mundo, foram insignificantes, devido a feriado israelita" sabe o que isto significa.

Será que, quando eles possuírem uma bola de ouro do tamanho da Terra, eles sossegarão?

Que Jeová tenha piedade de nós.

A Índia derrubou o colonialismo inglês naquele país. A não violência de Mahatma Gandhi, conseguiu isso!

Na África, país após país conquistou a liberdade, livrando-se do jugo europeu.

Será?

A Índia continua mergulhada em uma miséria sem precedentes, legado dos ingleses. Na África milhões de mortos em conflitos pelo poder, nas novas "democracias", miséria sem precedentes. Milhões de mortes pela fome e por doenças.

A impressão que se tem é que eles não tiveram (e ainda não tem) a capacidade de gerir a si próprios. Não conseguem organizar-se. Falta-lhes algo. Falta-lhes a determinação, a força, a "mão de ferro" dos europeus.

Será que é isso mesmo?

Será que estes países realmente conquistaram a liberdade?

Na época do colonialismo as coisas eram uma maravilha, terras férteis, extração de madeira, produtos naturais, mão de obra barata, minérios às pampas, ouro, diamantes, rubis, ouro, produtos exóticos e assim por diante. Tudo em abundância. Os encargos eram poucos, inexistentes quase.

Com o tempo, a exploração, a extração tornou-se menor e os compromissos aumentaram. Tinham que construir ferrovias, rodovias, hospitais, escolas, proteção militar, policiamento, administração, esgotos, saneamento etc. Começaram a ter que gastar em atividades sociais pois, afinal de contas, muitos dos que nasciam lá eram filhos e netos dos colonizadores europeus. Com direito à nacionalidade européia. Os nativos com o tempo também. Estava tudo isso começando a ficar custoso. E ruim para a pureza das raças "superiores".

O lucro fácil estava diminuindo.

Ora ganhar dinheiro é mais eficiente se as despesas forem reduzidas ao mínimo.

Dando a "liberdade" a estes países, negociadas as propriedades e riquezas, ficavam os países "colonizadores" com os valores e fontes de riquezas e a nova "democracia" com o ônus da reconstrução do país, devastado pelo capitalismo, ou seja as despesas.

Os historiadores chamaram isto de novo momento político mundial.

Por isso a facilidade com que a Inglaterra entregou a Índia aos indianos. Em suas mãos ficaram os valores. Com os indianos a miséria.

Na África a mesma coisa. Multinacionais detém os valores. Aos africanos o resto, ou seja: Nada. Por isso a miséria, as lutas e as mortes. Lutam por algo que não é mais deles, que já não mais existe: Riqueza.

Por isso o Brasil também está mal das pernas: As riquezas não lhe pertencem.

O noticiário não fala e nunca falou uma palavra sequer sobre isso. Sobre o verdadeiro motivo da existência de "democracias", de países "livres", no Terceiro Mundo e mundialmente. Contornam este assunto, como se fosse secundário, sem importância, inexistente. Elogiam a "liberdade" que, finalmente foi alcançada. E só.

Ingleses e norte-americanos, os conquistadores, sempre atuaram assim.

Invadem, corrompem, derrubam um governo, apropriam-se das riquezas e devolvem então o país a um governo submisso, corrupto que concorde que assim seja e assim permaneça.

A reconstrução do país então, é às custas do próprio país que destruíram, não dos conquistadores. Emprestam dinheiro para a reconstrução. O país ainda fica comprometido em pagar o que estes defensores da "liberdade" gastaram para restaurar a "democracia" e indenizações.

Ganham de todos os lados. Um ótimo negócio.

Estou enganado?

19 - xxx As crenças e as convicções

Einstein afirmou que a menor distância entre dois pontos é uma curva. Por causa da esfericidade do universo.

Os predadores não acham isso. Pensam que, se fizerem uma curva, a presa vai fugir e eles passarão fome. Vão direto ao assunto. Usam a lei do resultado rápido. Assim também o ser humano.

Este porém, em alguma época de sua evolução, passou a raciocinar melhor, conseguia pensar alguns passos mais adiante, sem perder-se e sem esquecer a idéia inicial. O raciocínio não era mais apenas imediatista. Pensou: "Tenho que fazer uma ponta de lança, fixá-la a uma vara, tocaiar a caça e então abatê-la. Melhor do que enfrentá-la de peito aberto e ser devorado".

Ampliou o seu conceito de causa e efeito. Isso possibilitou que preparasse suas ferramentas, tornando-as muito mais eficientes. Assim, o raciocínio mais longo, a curva, acabou sendo o caminho mais curto entre o homem e seu objetivo. Einstein, tinha toda razão.

Distanciou-se com isso dos outros animais. Adquiriu a habilidade para explicar muitas coisas do seu dia a dia. Mas, muitas coisas não. Se comia algo venenoso sentia dor, mas muitas vezes sentia dor sem saber porque. Via seus semelhantes adoecerem e morrerem sem que para isso houvesse explicação. As tempestades e raios o amedrontava e não sabia o que os causava. Muitas vezes uma causa resultava em efeitos diversos e um efeito qualquer não tinha causa definida ou de fácil identificação.

Percebeu que existe. A imagem refletida em uma lâmina d'água não era um inimigo ou um seu semelhante. Era ele próprio. Tomou consciência de si mesmo. Percebeu também que deixaria de existir. Via seu semelhante morrer e quem morria não voltava mais. A morte era definitiva, e ninguém era poupado.

Muitos não se conformam. Não conseguem entender o significado da morte. Não sabem que a sua vida prossegue, integralmente, em sua prole. Percebem, as vezes, a semelhança entre seus filhos e ele próprio, mas não os considera como os portadores de sua vida e a continuação dela.

Até hoje pensam assim e não se conformam com a morte.

Desenvolvendo um trabalho qualquer, o homem escolhe o caminho do menor esforço. Topando com um obstáculo procura contorná-lo ou procura um outro caminho, para poder chegar ao seu objetivo.

Desenvolvendo um trabalho matemático qualquer, o homem depara-se repentinamente, por exemplo, com a raiz índice par, de um numero negativo. Não existe solução. Apareceu um obstáculo. O que fazer?

Chama a raiz de -1 de "i" e ignora o problema. Continua o seu trabalho. Eis que, de repente, surge o "i" novamente, desta vez elevado a um expoente par, o resultado é +1 ou -1. Resolvido! Resolveu-se por sozinho. O problema desapareceu, foi contornado.

Quando, há milhares ou até milhões de anos, o homem primitivo não tinha como explicar uma série de fenômenos à sua volta e não conseguia compreender a finalidade de sua existência e morte, ele tentou fazer o mesmo. Contornar o problema. Ignorou a realidade e deu uma explicação sobrenatural a estas ocorrências.

Criou dogmas, crenças e deuses. Quanto mais pensava, mais eram necessários. Achou explicações subjetivas para o inexplicável. Resolveu o problema.

Isto durante muito tempo. Acabou entrando no sangue.

Talvez, por este motivo, hoje em dia, muita gente, mesmo quando estudada e culta, continua a acreditar em coisas sobrenaturais e outras mais, por fé ou instintivamente. Está no sangue e vai permanecer assim por muito tempo.

Agravado ainda pelo fato de, muitas vezes, um fenômeno qualquer, não ter explicação simples. Em um casamento é servido uma maionese, infelizmente, contaminada. Dos convidados que dela comeram, muitos nada sentiram, alguns tiveram indisposição leve, outros indisposição severa, vários foram internados e alguns até morrem. Uns juram que a maionese estava boa e outros nunca mais vão comer maionese, ou qualquer outra coisa. Uma causa com efeitos variados.

Pode ser que a maionese não estivesse toda ela contaminada, uns comeram pouco, outros muito, uns estavam debilitados e outros não, o sistema imunológico de uns estava mais forte que o de outros e assim por diante. As vezes, perguntas, não podem ser respondidas com um "sim" ou um "não", simplesmente.

Não é fácil responder se uma substância é tóxica ou não. Depende, entre outras coisas, da quantidade absorvida. Mede-se a toxicidade pela chamada "dose letal média". É a quantidade que, administrada a cobaias, provoca cinqüenta por cento de mortes. Este é o parâmetro. Nada simples.

Para testar a eficácia de um medicamento, trata-se a metade dos pacientes com o medicamento, que se deseja testar, e a outra metade com placebo, em tudo parecido com o medicamento, porém inócuo. O paciente e também quem está aplicando, não sabem se é placebo ou medicamento que está sendo administrado.

O interessante é que, em vários dos pacientes que receberam placebo, o efeito de cura é total. Não receberam medicamento nenhum e foram curados. O que não tem nada de misterioso. Ocorre um paciente curar-se sem auxilio de medicamentos, como acontece também, pacientes morrerem com medicação e tudo.

Muitas coisas são influenciadas psicologicamente, por todos os que estão envolvidos e muitas vezes a verdade, depende de interpretação. Solano Lopes, Osama Bin Laden são heróis ou assassinos? Existem as duas opiniões. Sabe-se de alguns casos de curas milagrosas ou feitiçarias, em que os envolvidos, acreditando profundamente, são realmente curados ou sofrem as conseqüências da feitiçaria. É necessário porém que todos acreditem, piamente. Estes casos são raros. Em certo naufrágio, alguns sobreviventes, em um bote salva-vidas, aguardavam ser resgatados, já há vários dias. De tempos em tempos um deles pensava ver algo no horizonte e gritava: "Vejam, lá longe, um navio!". Não havia navio nenhum, mas quase todos os demais, confirmavam estar enxergando também, um navio! É claro que o acreditar intensamente, neste caso, não criava um navio de salvamento. Uma ilusão apenas.

Existem coisas que podem ser influenciadas psicologicamente e outras não. Nas que não podem, valem normalmente, leis simples e naturais, são reproduzíveis com facilidade e os resultados são claros.

Nas que são influenciadas psicologicamente, também existe explicação, talvez não tão simples, nem de tão fácil compreensão, nem tão fáceis de reproduzir. Talvez até nem exista explicação clara, ainda. Faz muito pouco tempo que a verdade sobre as coisas está sendo investigada.

Quando fenômenos aparentam contrariar as mais simples leis e o raciocínio, deveríamos desconfiar, e muito. Não podemos usar a fé ou intuição, simplesmente. Até, com um bom raciocínio, chegamos, muitas vezes, a conclusões incorretas.

É só por este motivo, que existem os mágicos e os charlatães.

Temos que desconfiar até, muitas vezes, de verdades evidentes e indiscutíveis. Só porque todos fazem, dizem e usam, não significa que estão certos. Temos que tomar muito cuidado com isso.

Vemos engenheiros agrônomos acreditando em horóscopos, físicos e matemáticos fazendo a sua "fézinha" em jogos de azar, médicos diagnosticando guiados por espíritos, biólogos acreditando na criação divina da vida terrena, gente de todas as classes acreditando em UFOs, exorcismos, numerologia, levitação, destino, fantasmas, quiromancia e assim por diante.

De algum modo, conseguem compatibilizar o raciocínio moderno, com crenças antigas ou sem explicação clara.

E todos eles querendo saber o que acontece depois da morte.

É caminho aberto para todas as seitas, religiões e pseudo religiões. O homem, deixando de lado a razão, está disposto a acreditar naquilo que prometa solução para os seus problemas e que preencha o seu vazio interior.

Acredita naquilo que quer acreditar. É o seu refúgio, neste mundo materialista e cada vez mais impessoal.

É um atrativo muito grande o sobrenatural, a solução mágica de problemas e a explicação fácil de mistérios. O porque da vida. O depois da morte.

Surge, então a literatura especifica, o "esoterismo", que vende horrores. Para felicidade dos autores, editores e livrarias, atingem fundo o ser humano, e ele compra, sem pestanejar:

"Eram os deuses astronautas?" Este livro rodou o mundo. Erich von Daeniken, o autor, passeando pelo mundo inteiro, como turista, ficou, como todos nós, maravilhado diante das inúmeras obras, grandiosamente construídas pelo homem, em tempos passados. Pirâmides no Egito e no México, desenhos gigantescos no Peru etc.

Muitas delas, sem explicação fácil, de como foram executadas, dada a sua complexidade e a presumível falta de recursos técnicos e de projeto, na época de sua construção. Imaginou então que astronautas alienígenas as tivessem construído ou ajudado os humanos a construí-las.

Esta idéia foi como uma bomba.

Juntou "evidências". Todas elas mais ou menos dizendo: O homem não tinha como fazê-lo, difícil, impossível, extraterrestres poderiam ter tal tecnologia, portanto foram extraterrestres que as construíram.

Via em qualquer desenho ou figura uma imagem representativa de astronautas. Juntava somente pontos a favor, os que eram contra descartava.

Deu explicação aleatória qualquer, a assuntos que, simplesmente, ainda não tinham explicação nenhuma.

Cometeu todos os erros que se pode cometer em uma investigação científica.

Vendeu milhões de livros.

"Anjos Conspiradores" e outros livros sobre anjos, astrologia etc. de Monica Buonfiglio. Na televisão, uma vez ou outra, observei a autora, falando sobre estes temas. O que chamava bastante a atenção era a convicção e firmeza com que ela tratava estes assuntos. Nenhuma dúvida ou hesitação quando interpretava cartas e falava sobre acontecimentos presentes e futuros, baseando-se na data, dia da semana e hora de nascimento das pessoas. Realmente ela não estava blefando.

Entretanto, não tem sentido classificar as pessoas e agrupá-las, segundo sua data e hora de nascimento, indicando como elas se comportam no presente e o que devem esperar do futuro, em função apenas disto. Não é lógico.

Pensando um pouco chega-se rapidamente a esta conclusão. As coisas não são tão simples assim. Certamente também não existe dificuldade nenhuma em comprovar que isto não é verdade. Certamente já foi feito inúmeras vezes. O momento do nascimento é importante sim, mas nada mais do que apenas um dos eventos em nossas vidas. Entretanto, acreditamos naquilo que queremos acreditar, e não numa verdade que não desejamos. A razão fica em segundo plano. Assim a fé move montanhas e vende milhares, milhões de livros.

"O alquimista" de Paulo Coelho. Foi traduzido para dezenas de idiomas. O autor foi eleito participante da Academia Brasileira de Letras. Esta obra é elogiada e comentada por dezenas de jornais e revistas (pelo menos é o que consta em seu livro) e foi publicada parece-me que em mais de cem países. Interessante saber que existem "nichos" ainda não descobertos. Minas de ouro surgem nos lugares mais inesperados. Certamente o alquimista Paulo Coelho acertou o filão, achou a sua pedra filosofal. Transformou papel barato em ouro. Pelo menos, aparentemente, o fez honestamente, o que não se pode falar, da maioria das riquezas, que andam à solta por aí.

Comprei e li o livro. Não vi nada de excepcional nele, nada mais que uma simples história, com pouco conteúdo e pouca profundidade. Nada que justifique a sua aquisição. Por mim, nem por outras milhões de pessoas. Quem sabe, minha forma de ver as coisas, tornaram-me cego para aquilo, que milhões enxergam com facilidade. Na minha opinião, não é mais que um, das centenas de livros "esotéricos", que existem por aí, e que não fazem nenhum sentido.

Certamente os elogiosos comentários, feitos pelos meios de comunicação, baseiam-se muito mais na quantidade vendida do que na qualidade literária. Este também deve ser o critério de julgamento dos Imortais, da Academia Brasileira de Letras. Elegeram Paulo Coelho.

Milhões de idiotas não podem estar errados!

"As plantas curam". Um livro publicado há décadas, para utilização por pessoas comuns, mostra como usar as mais diversas plantas para amenizar e até curar quase a totalidade das doenças que afligem a humanidade. Quase todas elas são preparadas sob forma de chá, feito com alguma parte da planta, normalmente as folhas. O limão é campeão, no caso, o suco. Cura quase tudo, inclusive sífilis. Várias páginas é dedicado a ele. Mordida de cobra, raiva, tétano, tísica (tuberculose), todos tem a sua solução neste livro. Até o confrei, proibido hoje em dia pela vigilância sanitária (após a morte de várias pessoas), tem uma fotografia de meia página e várias aplicações curativas. Algumas para doenças do fígado. Justamente por onde o confrei mata. Poucos deveriam ser os acertos e muitas a neutralidade ou ineficiência das recomendações. A menos do efeito placebo, de influência psicológica, é claro.

Pelo menos, ressalva seja feita, nas doenças mais graves, manda procurar um médico.

É claro décadas atrás, muitos viviam no interior, longe dos médicos e hospitais. Curar seus males tinha que ser tentado de algum modo. Preferencialmente a custo reduzido.

Hoje em dia moramos todos na cidade, os médicos e hospitais estão pertos. Porém pela qualidade do atendimento que é dado pelo SUS, o alto custo de consultas particulares e dos medicamentos, temos que, muito mais do que antes até, recorrer a soluções caseiras.

Assim livros como este vendem muito bem.

Nada contra a sabedoria popular. Os povos indígenas, por centenas e milhares de anos filtraram muitos conhecimentos terapêuticos de valor indiscutível. Muitos foram aproveitados (usurpados) pela cultura ocidental, mas grande parte perdeu-se ou foi deturpada. Assim estas publicações são pobres neste aspecto. As soluções que apresentam são mais ou menos inventadas. Ficção, potencialmente letal. Mas vendem muito bem.

A simbologia, a lógica, a causalidade utilizada em livros técnicos e científicos, não é nada simples nem de fácil compreensão. Nem é para qualquer um entender. Entretanto, muitas das afirmações, podem ser comprovadas. Com aplicações práticas inclusive. Estas formam então o esqueleto que sustentam as demais afirmações lógicas, mas ainda sem comprovação. Assim é construída a credibilidade. Tudo isso, é claro, sujeito a revisões e correções.

Os gregos eram mais radicais ainda, desacreditavam totalmente nos sentidos. Todas as afirmações só eram válidas após passarem pelo crivo do raciocínio e da lógica. Nem que estivessem enxergando ou tocando em algo simples, claro e evidente.

O "esoterismo" não. A base dele, assim como das religiões, é a fé. Vale, o que você acredita como sendo verdadeiro. Não existe estudo nenhum que possibilite chegar à verdade, a não ser pela fé. "Está escrito". Este é o fundamento. As vezes é um livro antigo como a Bíblia, Alcorão etc. e as vezes são milhares, como no "esoterismo".

Se colocarmos a mão no fogo ela queimará. Isto é certo. Sabemos exatamente o que irá acontecer. Muitas coisas são assim.

Imaginemos agora que tenhamos um emprego, exercendo alguma atividade qualquer, e surge a oportunidade de uma mudança. Podemos deixar como está ou mudar. A decisão é muitas vezes difícil. A situação não é clara e as duas opções podem resultar boas ou más. Não temos como prever o que vai acontecer. Muitas coisas são assim.

Uma maneira é, com realismo (evitando ao máximo intuição, pessimismo, otimismo, emoções etc.), listar os prós e os contras de cada opção, quantificando, se possível, e decidir friamente pela melhor delas. Fez-se assim, o melhor possível e, qualquer coisa diferente disso, seria apenas pior. Não temos porque nos arrepender.

A outra maneira é deixar os astros, intuição, números e anjos decidirem. Está nas estrelas. É o destino. Igualmente não temos porque nos arrepender.

Tomamos um medicamento e ficamos curados. Como saber, se não tivéssemos tomado o medicamento, que continuaríamos doentes? Nem sempre é fácil saber. Muitas vezes nunca, realmente saberemos, qual seria o resultado, da opção que não foi escolhida.

Teria sido melhor ficar no emprego? Teria sido melhor mudar? Ficamos em dúvida. Não temos como saber o que iria acontecer, já que não foi feito. Campo aberto para especulações. Assim, quase sempre é possível a afirmativa, que a decisão tomada foi a melhor e que a não tomada a pior e vice-versa.

Por isso o "esoterismo" não morre nunca. Sempre encontra terreno fértil nas pessoas e nunca é desmascarado.

Muitos milhares de anos serão necessários para que a racionalidade predomine. Tempo que o ser humano não dispõe. Muito antes disso, a sua falta de pensar, o levará a extinção ou de volta às origens. Viverá novamente, como um animal, de cérebro grande, mas apenas um animal. Assim como os elefantes. Eles também têm cérebro grande.

20 - xxx O que esperar das próximas décadas

Italianos, alemães, poloneses, espanhóis, russos, ucranianos etc., pressionados, principalmente por problemas de sobrevivência, vieram ao Brasil, como colonos. Vinham completamente despreparados para as condições que iriam enfrentar nos locais de destino. Além de trazer as coisas erradas, muitos ainda tinham mentido, afirmando que em suas terras de origem, eram agricultores, quando na verdade tinha profissões típicas de cidade.

O último trecho era feito por picadas (antigamente chamava-se os "trails" e trilhas de picadas), em lombo de burro. As terras mais adequadas, mais férteis, eram por vezes as florestas, que na época ainda existiam em abundância. Após vários dias, chegavam ao local demarcado, as coisas eram descarregadas e o tropeiro, com seus burros, retornava. A família agora estava sozinha. Vizinhos, nenhum ou muito distantes. Não tinham trazido nem uma lona, para improvisar uma barraca e nela passarem as primeiras noites.

Tinham de imediato que fazer uma choupana, e nem sabiam como. A primeira chuva, torrencial, estragava quase tudo que tinham trazido, inclusive as sementes que trouxeram.

Tinham que abrir uma clareira para criar espaço e então começar a sua vida. Eram como alienígenas, em um mundo estranho, desconhecido e hostil. Tudo era novo.

Sentiam-se como um cearense do interior, ao desembarcar de um "pau de arara", em plena Avenida Paulista, para recomeçar a vida.

Seus conhecimentos de nada serviam, era tudo diferente. Língua, clima, vegetação, estações do ano, alimentos, ferramentas, tudo. Faziam tudo errado. Aprendiam com os vizinhos mais antigos que também faziam tudo errado.

As crenças e superstições desenvolveram-se rapidamente. Passo a passo cometiam os mesmos erros que os homens cometeram no decorrer de dezenas de milhares de anos. Pouco adiantou o fato de muitos terem estudado, saberem ler, escrever e terem a capacidade de raciocinar. Suas profissões para nada serviam, referiam-se a assuntos diferentes do que os problemas imediatos de sobrevivência. Abandonaram décadas de conhecimentos, em pouco tempo.

Saíram dos séculos XIX e XX e voltaram a um passado distante, em apenas uma geração.

Não é difícil imaginar o que aconteceria a um cidadão da vida moderna, tivesse ele que enfrentar um ambiente que não estivesse acostumado, na finalidade de sobrevivência. Estaria até em pior situação.

Compramos tudo que precisamos para viver, em um alto grau de elaboração. O frango vem limpo, podemos comprá-lo até, já assado. Doces e compotas, dona de casa nenhuma mais sabe fazer. Quase tudo pode ser comprado, colocado no forno e aquecido, sem mais nenhum preparo. Conservas só as compradas.

Quem sabe preservar carne e outros perecíveis sem freezer e geladeira?

Profissionalmente somos, a maioria de nós, apenas uma engrenagem, na linha de produção, criada por Henry Ford. Sabemos fazer uma atividade especifica, mas não temos nem idéia para que serve, ou qual o produto no fim da linha, ou como funciona o todo. Isto poucos sabem. Tomamos medicamentos dos quais não temos a mínima idéia do que se trata, ou como são feitos.

Se nesta situação, algo imprevisto, nos obrigasse a cuidar da sobrevivência imediatamente, certamente poucos sobreviveriam.

Seríamos emigrantes de um país estranho, em nossa própria terra.

Não saberíamos nada. Nem como construir uma choupana.

Pior que isso. Estaríamos diante de um meio ambiente poluído e degradado. Nosso inimigo não seria a floresta, que precisa ser dominada e sim, a ausência dela. Teríamos que reaprender tudo, desde o começo.

Voltaríamos para a idade da pedra em uma geração, os que sobrevivessem.

Não sabe-se ao certo o que aconteceu com os Maias, no México (com os Astecas sim, Cortez que o diga). Por que sua civilização, muito mais adiantada que a europeia, sua contemporânea, terminou por esfacelar-se? Seria alguma catástrofe, fome, doença, seca, praga, problema genético do milho, superpopulação? Algo importante aconteceu, de ampla extensão. Num intervalo de tempo relativamente pequeno, fez com que fossem abandonados, ao tempo, as dezenas de cidades e construções então existentes.

Muitas civilizações desapareceram e os motivos são desconhecidos.

Mas o que poderia acontecer que causasse isso? Quem sabe?

Não conseguimos esclarecer a contento as causas das falências das civilizações passadas, como saber o que será das presentes?

Estamos cada vez mais vivendo em cidades, grandes cidades. Isto é perigoso.

Uma cidade para que possa existir tem que ter uma estrutura, grande, complexa e artificial. Tem que existir um engrenamento como num relógio. Todos nós a usamos sem pensar. Só percebemos que existe, quando alguma coisa deixa de funcionar. Água, esgotos, ruas, sinalização, coleta de lixo, transporte coletivo, segurança, suprimentos e tudo mais. Tudo tem que funcionar. Todos tem que ter habitação, possibilidade de adquirir alimentos, de proteger-se do frio e das intempéries. Todos tem que ter emprego, saúde, educação.

O custo por habitante, de manter tudo isso funcionando, é cada vez mais alto, quanto maior a cidade. Cresce exponencialmente. Para o cidadão e para o Estado. Não é de imaginar que as cidades possam crescer indefinidamente. O provável é chegar a um ponto quando então alguns problemas não tem como serem resolvidos e ocorra uma falha nos suprimentos ou serviços. O transporte, de pessoas e mercadorias, é um problema deste tipo. As cidades deixarão de crescer. Irão deteriorar-se e então regredir.

Este poderia ser um motivo.

Existem, outros motivos, mais modernos também.

Um Holocausto nuclear é improvável, sempre foi. Estas armas são tão terrivelmente poderosas que ninguém teria coragem, em sã consciência, de apertar o gatilho, destruidor da humanidade. Um louco talvez.

Um Bush irado e vingativo, à frente do seu povo, contra o "terror", poderia lançar bombas H, ataques bacteriológicos e químicos, sem dúvida nenhuma, para afirmar, mais ainda, o seu poder e força. Mas destruir o mundo não.

É improvável que o faça desse modo. Assim de repente.

A guerra fria, a corrida espacial e armamentista, que poderia, por uma loucura qualquer, colocar o mundo em perigo, nunca mais. Esta batalha os Estados Unidos venceram definitivamente, são insuperáveis. Ponto final.

Quem sabe o tão falado efeito estufa, o aquecimento global, a elevação do nível dos oceanos?

A desertificação e erosão das áreas de pasto e de agricultura?

O esgotamento de recursos não renováveis e a insuficiência dos renováveis, sem que seja encontrado um substituto adequado, tais como petróleo, madeira, energia elétrica, metais diversos, água potável?

O cobre, fora a prata, é melhor condutor elétrico do que o alumínio.

Os motores elétricos, por vários motivos, não devem usar fios de alumínio nos seus enrolamentos. O alumínio existe em abundância, o cobre não.

Os motores elétricos, são substancialmente os mesmos, desde que foram inventados. Não sofreram modificações significativas. Continuam usando cobre.

Não existe nada melhor. Quando este escassear, como este problema será resolvido? Sua mineração será cada vez mais complexa e custosa chegando então ao seu final. Será que irá surgir um substituto ou os motores elétricos ficarão limitados ao cobre que é reciclado?

Quinze minutos depois das torres gêmeas entrarem em colapso Bush afirmou: "Foi Osama Bin Laden". Poderia ter dito Pedro, João, qualquer nome, desde que fosse alguém que estivesse no Afeganistão ou Iraque. Agora, ganha a batalha que o mundo inteiro promoveu contra o "terror", derrubado o governo "protetor" de Bin Laden, Pedro

ou João, eles vão construir um oleoduto que atravessa esse país. Mera coincidência. E ninguém verifica se Osama Bin Laden é culpado. Nem precisa mais. Petróleo é petróleo.

Como doidos, estão procurando qualquer deslize real ou imaginado de Saddam Hussein, para atacar aquele país. Quem sabe, um dia, eventualmente, se ele quisesse e pudesse, talvez teria condições de fazer meio quilo, de arma de destruição em massa. Nem que seja para destruir massa de pão. Qualquer massa serve. Aí, novamente, unidos, o mundo inteiro, contra o "terror", os Estados Unidos poderão bombardear e arrasar aquele país. Derrubar seu governo e instalar a "democracia" e a "Liberdade Duradoura" tão aspirada por todos os iraquianos, menos um: Saddam Hussein. Coincidência: Eles são grandes produtores de petróleo.

No Brasil as coisas são mais fáceis. Privatizações custam menos que porta aviões e aviões invisíveis ao radar, são de graça. Puxam a orelha de Fernando Henrique Cardoso e este fala como o seu primo Henry Reichstuhl, Presidente da Petrobrás. Este muda seu nome para Petrobrax, divide-a em partes (dividir para enfraquecer), enxuga-as ao máximo com terceirizações, demissões voluntárias e incentivo a aposentadorias precoces, tudo isso "saneado" às custas do governo. E então, embrulha de presente e privatiza. Deu certo. Pena que, apenas parcialmente. As orelhas de Fernando Henrique Cardoso devem estar ardendo.

O parâmetro para medir terceirizações e enxugamentos é a quantidade de acidentes que acontecem. Derramamento de petróleo, explosões, incêndios e afundamentos de plataformas marítimas. Quando são muito freqüentes o limite foi alcançado, está na hora de privatizar. A opinião pública então, já está farta de saber, pela boca da TV Globo, da ineficiência dessas terríveis estatais, todas elas, cheias de marajás. Isso tem que acabar! Com os acidentes os preços das ações também caem, fica mais fácil privatizar.

A maior tecnologia mundial de exploração marítima, décadas de experiência, pioneirismo e investimentos, vai de graça. Não custa nada. Com os cumprimentos de Fernando Henrique Cardoso.

A energia portátil, sem o petróleo, é impensável. O álcool compete realmente com a gasolina ou apenas porque é subsidiado? Será que a natureza suportará este encargo que é o álcool, se ele for usado intensivamente? A célula de hidrogênio, chegará um dia a ser portátil e o hidrogênio, produzido sem causar poluição?

Muito bom seria uma bateria durável, de pouco peso e volume, que armazenasse energia elétrica equivalente a um tanque de gasolina, por exemplo. Só isso já resolveria muitos problemas mas talvez não aconteça nunca, inventarem uma.

Não existe garantia nenhuma que a ciência e a tecnologia resolvam os problemas, a medida que eles vão surgindo. Alguns sim, alguns menos e outros não.

Muitos serão solucionados mas o custo será, por demais, elevado. A sociedade terá então que conviver com eles. Se puder.

Alguns desse problemas podem inviabilizar a sociedade como a conhecemos. As cidades podem tornar-se habitações impossíveis. Teremos que voltar as origens, o que

não será nada fácil. Esquecemos o que sabíamos e esqueceremos tudo o que sabemos. A população diminuirá e a preocupação será a sobrevivência imediata.

Seremos os Maias da atualidade.

Mas existe uma vantagem: Pelo menos não teremos televisão.

21 - xxx O consumidor como fonte de dinheiro

Em cidades grandes, umas poucas vezes somos surpreendidos, agradavelmente, por um episódio qualquer, que nos faria readquirir a confiança no ser humano, não acontecesse isto, com tanta raridade. Estes fatos mostram que o homem pode ser diferente e que isto depende apenas dele. É apenas uma questão de atitude. Um pouco de cada um e o mundo seria muito melhor, em três tempos.

E não é difícil. É só deixar as coisas, um pouco melhor do que encontramos, no mínimo igual, pior nunca ou quase nunca. Em, casa, na rua, no trabalho, no boteco, no lazer, no comportamento, nas ações, na atitude, sempre.

Perto de casa existia uma pequena farmácia. Quando algumas vezes era necessário que se aplicasse injeções em um doente, que não podia sair de casa, eles o faziam, sem hesitar, quantas vezes ao dia fosse necessário.

Mas não aproveitavam-se disso. O preço cobrado, era o mesmo da aplicação de injeções, na farmácia, uma ninharia. Era uma cortesia ao freguês. Entendiam que, ter um doente em casa, é um encargo grande e isto poderia ser amenizado, um pouco, que seja. Se um medicamento não existia na farmácia eles diziam: "O Sr. pode vir, daqui a meia hora, que vai ter". E, realmente tinha.

Ao preço normal. Conquistavam assim o freguês. Estes, por sua vez, respeitavam isso. Depois de meia hora voltavam lá, para comprar o remédio e não pediam também aplicações de injeção, em casa, quando isso não fosse absolutamente necessário. Esta farmácia não "empurrava" remédios e só vendiam medicamentos com receita. Ela fechou, não sei qual o motivo. Talvez o dono tenha morrido.

O nome: Farmácia Gatti, em Curitiba.

Meus filhos, desde pequenos, freqüentavam uma escola, particular, cara, mas muito boa. Após alguns anos, as dificuldades financeiras aumentaram e eu tinha que tira-los da escola. Passado o prazo final para rematricular os filhos, telefonaram pedindo que eu fosse lá. Expliquei que as finanças não estavam boas e que não podia mais pagar a escola deles. Aí o Diretor disse: "Aluno nenhum, vai deixar de estudar neste colégio, por causa de problemas financeiros!" Concedeu-lhes bolsa de estudos integral, por mais de um ano até. Isto sem eu pedir. Meus dois filhos terminaram o segundo grau neste colégio, fizeram vestibular para Engenharia Civil, na Universidade Federal do Paraná, extremamente concorrido e passaram, ambos, "na primeira".

O nome: Colégio Martinus, em Curitiba.

Se nunca agradeci a estes dois estabelecimentos pelo que fizeram, faço-o agora.

São exemplo de profissionalismo, como se diz, acima e além do dever.

Certa ocasião, tendo cortado o dedo em um prego enferrujado, fui a uma farmácia perto, pertencente a uma grande rede, com propaganda na televisão e tudo. Mostrei o ferimento e disse que gostaria que fosse feito um curativo e que fosse aplicada uma injeção antitetânica, se necessário.

Curativo eles não faziam, e injeção antitetânica, só com receita médica. Nem opinião podiam dar, sobre o que achavam do corte. Sentiam muito.

Devem ter mil razões e leis que os façam agir desse modo. Com certeza.

Como era sábado, a única maneira de resolver o problema seria ir a um pronto socorro ou serviço médico. Acabei não fazendo nada disso. O ferimento não era tão grande assim. Comprei algumas coisas, fiz eu mesmo o curativo e, felizmente, nada de infecção nem tétano. Mas um gostinho amargo ficou.

Vemos este comportamento impessoal, o "rale-se", para não dizer outra coisa, quase que exclusivamente, em todas as profissões.

Encontramos um conhecido na rua. Papo superficial. Na despedida a frase: "Apareça lá em casa". Não é para ir, de jeito nenhum. É só uma maneira de falar. Vamos a uma loja, olhamos, indagamos e saímos sem comprar nada, dizendo ao vendedor que passaremos depois, para comprar o produto. Não fazemos isso. Nem é isso, o que o vendedor espera, que façamos.

Em qualquer lugar, "um minutinho" que nos é solicitado aguardar, nunca acaba sendo apenas um minuto.

Vamos a uma loja e perguntamos sobre um produto qualquer. "Não temos no momento. Mas semana que vem o Sr. pode passar aqui que tem". Na semana seguinte vamos lá. "Não chegou ainda mas depois de amanhã, chega." Dois dias depois: "Talvez semana que vem".

Vemos uma propaganda anunciando um produto em oferta. Vamos até a loja. "Ah, o produto acabou, a oferta foi muito boa e, em pouco tempo esgotou. Mas temos outros produtos similares, até melhores. São mais caros, é verdade, mas até melhores".

As vezes vemos o mesmo anúncio no dia seguinte. E não vamos ao Procon de preguiça.

É um direito mentir. Todos nós usamos esse recurso, costumeiramente. Não temos coragem de manter a verdade, somos medrosos e por isso mentimos. Muitas vezes, por comodidade, por safadeza e até por piedade. Mas sempre mentimos. É um jogo. Mentir sem que o outro perceba. As vezes até o outro percebe, mas aceita e fica quieto. Mente então para si mesmo.

A vida tornou-se muito mais complexa e burocrática por causa da mentira. Muitas ações do homem são exclusivamente voltadas para controlar as mentiras dos outros.

Na Índia um provérbio diz: "Uma mentira é pior que mil mortes". Estranhamos esse pensamento. Entretanto, falassem todos a verdade, certamente muitas mortes, milhares até, seriam evitadas.

Mentir é um direito.

Menos para as crianças. Estas, se forem flagradas mentindo, principalmente para os pais, apanharão para valer. "Mentir, que coisa feia, como é que pode!" e dá-lhe castigo. Só mais tarde, quando já crescidas, entenderão que mentir é normal e até obrigatório em muitas situações. Apanhavam não porque mentir é errado ou para a formação do caráter. Apanhavam apenas porque os pais queriam se proteger das mentiras dos filhos. Nada pessoal.

Todos mentem. Os compradores e os vendedores. Os compradores para se livrar do vendedor e os vendedores para segurar o cliente.

Por isso o brasileiro adora lojas tipo pegue e pague.

Tudo é pegue e pague. Alimentos, roupas, eletrodomésticos, ferramentas, medicamentos, informática, livros, carteiras de habilitação, cursos superiores, tudo.

O brasileiro não quer mais saber, de ter um vendedor, rodeando-o, como um cão esfaimado. Ele prefere ser enganado, mais sutilmente, pela propaganda, marca, "griffe" ou embalagem do produto. O resultado é o mesmo. Mas é mais sutil.

Ele pensa, que a decisão de comprar, foi dele.

Falando sobre lojas pegue e pague o ruim é que muitas delas vendem de tudo. São enormes. Gigantescas. São os latifúndios do comércio. Mas isto não é uma vantagem, ao contrário. Tem de tudo, mas apenas um pouco de cada coisa. Se compararmos cada setor de uma grande loja dessas, com as antigas lojas especializadas, veremos que somos extremamente mal servidos. Temos muito menos opções. Apenas uns poucos produtos, medíocres, estão disponíveis. E os preços não são nada competitivos. Materiais de construção por exemplo, ferramentas, por exemplo. Os encarregados dos suprimentos dessas lojas tem que ser especialistas em um milhão de assuntos e é claro que ninguém entende de tudo. Muitos produtos que vendem são caros e, principalmente, sem qualidade. Tem a qualidade dos produtos das lojas de 1,99, só que o preço é maior. Vendem bem porque sabemos que lá poderia existir algo parecido com o que desejamos ou porque entramos para comprar alguma coisa e acabamos comprando também o que não queremos ou porque é noite ou feriado e estas lojas ficam abertas 24 horas. Vendem também porque este tipo de loja está na moda. Ir a um loja destas não é fazer compras. É um evento social. Com tudo isto, elas tiram as lojas especializadas do mercado e cada vez mais somos obrigados a recorrer aos pegue e pague. As poucas lojas competentes em cada assunto, as especializadas, ficam cada vez mais longe. Elas tem de tudo e de todas as qualidade, é verdade, porém pela quantidade reduzida de clientes, e justamente por serem poucas, os preços de seus produtos tornam-se muitas vezes proibitivos. Sofrem verdadeiramente, pelos pegue e pague, pelas lojas que vendem de tudo, uma concorrência, desleal e exterminante.

Mas, tudo isso não aconteceu no Brasil espontaneamente. Teve que ser implantado por trabalho árduo e persistente dos legisladores e governantes. Horários de funcionamento de lojas tiveram que ser alterados, os direitos trabalhistas, horas extras, adicional noturno, trabalho aos sábados, domingos e feriados tiveram que ser modificados, os tipos de produtos que cada tipo de loja poderiam vender teve que ser alterado.

Agora farmácias podem vender sanduíches, moto-serras e até medicamentos. Tudo isso para atender aos interesses dos grandes capitais.

Experimente competir com eles.

Estamos vendo agora, recentemente um tipo de comercialização ao qual não estamos acostumados, ainda. Os telefonemas. Tanto quando recebemos quanto os que fazemos. As empresas, sabiamente, reconheceram que podem atingir o consumidor na tranqüilidade de suas casas, num combate corpo a corpo, com muita facilidade. Selecionam belíssimas jovens, (é o que se imagina que são, pela meiguice das vozes que possuem), as treinam exaustivamente para que tenham sempre uma resposta cortês e gentil, falem com segurança, tenham habilidade em convencer-nos de qualquer coisa, nunca deixando de ser educadas e nunca, mas nunca mesmo, percam a cabeça.

Dizem milhares de vezes ao dia "Boa tarde, senhor" e "Muito obrigada, senhor", convincentemente, como se desejassem realmente isso, de todo coração.

Quem resiste a tudo isso?

Não interessa o assunto, quem tem razão ou se o produto é bom ou não. O objetivo é convencê-lo. Aparentam ser extremamente pessoais com este contato direto, mas a impessoalidade é total. Querem apenas arrancar o seu dinheiro. Ou deixar de devolvê-lo, quando de uma reclamação.

Tudo isso apenas porque o comércio e todas as outras atividades esqueceram-se de uma coisa fundamental em qualquer profissão: A ética. O acreditar no que estão fazendo.

O agricultor não planta para matar a fome das pessoas e sim para ganhar dinheiro. O médico não vê na sua profissão um meio para aliviar o sofrimento das pessoas e sim uma atividade rentável e de prestígio.

As profissões são, cada vez mais, apenas uma máquina de fazer dinheiro. É o "American way of life".

O mercantilismo, o ganhar dinheiro, são as únicas motivações. Qualquer ética e bom desempenho profissional tem que submeter-se a isso. Profissionais bem sucedidos, não são os profissionais excelentes, que dominam suas especialidades.

De sucesso são, isto sim, aqueles que fazem muito dinheiro com as suas profissões. Quanto mais e mais fácil, melhor. Mais conceituados e admirados são. Não importa quão porcamente a exerçam. É só enganar bem.

Todos os empregados são obrigados a atuar dessa forma. Tem que, muitas vezes, ir contra o que preceitua a sua formação, contra a ética profissional, até contra a legalidade, porque isso beneficia o empregador. Administradores e contadores fazem "caixa 2", engenheiros utilizam em suas obras produtos de qualidade inferior, advogados cometem estelionatos sem pestanejar etc.

Protegem seu emprego. Se firmarem pé na ética profissional e isto for contra os interesses do empregador, logo terão que procurar, um novo emprego.

A ética deveria existir em todas as profissões, é claro. Em algumas, entretanto ela deveria ser para valer. Os cursos correspondentes, deveriam ter, em todos os anos letivos, como cadeira obrigatória e eliminatória, a ética. Teria que ser falado tanto nela, uma verdadeira lavagem cerebral e condicionamento mental, que o profissional nem soubesse como atuar diferentemente depois, sem ter um enfarte ou derrame, fulminantes.

Muitas profissões teriam que ter ainda, desta mesma forma a cadeira de honestidade e também a de estatística.

Imaginem juízes, policiais, advogados, jornalistas, políticos, presidentes de clubes esportivos, profissionais de propaganda, marqueteiros, líderes de campanha política, empresários dos meios de comunicação, todos eles pensando eticamente e honestamente?

Fechariam os jornais e as televisões por falta de notícias. Até o tráfico de drogas ficaria reduzido a quase nada.

Quem já foi entrevistado por um psicólogo, por exemplo, como candidato a um emprego, talvez nem tenha percebido, que a sua vida foi virada pelo avesso, colocando à tona, muitos fatos, de sua vida particular e íntima. E não adianta querer enganar o entrevistador.

As empresas não querem investir em um "louco" ou um "zero à esquerda" para depois ter que demiti-lo e ficar no prejuízo. Mas até que ponto este motivo é válido? Resolve o problema da empresa. Mas, e o candidato? Digamos que ele tenha sido habilitado profissionalmente e declarado apto a exercer uma profissão, através do seu diploma ou algo que o valha. Por exemplo um motorista profissional. Como pode, uma empresa, julgá-lo novamente, sob outros critérios e declarar, que ele não é competente profissionalmente, negando-lhe a vaga?

Se isto fosse válido, deveria ser feito, oficialmente, antes da pessoa escolher uma profissão e não depois que ela já se formou, como acontece com os motoristas. Muitos psicólogos sabem disso e não sentem-se à vontade elaborando seus laudos condenatórios. Mas, fazer o que, quem manda é o chefe.

Dinheiro é dinheiro, ética é outra coisa.

Advogados são pessoas comuns. Como todos nós. E, como todos nós, tem suas fraquezas. A advocacia é uma das profissões mais sujeitas a corrupção, das que existem. Advogados pedem aos clientes que assinem uma procuração, a mais ampla e irrestrita possível. Cliente nenhum recusa assiná-la. Se não confia no advogado, por que falou com ele? É como ir a um médico e não confiar nele.

O advogado, em posse dessa procuração pode fazer o que quiser, inclusive substabelecer, com ou sem reserva de domínio. Ou seja, você contrata um advogado e ele pode passar para outro, no todo ou em parte. Ele pode até, se quiser, só angariar clientes, fazê-los assinar a procuração e vende-las para outros advogados. Eles podem fazer tudo, receber, quitar, cobrar de você o quanto quiserem, vender sua mãe, tudo.

Quem já teve em sua conta ou em seu poder dinheiro, que pertence a outras pessoas, sabe o quanto é difícil, não meter a "mão no jarro". Especialmente quando é uma questão de confiança. Como com os advogados.

É preciso uma vontade de ferro, para continuar sendo honesto.

Principalmente, quando estamos em dificuldades, os compromissos pendentes e a prestação da geladeira (ou da Ferrari) vencida. Os advogados tem este problema. Estão com o dinheiro do cliente e devem entregá-lo, como é devido. Muitos sucumbem à tentação. Se passam o cliente para trás, sabem ainda, que é difícil, que este tenha efetividade, em sua reclamação. Que pode o cliente fazer? Contratar outro advogado para processar o primeiro? Ir a polícia reclamar com o delegado (advogado), ir a um promotor (advogado), a um juiz (advogado), reclamar junto a OAB, toda ela cheia de advogados? Corvo não come corvo.

A oportunidade de ser desonesto, como advogado, é muito grande.

Muitas vezes estão envolvidos, com acertos de questões financeiras e não é difícil que tirem uma casquinha para si mesmos. Advogado bom, é o advogado "vivo", "esperto". O estelionato, quase todo ele, é feito por advogados.

Nas grandes e pequenas falcatruas sempre estão presentes advogados. Muitos, mas muitos mesmo, são denunciados à OAB. Muitíssimo mais do que médicos ao CRM (Conselho Regional de Medicina), ou engenheiros ao CREA (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura).

Quando temos um problema de justiça ou ficamos na frigideira e arcamos com o prejuízo ou contratamos um advogado e caímos no fogo. Infelizmente a advocacia é assim.

Por causa da ética ou melhor, da falta dela.

22 - xxx A mídia quer vender e influenciar

Torcer os fatos é especialidade dos meios de comunicações. Ferramenta de trabalho ideal para convencer as pessoas, que ser escravo é perfeitamente normal.

Diariamente são apregoados os indicadores das bolsas de valores, nas televisões. O que é um absurdo, imensa maioria não entende do que se trata nem joga neste cassino de ricos. Mas nem mesmo os próprios ricos seguem estas informações, procuram fontes mais confiáveis. Assim, qual o objetivo?

Além de encher lingüiça, como as previsões do tempo que nunca funcionam, a finalidade pode muito bem ser, apenas divulgar, tornar aceitável pela sociedade, as negociatas especulativas. Para que ninguém questione o absurdo que é a jogatina operada pelo sistema econômico.

Certa vez, em um reino distante, um súdito, foi condenado à morte. O motivo era que ele fazia intrigas, falava mal das pessoas e instigava uns contra os outros, um tremendo fofoqueiro. Implorou ao rei o seu perdão.

O rei então pegou um travesseiro de penas, foi até a torre mais alta de seu castelo e espalhou as penas ao vento. Disse ao súdito, que se ele conseguisse catar todas as penas, ele seria perdoado.

Um programa de televisão, apresentado por um tal de Russomano, já faz tempo, funcionava como segue:

Alguém que se sentisse injustiçado, por uma empresa qualquer, podia recorrer ao programa, para que ele o ajudasse a obter seus direitos. Um serviço ao público. O injustiçado, explicava seu caso ao Russomano que, achando procedente, juntava seu "cameraman" mais o injustiçado e ia até a empresa, loja ou o que fosse, tirar satisfação. Ia filmando tudo, placa da empresa, endereço, citando qual foi a encrenca, nome do proprietário, tudo.

Chegando lá, quando eram recebidos pelo proprietário, normalmente a discussão era feia e o caldo engrossava. Muitas vezes saiam tapas e bofetões. O ibope ia a mil por hora. Às vezes chegavam a um acordo e, freqüentemente, não.

Muitas vezes os proprietários, vendo que era o Russomano que estava chegando, cerravam as portas, soltavam os cachorros e se escondiam debaixo da cama. Isso ele considerava como confissão de culpa. A pichação era total. E iam embora.

Depois disso tudo, é claro, quantos iriam solicitar os serviços daquela empresa ou adquirir alguma coisa dela? Muitas, certamente, entravam em parafuso. Não havia ninguém para catar as penas.

Russomano, como o Papa, infalível, era o repórter e, além disso também, escrivão, delegado, oficial de justiça, advogado de defesa, promotor, júri, juiz, executor da sentença e Deus, tudo junto. E se ele estivesse enganado?

Nada contra defender os interesses de alguém que se ache injustiçado, entretanto pichar e denegrir, ameaçando arrastar na lama o nome da parte contrária, usando a mídia como arma, não é nada elogiável. O castigo pode ser severo demais para o infrator, principalmente quando ele é pequeno. Imensurável.

Hoje, fora engano, ele é senador ou deputado federal, aprovando e fazendo as leis que regem este país. Este tipo de atuação valeu-lhe este cargo. O eleitor gosta disso.

Interessante é que, nunca as empresas visitadas, eram de grande porte ou de grande nome. Sempre de fundo de quintal, ou quase. Aparentemente grandes empresas e empresários não cometem falcatruas. Russomano não cutuca onças. A vara poderia ser curta demais.

Mas afinal, por que estes empresários tinham medo? Quem não deve não teme. Seria só ficarem firmes e a verdade triunfaria. Não é mesmo? Por que ter medo?

Um só exemplo, para esclarecer isto:

"DONOS DE CRECHE SÃO ACUSADOS DE PEDOFILIA".

Qual canal de televisão ou jornal não noticiou isto, em letras garrafais?

Será que um editor ou jornalista, titubeou sequer, em pensar se era ou não verdade? Será que alguém teria dito: "Acho melhor não noticiar isto, enquanto não tivermos certeza que é verdade". Se o fizesse, estaria na rua, não para mais uma reportagem, mas sim, da amargura. Seria demitido sumariamente!

A creche foi apedrejada, os donos foram apedrejados, os pais tiraram seus filhos da creche, perderam a creche, perderam sua dignidade, reputação e suas profissões. Devem agora estar vendendo espetinhos de gato no viaduto do Xá ou Chá (das cinco).

Porém, foi tudo um engano. Apenas uma intriga, uma fofoca. Nada mais. Eles eram inocentes.

Será que algum desses canais de televisão ou jornais procuraram os ex-donos da creche para lhes dizer: "Ganhamos muito dinheiro com aquela notícia. Mas foi um engano. Eis vinte mil Reais, para que vocês possam refazer suas vidas." Ou simplesmente: "Cometemos um engano, desculpem-nos. Tomaremos mais cuidado, da próxima vez que vocês forem acusados de alguma coisa."

Não fizeram isso. Nenhum deles. Tem mais no que pensar. De "impeachment" do Collor a torres gêmeas, estão por demais atarefados.

As penas ainda estão espalhadas por aí.

Mesmo que eles fossem culpados por que deveriam sofrer duas punições? Uma, pelo povo, que a mídia incitou, e outra, pela justiça?

Deveria haver ética, censura até, com toda a certeza, mesmo que a notícia fosse completamente verdadeira, em alguns casos. Não é possível divulgar certos assuntos.

Vi certa ocasião, na televisão, e fiquei apavorado, a notícia: "VAI FALTAR INSULINA EM CURITIBA". E, realmente, no dia seguinte, nenhuma farmácia tinha mais o produto. Todos os diabéticos correram para as farmácias e estocaram em casa o medicamento que salva suas vidas. Aqueles que não conseguiram comprar devem estar em coma até hoje, ou mortos.

Parabéns aos repórteres que fizeram esta reportagem, devem ter ganho um prêmio "Pulitzer" de imprensa, pela falta de bom senso. Na verdade não tem importância nenhuma se a notícia era verdadeira ou não. O resultado teria que ser o que foi. Fiquei apavorado. E nem sou diabético.

Deixei de comprar jornal quando ainda era moço. Resolvi não mais lê-los, por vários motivos. Um, porque é um enorme desperdício. Setenta por cento ou mais é jogado fora sem ser lido. E isto significa floresta atirada ao lixo. Mas o principal foi a falta de responsabilidade em suas notícias.

Certa vez a manchete: "EXISTE VIDA EM MARTE!". Comprei o jornal, na reportagem entretanto falava-se em possível vida, grande probabilidade, muitos indícios etc. mas não falava que ela existe. A manchete era, simplesmente, mentirosa.

Outra manchete: "CACHORRO FEZ MAL À MOÇA". Comprei o jornal, vi então que não era, o que eu tinha pensado. A moça, tinha comprado um cachorro quente, em um boteco qualquer, e ele estava estragado. Fez mal a ela. A manchete era, simplesmente, enganosa.

Vendo que nem um nome estava em baixo da reportagem, quanto mais uma assinatura, responsabilizando-se pelo que foi dito, cheguei a conclusão que é bobagem gastar dinheiro, só para ser enganado.

Não comprei mais jornais.

As notícias falam por vezes demais, até coisas incorretas e, muitas vezes, falam de menos, ignorando assuntos, de propósito. Adjetivos, sutilezas e entrelinhas fazem o resto.

O sim, transforma-se em não e um crápula vira santo ou o contrário.

Se alguém acha que não é enganado facilmente, mais um exemplo:

Quando da crise do petróleo, por volta de 1970, uma reportagem comentava suas conseqüências em todo o mundo. Filas em postos de gasolina etc. Caos total, em todo o planeta.

Entre outros, para comprovar a gravidade da crise, mostraram duas fotografias de uma estrada de várias pistas nos Estados Unidos, uma antes da crise, no verão, lotada de automóveis, quase um engarrafamento. A outra, seis meses depois, mostrando o mesmo

local, em plena crise do petróleo, praticamente vazia. Pouquíssimos automóveis. Efeitos da crise!

O local de destino era um balneário. Uma cidade balneário. Mostraram uma fotografia na temporada e a outra, seis meses depois, em pleno inverno!

Alguns filmes, no início dizem: "Baseado em fatos reais".

Pensamos então, que a história apresentada, tenha realmente acontecido, em sua essência. Admitimos até a ocorrência de exageros, distorções, tendências e ocultação de fatos importantes. Mas não duvidamos que seja essencialmente verdadeira.

Afinal, "baseado em fatos reais", não deixa dúvidas quanto ao significado.

Mal sabemos que fatos reais, em alguns destes filmes, podem ser apenas a chuva, a neve, a tarde ensolarada, as casas, automóveis, as roupas das pessoas e coisas desse tipo. O resto, a história toda ela, ou quase toda, mentira, imaginada, inventada.

A ficção começa, já na primeira frase!

Nenhum produtor de filme é obrigado a dizer a verdade, nem quando ele mesmo afirma que o esteja fazendo. A liberdade de expressão garante isso!

Atores, são todos eles, grandíssimos mentirosos. Quanto mais convincentemente mentirem, melhores atores são. Porém, não são os únicos!

Percebi isso quando, sobre um mesmo assunto, vi na televisão, dois filmes diferentes. Ambos afirmando serem baseados em fatos reais.

Tratava-se da história de um jovem norte-americano ter sido flagrado em um aeroporto na Turquia portando entorpecentes em quantidade. Estava amarrado ao seu corpo. Um traficante.

Resolveram endurecer com ele, assim como os estadunidenses fazem com traficantes de outros países, pegos em seu país.

Foi condenado à morte. Seus pais, norte-americanos, batalharam muito para alterar esta situação. Com muita pressão, dinheiro, apoio político e diplomático, conseguiram que houvesse um novo julgamento. Foi então condenado à prisão perpétua. Continuaram batalhando. Finalmente após muita luta e pressão diplomática, o traficante norte-americano foi posto em liberdade e voltou aos Estados Unidos. A "liberdade" e "democracia" triunfam finalmente!

"Happy End".

Assim foi um dos filmes.

O outro, com o mesmo início, o traficante, por meio de suborno, conluios, amizades com os prisioneiros, etc. consegue driblar a vigilância e fugir da prisão. Por caminhos tortuosos logra então voltar aos Estados Unidos. "Liberdade", "democracia".

"Happy End"!

Os dois filmes "BASEADOS EM FATOS REAIS".

Comenta-se exaustivamente a tragédia e mortes nas torres gêmeas de Nova York, as campanhas de ajuda às vítimas e assim por diante, mas nada é falado sobre quantos afeganes morreram, a fome, frio e as tragédias, em decorrência do bombardeio intensivo, na luta contra o "terror". Nem se eles realmente têm culpa no atentado. Fica a impressão que não existe dúvida que são culpados e também que praticamente ninguém morreu, nada digno de nota ou de ser noticiado. Assim é feito a História.

O SBT de Sílvio Santos apresentou uma reportagem sobre o Afeganistão, depois da vitória dos Estados Unidos sobre os afeganes. A reportagem mostrou como as mulheres, algumas das que eram contra o uso do véu que encobriam seus rostos, estavam felizes e contentes, por não serem mais obrigadas a usá-lo. Foi só o que mostraram.

A impressão que se tem é que a única conseqüência do bombardeio foi das mulheres de lá terem sido liberadas do jugo discriminatório muçulmano. Um passo a mais para a libertação delas, objetivo democrático mundial. A gente fica até com inveja.

Pena que os Estados Unidos não jogassem suas bombas também sobre o Brasil. Seríamos então, mais felizes, também. Com certeza.

Particularmente eu seria, se as jogassem sobre o Sílvio Santos.

Se perguntarmos a qualquer idiota ou imbecil, qual o feito da era espacial, mais importante, ele responderá imediatamente: "O homem pisar na lua." Todos pensam assim. Foi promessa do Presidente Kennedy, cumprida e televisionado globalmente. Foi um "show". Um circo.

Desenvolver a tecnologia de foguetes, colocar em órbita o primeiro satélite artificial, chegar primeiro à lua, contornar a lua e fotografar seu lado oposto, colocar o primeiro homem em órbita, mandar sondas para Vênus e Júpiter, pousar sondas em Marte, montar uma estação espacial, trabalhar no espaço. Tudo isso empalidece diante do "pisar na lua", tão divulgado. Por causa da televisão. É assim que se faz História.

O famoso Henry Ford, idealizador da linha de montagem, que utilizou os serviços de Taylor e Faiol, pioneiros neste assunto, estudados em escolas de engenharia, administração e economia do mundo inteiro, escreveu um livro, muito conhecido.

Até aí tudo bem. Isso eu sabia.

Certa ocasião, na casa de meus pais, entre os velhos livros, entre os poucos, que escaparam de serem queimados, devido a proibição de falar-se alemão no Brasil, por ocasião da segunda grande guerra, encontrei um livro: "Der Internationale Jude", o autor: Henry Ford. Era o próprio. Aí fiquei sabendo que ele era inteiramente contra o capitalismo financeiro, bancos e todas as atividades que são exercidas principalmente por israelitas. O grande norte-americano, Henry Ford, escreveu um livro denunciando o sionismo e o judaísmo. Com toda intensidade.

Isto poucos ficam sabendo.

Ford atuou sempre na contramão da usura e do capitalismo. Era sua norma de atuação: "Não faço empréstimos em bancos porque trabalho para mim e não para banqueiros". E deu certo. Funcionou muito bem.

Ninguém fala nisso porém. Todos nós achamos que bancos e financeiras são imprescindíveis, que são o sal da Terra. Sem eles nada feito. É consenso. Ford mostrou que não.

Isto poucos ficam sabendo.

Algumas coisas são divulgadas outras não. Simples não é? Não é nem necessário mentir. Só isso já torce a verdade.

E a ética como fica? Jornalistas, jornais e televisões não precisam ter ética. A lei de imprensa os protege. Além disso, falar o que bem se entende, quando e quanto se entende, é um direito. Está na Constituição. O que seria deste Brasil se não houvesse essa "liberdade de expressão"?

Se não podem acusar ninguém de pedofilia como é que vão vender jornais e os produtos anunciados?

Tem acontecido que muitos medicamentos sejam falsificados. Na embalagem e na bula dizem uma coisa e o conteúdo é outro ou muito menos do que o indicado. O médico leva a culpa de incompetente ou melhor, o balconista das farmácias, já que, quase a totalidade das receitas de medicamentos, é feita por eles. Quando uma falsificação é descoberta a culpa é jogada nos falsificadores, que é claro existem, sem dúvida nenhuma.

Mas o que é realmente grave e tem acontecido com freqüência é que, os próprios fabricantes, para aumentar seus lucros, façam isto. E não são apenas laboratórios de fundo de quintal não. Multinacionais, vendo que no Brasil, a fiscalização inexiste ou é plenamente corruptível e que a legislação, no Brasil, não está nem aí, para produtos considerados perigosos em seus países de origem, orientados por seus eficientes executivos brasileiros, de coração multinacional, utilizam-se deste expediente.

A chance de eles serem descobertos é pequena. É difícil comprovar a ineficácia de um medicamento. Muitos são os fatores. Quando existem indícios concretos, sua analise é complexa e custosa. Não existem recursos.

Verificado que o problema é no medicamento, a culpa ainda pode ser jogada em cima de falsificadores. Só então surge a suspeita do fabricante. Este ainda dispõe de muitos recursos legais a serem esgotados.

O famoso Merthiolate da Lilly é um belo exemplo. O produto não era nada do que dizia na bula. Vendiam gato em saco e gato por lebre.

O que aconteceu a eles? Nada! Multa? Nada! Apenas tiveram que fazer um pouco de propaganda, afirmando que agora o produto está muito melhor, passou de ótimo para excelente. Para credibilidade, usaram atores brasileiros de novelas que, é claro, só estão representando. Não cabe a eles julgar o mérito da propaganda.

Assim, sem querer (ou querendo), os meios de comunicação são "comprados" e deixam de pichar. Deste travesseiro não sai mais nenhuma pena.

Temos nós usuários que acreditar nos demais medicamentos deste laboratório? Por que não boicotamos, até a extinção, este laboratório assassino?

Cadê o Russomano?

23 - xxx E o Brasil como fica?

Desde tempos imemoriais o Brasil vem sofrendo pressão de países poderosos. Principalmente da Inglaterra e, depois da segunda grande guerra, dos Estados Unidos.

Sempre foi escravizado pelas grandes potências. E o será, até que nada mais reste. Iludir-se, que poderia ser diferente, é como drogar-se, para fugir à realidade do dia a dia. Depois de completamente exaurido, então o Brasil será dos brasileiros. Se ainda houver Brasil e brasileiros. Ambos poderão ter sido esquartejados, antes que isto aconteça.

O Brasil sempre foi colônia da Inglaterra, nunca de Portugal. D. João VI, D. Pedro I, D. Pedro II, República. Todos eles foram extremamente amistosos, benévolos e submissos à Inglaterra. Tudo era importado exclusivamente da Inglaterra, todos os serviços eram contratados com ingleses. Fizemos tudo por eles. O que a Inglaterra fez pelo Brasil?

O Brasil está fazendo tudo pelos Estados Unidos, pelo Primeiro Mundo e pelos financistas. Estamos passando fome, para que eles tenham maçanetas e torneiras, de ouro maciço, em seus banheiros. Onde eles defecam.

Comem nossas lagostas a preço de banana. Levam nossos minérios e madeira a custo zero. Ganham de presente todas as empresas estatais, construídas às custas do sangue do povo brasileiro. Mais ainda, pagamos até, para que eles a recebam. O que eles fazem por nós?

Quem dá aos ingleses, norte-americanos e israelenses, empresta a Deus? Após a morte, seremos recompensados? Deve ser isso. Meio estranho esse Deus, mas deve ser isso.

O Brasil sempre cedeu à pressão dos países mais fortes.

- Abertura dos portos às nações amigas: Inglaterra.

- Inventor do avião: Irmãos Wright e não Santos Dumont.

- Rui Barbosa: "Brasil, mãe natural, França, mãe cultural."

- Ferrovia Madeira/Mamoré: Concessão aos Estados Unidos. Deficitária, o Brasil a readquire, com os encargos e a paralisa.

- Central do Brasil: Semelhante.

- Juscelino Kubitschek: Venda de dólares para a Volkswagen do Brasil, a quarenta centavos de dólar. Presente de sessenta por cento da fábrica, aos alemães.

- Café solúvel: Proibição de expansão e de novas fábricas, no Brasil, terra do café.

- Rússia: Carne de Chernobil, congelada. Não devolveram o dinheiro.

- Canadá: Seqüestradores de Abílio Diniz, soltos em condicional.

- Montadoras de veículos: Terraplanagem, infra-estrutura, isenção de impostos, tudo grátis.

- Estatais: Absorção de encargos e "saneamento": 10, privatização: 1. Déficit: 9.

Esta lista vai ao infinito. E não é de hoje.

Isso prova, mais uma vez, que Deus é brasileiro. Com tanta sangria, é verdadeiro milagre, que apenas um terço dos brasileiros, esteja passando fome.

Na verdade, assim como tratamos os nossos índios, estamos sendo tratados pelo Primeiro Mundo. Perdoai nossas dívidas, assim como perdoamos, aos nossos devedores.

Pensando bem, parece até mais, que os verdadeiros deuses deste mundo, são ingleses, norte-americanos e israelenses, pois não nos perdoam absolutamente nada.

Mas, por que os governantes brasileiros atuam deste modo? Por que eles não fazem como os governantes do Primeiro Mundo: Defendem a sua pátria? Por que eles são, tão entreguistas? Por que são, tão deploravelmente, entreguistas???

Será que não tem nada, absolutamente nada, de amor ao Brasil?

Qual é a nacionalidade de Fernando Henrique Cardoso, não a física, mas a ideológica? Fez raposas cuidar do galinheiro. Colocou como Presidente da Petrobrás o seu primo, Henry Reichstuhl, que quase a destruiu, assim como David Silberstein, como Presidente da Agência Nacional de Petróleo e outros tantos, no governo brasileiro. Eles a gente até entende. Sionismo não tem pátria. Israelitas não têm pátria.

Entretanto, Fernando Henrique Cardoso, nem sempre foi assim. Deslumbrou-se porém. Para infelicidade dos brasileiros.

Deslumbraram-se também muitos militares, oficiais, que passaram pelo crivo da Escola Superior de Guerra, de orientação norte-americana, anticomunista. O resultado foi a ditadura, os anos de chumbo.

Mas e os outros? Fulgêncio Batista era cubano e estava levando Cuba, a ser apenas mais uma estrela, na bandeira norte-americana. Como entender isso?

Como entender Fidel Castro? O que levou ele, a ser o que é? Salvou Cuba, das garras dos norte-americanos. Por quê?

Na verdade o grande perigo, e este é o grande trunfo dos ingleses e norte-americanos, é a corrupção. São peritos nesta especialidade. Qualquer país, qualquer regime, por melhor ou pior que seja, tem seus opositores, justificados ou não. Sempre existem aqueles que pensam egoisticamente, são corruptos, não dando a mínima para a sua pátria. Querem saber de riqueza e poder. Sejam eles militares ou civis. São muitíssimo mais freqüentes do que os idealistas e patriotas verdadeiros.

Estados Unidos, Inglaterra e Israel apóiam estes traidores. Em troca eles prometem entregar o país aos interesses capitalistas.

Assim fortalecidos, eles "ganham" as eleições ou, se o patriotismo é recalcitrante, derrubam o governo, com apoio militar dos Estados Unidos. Para restaurar a "democracia" e a "liberdade".

Em raríssimas exceções, isto deixa de funcionar.

Os "capachos" ficam no poder. Se não atuarem de acordo, serão derrubados. Tiram para si mesmo o quanto podem e entregam o país e suas riquezas, de graça. Depois, talvez, ainda recebam um emprego como diretor em alguma multinacional, ONU ou órgão internacional qualquer. Ficam ainda com a imagem de competentes. É por isto que eles destroem milhões de vidas e patrimônio. Só por isso, nada mais.

Lá por volta de 1970, eis que de repente, vários países produtores de petróleo, se unem. A Arábia Saudita faz parte desse cartel. Passam a ter peso e poder político considerável. O preço mundial do petróleo dispara. Eles mantêm firme, nas mãos, a maior parte da produção mundial do petróleo.

Os Estados Unidos estão "ferrados", são grandes consumidores e agora tem que, eles mesmos, sentir o gosto do remédio que tanto aplicam. O monopólio. O "trust".

Pouco tempo depois, o rei Faisal, da Arábia Saudita é morto por um seu irmão. Este assume o poder e libera as vendas de petróleo para os Estados Unidos. O cartel foi quebrado. Será que Estados Unidos, nada tem a ver com isso?

Será que foi apenas uma feliz coincidência?

Assim é que funciona. Sem perdão. É uma questão de princípio.

Realmente, para os norte-americanos, ingleses e israelenses o Brasil, é tão insignificante militarmente, culturalmente, tecnologicamente e economicamente que seria uma ninharia, perdoar-nos a dívida que temos com eles. Verdadeira bagatela. Mixaria.

O espírito capitalista porém não permite isso. O lucro é cego, impessoal. Não é compatível com magnanimidade, generosidade ou responsabilidade social.

Possíveis opositores devem morrer na casca, embriões. Não lhes será permitido crescer nunca.

Pensando bem, que dívida?

É só contabilizar o que tiraram do Brasil e o que forneceram a ele. O que entrou e o que saiu. Um caixa simples, débito e crédito. Balanço físico, material, químico, energético e monetário.

Por quinhentos anos entregamos ouro e esmeraldas e só recebemos contas de vidro e miçangas.

Quem está devendo para quem? Não são eles que devem, terrivelmente, para o Brasil? Estão exaurindo este país, desertificando-o, deixando-o estéril e insípido, sem riquezas e sem minérios, e a dívida só aumenta?

Que conta mais absurda e idiota é esta?

Temos que acreditar nesta história da carochinha?

Por que o Brasil tem que cumprir compromissos, que foram firmados com uma arma apontada para a sua cabeça? Assim, qualquer um, assina qualquer coisa.

O Brasil não tem escolha nenhuma, não pode argumentar absolutamente nada, quando vai ao FMI, Banco Mundial etc., de joelhos, implorar empréstimos e reempréstimos, tão necessários, para que o país não afunde em desespero.

Ele deve muito, mas precisa de mais. Aí o FMI "deita e rola". Estabelece condições e garantias que o brasileiro comum, não tem nem idéia, quais são. Elas não são divulgadas. Mas certamente não é brincadeira de criança.

Devem ser escabrosas. Ser escravo é ter alforria, diante das exigências, que o FMI deve impor aos brasileiros. Se não concordarmos, puxam o gatilho.

O Brasil morre. Matam a galinha dos ovos de ouro. A argentina já está depenada. O Uruguai está nos últimos cacarejos. Mas existem centenas de outras galinhas por aí.

Nem precisam citar sequer, nas negociações, coisas como: Restrições à importação, retaliações, golpes de Estado, embargos, manobras militares, "Enterprise", bombardeiros, mísseis Cruiser, armas químicas, biológicas e nucleares e assim por diante, que poderiam ser usadas e serão, certamente, se for o caso.

Não é mencionado, mas todos sabem que existem. Pairam no ar. É uma arma encostada na cabeça dos brasileiros.

Por isto, estes acordos são nulos. O Brasil, nem país nenhum, têm obrigação de cumpri-los, porque foram feitos sob ameaça, sob coação.

A ordem das coisas sendo estabelecida sob a mira de uma arma, não é válida. Todos têm o direito, e o dever até, de rebelar-se.

Muito mais que isso, a dívida já foi paga. Durante quinhentos anos estamos pagando. Todo o Terceiro Mundo está pagando. Só pagando. Sempre pagando.

Mas uma bola de ouro do tamanho da Terra, não temos como pagar.

CHEGA!!!

Está na hora de dizer, que estamos fartos dessa exploração. Temos que nos juntar aos parceiros do Mercosul, Colômbia, Venezuela, Cuba, Nicarágua, Haiti, México etc. e fazer um pacto de morte. De liberdade ou morte. Todos os latino-americanos, juntos, contra o

despotismo mundial, contra o cartel opressor e assassino dos Estados Unidos, Inglaterra e Israel.

Precisamos, urgente, de um Simão Bolívar e de um Che Guevara. Vamos morrer de qualquer jeito, de fome, de doenças, de pobreza. Então, que enfrentemos a águia, o leão e a estrela de Davi, cara a cara e morramos, pelo menos, com honra! Não temos que acreditar no karma da miséria, como os indianos.

Sejamos muçulmanos, na coragem.

As aparências que vão para o inferno. Encampem-se, sem nenhuma indenização, todas as multinacionais e os bens que roubaram de nós. Tenhamos a determinação dos cubanos. Sigamos o exemplo de Cuba.

Façamos as contas, de quanto nos devem e cobremos deles.

Vamos ao tribunal de Haia, à ONU e sabe quantos mais, reclamar nossos direitos. Eles nos devem. Tem que devolver. Com juros. Com os mesmos juros, capitalizados, que nos impõe e sempre impuseram.

Chega de sustentar vagabundos e preguiçosos!

É muito melhor, sofrer um embargo ou retaliação ou bombardeio, do mundo inteiro, unidos contra o "terror", do que morrer de inanição e degradados.

Eles, sob liderança dos Estados Unidos e Inglaterra, então, que joguem suas bombas, sobre países moribundos, esquálidos e anêmicos e orgulhem-se de seus feitos heróicos. De defesa da "Liberdade Duradoura" e da "democracia", símbolos do mundo moderno, culto e civilizado.

Jogar bombas é com eles mesmo. Isso eles sabem fazer muito bem. Apertar botões a milhares de quilômetros. Os covardes.

Mas, quem sabe, poderemos contar com ajuda de outros, dos próprios brasileiros até, que saíram aos milhares do país, por falta de emprego e são engraxates e limpadores de privadas no Primeiro Mundo. Que sejam estes, os Benjamin Franklin brasileiros, advogando junto ao Primeiro Mundo, a causa e a liberdade do Brasil. Quem sabe teremos a ajuda de outros países do Terceiro Mundo, que também estão tendo o mesmo problema e tem seus engraxates e limpadores de privada no Primeiro Mundo.

Até quem sabe, de países importantes, que não se sintam bem, nem concordem com a atuação dos Estados Unidos e sua filosofia destrutiva e opressora, dos fracos e da natureza?

O Brasil é muito grande. O mundo inteiro sabe que temos a Amazônia, o pulmão do mundo. Todos conhecem o samba e o rei Pelé. Ganhamos a copa, o mundo inteiro sabe disto. O mundo está caminhando a passos largos para problemas ecológicos insolúveis, de poluição e efeito estufa.

Alguém tem que por um fim, a essa demência capitalista de destruição do mundo.

Assim como aconteceu a queda do absolutismo, o "neoliberalismo", a "democracia" e a "Liberdade Duradoura" têm que cair.

Jogar bombas sobre o Brasil não é tão simples assim. Aqui tem muitos descendentes de alemães, italianos, poloneses, russos etc. que ainda tem a cidadania em seus países de origem. Dá até para reclamar com eles.

Quem sabe fiquem do nosso lado e até digam, como os norte-americanos sempre fazem, ao intrometer-se nos outros países: "Estamos apenas protegendo as vidas e os interesses de nossos cidadãos".

Ninguém é obrigado a aceitar, se submeter e a se conformar com um regime, sistema econômico, "democracia" ou seja lá o que for, que o condene a ser miserável, para toda a eternidade. Chega de escravidão.

Só devemos aceitar um regime que nos satisfaz, que nos beneficia imediatamente, num futuro próximo e num futuro distante, ou seja que preserve, também, a natureza.

Não temos obrigação nenhuma de obedecer ou seguir regras e normas que nos infligem sofrimento e privações e nos tira até a liberdade de viver. Um terço dos brasileiros, metade dos argentinos e quantos outros povos estão morrendo de fome, aos milhões.

A liberdade de viver nos está sendo negada.

Este regime não serve. É falso. Não temos que nos sujeitar a isso. Não acreditamos em karma. Sabemos que as coisas são mutáveis e isto o faz, o próprio homem.

Se nem viver podemos, que morramos lutando!

Não de fome!

Já há centenas de anos somos explorados e enganados. Cada vez mais estamos sendo subjugados, perdendo nossos bens, patrimônio, cultura e soberania. Assim como estamos fazendo com os índios, o Primeiro Mundo está fazendo com nós.

Sempre nos conformamos com a situação atual em função da perspectiva de um futuro melhor. Sempre preferimos "panos quentes" e "conversa mole" ao cheiro de pólvora e as "vias de fato". É o jeitinho brasileiro. O brasileiro é pacífico, por natureza, e também por sabedoria. Não adianta dar murro em ponta de faca. Como fez a Argentina, na guerra das Malvinas (na verdade, o governo argentino inventou a crise das Malvinas, na ocasião, apenas para unir o povo e desviar a atenção, dos desmandos e crise interna que estava acontecendo no país).

O mundo está ficando menor. Cada vez mais olhos voltam-se para as férteis terras, que estão debaixo do Cruzeiro do Sul.

Assim como a Europa resolveu colonizar a Índia, Ásia e África, negociando com os marajás, imperadores e chefes tribais, concessões, acordos de "proteção" e assemelhados, apropriando-se posteriormente de suas terras, riquezas e de sua gente, o Primeiro Mundo está negociando novamente, com os "chefes tribais" da atualidade, os governantes antipatrióticos e corruptos do Terceiro Mundo, a entrega de todas as riquezas e propriedades que possuem.

As negociações e os tratados são idênticos: Escabrosidades absurdas para enganar nativos trouxas e idiotas. Estes até que sabem e estão cientes disso, mas nada podem fazer, mesmo que quisessem. O poderio militar, os porta-aviões em manobras nas proximidades e os dólares e libras esterlinas da corrupção são imbatíveis. Insuperáveis. Obrigam-se então a aceitar qualquer acordo.

Por que a ONU está preocupada apenas com as armas de destruição em massa, que os Estados Unidos afirmam o Iraque possuir, e não se importa com as armas de destruição em massa, que os Estados Unidos, Inglaterra, Israel e outros países do Primeiro Mundo possuem? Estas estão em boas mãos e não destroem massas?

Se a força militar é a principal ferramenta de obtenção do poder e riquezas, por que a ONU, na sua farsa protetora da paz mundial, apenas impõe suas restrições aos países não pertencentes ao G8? Assim procedendo, está apenas fortalecendo os ricos e poderosos, e enfraquecendo, mais ainda os pobres e oprimidos.

Se alguém achar que a ONU é coisa boa, pois tem a UNICEF, a Organização Mundial de Saúde etc. convém lembrar que o Conselho Permanente de Segurança, aquele que tem poder de veto, é constituído apenas pelos países que venceram a segunda grande guerra: Estados Unidos, Inglaterra, França, Rússia e também a China. Apenas os projetos que interessam a estes cinco não são vetados. É necessário dizer mais?

Ah, falta dizer ainda, que o FMI é, também, um órgão da ONU.

A ONU é apenas um novo Tordesilhas. Dividiu o mundo em cinco partes e estas, na guerra fria, coalesceram em duas: O Primeiro Mundo e o Segundo. Igualzinho a Tordesilhas. Com a queda da União Soviética, o mundo ficou dividido em apenas um, o Primeiro, com uma pontinha de pretensão da China a Segundo. A ONU esqueceu-se completamente do Terceiro Mundo. Seus países só fazem parte dela como vaquinhas de presépio. Sim, sim, sim...

O Terceiro está em último. Não existe, na teoria e nem na prática. Que vá habitar algum outro planeta e depressa. A Terra já está lotada, não tem mais lugar.

É a criação do racismo intergaláctico. Louros de olhos azuis na Terra, homenzinhos verdes em Marte. Pretos, vermelhos e brasileiros em alguma espiral qualquer do infinito. Fica em dúvida os amarelos. Mas o Bush já sabe.

Cada vez mais as riquezas dos países do Terceiro Mundo estão sendo cobiçadas.

Este país sangrará, cada vez mais, para satisfazer o insaciável apetite das hegemonias mundiais. Não tem como ser diferente. Seremos exauridos e exterminados. Como os índios brasileiros.

O mundo viu uma explosão do saber, com a renascença.

A tecnologia acelerou-se cada vez mais. Entretanto os benefícios decorrentes não aumentaram na mesma proporção, para todos. Apenas para uns poucos, escolhidos, detentores do poder, que exploraram o saber e a tecnologia egoisticamente. Só estes foram e estão sendo beneficiados.

Atualmente as conquistas tecnológicas estão cada vez mais difíceis de serem obtidas. Depois de centenas de anos de descobertas e desenvolvimento desenfreados dos conhecimentos, limites estão se impondo.

Há cinqüenta, cem anos atrás imaginava-se se interminável a escalada das conquistas tecnológicas e científicas. Achava-se que todos os problemas da humanidade, todos mesmo, seriam facilmente resolvidos, à medida que eles fossem surgindo. Imaginava-se que o trabalho humano fosse ficar cada vez mais facilitado pela tecnologia e que gradativamente iríamos trabalhar, cada vez menos, seis, quatro, duas horas por dia.

De certo modo isto já está acontecendo. Muitos trabalham zero horas por dia. Estão desempregados. Outros, bem menos, também trabalham zero horas por dia, e ganham bilhões em um "dolce far niente".

Pensava-se a tecnologia como uma panacéia. Doenças como sífilis, tuberculose estavam com seus dias contados.

Hoje em dia sabe-se que não é assim.

Barreiras, aparentemente intransponíveis, estão se manifestando.

A energia fácil, portátil e limpa, está longe de ser alcançada. Muitas doenças, não foram erradicadas, como era esperado, com o surgimento dos antibióticos. Outras resistem a tratamento e cura, por mais pesquisadas que são, seja por terem origem genética ou outro motivo qualquer, ainda não esclarecido. Muitas doenças transmissíveis e endêmicas, estão reaparecendo, podendo, muitas delas até, sair fora de controle. O aumento da produtividade, na agricultura e pecuária, está ficando menor, o limite está sendo alcançado.

O lixo, poluição, efeito estufa etc., problemas desconhecidos ou de menor importância há poucas décadas, tornaram-se gigantescos. Problemas inéditos na vida terrestre estão surgindo.

A ciência e a tecnologia não poderão resolvê-los. Estão sendo atropelados pela escalada e complexidade dos problemas que estão aparecendo. Coisas simples e fáceis de resolver, tempos atrás, hoje em dia tornaram-se insolúveis.

O que a ciência e a tecnologia podia fazer pela Humanidade, como um todo, na maior parte, já foi feito. Transgênicos, a mais recente polêmica mundial, assim como os transurânicos, não são panacéia, sabemos muito bem disso, mas encerram um perigo latente, por serem inéditos na natureza.

O que resta para melhorar a vida na Terra?

Não podemos esperar melhoria do mundo em função de conquistas tecnológicas ou científicas. As dificuldades estão aumentando e apenas os detentores do poder estão se beneficiando.

O bem estar dos homens e da natureza depende, principalmente agora, apenas de vontade política, de um consenso social e de uma economia global, voltada para o futuro do planeta.

E tudo indica que isto não vai acontecer.

O homem, apesar de toda a sua inteligência, não passa de um animal irracional. Não usa a razão. Só isso.

Se uma solução para a vida na terra, fosse realizável, isso já teria sido feito. Avisos e recomendações não faltaram.

As coisas vão piorar. Esperar, apenas irá agravar o problema. Não podemos ficar esperando as coisas melhorarem e que os ricos e poderosos se tornem generosos e complacentes com os mais fracos. Isto não vai acontecer nunca. Não é humano atuar deste modo. É totalmente desumano ser assim.

Leiam Maquiavel e Frei Bartolomeu de Las Casas.

Virar a mesa e lutar por um lugar ao sol. Até ao final da vida no planeta. Este é o único caminho. Infelizmente.

Isso ou podemos fazer como os avestruzes. Enfiamos a cabeça na terra. Ignoramos todo o assunto, completamente. Ficamos apenas no que é essencial e importante.

O Brasil é Penta Campeão. Existe algo mais importante que isto? Conquistamos o maior desafio do povo brasileiro. Sem o Romário! Vejam só, nem precisamos dele. Somos invencíveis. O resto é detalhe. Risco Brasil, o que é isso? Ronaldinho pode ser vendido a cem milhões de dólares!

É secundário se temos que manter uma família com um salário de trezentos Reais mensais ou estejamos até desempregados.

A copa é nossa! Temos a glória, a paz, tranqüilidade e sossego.

O Brasil é o maior. Somos muito melhor que os Estados Unidos, Inglaterra, Israel, todo o Primeiro Mundo e o Terceiro, juntos.

Mais quatro anos, deitados em berço esplêndido.

Assim, não tardará e o Brasil terá o epitáfio:

"Aqui jaz um avestruz, PENTACAMPEÃO".

Amém.

FIM

Gerhard Grube

Nota Final:

Falei das mulheres, não serei lido por elas.

Falei de políticos, não serei lido por eles.

Falei dos capitalistas, não serei lido por eles.

Falei dos norte-americanos, não serei lido pelos brasileiros.

Falei de judeus, serei preso por eles.

Afinal alguém, fora alguns amigos, lerá tudo isto?

De tudo que disse, tenho certeza, o mais imperdoável, é ter falado mal de judeus.

Usei a palavra "israelita" no lugar de "judeu". Para amenizar as coisas. Mas não creio que tenha adiantado.

Serei classificado, logo após as primeiras páginas, na pasta dos "neonazistas", "skin-heads", "punks", "Ku Klux Klan" e assemelhados.

Não importa.

Bem diferente é tornar tudo isto conhecido, divulgar ou até mesmo publicar o que foi escrito.

Exige um meio físico, um substrato. Impõe-se assim imediatamente: Onde arranjar dinheiro?

Três mil livros, a digamos dez Reais cada, para mim é muito, demais até.

Além disso, o que seriam três mil comparados com a centena de milhões que assistem à TV Globo? Será que valeria a pena?

Quem sabe então pela Internet?

Talvez seja esse o caminho.

A legalidade entretanto, como é que fica?

A liberdade de expressão é controlada. Não na finalidade de preservar o bem comum e os direitos das pessoas, como seria de se esperar, mas sim para atender interesses da classe dominante, do poder e do dinheiro.

As leis são formuladas nessa finalidade. Mundialmente. Será que tenho "cacife" para bancar as conseqüências? Tenho certeza que não.

Não sei como é a legislação brasileira nem como ela seria interpretada e aplicada.

Sei entretanto que, em países "adiantados", do Primeiro Mundo, como a França, Austrália, Alemanha, Suíça etc. ela é discriminatória. Tolhedora do pensamento. Tolhedora da busca da verdade. Tolhedora da liberdade.

Penalidades, multas, indenizações aos "ofendidos" e cadeia para os que mexem em assuntos "intocáveis".

Imaginem aqui então, no país dos "tupiniquins"! No país dos anos de chumbo!

Quem sabe o Brasil não faça nada mas eu seja, sem saber, "enquadrado" por alguma lei, de alguma "democracia" do Primeiro Mundo. E seja considerado por eles, um criminoso ou contraventor.

Poderia ser preso na primeira oportunidade. Caso viajasse até um desses países. Ou extraditado. Ou, seqüestrado até, por caçadores de nazistas (estou exagerando).

Mas, quem sabe, no final das contas ninguém se incomode? Ninguém leia ou dê atenção a estes assuntos? Quem sabem digam apenas: "Ah. Mais um daqueles!". E nada mais?

Poderia ficar incógnito também. Colocar na Internet sem dizer quem sou. Quem sabe isso.

E ficar rezando.

Sei lá.

Gerhard Grube

email: gerhardgrube@ig.com.br